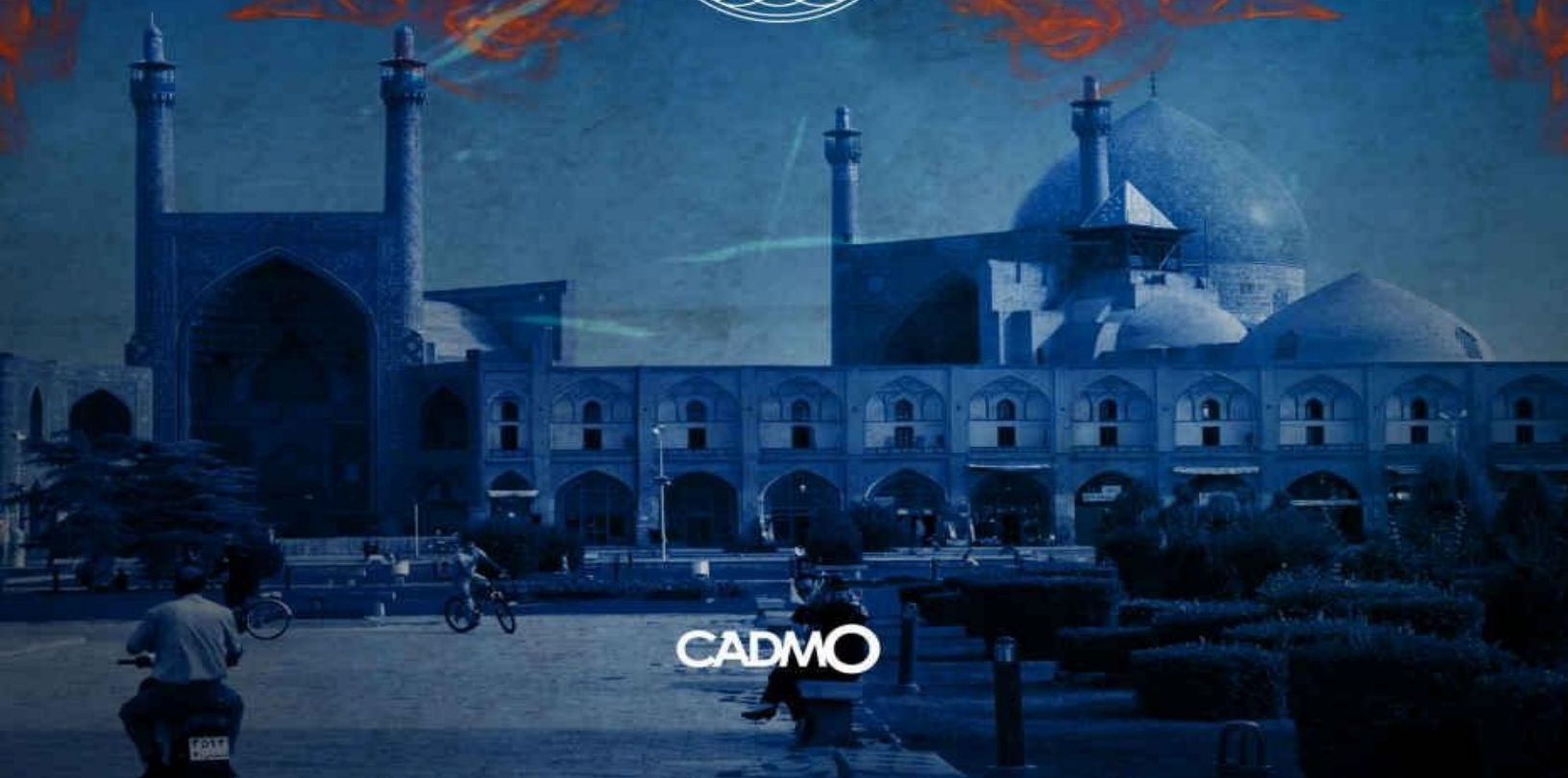


G I B R A A N H A N N A

O PREÇO DA
CHAMA
ETERNA



CADMO



Copyright © 2016 Gibraan Hanna

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito da editora.

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresa, organização, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor ou usados de modo ficcional. Qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, datas, acontecimentos ou lugares reais é mera coincidência.

CAPA

Renato Klisman

REVISÃO

Ehusson Chequer

Felipe Colbert

DIAGRAMAÇÃO

Equipe CADMO

**Este livro está em conformidade com o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.**

Hanna, Gibraan

O preço da chama eterna / Gibraan Hanna – São Paulo, SP : Editora Cadmo, 2017.

recurso digital

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-85-68758-24-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção brasileira I. Título.

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA CADMO
São Paulo — SP
www.editoracadmo.com.br

Agradecimentos

Gostaria de expressar minha profunda gratidão e apreço a todos os incansáveis homens que dedicaram suas vidas na pesquisa sobre a Energia Livre. De Nikola Tesla, passando pelo herói Eugene Mallove, até o iraniano Mehan Keshe, muitos foram os que perderam suas vidas e suas reputações pelo genuíno desejo de que essa realidade fosse difundida para o mundo. Esse livro é dedicado a todas as sementes que esses homens plantaram. Estou seguro de que o legado de vocês será difundido por todo o planeta em breve.

Meus sinceros agradecimentos aos amigos Bruno Blank e Vinicius Cometti que leram cada página, e comentaram cada capítulo, fornecendo-me dicas fundamentais para a História.

Obrigado a Janaína Elias, do blog Chá de Lima da Pérsia que, com seu amor pela cultura do Irã e seu completíssimo blog, me ajudou a compreender melhor todo o fascinante mundo que descortinei durante a pesquisa para este livro.

Este projeto não poderia ter sido iniciado sem os incansáveis e-mails trocados com meu professor Felipe Colbert. O que aprendi com você mudou minha vida. Principalmente que *menos é mais*.

Agradeço, especialmente a meu irmão de coração Álvaro Maestrini, cujo talento me inspirou linha por linha. A primeira ideia deste projeto era que eu me limitasse à tarefa de consultor teórico e, ele, a de escritor. No entanto, as circunstâncias da vida me inseriram nessa fascinante aventura que é a Literatura. Alvinho, espelhar-se no seu talento é uma honra para mim.

Gostaria de agradecer à minha família, a meu pai Hanna Chequer Bou Habib, minha mãe Kátia da Silva Chequer e minha irmã, Najla Emiline Chequer. Obrigado pelo amor e apoio de sempre. A abnegação e bondade de coração de vocês permeia esta história.

Enfim, obrigado, Isadora. Por ouvir de mim cada letra, cada vírgula, cada cena, por aguentar todas as crises de insegurança e por jamais ter duvidado. Sem sua admiração e paciência incondicionais, eu nunca poderia ter finalizado. Seja feliz sempre.

*"Se você quiser descobrir os segredos do Universo,
pense em termos de energia, frequência e vibração."*

Nikola Tesla

Nota do autor

Todas as tecnologias descritas neste livro são reais. O autor fez adaptações com o *Flame*, porém, também é um sistema factual. O Projeto H.A.A.R.P. existe, pelo menos, desde 1993, e é sabido que vários outros países detém a mesma tecnologia.

A comunidade Methernitha tem sua sede em Linden, Suíça, e sofreu algumas modificações quanto ao seu modo de viver pelo autor. Mas a Testatika é real.

A tecnologia de Energia Livre e todas as variações dela descritas na história também são vastamente documentadas.

PRÓLOGO

Para mim, um destino obscuro. Para a humanidade, a Chama Eterna.

O engenheiro nuclear César Montenegro superou os degraus da estação de metrô até emergir na maior Avenida do Oriente Médio, a *Valisr Street*. Suas passadas largas o levavam ao lugar onde há décadas ele descobrira a verdadeira chama.

Aquela que por mil e quinhentos anos jamais havia sido extinta.

Depois de seguir ao sul por três quarteirões, curvou na pequena rua onde se achava a porta de entrada. A via, às 03h09min da manhã, estava absolutamente deserta.

Com um suspiro cansado, observou as figuras esculpidas acima da madeira do batente. Duas mulheres seminuas de aparência angelical ladeavam uma escrita em persa, apenas um manto cobrindo suas partes íntimas.

Era do outro lado que a segunda fase de sua missão iria acabar.

E só faltavam alguns passos.

Puxou para baixo a maçaneta e comprimiu o ombro contra a pesada porta de mogno.

Ela permaneceu estática.

Por força do hábito, empurrou-a uma segunda vez. Ela rangeu com a pressão, mas continuou imóvel.

César condenou sua displicência com um sussurro. Sua mente ainda estava desalinhada, confusa. Aquele dia era uma exceção, e a entrada encontrava-se trancada de maneira proposital.

Faça tudo conforme o planejado, disse para si.

Sacou do bolso do paletó uma chave antiga, cujos dentes consistiam em um intrincado de pontas finas, como os de um peixe carnívoro, e penetrou-a na fechadura. Ela mordiscou o miolo e com um clique a enorme porta sibilou lentamente, abrindo-se à medida que seus olhos reconheciam a porção oeste da distinta estrutura a poucos metros dali.

Fechou-a atrás de si, fazendo-a protestar de leve sobre as dobradiças e avançou pelo batente pisando firme, seus olhos cintilando de fascinação como se fosse a primeira vez que ali entrava.

E talvez fosse a última.

Diante da estrutura, não resistiu em contemplar a esplêndida construção no estilo grego. Sua fachada triangular e as colunas redondas exibiam símbolos cujas figuras humanas o remetiam ao Egito Antigo. Sob a ótica de qualquer um, aquele lugar parecia um santuário ancestral.

E era exatamente isso.

Suas tradições já duravam mais de três mil anos. Sua localização, porém, soava absurdamente atípica. No coração de Teerã, capital do maior país xiita do mundo, onde se respirava o Islã. Encaixado em uma rua estreita da metrópole mais populosa do Oriente Médio, o Templo Adrian se erguia, impávido, representando a primeira religião monoteísta da História: o Zoroastrismo.

A madrugada, no entanto, camuflava o burburinho da cidade de treze milhões de habitantes, e o único som que se destacava ao redor de César Montenegro era o de seu caminhar ecoando no pátio de mármore branco.

O engenheiro agachou-se na borda do espelho d'água à frente do templo, se perguntando se iriam entender o que ele havia preparado. Molhou a ponta dos dedos na água, antes de secá-los na calça inteiramente branca, observando os arabescos se formando como ondas circulares na superfície. Levantou-se e aproximou-se da entrada principal do santuário, conferindo se sua roupa continuava limpa. Tirou os sapatos bateu à porta apenas uma vez com os nós dos dedos.

Um instante depois, ela se abriu.

O rosto magro e encovado de um homem surgiu na fresta, iluminado por trás por uma chama bruxuleante e dourada. Usava uma touca idêntica à sua. César desceu o olhar até o diminuto sujeito que conhecia há dez anos e notou que o ar reluzente de sempre fora substituído por uma face contraída; distante.

Então exibiu um sorriso interrogativo, esperando a resposta.

O silêncio foi quebrado pelo anfitrião, que articulou as palavras em um tom de familiaridade, no mais puro persa:

— *Dorud*, César. *Olá...* — Sua vozinha aguda oscilava estranhamente.

O brasileiro lhe devolveu o cumprimento, antes de indagar:

— Está tudo pronto?

— Na verdade, não. Mas entre, não podemos perder tempo...

César não gostou da resposta e perguntou, enquanto avançavam pelo santuário:

— O que aconteceu? Achei que iríamos recolher as coisas e partir para...

— Está tudo certo — interrompeu o homem. — Espere aqui — e deu as costas, fazendo suas passadas curtas e ligeiras tirarem-no do átrio principal, até ele desaparecer por uma porta que dava acesso a um estreito corredor.

Aquilo não estava previsto. *O que o levaria a sair do plano?*

César afugentou esse pensamento da mente com um meneio de cabeça, lembrando-se da eficiência e lealdade do amigo por todos aqueles anos. Sentindo a maciez do tapete persa através de suas meias sociais, curvou-se em uma profunda mesura, colocando o queixo contra o peito.

Uma única fonte iluminava o salão: no centro, a chama jamais extinta ardia

num pedaço de lenha, projetando sombras dançantes nas colunas gregas.

Trinta segundos depois, seu velho amigo retornou.

César percebeu que o rosto dele era uma máscara de arrependimento.

Sentiu a pulsação acelerar.

— César, me perdoe — balbuciou o homem.

Foi quando um barulho ensurdecedor de hélices pareceu triturar o espaço acima de suas cabeças. Em um ato reflexo, os dois levantaram os olhos para o teto abobadado.

A conclusão do que estava ocorrendo veio com a brutalidade do ataque de um urso selvagem.

Baixando os olhos para a estatura minúscula do homem, César sentiu como se o chão desmoronasse debaixo de seus pés.

— Você... — gemeu ele, por cima do som das hélices, em um tom de evidente decepção.

— César, não se engane pelo que está acontecendo. Eles irão te explicar...

— Me explicar? Eu me preparei para este momento por anos! E você apunhala minhas costas! Por quê?!

Não houve tempo para a resposta.

Neste momento, sua visão periférica foi atraída por uma movimentação atrás das janelas que ladeavam a entrada principal. Quatro fios negros caíram da cobertura do templo, como cobras serpenteando no ar. Descendo com agilidade de cada uma delas, vultos com trajes militares precipitavam-se pela entrada, invadindo o templo zoroastra.

Os segundos subsequentes foram um borrão. A adrenalina fez um caminho inverso no sistema nervoso de César, paralisando qualquer pensamento racional. Não exatamente por causa dos militares que em um segundo já apontavam o cano das metralhadoras para seu peito. Mas sim porque a decepção rasgava sua alma.

— Por que, Ramin?! — foi só o que conseguia repetir. — Seu covarde...

Em uma fração de segundo, pensou em reagir e tentar escapar, mas seria impossível, com os homens já posicionados em seu entorno. Certamente, pagaria o erro com sua vida, um fim idêntico ao de todos àqueles que um dia tentaram o que ele havia conseguido:

A Energia Livre. O fim das maiores inquietações da humanidade.

Ele só não esperava que fosse ali. Não agora.

Soltando o ar dos pulmões com força, César Montenegro cruzou as mãos detrás da cabeça e ajoelhou-se pesadamente sobre o tapete persa, admirando pela última vez à sua frente a chama que não se apagava.

Para mim, um destino obscuro, para a humanidade, a Chama Eterna.

CAPÍTULO 1

Helena Gouveia não podia conter um sorriso tímido enquanto caminhava sozinha pelo estacionamento a céu aberto do Palácio Itamaraty. Ela sabia que as implicações da entrevista que acabara de conceder contribuiriam ainda mais para o aumento de sua credibilidade na comunidade internacional.

Sede do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, o Palácio havia sediado naquela noite de inverno uma entrevista televisiva singular, considerando a distinta posição política da convidada. Eram perguntas espinhosas, metodicamente calculadas e cujas respostas, se dadas com uma vírgula a mais ou uma cadência de voz a menos, teriam, sem exagero, o peso de uma guerra.

Missão cumprida. Pelo menos nessa semana, refletiu ela, enquanto se lembrava das perguntas daquela noite.

— Como a senhora vai convencer o mundo de que o Brasil exercerá o mesmo potencial de decisão que EUA e China, por exemplo, mesmo tendo a menor capacidade bélica dentre todos os membros do Conselho de Segurança?

— Qual é a posição do Conselho de Segurança da ONU em relação aos possíveis ataques dos EUA à *Coreia* do Norte e à Síria?

— Por que o Conselho não conseguiu evitar a invasão dos Estados Unidos ao Iraque em 2003, mesmo sem haver provas conclusivas da existência de armas nucleares no país?

Prevenida, Helena saía-se bem nos contragolpes. Direta, clara e dotada de uma didática de brilhante estadista, a atual Presidente do Conselho de Segurança da ONU e Embaixadora do Brasil sabia que sua exposição não exigia os contorcionismos lógicos acima da média que usava com os catedráticos do Instituto Rio Branco, onde fizera seu Doutorado em Diplomacia. *Não só o Brasil, mas o mundo inteiro esperava a primeira entrevista no meu próprio país*, pensava ela a cada pausa.

Ela havia mantido o prumo até o final, quando as perguntas se tornaram mais simples, como se o jornalista e seus produtores estivessem exaustos e levantassem as mãos para cima, num gesto de derrota. Ainda visualizava as expressões apáticas dos produtores da emissora diante de suas respostas.

— Embaixadora, já é claro há muito tempo o desejo de que o Conselho de Segurança da ONU se tornasse mais representativo e democrático. Agora o Brasil também é Membro Permanente, como a senhora vê os desafios do país diante dessa evidente Nova Ordem Mundial?

Helena sabia que aquele era o tipo de pergunta feita quando o debate inclinava-se a seu favor. *Depois da sessão gratuita de boxe, querem jogar a*

toalha, não é?

Ela cerrou os olhos, situando melhor os pensamentos.

— Acredito que a última década trouxe mudanças inevitáveis na diplomacia e na defesa das nações, sobretudo após o 11 de Setembro. A reverberação dos acontecimentos dessa data continua ressonando no mundo e se fará sentir por muito tempo. Foi uma catástrofe global, um choque civilizacional cujas ramificações são extremamente complexas e difíceis de prever. — Helena deixou que a frase tomasse efeito com uma pausa e continuou: — Além disso, o grande crescimento econômico das nações antes inseridas no chamado Terceiro Mundo transformou as relações entre os países, de modo que uma mudança no Conselho de Segurança da ONU, mesmo acontecendo mais tarde do que devia, era há muito tempo inevitável. O Brasil é jovem nesse contexto, mas é experiente quando se trata de diplomacia. Sempre foi habilidosamente pacífico nas relações internacionais. E pela primeira vez na história, teremos um equilíbrio de forças com as principais potências do planeta. Acredito que temos tudo para nos sair bem.

Depois da resposta, o sinal da produtora informando que o programa estava terminando fez seus ombros relaxarem.

A saída pela porta do Itamaraty fora o momento mais esperado da noite. Só agora, superando o caminho até seu carro, ela percebia como se achava cansada das doses cavалares de entrevistas nos últimos meses.

Naquela noite de sexta-feira, Helena fez questão de exigir que nenhum assessor ou segurança a acompanhasse até sua casa. Queria usufruir de um raro momento de normalidade por algumas horas, dirigindo o próprio carro, deliciando-se da companhia do bom e velho Tom Jobim.

Buscou a chave do seu Corolla preto na bolsa e desligou o alarme. Entrou no veículo e soltou o ar dos pulmões ao sentar-se no banco de couro. Quando percebeu o que havia a seu lado, não conseguiu conter um arquejo de espanto.

Sob a pálida luz do poste que penetrava o *insulfilm*, uma caixinha metálica se sobressaía no couro preto do banco do carona, pequena e retangular. Seu aspecto lembrava um daqueles costumeiros sabonetes de hotel.

— Mas o que...

Como por intuição, Helena varreu com os olhos o estacionamento a seu redor à procura de um sinal que pudesse explicar aquilo. Mas o carro não tinha sinal algum de arrombamento.

Sentiu a tensão cair sobre os ombros.

Mas que loucura, refletiu. Como alguém pode ter entrado no meu carro dentro de um local vigiado por fuzileiros navais?

Ela pegou a caixinha e acendeu a luz interna. Notou que existia um

pequeno desenho em baixo relevo na parte superior: uma espécie de cruz com um círculo em cada extremidade, além de uma engrenagem que circundava o seu centro.



— Que tipo de símbolo é esse? — Helena avaliou o objeto segurando-o com o polegar e o indicador, virando os dois lados. Deslizou o dedo sobre sua lateral e tentou achar algum ponto em que pudesse abri-lo. Foi então que sentiu uma protuberância bem no meio. Pressionou-a, e a tampinha se deslocou com um clique.

Um pen drive?

Aninhado cuidadosamente no algodão que preenchia o interior da caixa, o minúsculo objeto tinha o tamanho de uma falange do dedo. Ela o retirou da embalagem e, sem pensar, plugou-o na entrada *USB* do aparelho do carro. O aparelho detectou o pen drive e ligou automaticamente. As três palavras juntas que desfilavam na tela LCD fizeram os músculos do corpo de Helena contraírem de surpresa.

C É S A R M O N T E N E G R O U R G E N T E

O quê?! Mas como é possível?!

Chocada, novamente vasculhou o espaço do estacionamento com os olhos. Pouco mais de meia dúzia de veículos ainda se achavam estacionados. Cerca de cem metros à frente, de costas para ela, um fuzileiro naval montava guarda no Palácio, provavelmente a única fonte possível de informação naquele momento. Fora, é claro, as câmeras de vigilância do complexo.

César quer falar comigo com urgência?

Helena não conseguia pensar numa razão lógica que explicasse por que seu antigo mentor entraria em contato de forma tão inesperada, ainda mais depois de tanto tempo sem mandar sequer um sinal de que estava vivo.

Ela permitiu que sua mente devaneasse por alguns instantes e encontrou uma possibilidade plausível, perdida nos meandros de sua memória: poderia ser mais uma daquelas surpresinhas que ela costumava receber na faculdade quando César anunciava sua chegada depois de longas viagens para o exterior. Depois

que seus pais e a esposa do engenheiro nuclear morreram quando ela ainda tinha nove anos em um terrível acidente de carro, César passou a ser seu protetor insubstituível. Aquele que lhe ajudara a criar os principais valores. A vida dele, porém, sempre fora a de um cientista apátrida, que migrava de país em país quando necessário, ou quando conseguia apoio de algum governo e, às vezes, de algum investidor particular para suas invenções. Invenções cujo conteúdo sempre foi um mistério para Helena. Fazia alguns anos que ela não tinha notícias de César. Ele jamais quis aderir a tecnologias de comunicação modernas, como Smartphones, mídias sociais, WhatsApp e afins. Para o engenheiro nuclear, faziam de você um GPS ambulante, de modo que Helena amargurava meses e meses sem notícias de seu mentor.

Mas um fato, na verdade, deixava-a ainda muito preocupada: César não fazia o perfil de brincar com a palavra “urgente”.

Apertou o PLAY do aparelho de som e outra palavra surgiu na tela.

E R R O R

O formato do arquivo devia ser incompatível com o som do carro. Provavelmente seu conteúdo só poderia ser visualizado em um laptop.

Seria no mínimo polêmico abordar o fuzileiro naval e perguntar se havia flagrado um homem alto de cabelos brancos e desgrenhados caindo pelo rosto entrar em seu carro em silêncio e depois indo embora sem deixar recado. Os relatórios do dia seguinte certamente incluiriam uma conversa um tanto estranha com a embaixadora brasileira. Tampouco Helena teria a paciência de ir ao centro de segurança àquela hora da noite e pedir que verificassem as imagens das câmeras de vigilância.

Ligou o carro e saiu do estacionamento com rapidez, decidindo abrir o conteúdo em casa. Lá, quem sabe, César poderia estar esperando na soleira da porta, disposto a lhe dar um sermão e convencê-la de que os anos de sua ausência foram apenas uma brincadeira de mau gosto que não voltaria a se repetir.

Uma súbita onda de entusiasmo tomou conta de seu peito, em uma densidade profunda, visceral. Estranhamente, sua intuição parecia latejar a cabeça, gritando por atenção. Talvez para alertá-la de que aquela noite de sexta-feira estava muito longe de terminar.

CAPÍTULO 2

Pang Meng encaixou a tampa removível na lente de sua Nikon D7000, desligando o circuito letal que fora adaptado ali dentro. Era óbvio que Naqsh-e Jahan sempre fora uma das praças mais fotografadas do mundo. No entanto, Meng tinha certeza que suas paredes impecavelmente decoradas pela arquitetura persa nunca haviam refletido flashes como os que acabara de acionar.

Aquela câmera fotográfica podia matar um ser humano.

Depois de pendurá-la no pescoço, fitou pela última vez a cúpula da Mesquita *Sheikh Lotfollah* à sua frente. Os quatro minaretes espetavam o céu do crepúsculo à medida que suas luzes douradas acendiam, dando boas vindas ao início de mais uma noite de verão no Irã. Meng não estava ali para admirar o majestoso largo, é claro, e tampouco se importava com esse fato. Há mais de quarenta anos havia sido treinado a reconhecer o campo de ação de modo calculado, desprovido de qualquer reação emocional.

Deu as costas para a fachada do templo e pôs-se a atravessar o imenso pátio rumo à sua base de operação.

Então, em meio a pouco mais de dez turistas, Meng atendeu a única pessoa que podia lhe fazer uma ligação. Ele havia se apresentado com o codinome *Xerxes*. Historicamente apropriado, uma vez que se tratava do imperador persa que destruiu os espartanos com a fúria de um titã, na Batalha das Termópilas, milênios atrás.

A voz rouca de Meng saiu como o tiro de um profissional, precisa e objetiva:

— Meng falando.

As palavras de Xerxes tinham um tom andrógeno e distorcido.

— Agora que finalizou o primeiro protocolo, espere até a madrugada. É quando eles vão à usina. Ligarei no momento certo. Entendido?

Meng olhou ao redor da praça e quis perguntar como o Xerxes sabia o que ele havia feito, mas manteve o profissionalismo.

— Sim.

— Lembre-se de que serão pelo menos quatro homens, é bom ter precaução — alertou a voz.

— Ainda estou em forma.

E você não teria me chamado se não soubesse disso, disse consigo.

— Todas as diretrizes da operação estão claras?

— Absolutamente. Quando finalizar a segunda etapa na usina, levo o objetivo para a base e espero o contato em seguida.

— Exato — aprovou Xerxes. — Ao final de tudo, haverá um jato

esperando por você em alguma cidade que ainda definirei. Tudo depende do desenvolvimento dos fatos.

Meng não respondeu. O silêncio foi a deixa para que o outro homem finalizasse a conversa.

— E... Meng — a voz de Xerxes fluíu curiosamente para um tom mais amistoso —, seja discreto da próxima vez. Receio que os anos fora de ação o tenham tornado antiquado. Turistas japoneses não usam mais camisas floridas, muito menos no Irã.

Subitamente aturdido, Meng parou diante do gigantesco espelho d'água da Praça de Nash-e Jahan, contendo-se para não perguntar o óbvio. Xerxes o estava monitorando de alguma forma. *Seria por meio de um satélite?*

Todavia, não se deixou abalar. Pragmático, respondeu sem estender-se, em um tom de encerramento:

— Vou me lembrar disso.

Ouviu um chiado do outro lado da linha e, em seguida, o celular ficou mudo.

Meng desceu o olhar até o telefone em sua mão. Aquele aparelho pessoal estava acima de todos os seus pares no mundo. Superior até mesmo aos modelos mais avançados de encriptação desenvolvidos por empresas como a Sectra, com direcionador de chamadas para vários roteadores não rastreáveis. Todavia, Meng sabia que esse termo não existia. *Tudo pode ser rastreado hoje em dia.*

Exceto o aparelho que segurava.

E exceto ele próprio.

Encarou o reflexo do seu rosto no espelho d'água por alguns segundos, reparando no oriental de sessenta anos que o encarava de volta. A única mácula promovida pelo tempo no rosto de Meng eram os filetes espaçados em tom grisalho que despontavam do cabelo curto. Os reflexos permaneciam os mesmos, e o aspecto físico, parecia ainda melhor. Meng quase não carregava rugas ao redor dos olhos repuxados.

As décadas de prática em campo lhe proporcionaram habilidades peculiarmente especiais. O método de percepção visual do ambiente de ação, certamente era uma das mais básicas delas. Mesmo em um espaço extraordinariamente grande como aquela praça, era possível, com facilidade, escaneá-lo como uma ave de rapina mapeia seu ponto de ataque. Pontos de fuga, possíveis improvisações e perfis físicos e psicológicos dos indivíduos ao redor, eram identificados em uma fração de segundo. Mesmo assim, as habilidades de seu interlocutor pareciam superar com facilidade os seus movimentos — fato que o deixava estranhamente incomodado. Xerxes detinha tecnologias e instrumentos capazes de rastreá-lo de qualquer lugar. Até ali, no aglomerado

urbano do centro de Esfahan.

Entretanto, essa realidade não comprometeria sua concentração no objetivo central: o protótipo de Energia Livre. Um simples objeto.

A peça mais valiosa no mundo hoje, era o que dizia Xerxes.

A escala de importância da missão, no entanto, passava longe de pressioná-lo.

Há mais de trinta anos, Pang Meng já estava pronto para iniciá-la.

CAPÍTULO 3

O velocímetro do Corolla marcava 150 km/h enquanto Helena cortava o Eixo Monumental de Brasília. Sua mente tentava processar o choque de ter se deparado com o nome de seu antigo mentor no monitor do som do carro, de modo que a entrevista que acabara de conceder parecia um fato distante.

Seria uma surpresa de César? Pensou outra vez.

Vez ou outra, um objeto exótico materializava-se na escrivaninha de sua casa e até em sua mesa da faculdade, anunciando a chegada de seu protetor das misteriosas viagens que ele fazia. Um elefantinho da Índia, alguns curiosos cordões zulus da África do Sul, ou pequeno artefato do Oriente Médio. Eram sempre acompanhados de um bilhete afetuoso anexado, quando César se despedia com sua filosofia de vida: *a chave de tudo é o conhecimento*.

Quem sabe esse pen drive não é mais uma dessas lembrancinhas?

A concentração de Helena foi rasgada violentamente por uma música desconhecida que encheu repentinamente o carro. Era um barulho estridente e antigo, como daqueles primeiros modelos de telefone portátil. Vinha do seu lado esquerdo, junto ao compartimento da porta. Aturdida, piscou algumas vezes para se situar e desacelerou o carro numa ação mecânica.

Ela encontrou um celular que não era seu.

Perguntando-se quantas vezes César poderia lhe surpreender naquela noite, deu um bote no aparelho. Colou-o junto à orelha, sua voz aguda de entusiasmo.

— César?!

Depois de um longo instante de silêncio, alguém falou:

— Senhora Gouveia? — indagou uma voz masculina, em um inglês carregado.

O sorriso de Helena se diluiu em decepção. Esforçou-se para transmitir um tom severo na voz:

— Quem está falando? — ela quis saber, falando na mesma língua do estranho.

— Vamos dispensar apresentações, senhora. Irei diretamente ao ponto e sugiro que preste total atenção — as palavras saíam assustadoramente enfáticas.

— Quando chegar a sua casa conecte o pen drive ao seu laptop. Siga as indicações corretamente e veja o conteúdo. — O homem fez uma pequena pausa como se desse um tempo para ela processar a informação. — Depois disso, destrua o dispositivo e o computador. A senhora está compreendendo?

— O quê?! Mas quem é você?! Como entrou no meu carr...

O homem sobrepôs a voz, interrompendo-a:

— Como eu disse, vamos eliminar essa parte, por enquanto. — Seu

sotaque tinha um quê de refinamento cuja origem Helena não pôde identificar com exatidão. *Seria do Leste Europeu?* — Não há tempo. Receio que César esteja correndo sérios riscos.

Helena sentiu uma onda de vertigem atravessar seu corpo e, com um movimento rápido, freou bruscamente o Corolla no acostamento do Eixo Monumental.

— Olhe aqui — disse ela —, se esta ligação for um trote, só posso dizer que você será identificado e, com certeza, preso!

A voz manteve-se neutra:

— Não é um trote. Estou aqui para lhe dizer os passos que a senhora terá que dar para salvar César.

Então um pensamento aterrador lhe sobreveio.

— Você está com César?! — vociferou ela. — Escute, farei apenas uma ligação e interceptaremos o seu celular...

— Não, a senhora não pode interceptá-lo. Agora tenho um último assunto a tratar e sugiro que reserve o máximo de sua atenção: você receberá ainda hoje a notícia de que a Comissão Investigadora da ONU descobriu evidências da fabricação de ogivas nucleares no Irã.

Helena não podia acreditar nos seus ouvidos.

— Mas do que você está falando?! Como você tem essa informação?! Para quem trabalha?! *E o que César tem a ver com isso?!*

— Tudo será esclarecido no momento apropriado — respondeu o homem. — A única observação que preciso fazer é que esta notícia é um *false flag*. Uma falsa bandeira. Uma mentira. No entanto, nós receamos que desta vez as consequências possam ser catastróficas para o mundo.

Como?! Nós?!

Helena sentia seu rosto latejar, um pouco tonta. Nenhuma palavra daquela conversa fazia sentido.

— Preciso desligar. É necessário que a senhora jogue este celular pela janela em até 10 segundos. Podem interceptá-lo.

— Ei, espere aí! Você invade meu carro, diz que César está sob risco, fala absurdos sobre o que está acontecendo no Irã e...

— Não há tempo. César irá te explicar.

— César? Ele está na minha casa?

O homem gritou:

— Jogue o celular pela janela! Agora!

De um modo estranho, o tom de urgência na voz do homem a convenceu. Ela abriu o vidro do carona e arremessou o aparelho para o mais longe possível, no canteiro que seguia a via do Eixo Monumental. Helena acompanhou com os

olhos a sua trajetória. Ele descreveu um arco no ar e pouco antes de cair no chão se esfaļhou em mil pedaços, lançando pequenas chispas de fogo para todos os lados, como se fosse um minúsculo satélite acidentado caindo pela atmosfera.

Ela gritou assustada, pondo uma mão sobre a boca.

Aquela coisa ia explodir minha cabeça!

Tentando se recuperar, suspirou profundamente. Uma gota de suor rolou por sua tez finamente maquiada e ela enxugou com o pulso, em choque.

Seja lá qual fosse a identidade daquele homem, ele sabia exatamente onde César se encontrava. Ela lançou um olhar de esguelha para o pen drive no banco do carona, pensando no que poderia haver ali dentro. *César corre risco de vida?* Só de pensar nessa possibilidade, Helena sentia como se lhe arrancassem o coração a golpes de martelo. Além dessas surpresas, o homem havia afirmado coisas inacreditáveis sobre a política internacional: Irã. Armas nucleares, conspiração para forjar uma guerra... *Impossível!*

Ela não conseguia entender a relação de César com o Irã. Será que ele havia estado lá? Helena, na realidade, só tinha ciência de seu destino quando seu mentor retornava. Ele nunca havia comentado nada sobre esse país.

É para sua segurança, ela lembrou-se da resposta padrão de César, quando o questionava sobre seu destino.

Novamente sentiu que poderia achar a resposta no pen drive.

Helena arrancou com o Corolla, juntando-se aos carros que aceleravam no Eixo Monumental, os pneus gritando no asfalto. Sem a mínima noção do que lhe esperava, agora sua intuição estava clara: aquela noite de sexta-feira estava muito longe de terminar.

CAPÍTULO 4

Dizer que Ronald Jay Campbell se encaixava no perfil de um homem de sua posição era um completo absurdo. Sua postura respeitosa, alinhada, decorrente de uma criação cuja fineza poderia ser comparada à elegância europeia, lhe conferia, há anos, o apelido de Sir Campbell nos corredores do Pentágono. Calejado pelo longo tempo de convivência com toda sorte de conflito e crises de segurança nacional, Campbell havia se tornado um estrategista brilhante e adquirira respeito, com raras exceções, de todo o Departamento de Defesa. Suas feições marcantes e o cabelo à escovinha, unido ao porte alto e vigoroso, disfarçavam com facilidade seus surpreendentes 77 anos de pura energia, gastos quase que integralmente a serviço do país, e preenchidos de um patriotismo obstinado e perfeccionista.

Naquela reunião emergencial, porém, o Secretário de Defesa, ou se preferissem, Diretor do Pentágono, sentia-se incomodado pela notícia que recebera pouco mais de duas horas atrás: a ONU acabara de encontrar evidências da produção de armas nucleares no Irã.

Como meu pessoal não descobriu nada?

Além disso, o incomodava o fato de que o presidente dos Estados Unidos e o vice estarem ausentes na reunião, que era conduzida pelo Secretário de Estado, um homem gordo e intransigente sentado do seu lado esquerdo. Aos olhos de Campbell, Aaron Jones era um amador em política, mas havia sido arguto o suficiente para conseguir chegar aonde chegou.

Campbell observava impassível as expressões contorcidas no rosto do Secretário de Estado, enquanto ele passava os olhos pela papelada.

— Senhores — iniciou Aaron, folheando rapidamente os relatórios da contraespionagem em suas mãos —, antes de analisarmos o impacto das evidências encontradas pela comissão das Nações Unidas, tenho uma dúvida a tirar. — Campbell percebeu que a expressão do homem se tornou rígida. — Nenhum organismo de investigação dos EUA foi capaz de antecipar com precisão o que uma simples equipe da ONU enviada ao Irã conseguiu em dois dias de inquérito. — Ele atirou as folhas sobre a mesa e estabeleceu contato visual com o grupo por cima dos óculos de armação redonda. — A minha pergunta é muito simples: Quem aqui pode me explicar a cifra de 1,5 trilhão de dólares destinados neste ano para o Departamento de Defesa e serviços de inteligência?

Seu olhar fixou-se no diretor da CIA, que reagiu falando:

— Aaron, não é segredo para ninguém que depois da Revolução de 79 tivemos alguns contratempos com o Irã. Ainda assim, desde aquela época

estamos cobrindo todas as bases militares, complexos nucleares e indústrias bélicas do país. Só não esperávamos que, de um segundo para o outro, como num passe de mágica, fossem brotar do chão evidências quase irrefutáveis de armas nucleares e...

O Secretário de Estado atravessou sua fala com uma pergunta ácida.

— Diretor, por algum acaso o senhor esqueceu-se do sentido da existência de sua agência? — Ele circulou os olhos pela mesa, como se aguardasse a resposta de alguém, e depois prosseguiu, num tom de reprimenda. — Vocês existem para captar todas as informações e manobras previamente calculadas de qualquer célula, país ou indivíduo que possam parecer, mesmo que de muito longe, uma ameaça aos Estados Unidos da América! — O discurso parecia ser destinado a crianças do jardim de infância e não aos homens de maior patente na hierarquia político-militar do país.

— Vocês dispõem de uma estrutura tecnológica sem pares no mundo. Acesso aos melhores satélites, agentes de campo, arsenal bélico... Não consigo compreender... — Ele parou de gesticular de repente e cruzou as mãos sobre os relatórios em cima da mesa, fitando cada um dos homens. Seus olhos azuis conseguiam exalar a imponência que a estatura não permitia. E Aaron Jones parecia saber exatamente o impacto dessa habilidade em qualquer pessoa. — Vocês têm ideia do que isso representa para a história do país?! Há mais de cem anos nós estamos na vanguarda das principais ações militares e conflitos do mundo, antevendo, planejando e agindo com a eficácia que nos possibilitou estabelecer a democracia que temos hoje, e vocês vêm *me* dizer que *apenas* não puderam adivinhar? Deus do céu! Nós somos os Estados Unidos!

Assistindo ao show de Aaron com uma tranquilidade compenetrada, Ron Jay Campbell gostaria de tê-lo interrompido desde a primeira pergunta. Como todos os presentes, Campbell raramente tivera a necessidade de administrar um potencial conflito às cegas. Também se sentia vulnerável, como no 11 de Setembro e como em 1963, na Crise dos Mísseis. Porém, considerava o Secretário de Estado mais um político desqualificado que, jamais, mesmo se gozasse os oito anos à frente do cargo, iria compreender a fundo a complexidade histórica da inteligência estratégico-militar do país. A reunião já havia se iniciado sem sentido, mas a polidez reservada de Campbell não havia permitido que ele interviesse naquele furacão de insultos.

Não até agora.

Limpou a garganta e começou.

— Aaron, permita-me pontuar alguns aspectos que considero prioritários neste momento. — Ele deixou que suas palavras reverberassem na sala e mirou os olhos dos presentes. — Senhores, nós sabemos que o protocolo de ação em

uma crise como a de hoje deve se resumir na análise estratégica das possíveis consequências militares em curto prazo para o país. Mesmo que ainda não tenhamos em mãos o inquérito que a ONU produziu, temos que agir de acordo com o que sabemos. — Campbell sentiu que toda a atenção da audiência voltava-se para ele agora. — Com todo respeito, Aaron, não nos importa, neste momento, saber quem ganhará as próximas eleições presidenciais. E por isso não deve haver espaço para discutirmos sobre o impacto dessas descobertas no bolso dos contribuintes. É fundamental que nos certifiquemos se os contribuintes ao menos terão calças que disponham de um bolso amanhã de manhã. E enquanto temos conversas descabidas aqui, talvez o inimigo esteja se preparando para uma guerra contra os EUA.

As bochechas volumosas de Aaron enrubesceram de raiva.

— Ron, é óbvio que vamos falar disso, mas com certeza é vontade do presidente que...

Campbell aproveitou o assunto e interveio:

Tenho convicção de que o presidente gostaria de priorizar a discussão sobre a defesa nacional em lugar de gastos públicos — disse, sentindo que era o momento de arrematar aquele assunto. — Vejam, senhores, com evidências menos palpáveis do que essas, nós atuamos no Iraque e na Síria, de modo que sei que este é o momento de discutir a razão pela qual não estou, agora, às 20h27min, ou seja, depois do expediente, refestelado no conforto de meu sofá e descansando minha espinha artrítica.

Todos riram. Campbell sabia que sua habilidade de evocar humor em momentos críticos havia aparecido na hora certa. Ser o mais velho sempre lhe dava direito de recorrer àquele tipo de método.

— Ron — o Presidente da Junta Dos Chefes Militares fez-se ouvir do lado oposto de Campbell —, é consenso entre os chefes militares que as evidências sugerem uma mudança drástica na postura do Irã em relação ao seu programa nuclear. — Seu tom era firme e bem pontuado. — Tudo indica que as ações de Teerã passaram a ser ofensivas a partir de agora. É claro que temos que agir com pulso firme!

Campbell observava o general impecavelmente fardado, cujas insígnias mal lhe cabiam no peito, exibindo um multicolorido de estrelas e símbolos. A austeridade no rosto negro transparecia uma força ao estilo Morgan Freeman. A cabeça pelada certamente era a única diferença. Thomas Wilker representava o posto mais alto das forças armadas americanas e, sem dúvidas, deveria ser ouvido com interesse. Ele continuou:

— Temos informações de que o relatório da ONU sugere que a fábrica de mísseis de Esfahan, a quatrocentos quilômetros ao sul de Teerã, é a principal

montadora dos supostos instrumentos bélicos. Nossos satélites não captaram nenhuma movimentação diferenciada naquela área nos últimos meses. É verdade que algumas instalações militares iranianas têm em geral cerca de 80 metros de profundidade. Eles as construíram assim por várias razões, uma delas para prevenir um possível ataque aéreo. O Estado Maior acha que a intervenção militar deve ser discutida antes de qualquer alternativa. Temos recursos suficientes no Golfo Pérsico, na Turquia e no Iraque para iniciar com Israel uma coalizão eficaz, no espaço de apenas algumas horas.

Aaron assentiu com um gesto de cabeça, antes de ouvir o outro homem à mesa.

— Nosso pessoal está de acordo — disse o diretor da NSA. — Se permitirmos a manutenção ou fabricação de mísseis nucleares no Irã, as consequências diplomáticas podem ser aterradoras. O país faz parte do eixo do mal e não vejo por que não ordenarmos uma intervenção militar a partir de agora.

Campbell tinha a certeza das proporções que a crise poderia tomar. *Será que eles ainda não perceberam o que pode acontecer?* Ele via o quadro de uma guerra se desenrolar como já vira antes. Mas, apesar de tudo, apesar de um possível conflito militar, Campbell estava mais preocupado com outro fato. Um fato que ele mesmo persistia em negar para si mesmo.

O diretor do Pentágono não podia sequer admitir que tinha muito que perder se o Irã virasse um caos. Seria mais que a derrota para seu país. Em uma operação ultrassecreta que ele havia liderado meses antes, descobrira por acaso algo no Irã que passou a lhe interessar muito. E que mudaria a sua vida e a de sua família milagrosamente.

Ninguém pode saber disso, pensou ele, com uma respiração travada, *mas não posso deixar que destruam o Irã. Não agora.*

— Senhores — Campbell disse —, o quadro atual não nos possibilita agir de modo tão efetivo agora. Se iniciarmos uma ofensiva ao país sem ter em mãos as evidências conclusivas, tudo leva a crer que os russos e os chineses não concordariam com nossa ação. É claro que esse quadro implicaria em um conflito maior e muito mais profundo em suas consequências finais. E o que pode acontecer é uma... Quero dizer... — Campbell sentiu sua garganta seca só de pensar que um dia poderia relacionar alguma crise atual com *o episódio de 62*. Tomou um gole d'água enquanto um silêncio frio se encaixava na sala. O grupo parecia ansiar por ouvir suas palavras.

— Se agirmos com nosso patriotismo implacável — disse ele, pausadamente —, posso lhes afirmar que assistiremos a uma repetição de 1962.

Os homens à mesa se entreolharam, em silêncio. Campbell já esperava tal

reação. Afinal, ele era o único na sala que havia participado diretamente das ações naqueles fatídicos dias.

Na ocasião os EUA e a Rússia por muito pouco não iniciaram a Terceira Guerra Mundial. O avião U-2, da força aérea dos EUA, havia tirado uma série de fotos altamente perturbadoras em Cuba. Ele detectou cerca de quarenta mísseis balísticos de médio alcance numa área inóspita da ilha. O sistema de mísseis SS-4 Sandal. O mecanismo poderia lançar uma ogiva nuclear de três mil megatons a uma distância de até mil e seiscentos quilômetros. Poderia ser um fato contornável, não fosse a realidade de que a ilha caribenha localiza-se a apenas cento e vinte quilômetros da costa da Flórida. Todas as instalações militares e as cidades do sudeste, inclusive Washington D.C., estavam dentro do alcance das armas. Se fossem lançadas, dariam ao país míseros cinco minutos de advertência.

O episódio conhecido como A Crise dos Mísseis marcou o auge da Guerra Fria. Campbell se lembrava de uma noite em que teve de passar indicações por telefone à Jane sobre como procurar um local seguro, caso ele desse o sinal de alerta. Os esforços empreendidos por John Kennedy e seu irmão Bob resultaram num acordo com Khrushchov depois de dias de tensão. Nunca o mundo havia chegado tão perto da Terceira Guerra Mundial.

Esta crise pode se aproximar de 62.

Ele analisava a reação dos companheiros à mesa. A perturbação que emanava de seus rostos era quase palpável. A realidade era que ninguém, a não ser a ONU, tinha algo concreto em mãos. A não ser suposições.

E muito medo.

De fato, as coisas estavam muito mais nebulosas para o Pentágono, como nunca na História. Aquela reunião duraria mais do que ele imaginava. O presidente teria que agir, e rápido. Como havia agido Kennedy.

CAPÍTULO 5

Helena comprimiu os lábios com força ao acionar bruscamente os freios na garagem de sua casa, no Lago Sul em Brasília. Pulou do carro sem ao menos fechar a porta e correu para a entrada, a palma da mão suando enquanto apertava a pequena caixa que continha o pen drive.

Tirou o salto e apertou o passo pelo piso de porcelanato do casarão deserto. Sentindo as veias cada vez mais pulsantes, subiu a escada de granito pulando os degraus de dois em dois. Fez uma curva à direita, avançando pelo corredor que dava para o escritório. As luzes automáticas acendiam sobre sua cabeça à medida que cruzava o espaço. Ao chegar ao escritório, correu até a cadeira, o peito subindo e descendo num ritmo ofegante.

A tela de seu MacBook achava-se ligada, com uma pasta nova na área de trabalho de nome: *César/Pasta segura*.

Como entraram no meu sistema?

Aquele homem havia burlado os avançados sistemas de segurança de seu equipamento e inserira algum arquivo ali. Por alguma razão inexplicável, blindara a pasta que ele próprio havia criado no computador de Helena. Ela conhecia o suficiente sobre sistemas de segurança virtuais. Sabia que aquele arquivo fora protegido para que outros hackers não invadissem a pasta recém criada. *Mas, quem mais do que esse maluco teria interesse de invadir meu computador?*

Com a respiração descompassada, ela abriu a caixinha, pegou o pen drive e o conectou na entrada USB. Outra pasta surgiu no monitor com o nome *César//Deep Web* e se transferiu automaticamente para dentro da primeira.

Seus músculos se contraíram de surpresa. Conhecia bem o termo. *Deep Web. Internet Profunda*.

Isso já me rendeu uma crise tempos atrás.

Dentro da pasta, havia um ícone representado pelo desenho de uma cebola. Depois de clicar nele, um programa começou a ser instalado automaticamente. Na tela, a expressão mais entediante para qualquer ser vivo despontou, testando seus nervos.

Aguarde alguns instantes... 1%... 2%... 3%...

Uma série de palavras e números passou de forma alucinada abaixo do anúncio. Quando a progressão estava em 99%, a tela do Macbook ficou totalmente negra. Helena deparou-se com seu reflexo distorcido no monitor apagado.

O quê?! Ele desligou?!

Logo em seguida, percebeu que monitor um traço branco começou a piscar, na parte superior esquerda, como se algum arquivo estivesse sendo processado. Tamborilando os dedos nervosamente na mesa, ficou observando seu contorno fantasmagórico emoldurado pelo monitor, a ansiedade no limite. De repente, o traço branco desapareceu e o que surgiu foi um site de aspecto antigo, como aqueles da década de 1990. Havia uma dúzia de links em alemão e francês, porém a grande maioria se destacava em inglês.

No topo da página, sobressaía-se o mesmo símbolo que ela encontrara na caixa do pen drive: uma cruz dourada, com círculos em cada uma das pontas, e uma engrenagem ao redor do centro dela. Quando leu o que havia logo abaixo da cruz, ela quase não acreditou.

Miss Helena, click here: xxcxvsjjj.onion.

Senhorita Helena, clique aqui: xxcxvsjjj.onion

Um link personalizado para ela dentro da Deep Web.

Meses antes, Helena havia vivenciado uma experiência incomum em relação à Deep Web no Conselho de Segurança. Lembrou-se que os hackers envolvidos na pequena crise acabaram descobrindo que ela conduzira o escritório de segurança interna no processo de investigação e prisão de crimes virtuais cometidos contra a ONU. Foi nesse episódio que Helena descobrira a Internet Profunda. Analisou se essa não seria uma armadilha dos mesmos hackers. A capacidade daqueles criminosos de fazerem simplesmente tudo com o computador transcendia a mais aventureira imaginação. Eles poderiam aproveitar a nuvem de compartilhamento do sistema da Apple daquele laptop e acessar seu computador usado pela ONU, lá em Nova York, simplesmente com um clique.

Porém, ela não achava lógico que os hackers conhecessem César. Logo ele, o homem mais *irrastrável* que conhecia. E mesmo se o usasse, qual era a finalidade de envolverem o nome de seu antigo mentor? Ele seria a armadilha?

Todavia, o homem ao telefone não parecia ser um hacker. Era de um sotaque refinado, e tinha uma segurança quase que militar na voz, uma nota de sinceridade transparecia no seu tom. E definitivamente, se todas as surpresas daquela noite desencadeassem uma pequena crise, não seria nada que Helena não pudesse resolver.

A única crise que não posso administrar hoje é a ausência de César.

Helena clicou no link peculiar, seu maxilar contraindo-se de nervosismo. Uma página igualmente estranha se abriu e outro nome conhecido apareceu.

Tormail.

O famoso e-mail mais seguro do mundo que usam na Deep Web, lembrou-

se ela.

Outra página foi aberta e um pequeno quadrado preto apareceu no centro, com uma seta vermelha bem no meio.

Tratava-se de um vídeo.

Prendendo a respiração, Helena clicou na seta e sentiu um fio de náusea atravessar a garganta.

Um rosto.

César.

CAPÍTULO 6

O taxista que respondia pelo nome de Abdel Kader parou o velho *Ford Crown Victoria* no semáforo, enxugando com a camisa os óculos de grau lavados pela chuva. Havia acabado de voltar para o carro e conduzia pela noite da pulsante Times Square. Seu último cliente, um idoso, exigira que ele saltasse para ajudá-lo, uma gentileza bastante atípica em seu trabalho. Abdel passou a adorar a monotonia, e conseguia encontrá-la até mesmo em Nova York, onde deparar com um rosto igual em dias consecutivos definia-se como uma improbabilidade matemática.

Nada melhor que um dia igual ao outro.

Com um suspiro consumido pelo cansaço, acelerou no semáforo verde. Mesmo com o espetáculo de luzes publicitárias que se lançavam para dentro do carro como uma discoteca particular e dos milhares de pessoas que se apertavam contra os pés dos arranha céus, Abdel se via estranhamente desolado. Nem o ar cosmopolita da *cidade coração do mundo*, com uma infinidade de atrações visuais, culturais e gastronômicas, lhe prendia a atenção.

Desligou o rádio, ficando na companhia da chuva e do som das palhetas do para-brisa, que trabalhavam ruidosamente. Parou em outro semáforo, na faixa junto à calçada, em frente à *Nasdaq*. Foi quando percebeu que chuva aumentara e inclinou-se contra o painel, observando através do vidro as gotas pesadas que cobriam o automóvel com uma cortina de água.

Foi quando alguém bateu no vidro do motorista.

Tratava-se de um homem que vestia um sobretudo preto e um chapéu Panamá de mesma cor. Ao lado do carro, ele segurava um guarda-chuva e tinha uma bolsa tiracolo cuja alça cruzava o peito.

Abdel desceu dois dedos do vidro. O barulho externo invadiu o veículo e um vento fresco lambeu sua testa, enquanto gotas de chuva caíam através da abertura.

— Entre, por favor — convidou Abdel.

Iluminado por trás pelo painel vermelho do *Hard Rock Cafe*, o homem curvou-se e falou por baixo do chapéu, num sotaque gutural:

— Vou direto ao assunto, senhor.

Abdel baixou a cabeça para tentar ver melhor seu rosto.

— Desculpe, o senhor quer uma corrida?

— Precisamos de seu conhecimento para intervir num quadro que diz respeito à segurança mundial e à vida de um grande amigo — soltou o homem, numa cadência fria e impessoal.

Esses malucos de Nova York estão cada vez mais sofisticados.

— Ok, amigo. Boa noite!

Abdel já fechava o vidro quando o homem falou rápido:

— O senhor César Montenegro precisa de sua ajuda. Suas descobertas correm sério risco, e a única pessoa a acrescentar do ponto de vista científico é o senhor.

Abdel tonteou com aquela informação.

O quê?! Mas isso é impossível!

O semáforo abriu e imediatamente várias buzinas irromperam da traseira do táxi. Abdel não as ouvia. *É impossível alguém me encontrar aqui. Não nessas circunstâncias.*

Ele tentou colar um sorriso dissimulado no rosto.

— Desculpe-me, senhor, acho que está me confundindo com alguém — e fechou o vidro passando a primeira marcha, tremendo de susto.

O homem permaneceu frio como pedra e falou através do vidro, sua voz saindo um tanto abafada.

— Não o estou confundindo, senhor Arash Zarak.

A forma como Abdel virou o rosto e fitou o homem foi reveladora. Ele não estava preparado para escutar aquele nome depois de tanto tempo. Tampouco, para o que viria a seguir:

— Até quando vai negar para si mesmo sua própria identidade, senhor Zarak? O senhor Montenegro precisa do senhor. O mundo precisa senhor. O que seu antigo amigo desenvolveu é tão arrebatador que se for dominado pelas mãos erradas, pode reduzir o mundo a pó. Aliás, reduzirá a muito menos do que o pó.

Incapaz de dizer uma palavra, Abdel fitou o homem. Daquela posição o rosto dele não estava muito claro, mas pelo desenho do queixo, do nariz e da boca, aliado ao sotaque, poderia ser do leste europeu.

Baixou novamente o vidro, o som das buzinas amplificando-se. Carros desviavam-se do seu táxi, os motoristas vociferando.

— O que está fazendo com a sua vida, senhor Arash? Não percebe que está vivendo uma hipnose cultural? — O homem fez um gesto com a mão, aparentemente simbolizando a frase com as publicidades iluminadas da Times Square. — Lavando seu brilhante cérebro nessa grande privada espiritual? Até agora não viu que seu talento é subutilizado aqui?

Cada palavra atingia Abdel como uma punhalada. As chagas amargas do passado pareciam emergir pela garganta, impossibilitando-o de falar.

— Sabemos o que aconteceu com o senhor, e sentimos muito por isso. Mas o senhor achava que conseguiria esquecer o que ocorreu e, principalmente, esquecer-se do que ajudou a construir com o senhor Montenegro, vivendo neste lugar? Avesso às grandes verdades do mundo?

Abdel seguiu sem dizer nada. O comentário calou fundo e a frase levou

alguns segundos para ser assimilada. Aquele homem o tratava com cordialidade, sacudindo sua consciência com um respeito refinado. E o que era mais intrigante: ele sabia de seu passado. Uma vida que Abdel levou anos para esquecer, enterrando-a um pouco mais fundo dia após dia, nos mais obscuros esconderijos de sua alma.

As buzinas se intensificaram, misturando-se aos xingamentos que começaram a atrair a atenção dos transeuntes do outro lado da avenida. Para Abdel, no entanto, não passavam de sussurros distantes. Sequer teve a ideia de ligar o pisca-alerta do táxi. Ele reparou que um policial corpulento acabava de ver a confusão no trânsito do outro lado da avenida e aguardava para atravessar a via, com uma expressão rígida no rosto.

Abdel tentou reunir os pensamentos.

— Quem é você? — quis saber.

— Alguém que não quer ver o mundo dominado pelas sombras. Há séculos são os mesmos demônios que escondem as maiores verdades. Todavia, ninguém melhor que o senhor para saber disso, não é?

Abdel se encolheu no banco, pasmo com a forma como o homem falava de sua vida sem o conhecer.

— Essa é a oportunidade para destruí-los — completou ele. — Ouça, o senhor Montenegro não teve tempo de nos esclarecer sobre a real situação. Em nada posso acrescentar na esfera intelectual. Na verdade, preciso manter a distância para sua própria segurança. — Ele enfiou a mão no bolso interno do sobretudo e trouxe de volta uma nota de papel-moeda entre os dedos. Abdel identificou sua origem e foi dominado pela perplexidade.

Pegou a nota molhada pela chuva reparando na marca estranha no centro da nota.

— Mas o que é isso no meio?

— Desconhecemos. O senhor Montenegro me entregou assim.

Desconhecemos?

O policial apitou do canteiro em direção ao táxi, esperando a fila de carros passar apressada, com o bloco de multa nas mãos.

— Procure Helena Gouveia — disse o homem, sua voz desprovida de emoção. — Ela deve ir com você até Teerã. Vocês devem recuperar o que o senhor Montenegro criou. Ela terá em mãos indicações mais exatas sobre o que fazer lá. Não tivemos tempo de planejar tudo com precisão e... — O homem hesitou, pela primeira vez na conversa, Abdel sentiu um leve fraquejo em seu tom. Ele retirou a bolsa tiracolo e a passou pela janela. Depois contou a Abdel o que deveria fazer com os objetos dentro dela. Foi nesse momento que Abdel escancarou a boca, estupefato. O que acabava de ouvir era uma loucura!

— Onde está César? — replicou Abdel.

— Não sabemos.

— O que ele construiu?

— Receio que o senhor já deva intuir.

Sim, Abdel já intuía.

Energia Livre. A maior das invenções que a mente humana poderia produzir.

— Você vai precisar de tudo o que está aí dentro — disse ele, apontando para a bolsa tiracolo pousada no assento.

— Ei! — gritou o policial rechonchudo que se aproximava do carro com o bloco de multa na mão.

— Ok, senhor. Já estou indo! — replicou Abdel, fazendo um sinal de O.K. Voltou-se para indagar o homem de sobretudo. — Quem são vocês, afinal? — ele quis saber.

Suas palavras foram engolidas pelo burburinho da multidão. A figura desmaterializou-se. Abdel vasculhou com os olhos a calçada, mas era impossível achar alguém ali, mergulhado no mar de guardas chuvas.

O policial andou até o táxi, acariciando o bloco, como se o ameaçasse.

— Até que horas pretende ficar parado aí, senhor? — interrogou ele, com rispidez, já tirando a caneta do bolso.

Abdel olhava para o painel do carro, pisando no acelerador sem passar a marcha.

— Ah! Até que enfim esta lata velha pegou! — exclamou ele, apertando o pedal intermitentemente. — Esses veículos dependentes do petróleo precisam acabar um dia!

O policial olhou para ele, parecendo não entender. Abdel forçou uma risadinha sem graça.

— Já está tudo certo, senhor policial. Obrigado pela força!

Quando Abdel acelerou pela 7ª Avenida, reparou que várias sensações há muito adormecidas remexiam-se com força no peito, sacudindo-o como quem desperta de um sono profundo. Sentiu que sua fuga da realidade caminhava de maneira irrefreável para o fim. Talvez lá no fundo, Abdel intuísse que o retorno ao mundo real se reaproximava com a mesma força e cadência que ele dedicava para esquecê-lo todos os dias, num sentido diametralmente oposto.

Então sua mente começou a funcionar.

Qual é a probabilidade desse cara me encontrar exatamente naquela esquina, àquele horário? E como esse homem poderia saber que o semáforo ia fechar? A não ser que ele o estivesse monitorando com algum tipo de GPS ou rastreador, era impossível identificar sua localização. E mesmo que utilizasse

esses artifícios, como poderia prever que Abdel pararia naquele lado da faixa, e exatamente naquele semáforo? César com certeza estava bem amparado.

Pelo jeito, a persistência científica dele o havia conduzido para onde sempre sonhou. Abdel não duvidava que uma hora ou outra isso fosse acontecer. Apenas não podia acompanhá-lo mais, diante do inferno que sua vida havia se tornado.

César estava sendo perseguido e Abdel quais inimigos ele havia despertado. Francamente, não tinha certeza se correr todo um risco de vida para ajudar a salvar o que ele havia construído valeria à pena.

Apesar de seu sentimento de autopreservação sugerir que esquecesse César de uma vez por todas, havia mais a considerar sobre as recentes informações: o homem de sobretudo preto havia despertado sua curiosidade acadêmica e lhe relembrado que ainda nutria uma vontade pura de ver o mundo mudar, antes tão adormecida em seu peito que mesmo ele se surpreendeu quando deparou com ela ali, agora, espalhando-se no espaço do carro. Ele imaginou como poderia ser o artefato que César havia desenvolvido. Tinha certa noção de como funcionaria.

O Tórus. A Flor da Vida.

Helena Gouveia. Lembrou-se de como César falava dela 24 horas por dia, com um brilho nos olhos. Talvez a diplomata o ajudasse a solucionar o sentido daquela nota. Talvez ela lhe ajudasse a encontrar um sentido para a vida.

Abdel fitou sua foto de identificação pregada no painel do táxi. O persa que lhe retribuiu o olhar mais parecia um fantasma acabado. O nome abaixo da foto pregada no painel era um ardil para sua alma. O deixara imerso num mundo artificial por anos.

Do lado de fora, a chuva intensificava-se, parecendo acompanhar o ritmo do antigo desejo que lhe crescia a cada segundo. A vontade de voltar para casa. A vontade de mudar o mundo.

Fixou o olhar num ponto à sua frente, entorpecendo-se com o som cadenciado do limpador de para-brisas, deixando que os pulmões absorvessem o máximo de ar, tal como a primeira inalação de quem desperta de um coma.

Após quase uma década, ele preferiu sua verdadeira identidade.

Arash Zarak, iraniano, engenheiro nuclear.

CAPÍTULO 7

— César!!! — gritou Helena para a tela do computador.

Seu mentor estava envelhecido, muito mais do que ela imaginava. O engenheiro não dava notícias fazia três anos, mas Helena podia jurar que, para ele, pelo menos quinze haviam se passado. A câmera tinha uma definição ruim, emprestando ao vídeo um ar de clandestinidade. A imagem não enquadrava o rosto inteiro de César, de modo que seu queixo desaparecia na borda inferior da tela. Seus olhos castanhos, antes vivazes e invariavelmente alegres, agora pareciam opacos, contornados por olheiras profundas e espectrais. A barba por fazer havia se alastrado como um véu branco no rosto. Helena podia perceber que os dentes, de um branco ofuscante da última vez, estavam amarelados. Ao lado de sua cabeça, um cronômetro digital despontou, mostrando quatro dígitos vermelhos: 03min00seg. Então os segundos começaram a se consumir, em uma inexorável contagem regressiva.

— Helena — ele articulou o nome com um pesar que ela nunca ouvira em sua voz —, sei que há muito para explicar. Preciso ser direto, porque não há tempo. Acho que sua conexão será rastreada dentro de pouco mais de dois minutos.

Como? Este é o e-mail mais seguro do mundo!

— Infelizmente não poderei garantir que esteja em segurança a partir do momento em que assistir a este vídeo. Peço que me perdoe. Estou gravando diretamente do Irã. Tudo que vou falar poderá parecer um completo absurdo. Mas, por todas as crises que já vivenciamos juntos, por cada momento de sacrifício pelas minhas ausências, quero que confie em cada palavra vou dizer.

César fez uma pausa e Helena sentiu como se uma corda lhe apertasse a jugular. Ele suspirou profundamente e, quando voltou a falar, seu tom adquiriu o ar professoral de sempre.

— Como você sabe, sempre me debrucei sobre áreas consideradas perigosas para o *status quo*, para o mundo científico tradicional. Recentemente, minhas pesquisas me conduziram a uma descoberta sem precedentes na história da ciência. Ela tem o potencial de afetar toda a humanidade, numa escala que ainda não posso prever com exatidão. Basicamente, é uma tecnologia que levará saúde e riqueza para todos, em igualdade. Muitos outros cientistas têm tentado esse feito no mundo. A única diferença entre nós é apenas o fato de que eu cheguei primeiro. Nada além disso. — Ele parou de falar por alguns instantes. — Eu me refiro à Energia Livre e ao fim da Era dos combustíveis fósseis, gás e carvão.

Helena não podia acreditar no que estava ouvindo. *Como assim, fim da*

Era dos combustíveis fósseis, gás e carvão?

O cronômetro regressivo indicava 01min25seg.

— Também haveria profundas mudanças nas áreas de Saúde, Meio Ambiente e propulsão espacial, por isso, existem forças poderosíssimas que perderiam muito poder e dinheiro com a difusão dessa tecnologia pelo mundo. São essas forças que me perseguem agora.

Helena sentiu um frio inundar o estômago.

Neste momento, César pegou a câmera e girou na cadeira. A imagem ficou distorcida enquanto se movia. Quando entrou em foco outra vez, um objeto apoiado sobre uma mesa se destacou, brilhando na escuridão, como se emitisse luz própria. Era metálico, mas indiscernível àquela distância.

— Helena, este protótipo é um reator de Energia Livre. Este brinquedinho aqui trabalha sem condutor elétrico algum. Pode gerar o equivalente de até dez quilowatts, o necessário para alimentar 100 lâmpadas comuns. Sem custos e eternamente. É só um pequeno exemplo do que se pode fazer com a tecnologia que desenvolvi.

Era impossível agora medir o grau de sua perplexidade diante daquelas informações. Apenas continuou ouvindo.

— O modo como funciona não é importante agora — César prosseguia. — Mas preciso lhe adiantar que descobri a verdade sobre como os campos magnéticos e gravitacionais se comportam. E como consequência, descobri a realidade sobre a Força da Gravidade. Você sabe, desde Newton, esses elementos são considerados a grande interrogação da Física Moderna. Mas, acredite: não há nada de espetacular e mágico sobre a verdade. Ela é simples. Tão simples que a mente humana não acredita.

As palavras revolviam na cabeça de Helena, como se as células neuronais tentassem desesperadas direcionar sinapses nunca antes feitas.

O cronômetro anunciava que restavam apenas trinta segundos. César falava com uma lentidão estudada, como se cada fragmento de frase fosse de extrema relevância.

— Helena, preciso que você divulgue essa tecnologia. Seja na ONU ou em qualquer outro meio oficial que gere credibilidade e repercussão internacional. Temo que roubem a tecnologia e destruam todos os vestígios das minhas pesquisas nos próximos dias. Não tenho interesse em guardar esse conhecimento para mim, tampouco quero tirar dele vantagens financeiras. Não me pertence. É patrimônio da humanidade. E ela merece ter acesso a essa informação de graça.

Dez segundos.

César se aproximou e fixou o olhar profundamente na câmera, como se procurasse o rosto de Helena. Ela viu um mar de solidão por trás das íris

castanhas do velho amigo. Ofegante, agarrou as laterais do monitor com as duas mãos.

— Oh, Meu Deus, César!

— Helena, no templo da Chama Eterna, siga os Elementos. Os arabescos no espelho da alma explicam o Tórus. Esfahan é a terra da Geometria Sagrada. Ciro, o Grande, e Ferdowsi indicam sua maior representação. O primeiro passo é em Teerã. E sob nenhuma circunstância, revele estas informações a alguém.

O quê?!

Dois segundos.

César sorriu e disse:

— Lembre-se disso até o final: A chave de tudo é o conhecimento, e só você pode trazê-lo ao mundo.

Perdoe-me pela ausência. Foi apenas para lhe proteger. Amo você, querida. Então a tela ficou negra como as trevas.

Helena se deparou novamente com sua própria expressão distorcida no monitor. Tinha os olhos cravados na tela, marejados de lágrimas, imóveis e vítreos como os de uma boneca, as mãos ainda segurando com força o computador. Sentia uma mistura de medo, descrença, vulnerabilidade e indecisão. Ela se recostou na cadeira e, como para se situar no tempo e espaço, ficou olhando ao redor, parecendo imersa num estado de profunda hipnose.

Chama Eterna, Energia Livre, Geometria Sagrada, campos magnéticos e gravitacionais, fim da Era dos combustíveis fósseis, Esfahan, Teerã... Palavras e termos revolveram sua mente num turbilhão, martelando suas têmporas e gritando para que voltasse à realidade.

Ela reuniu toda a coragem que pôde para conter as lágrimas. Precisava ponderar tudo o que ouvira, pensar nas palavras de César sem que fosse dominada pela emoção.

Ele havia descoberto uma forma de acabar com a queima de combustíveis fósseis para produzir energia. E, por essa razão, estava sendo perseguido.

Por quem, Santo Deus?!

Além disso, teria construído um artefato que garantia prosperidade, saúde e riqueza para a humanidade. Segundo o próprio César, não só era muito real como ele corria risco de vida em razão dela, e seu desejo era que Helena a revelasse ao mundo na ONU. Antes disso, ela deveria ir até Teerã, onde, presumia, estava o tal protótipo.

Mas por que César não pegou um avião e veio embora assim que inventou essa coisa?

Helena viu-se repentinamente tragada pela solidão.

Massageou as têmporas, esforçando-se para lembrar-se da penúltima frase

em que César falara de maneira aparentemente metafórica.

No templo da Chama Eterna, siga os Elementos. Os arabescos no Espelho D'água explicam o Tórus...Só você pode trazê-lo ao mundo...

Ela não fazia ideia do que era Ferdowsi, ou Tórus, por exemplo. Poderia ter uma vaga lembrança de Ciro, o Grande, imperador da Pérsia, numa referência longínqua às suas aulas de História Política. E por que César não foi direto ao ponto? Tudo era vago e sem sentido. A única maneira de descobrir era indo atrás dele. Voando para o último país onde ela esperaria colocar os pés no momento.

Helena poderia acessar instrumentos que favorecessem a busca do engenheiro nuclear rapidamente. Seus contatos dentro da ONU e nas agências de segurança de vários países poderiam dar uma mão. Mas César havia sido enfático quando disse que ela não deveria abrir a boca sobre o vídeo.

Quando percebeu que seus esforços seriam a única salvação de César, seu organismo reativou a onda de adrenalina que estava vivenciando nos últimos minutos e Helena quase pulou da cadeira, disposta a fazer qualquer coisa para amparar seu antigo protetor.

Neste momento o telefone tocou, retinindo em seu escritório.

Os músculos de Helena se contraíram.

O aparelho exclusivo da ONU.

Assim que o Brasil passara a integrar o seleto grupo dos países com poder de veto no Conselho, um telefone preto, de uso exclusivo da ONU, fora instalado em sua residência, para o caso de haver alguma emergência. Tratava-se de uma linha absolutamente segura. A ideia não era nova: a Casa Branca, assim como a CIA, a KGB e o Mossad, possuíam sistemas de comunicação idênticos, ligando membros proeminentes aos principais centros de operação. Quando decisões inadiáveis se impunham, o fato dos líderes se encontrarem em casa não representava obstáculo algum.

Desde que fora fixado na parede de seu escritório, era a primeira vez que o telefone tocava.

Helena se encaminhou para o aparelho. *Uma emergência na ONU?* — ela pensou.

Atendeu, esforçando-se para evitar expor a voz embargada.

— Helena Gouveia falando.

— Helena?

— Sim.

O sotaque neozelandês da Secretária Geral da ONU se fez ouvir do outro lado.

— Precisamos conversar. Agora.

CAPÍTULO 8

Helena não pregara o olho durante as oito horas de voo. Através da janela do jato Learjet 55 da ONU, observava aflita o emaranhado de arranha-céus de Nova York lá embaixo, debaixo do sol do começo da manhã e seus contrastes com o estuário do Rio Hudson. Não sabia exatamente a razão, mas sempre achou espetacular o encontro do natural com o urbano, uma sincronia perfeita, o azul do rio refletindo raios de sol nas vidraças dos edifícios. Agora, porém, a paisagem da metrópole lhe despertava um medo intenso.

A ligação emergencial de Doroth Morgan não era esperada.

Um nó envolveu seu estômago. Foi até o banheiro para renovar a maquiagem antes do pouso e tentar encobrir a olheira que agora a marcava com uma sombra. Lavou o rosto e repousou as duas mãos na pia, encarando seu corpo cansado no espelho. Embora não representasse o modelo da beleza vigente, Helena tinha um charme peculiar. Seus olhos castanhos claros eram penetrantes, mas ao mesmo tempo sutis, sobressaindo-se no rosto alvo e delicado. Talvez fosse essa contradição que lhe concedesse uma sensualidade meiga, porém intensa. Um ar exótico. Os cabelos castanhos formavam uma curva suave para dentro, descendo com elegância até a base do pescoço, num corte estilo Chanel.

Sempre preocupada com a compleição física, mantinha cuidadosamente um corpo rijo nas sessões diárias de *crossfit*, uma nova modalidade de exercícios feitos em casa e, não raro, nos hotéis onde se hospedava pelo mundo. Uma junção de agachamentos, flexões, abdominais e alteres feitos sem descanso num espaço de vinte minutos. Perfeitos para sua vida sempre recheada de compromissos e viagens. A clareza mental e a disposição física que o *crossfit* proporcionava eram impagáveis. Aos 46 anos, Helena tinha a aparência de 36. Mesmo com essas qualidades, não tinha um parceiro havia algum tempo. No entanto, não se importava muito naquele momento da vida. No auge da carreira, ela sentia que diplomacia não a frustrava tanto quanto os homens.

Mas agora qualquer qualidade física parecia uma realidade distante. *Pareço um zumbi*. Em menos de um dia, sua vida havia virado de cabeça para baixo. César e Doroth Morgan eram os responsáveis por isso. A conversa pelo telefone privativo com a Secretária Geral da ONU, ainda no Brasil, fora perturbadora e inquietante.

— Helena, nossa Comissão de analistas encontrou várias evidências sobre a presença de armas nucleares na fábrica de mísseis de Esfahan. Você deve vir para Nova York. Preciso conversar com você pessoalmente.

Helena teve que sentar-se com o impacto da notícia.

Então o homem que me ligou dizia a verdade!

Com o ar preso nos pulmões, ela esforçou-se para encadear logicamente aqueles elementos. Disparou a pergunta mais óbvia que lhe veio à mente:

— Em que consistem exatamente essas evidências?

— Melhor você saber pessoalmente.

— E a posição de Washington?

— Sabemos muito bem que a reação do presidente sempre atenderá às diretrizes do protocolo de segurança nacional. Por se tratar de um país enquadrado no eixo do mal dos Estados Unidos, os métodos aplicáveis certamente não incluem o diálogo. Apenas uma intervenção militar, ostensiva e imediata. Porém, embora a maioria dos membros do governo pareçam cães à espera de se livrarem da coleira para avançar na presa, temos pessoas lá dentro que não querem a intervenção.

— O presidente do Brasil provavelmente adotará...

— Não, Helena. Somente nós e a cúpula do governo dos Estados Unidos temos ciência até o momento deste fato. Nenhum outro país sabe.

Helena ficou inconformada.

— Doroth, é claro que você tem o mínimo de noção das implicações do que está dizendo, não? É um absurdo o presidente dos EUA ter exclusividade sobre a informação, enquanto nenhum outro sequer suspeita dela!

— Entendo. Mas por alguma razão essa notícia vazou para o Pentágono. Era para haver sido restrita a nós.

— Então é óbvio que os comissários que você enviou vazaram a notícia — replicou Helena, categórica.

— Isso é impossível. A Comissão foi composta por três membros. Não há ninguém dentro da ONU além de nós que saiba dos achados. E veja: todos os três componentes da comissão foram escolhidos a dedo por mim. Selecionei-os após anos de convivência dentro dos departamentos nos quais trabalhei, para o caso de ocorrer esse tipo de quadro. Tenho plena convicção de que o sigilo estava no grau mais alto na escala de importância da missão.

Apesar da notícia, a voz de Doroth emanava a autoridade e a segurança típicas de uma grande diplomata. Helena confiava na sua palavra. Seus vinte anos no ramo faziam dela uma orientadora para Helena, um exemplo de ponderação e prudência.

Helena tentou raciocinar:

— Qual é a proporção das evidências?

— Catastróficas.

Ela estremeceu.

— Certo. E a imprensa?

— Estou me esforçando para que esta informação não vaze, pelo menos

até nós duas decidirmos o que fazer.

— Mas que diferença faz?

— Precisamos conversar. Vamos nos reunir longe da imprensa, a princípio. Helena, ouça: É a primeira vez desde a fundação da ONU que somos portadores de informações que podem levar a uma intervenção militar direta em algum país. Como você bem sabe, os EUA e a Inglaterra sempre lideraram essas ações. Devemos ser prudentes. Nossos esforços objetivam a paz e não a guerra. Por enquanto, nem todos os países membros do Conselho precisam saber dessa história. Mesmo os seus Chefes de Estado não saberão antes de averiguarmos os procedimentos que usaremos no Irã. — Houve um pequeno silêncio na linha. — Veja bem, não quero prolongar o assunto. Venha para Nova York agora. Lembre-se: essa informação ainda é muito restrita.

Helena duvidava disso.

Antes que pudesse argumentar, a linha ficou muda. Doroth havia desligado.

Engolidas pelo presente, as lembranças começaram a se dissolver quando Helena sentou-se de volta na poltrona do Learjet e afivelou o cinto de segurança. No percurso, tentou dividir as atenções entre as duas notícias alarmantes que recebera, mas o nível de importância sempre pendia para César. Por diversas vezes esforçava-se para se recordar de tudo que ele havia falado no vídeo e tomava nota de suas lembranças. *Helena, no templo da Chama Eterna, siga os Elementos. Os arabescos no espelho da alma explicam o Tórus. Esfahan é a terra da Geometria Sagrada. Ciro, o Grande, e Ferdowsi indicam sua maior representação... Lembre-se: a chave de tudo é o conhecimento, e só você pode trazê-lo ao mundo.*

César indicara Teerã como primeiro destino, e o que acontecia agora é que Helena estava prestes a aterrissar no oposto mais extremo do destino que ele indicara. Contudo, não tinha escolha a não ser seguir as orientações de Doroth Morgan.

O mais intrigante de tudo era que o homem misterioso que ligara para ela ainda no Brasil havia previsto exatamente aquela notícia. Quem ele seria? E como concluiria que a notícia era falsa?

Tentou ligar os pontos das informações da noite passada.

Não é possível que César e a notícia de armas nucleares no Irã estejam interligados!

De qualquer forma, o procedimento de Doroth parecia correto para o momento: segredo absoluto. Dependendo do nível de gravidade das supostas evidências, o Conselho de Segurança poderia convocar de um dia para o outro uma sessão especial da Assembleia Geral da ONU. Todos os países membros

reunidos para discutir uma possível guerra. Teve a sensação de que seus anos de estudo da Diplomacia pareciam matéria de primário diante da atual situação.

A atenção dela voltou-se para a chamada do comandante no comunicador interno:

— Com licença, senhora Gouveia, estamos na fase final de aproximação do aeroporto John F. Kennedy. A temperatura em Nova York é de dezessete graus. Tenha um bom fim de semana.

Nova York, pensou. Pela primeira vez em anos, Helena não sabia o que esperar daquela cidade.

CAPÍTULO 9

O helicóptero utilitário Mi-8M da Guarda Revolucionária voava a duzentos pés, abaixo da linha de detecção de radar, no *modo silencioso* e sem luz alguma. César Montenegro estava sentado, suando frio, apesar do vento forte revolver seus cabelos brancos. Os pulsos amarrados latejavam atrás das costas e sua respiração doía, descompassada.

A voz do general veio ácida por cima da ventania:

— Senhor Montenegro, estive pensando sobre sua situação... — O oficial tinha uma expressão intimidadora no rosto barbado. Quatro soldados da Força Qods que envergavam uniformes pretos e máscaras-ninja o ladeavam, sentados com suas metralhadoras entre as pernas, os olhares vazios, fixos em algum ponto em sua direção. — O governo do Irã lhe forneceu subsídios, uma estrutura de altíssimo nível que se incluem no círculo mais sigiloso do orçamento militar, e o senhor pretendia levar a tecnologia para fora de nosso território? Como pôde considerar essa possibilidade?

César não respondeu.

O homem continuou seu discurso num persa bem rouco:

— O senhor intencionava aplicar um golpe logo nesta pátria que lhe adotou com calor humano e lhe deu tudo, principalmente dignidade e confiança por tantos anos? É claro que nosso governo vai considerá-lo um traidor. O senhor passou muitos anos aqui e creio que conhece a punição para crimes de traição da pátria, estou certo?

César percebeu uma mudança na corrente de ar e em seguida a aeronave fez uma curva à direita, reduzindo altitude. Resolveu soltar apenas uma frase, um sussurro quase inaudível dissolvendo-se no vento:

— O único dono da tecnologia é a humanidade.

— Sim, ela será. Através do governo do Irã. — Lembre-se que apedrejamento é a punição mais simples para traição da pátria no Irã.

As palavras do general perderam-se no som das hélices. César percebeu que logo abaixo, na semiescuridão que antecedia o amanhecer, o destino final se delineava. *Usina de enriquecimento de Urânio de Esfahan. Eles vieram pegar o protótipo.*

Quando pousaram diante da entrada, os rotores reduziram a força e os quatro vultos saíram da inércia. Pularam do helicóptero e trotaram até o portão, executando movimentos idênticos, como se munidos de uma única consciência coletiva. Depois de ordenar ao piloto que permanecesse no aparelho, o general ergueu César. Empurrou-o para fora, enquanto a lufada de ar das hélices volvia seus cabelos, as pontas dos dedos formigando atrás de si. O ar frio da madrugada

entrou pelas narinas, gelando-o até os pulmões e fazendo-o esquecer de que, dentro de pouco mais de uma hora, o verão de Esfahan daria mais uma demonstração de sua letalidade.

Depois de se depararem com um grande portão de aço, o general acionou uma série de comandos eletrônicos.

O portão revelou um pequeno saguão de onde se destacavam dois elevadores. César os utilizava todos os dias há mais de três anos.

Mergulharam cem metros em direção ao centro da Terra. Dois minutos depois tiveram acesso ao grande salão amplo de computadores. Munido de equipamentos de última geração, o espaço recendia a uma limpeza impecável e esterilizada num ambiente bem refrigerado.

— O senhor sabe o que deve fazer agora — disse o general, de frente para ele. — Solte-o — ordenou a um dos soldados.

César sentiu um alívio momentâneo quando seus braços ficaram livres. Apertou os pulsos para lhes devolver a circulação natural e pôs-se à frente do grupo. Superaram dois corredores longos. Os cinco homens o seguiram até a porta onde ficava seu laboratório. Ele abriu uma grande porta de aço.

E lá dentro, outra.

Então chegou a uma estante de aço duplo e fixou os olhos castanhos no leitor óptico. A estrutura abriu-se com um silvo agudo, revelando um pequeno artefato, iluminado por uma lâmpada interna. César pegou-o com as duas mãos e colocou-o em cima da mesa.

— Aí está — disse, num tom desolado.

O general abriu um sorriso mordaz.

— Não me faça perder tempo, César. Faça-o funcionar. Agora.

Sem esperanças de lutar, ele obedeceu. Ativou o artefato e observou o sorriso de satisfação no rosto do general, seus olhos fixos no protótipo, reluzindo a luz da chama eterna.

Só depois de um longo instante admirando aquela obra prima, que ele voltou à expressão austera.

— Vamos — ordenou o general, antes de girar nos calcanhares rumo à saída. Ele fez um gesto com a cabeça para um dos soldados que enlaçou as mãos de César atrás das costas outra vez. Sem forças para protestar, deixou-se arrastar até a saída.

César mal registrou os minutos seguintes de volta à superfície. Perguntou-se Helena e Arash haviam recebido o recado. Sentiu o coração sangrar quando imaginou que poderia ter arriscado *também* a vida deles por sua causa. Enquanto superava os corredores com o olhar fixo no chão, pediu perdão mentalmente aos dois, iludindo-se de que seu pensamento chegaria a eles através de um milagre

quântico, milhares de quilômetros dali.

Perguntou-se sobre a forma como seria morto. *Será que vou levar um tiro na cabeça e ser jogado no deserto, ou terei uma morte lenta?*

Voltou em si quando a grande porta de aço se fechou atrás do grupo com um clique ressequido. Uma luminosidade crua predominava na manhã e o sol, ainda tímido, já trazia consigo uma brisa quente e seca. César apertou as pálpebras para se adaptar à claridade e, no mesmo segundo, perguntou-se se já havia sido morto e se achava em algum lugar entre o limbo e o céu.

Ao erguer a cabeça, teve a visão mais espetacular de sua vida.

A cena era tão impressionante que até os soldados com seus olhares cadavéricos não conseguiram conter o susto, transformados por baixo da touca ninja.

Acima de suas cabeças, uma imensa nuvem, preenchida de tons lilases, azuis e predominantemente verdes, oscilava contra o céu azul, parecendo não se preocupar com os primeiros raios de sol que subiam na linha do horizonte ao fundo. *Que alucinação é essa?*

Todavia, seu racional lhe dizia que aquilo só poderia ser uma coisa: o fenômeno mais espetacular da Terra, algo totalmente impossível de ocorrer naquela região do mundo.

Tratava-se de uma Aurora Boreal.

Nesse instante, ouviu um baque seco no seu lado esquerdo. Em seguida, no direito. Dois dos soldados caíam no chão, inertes. Uma poça de sangue espalhou-se, formando um halo ao redor de suas cabeças. O homem que o escoltava puxou o fuzil e abriu fogo, mas antes de completar a primeira saraivada, sua cabeça foi jogada para trás por uma força invisível, estatelando-se na terra.

O último soldado soltou o protótipo no ar, enquanto tombava sem vida. Estonteado, César dobrou os joelhos, atirando o peito contra a terra e procurou o general. Então percebeu que a silhueta parruda do comandante caía como um saco de estreme no chão, abatido pelo tiro invisível.

Foi então que ele viu.

Saindo de trás do helicóptero, um homem magro e fardado precipitava-se em sua direção com o caminhar de um réptil do deserto. César pensou estar alucinando quando reparou que ele levava uma câmera fotográfica pendurada no pescoço.

Então percebeu que era a vez dele.

Os braços presos atrás de si o impediam de pular num dos soldados caídos do seu lado e pegar uma arma. Não havia obstáculos onde se esconder num raio de, pelo menos, cem metros. Atrás dele, lá no fundo, uma grade separava a área

dos grandes túneis do complexo nuclear principal. Tudo em torno consistia num chão terroso e sem vida.

Sem saída.

Levantou a cabeça. Vislumbrou novamente a maravilha acima. Um quadro pintado por Deus para aquele momento.

A figura avultou-se junto dele e César reparou no seu rosto.

Um homem oriental.

Seus olhos repuxados o aterrorizaram por baixo da boina caída de lado na cabeça. *A frieza de um assassino.* Pequenas rugas despontavam contra mechas grisalhas no cabelo curto. Embora visualmente magro, levantou César facilmente com uma das mãos. Sua voz veio rascante:

— Vamos, senhor Montenegro. Tenho pouco tempo.

Então uma dor que jamais sentira subiu-lhe pela nuca, enevoando sua visão. A última coisa que César discerniu foi o rosto asiático do homem, fitando-o de cima, emoldurado por um espetáculo inexprimível de cores no céu. *Os portais do paraíso*, disse uma voz na cabeça, antes de sua consciência ser engolida pela escuridão.

CAPÍTULO 10

Cinquenta minutos se passaram desde que uma exaurida e angustiada Helena Gouveia descera no aeroporto John Kennedy e, de helicóptero, chegara à sede da ONU em Nova York. Saíra do Brasil às 22h19min do dia anterior e, agora, menos de doze horas depois encontrava-se no segundo piso do arranha-céu, entre o Conselho de Segurança e as câmaras do Conselho Econômico e Social. Ali, num dos salões de exposição de arte, jazia uma réplica do Cilindro de Ciro. Neste momento ela lia o texto traduzido em inglês escrito na estrutura de acrílico que protegia o documento, um barril de argila cozida de 22,5 cm de comprimento por 10 cm em seu diâmetro máximo:

“... Eu sou Ciro, rei do Universo, o Grande rei, o rei poderoso, rei da Babilônia, rei da Suméria e Akkad, rei dos quatro cantos do mundo...”

Ela havia estudado História o suficiente para saber que aquela fonte em nada serviria para achar César e o tal protótipo de Energia Livre. Só de pensar nessa possibilidade, sentia o peito formigar de aflição.

Ferdowsi e Ciro, o Grande, indicam sua maior representação, lembrou-se ela, revendo mentalmente o vídeo de César... A chave de tudo é o conhecimento... Só você pode trazê-lo...

Como assim somente eu?

Antes da diplomacia, Helena lecionara na UNB, quando ainda era mestrande. Nas aulas de Impérios da Antiguidade, gostava de citar o texto de autoria de Ciro II, que reinou na Pérsia antiga, escrito na caligrafia cuneiforme dos acádios. Ciro conquistara a Babilônia com seu poderoso exército persa, no ano de 539 a.C., sem derramar uma gota de sangue. O objeto foi avaliado pela ONU como a Primeira Declaração dos Direitos Humanos registrada na História. Registrou-se ali a forma como Ciro libertou os escravos, como permitiu que povos exilados pudessem voltar para suas terras e ordenou a restauração dos templos que professavam os mais variados cultos religiosos após a conquista. Helena considerava Ciro um símbolo de tolerância religiosa, generosidade política e humanitária.

Um imperador que ganhou apoio maciço de seu povo por essa atitude, analisava ela. Já não se fazem mais líderes como antigamente.

“... Minhas numerosas tropas marcharam pacificamente na Babilônia...”

Helena lia a tradução do cilindro em uma placa anexada ao vidro que o acondicionava. Esperava que, se fosse necessário que as numerosas tropas da ONU interviessem no Irã, a entidade retribuísse na mesma moeda que os antigos persas usaram com os povos conquistados na Babilônia milênios antes, sem derramar uma gota de sangue. Para isso, o lobby das Nações Unidas deveria ser

perfeito, uma ação organizada de tal maneira que os países interessados numa guerra não tivessem margem para manobra. E a reunião que teria em instantes seria decisiva.

— Helena? — chamou uma voz feminina atrás dela.

Ela se virou, já sabendo que era Doroth Morgan.

Qualquer um que conhecesse somente a voz da Secretária Geral da ONU nunca poderia supor tamanha desproporção com sua compleição física. De forma quase cômica, a neozelandesa apresentava-se com um metro e quarenta e oito compactos; quadrados, sem curvas, guardados num terninho cinza sobre saltos *quinze* da mesma cor. As bochechas eram duas maçãs rosadas que pendiam do rosto e expandiam-se quando sorria, apertando os olhos pequenos e o nariz fino e arrebitado, cuja inclinação desafiava a gravidade.

As franjas louras amarravam-se para trás num topete volumoso. Helena tinha certeza de que a intenção no corte tinha sido o último esforço para torná-la mais alta. Não que Doroth Morgan necessitasse disso para se impor. Diferente da tímida dicção neozelandesa (Helena sempre dizia que aquele povo não abria a boca para falar), Doroth tinha uma voz firme e perfeitamente pontuada. Essas peculiares características faziam da Secretária Geral da ONU uma figura única. E para Helena, uma amiga.

Só que agora seu rosto estava carregado de tensão.

Doroth Morgan sequer a cumprimentou com um abraço. Sozinha, sem a multidão de assessores, a secretária mediu-a de alto a baixo e nem pareceu se preocupar como aspecto cansado de Helena. O que disse em seguida a assustou:

— Venha comigo, rápido — e deu as costas para ela, trotando para o corredor que dava acesso à câmara do Conselho de Segurança. A secretária avançava com o dobro de passadas dela. Helena aumentou o ritmo para diminuir a distância e tentou perguntar:

— Acharam as provas conclusi...

Doroth fez um gesto com a mão, condenando a pergunta. Elas dobraram à direita. Um corredor largo estendia-se à frente. Lá no fundo, a porta dupla de carvalho que dava acesso ao Conselho de Segurança ocupava grande parte da parede, imponente. A Secretária dissimulava um sorriso para as poucas pessoas que passavam por elas.

— O que aconteceu, Doroth?

O rosto redondo da Secretária fechou-se ainda mais quando respondeu:

— Algo terrível acaba de acontecer no Irã.

Helena percebeu seus joelhos estremecerem. *Meu Deus do céu! César!*

— O quê, exatamente?

Doroth a fitou, séria.

— Preciso esclarecer uma coisa antes de decidirmos se vamos precisar de uma sessão especial da Assembleia Geral.

— Você pode adiantar alguma informação?

— É necessário que você interaja com uma pessoa para que compreenda tudo.

Helena tinha um péssimo pressentimento quanto àquela informação. Sua amiga arrastava os dentes no lábio inferior, uma mania de quando se submetia ao stress. Compreensível, afinal, as evidências achadas no Irã e o sigilo que Doroth havia pedido, para Helena, eram inéditos na ONU.

Quando se aproximaram da porta dupla, a Secretária estacou. Helena percebeu que poucas pessoas saíam e entravam das salas adjacentes, focados no trabalho. Apesar da proeminência do cargo das duas, ali dentro representavam tão somente mais *um* cargo. Ela havia aprendido que na ONU a cultura hierárquica não se assemelhava à tradicional, como a de um governo e seu presidente, por exemplo, sempre assediado e centro das atenções.

— O que foi? — quis saber Helena, intrigada.

Doroth abriu a porta para que passassem e, em seguida, fechou-a atrás das duas com um clique. Era a primeira vez que Helena via aquela câmara vazia.

E trancada.

— Temos que estabelecer a comunicação daqui. Há um fluxo incessante de pessoas no meu gabinete, agora.

— Doroth, me diga logo o que está acontecendo...

— Assim que soube da notícia, vim para cá e pedi que meu assessor principal localizasse você. Diante da informação que tenho, não poderia ter ligado para o seu celular quando você chegou. Então fui ao seu encontro.

Em silêncio, Doroth, andou até uma mesa perto da entrada e sentou-se onde havia um *laptop*. Helena fumegava de ansiedade. Doroth mexeu no *mouse*. Um homem negro com o cenho ainda mais sério que o da secretária surgiu, tomando o monitor inteiro.

— Helena, esse é Muambi Zulan, diplomata do Sudão. Um dos meus homens de confiança na Comissão Investigadora no Irã. Ele vai lhe resumir o que sabe. Zulan, pode começar.

A voz do africano era aveludada.

— Desculpe-me por não me apresentar com a cordialidade que merece, senhora presidente. Aqui está um caos. No entanto, preciso esclarecer-lhe alguns pontos antes que você se posicione. Como a senhora sabe, encontramos evidências, eu diria, quase conclusivas de armas nucleares no Irã.

Helena impacientou-se.

— Senhor Zulan, é possível me informar de algo a que ainda não tive

acesso?! — disse ela, lembrando-se da ligação da noite anterior em que o homem misterioso adiantara que ela receberia esta notícia. *E ainda disse que seria falsa.*

— Faz meia hora que recebemos a notícia de que um terremoto atingiu a cidade de Esfahan. Como a senhora se encontrava em voo em plena madrugada, não deve ter sabido disso.

Helena sentiu uma tontura e teve de se sentar na cadeira mais próxima. Zulan continuou:

— A Secretária Doroth preferiu não lhe comunicar via celular porque temos uma dúvida a esclarecer com a senhora antes de começar a reunião com os embaixadores do Conselho de Segurança.

— O que quer dizer? Uma dúvida? O que eu saberia sobre um terremoto em Esfahan?

O homem ignorou a pergunta.

— O tremor chegou a 8.2° na *Escala Richter*. E não atingiu em cheio a cidade, embora tenha causado grandes estragos na periferia. Ainda assim, a administração de Esfahan decretou uma quarentena. Já iniciaram a evacuação em massa.

Helena não entendia o porquê de a informação vir daquela maneira, no salão do Conselho de Segurança às escuras, na presença de Doroth e do comissário enviado ao Irã por meio de uma conexão via internet. Aliás, desde a noite anterior, nada era compreensível.

— Por que estou sabendo deste fato apenas nessas circunstâncias? — Helena questionou a Doroth.

— Helena, a quarentena está em procedimento porque a usina de enriquecimento de urânio nos arredores da cidade foi atingida pelo tremor. Não temos ainda dados, mas já existe um vazamento de material radioativo. A cidade histórica de um milhão e meio de habitantes pode virar uma nova Chernobyl.

Helena sacudiu a cabeça, tentando absorver o que ouvia. Imaginou as possíveis implicações para os planos de paz de Doroth. De repente, lembrou-se de algo estarrecedor. Entorpecida pelas circunstâncias, não recordava que as supostas evidências de armas nucleares foram encontradas exatamente em Esfahan.

Não sabia mais o que pensar.

— É claro que a ONU terá de usar da ajuda humanitária na região. Porém, politicamente, o que me preocupa não é isso. — Doroth pousou a mão no ombro dela e a fitou com profundidade. — Vou ser direta, Helena. Zulan teve acesso a uma lista preliminar dos técnicos e cientistas que se encontravam na usina de Esfahan no momento do terremoto. Ele ficou pasmo ao ler que havia um

brasileiro no local, um funcionário de alto escalão no projeto nuclear iraniano. — Ela apertou os lábios. — Você nunca me disse que César Montenegro trabalhava para o governo do Irã.

Helena precisou de alguns segundos para assimilar aquelas palavras em toda a sua brutalidade. Então uma combinação alarmante de sensações a impregnou, como uma peste maligna que dilacera com rapidez cada célula do corpo: Incredulidade. Perda. Impotência. Por fim, desespero. *César está morto?*

Contudo, necessitava se conter. A informação poderia ser equivocada, e até mesmo falsa. Lembrou-se do vídeo de César: “*Venha para Teerã*”. Helena sabia que Esfahan ficava cerca de quatrocentos quilômetros da capital. É claro que eles se confundiram. Ao mesmo tempo, ela não tinha a menor ideia de qual cidade ele trabalhava. *César tem ajudado o governo do Irã a fabricar armas nucleares?*

Não havia a menor chance.

Apesar das evidências, ela não poderia desconsiderar a ligação inusitada do homem na noite anterior: a notícia era um *false flag*. Uma falsa bandeira, como diziam os teóricos da conspiração, uma mentira cuidadosamente produzida. Tudo aquilo era mentira, inclusive a morte de César. Naquele momento, sentiu que o melhor seria não contar a Doroth sobre a ligação que havia recebido, muito menos revelar algo sobre o vídeo de César.

“*E sob nenhuma circunstância revele essas informações a alguém*”, ele lhe havia dito.

Lutando contra a sensação massacrante, Helena fitou Doroth.

— Não é possível que seja verdade essa informação — disse ela, num sopro de voz.

— Helena, sei que a situação é mais do que complicada. Porém, você entende agora a razão desta reunião? Se souberem que a atual presidente do Conselho de Segurança tem laços com alguém na usina de Esfahan, e ainda, um engenheiro nuclear, a credibilidade da ONU, do Brasil e principalmente a sua irão por água abaixo!

— Doroth, você não está sugerindo que eu tenho conhecimento do que César faz no Irã, está?

Doroth lhe lançou um olhar pesaroso. Abriu uma aba na internet e lhe mostrou uma notícia da CNN em letras garrafais:

ENGENHEIRO NUCLEAR BRASILEIRO TRABALHAVA NA USINA NO
MOMENTO DA CATÁSTROFE.

Doroth virou-se para ela.

— Eu não, Helena. Mas dentro de alguns minutos, o mundo inteiro vai sugerir.

CAPÍTULO 11

Naquele exato momento, às margens do Rio *Potomac*, Ronald Jay Campbell bebericava um cappuccino amargo e observava seu reflexo esguio de pé na vidraça fumê que dava para o pátio central do Pentágono. Prevenido, sabia que a ausência do presidente dos EUA e de seu vice na reunião que começaria em instantes lhe concedia, naturalmente — como se por um direito adquirido pela experiência —, a função de condutor das estratégias diante da atual crise. O Secretário de Estado, Aaron Huxley — aquele que devia assumir a responsabilidade de intermediador —, não tinha a menor condição de administrar sequer uma reunião de família, tampouco um encontro de tal importância.

Embora já tivesse conhecimento das evidências da ONU, o presidente dos EUA presidia a conferência anual do G8, em Zurique. O vice participava da inauguração de uma plataforma de petróleo na Costa da Califórnia e passaria por mais cinco estados nos próximos quatro dias, com outros compromissos. Além disso, havia algo na agenda dos dois que os distanciava ainda mais da atual crise: ambos se preparavam para as eleições presidenciais e, já há alguns dias, percorriam de dois a três estados por dia. Campbell compreendia que qualquer mudança na agenda oficial de um presidente e de um vice poderia representar um chamariz para a imprensa. Certamente as investigações das causas do desvio de rota seriam inevitáveis.

A mídia sempre é capaz de nos proporcionar a glória na mesma medida em que nos aniquila, pensou ele. *Não é momento de alardear.*

Na última hora, porém, era impossível que o mundo não voltasse os olhos para Irã. Um terremoto que deixara Campbell e todo o planeta aturdido atingira exatamente a cidade onde a ONU havia alegado existir evidências de armas nucleares. Com isso, a ONU não conseguiria conduzir a crise sozinha. Provavelmente a pressão seria intensa por parte dos EUA e Israel. Outra porção de países iria oferecer ajuda humanitária à região, o que poderia tornar o Irã um território internacional num piscar de olhos. Um novo Iraque.

E um país ocupado por forças estrangeiras é um país perdido para a Guerra Civil.

Assim como todas as agências de segurança dos EUA, Campbell também não sabia em que estágio se encontrava o projeto nuclear iraniano. Talvez eles nem tivessem iniciado o programa. *Mas também é imaginável que já possuam até mesmo ogivas apontadas para cá.*

Tudo nesse episódio era um manto sombrio e ameaçador. Mesmo para Ronald Jay Campbell.

Mas nenhum outro fato o preocupava tanto quanto este: pelas últimas informações, a cidade de Esfahan poderia ser devorada pela radiação em poucos dias. Isso impossibilitaria uma inspeção adequada na Fábrica de Mísseis da cidade, onde a Comissão Investigativa achara as evidências. Sem as provas conclusivas, a ONU não teria o poder de ditar as diretrizes para o problema. Era aí que entrariam os EUA e seus aliados. Desde 2005, a América alertava o Irã e o mundo para o programa nuclear do país do Oriente Médio. Agora era o momento chave para que a nação agisse.

Mas aquilo não poderia acontecer.

Campbell sabia que o fato da ONU ter encontrado as evidências significava o mesmo que jogar carne sangrando num mar infestado de tubarões. Aqueles que se interessam pela guerra, sabem que, onde há fumaça, há fogo. No caso do Irã, muito fogo. E mesmo que as Nações Unidas não conseguissem provar de fato, Washington faria o que faz de melhor: daria um jeito de encontrar as evidências, impor a democracia de fato, derrubando o regime islâmico que sufocava aquele povo desde 1979, na Revolução Islâmica.

Em todos os casos, Campbell sempre optava pela saída diplomática. *Eu vivenciei momentos chaves da história em que a diplomacia funcionou*, lembrava-se ele, em referência à Crise dos Mísseis de 62. Todavia, todos naquela mesa concordavam que a via diplomática não funcionaria. O Presidente da Junta dos Militares, Thomas Wilker, apesar do respeito que aspirava, era a favor da invasão. As forças armadas queriam reaver sua imagem frente aos inúmeros escândalos no Iraque e as ações precipitadas no Afeganistão e Síria. A ocupação do Irã seria a glória do exército americano.

Além disso, o Secretário de Estado, Aaron Jones e os diretores das Agências de Inteligência se posicionavam categoricamente a favor de uma intervenção. Campbell gostaria de observar os acontecimentos das próximas horas para se posicionar. O governo do Irã ainda não havia se pronunciado sobre o terremoto, tampouco sobre as evidências da ONU, que eram um caso secreto apenas de Doroth Morgan e do Pentágono.

Essa inclusive, era a maior das inquietações de Campbell: A realidade de que as inteligências da Rússia, China, Israel e Inglaterra estavam surpreendentemente caladas até agora.

Ou caladas, ou desprovidas da informação, pensou ele.

Embora achasse quase impossível, Campbell preferia pensar que a notícia estivesse apenas em posse da ONU e dos EUA.

Os homens adentravam a sala de reuniões, seus rostos absorvidos pela preocupação.

Campbell foi até a mesa, pendurou o paletó preto no encosto da cadeira e

sentou-se, ajeitando o suspensório no ombro.

Vamos lá, segundo round.

Observou o presidente da Junta dos Militares, o general Thomas Wilker entrar na sala. Já ia saudá-lo quando outro homem assomou à porta, um tanto quanto ofegante. Campbell estreitou o olhar para identificá-lo.

Tratava-se do diretor da DARPA, Christopher Lott, que adentrou a sala com o que parecia um pen drive na mão. Em seguida dois agentes do serviço secreto, seguranças dentro do Pentágono, apareceram na porta um tanto quanto desconcertados e olharam para Campbell como se não soubessem o que estava acontecendo.

Lott burlou a segurança?

— Senhores — disse Lott, o rosto exalando ansiedade. — Perdoe-me pela intromissão, mas necessito lhes apresentar algo que pode evitar um conflito no Irã.

— Que maluquice é essa, Lott?! — exclamou o Secretário de Estado, Aaron Jones. — Sua posição na hierarquia não lhe permite estar aqui. O que está...

Campbell o cortou, não abandonando a elegância.

— Senhor Lott — chamou ele com um sorriso amistoso —, o senhor sabe que essa é uma reunião do Conselho. Receio que as novidades *high tech* da DARPA não sejam aproveitadas com o devido valor neste encontro de velhos gagás.

O diretor da DARPA desenhou um sorriso e o cumprimentou com a cabeça.

— Senhor diretor. Senhores. Eu não arriscaria minha reputação para vir aqui sem um motivo muito plausível.

Campbell ponderou por alguns instantes. A DARPA (Agência de Projetos Avançados de Pesquisa de Defesa) da qual Lott era diretor, consistia num órgão do DOD (Departamento de Defesa, ou Pentágono). Ou seja, Christopher Lott devia subordinação a Campbell. Os diretores da CIA e da NSA se entreolhavam, aturdidos. O diretor do Pentágono pescou a razão: os chefes das duas maiores agências de contraespionagem dos Estados Unidos não tinham ciência desse suposto projeto. Estudando Lott, ele reparou que, por trás dos óculos de tartaruga que se apoiavam por sobre uma protuberância no nariz, os olhos do diretor tinham um brilho bem peculiar, de alguém que estava seguro do que dizia. Mas o diretor do Pentágono não imaginava que tipo de invenção milagrosa Lott poderia oferecer da qual ele já não soubesse. Como superior dele, Campbell recebia semanalmente os avanços da agência. No entanto, diante do delicado quadro em que se encontravam, tinha que concordar com o próprio intruso. Ele não se

arriscaria ali à toa. Decidiu que daria uma chance a seu subordinado. Para preencher aquele cargo, Lott já havia passado a muito da fase de sugerir incompetência no que fazia.

— Entre, senhor Lott. — Campbell fez um sinal com a cabeça, dispensando os agentes de segurança.

Aaron Jones se transtornou.

— O presidente desta reunião aqui sou eu, senhor Campbell. Não tenho interesse em...

— Perdoe-me, senhor Jones — disse Lott, cortando-o. Ele correu os olhos pelos homens sentados à mesa. — Senhores, o que tenho para lhes apresentar consiste na maior arma branca e pacífica de todos os tempos, cujo potencial colocará todos os exércitos do planeta juntos na condição de crianças com estilingues nas mãos.

CAPÍTULO 12

Campbell recostou-se na cadeira de couro e afrouxou o nó da gravata. O ar da sala de reuniões do Pentágono havia ficado estranhamente denso. Ele tinha que concordar que a presença de Lott não fazia muito sentido! Qual seria a relação prática de uma suposta arma criada pela DARPA — por mais impactante que ela fosse — com um encontro para tratar de uma crise que *ainda era apenas* política? Lott era um cientista de estimado talento, de reconhecimento mundial. Agora, contudo, não passava de um peixinho de aquário, solto em meio aos tubarões.

Mas talvez Lott fosse a saída que Campbell procurava.

Enquanto isso, o Secretário de Estado, Aaron Jones, e os diretores da NSA, David Johnson, e da CIA, Gareth Tabe, pareciam confusos em suas cadeiras. Apenas Lott estava de pé, as rugas vincadas na testa e o ar intelectual transbordando dos olhos.

Ronald Jay Campbell encarou fixamente Thomas Wilker, o chefe do Estado Maior. O general negro era emoldurado pela bandeira dos EUA disposta em um pedestal e a foto do presidente do país ao lado.

— Campbell, me entusiasma muito saber das inovações da DARPA — começou Wilker. — O *protocolo* desta reunião, porém, não inclui relatórios sobre novas tecnologias. Estamos diante de uma crise, talvez, sem precedentes. — O tom de voz de Wilker tornou-se rígido e ele se dirigiu aos outros homens, um a um. — Não permitiremos que um país incluído no Eixo do Mal execute um programa hostil como o que sugerem as evidências encontradas pela ONU.

— O senhor disse corretamente — contrapôs Campbell. — “Sugerem.” Ainda não há nada palpável. Alguém aqui já viu o relatório da ONU? Eu, não. Passaram-se oito horas desde que foram encontradas as supostas evidências e os senhores já querem agir pensando com as vísceras? O bloqueio econômico e as sanções da ONU já são, tecnicamente, ações de guerra. Podemos recorrer, sim, à diplomacia. Existe a possibilidade de propor uma diminuição dos bloqueios econômicos em troca dos mísseis ou do que seja lá o quê a ONU achou. Existe a possibilidade que Lott quer nos confiar.

— Se a tecnologia é tão poderosa assim — disse Aaron Jones —, então sugiro que esperemos pela presença do homem mais poderoso dentre nós para conhecê-la. E ele se encontra em plena campanha presidencial. Por isso é meu dever representar a vontade dele aqui!

— A história favorece os corajosos — disse Wilker a Campbell. — Nós não podemos ser os homens que pagaram por esperar para ver.

Aaron Jones concordou com a cabeça.

— Seria uma demonstração de fraqueza para toda a comunidade internacional, Ron — disse o Secretário de Estado.

— Nós ainda não sabemos os detalhes, Aaron — disse Campbell, perdendo um pouco a linha. — O que está propondo? Uma simples invasão como se quisesse vingar os espartanos das invasões dos persas antigos?

Jones cruzou os braços e aspirou com força pelo nariz, produzindo um ruído desagradável.

— Senhores — continuou Campbell —, nós *precisamos* esperar o relatório da Comissão da ONU. Não sabemos ainda se são mísseis, ogivas ou bolas de mascar que encontraram! *Precisamos* esgotar todas as vias diplomáticas antes de uma ação efetiva. E nesse meio tempo podemos sim ouvir o que Lott quer nos passar.

O diretor da NSA, David Johnson, um homem franzino à sua esquerda, aparteu:

— Ron, temos que ocupar o Irã e, depois, encontraremos as provas. Exatamente como fizemos no Iraque e tivemos um êxito absoluto.

Campbell respirou fundo e observou aqueles homens. Na realidade a discussão ali não tinha o pano cristalino da verdade. Tratava-se de um jogo de interesses. Cada um deles tinha suas pretensões com a invasão. Desde levantar o moral do exército, passando por ganhar popularidade do governo diante de uma eleição até aumentar o orçamento de sua própria agência. A crise por enquanto só pingava gotas de sangue em um mar agitado. Mas só isso já era suficientemente atrativo para os tubarões do governo.

— Todos já concordam que a via diplomática não funcionará, Ron — disse Jones —, ela é lenta demais e tudo está ocorrendo muito rápido. A tragédia levará ajuda internacional à região e a nuvem radioativa pode atingir à Europa. O senhor propõe diplomacia agora? Não estamos mais na época dos Kennedy!

Campbell apenas meneou a cabeça negativamente, dosando suas estratégias.

— Paz a qualquer preço? Estamos às cegas, Ron! — exclamou o diretor da CIA. — Não sabemos se há uma arma apontada para nossa cabeça nesse instante!

— Senhores, não quero parecer danoso — disse o general Wilker —, mas já temos experiência suficiente com o Oriente Médio para saber que eles só entendem uma língua: a guerra. Por isso, o Estado Maior opina que devemos intervir imediatamente e remover o presidente e os aiatolás.

Campbell percebeu que todos à mesa assentiram. Ele estava remando contra a corrente.

— Então me parece que temos três opções para apresentarmos ao

presidente — disse ele. — Invasão, invasão e... — Ele sorriu, irônico. — Invasão.

— Temos uma quarta — disse Lott. — Acredito que foi por isso que eu vim.

Os homens se voltaram para o diretor da DARPA. A discussão havia se acalorado tanto que os homens pareceram ter ignorado a presença dele.

— Ah, sim, a tal arma — disse Aaron Jones, desinteressado.

— Podemos fazer uso de nossa bomba virtual — Lott disse com um entusiasmo seguro. — Nossa arma cibernética de destruição em massa.

— E o que isso precisamente quer dizer, senhor Lott? — perguntou Wilker.

— Que o Flame viraria brinquedo de criança.

Campbell sentiu o corpo afundar na cadeira. Não esperava que fosse lidar com aquele assunto tão cedo, novamente.

Em junho de 2010, os técnicos de uma empresa de antivírus, a [VirusBlokAda](#), descobriram no computador de um cliente iraniano o vírus mais mortal e poderoso de todos os tempos, o Flame. Através de um pen drive, ele havia sido inoculado intencionalmente no sistema de centrífugas da usina de conversão de urânio de Natanz, região central do Irã. Mais de mil centrífugas simplesmente racharam por causa do excesso de produção dos rotores que o vírus estimulava, sem denunciar o risco. Parte da estrutura da usina ficara desabilitada por um bom tempo.

Toda a comunidade internacional sabia que apenas dois países teriam estrutura e motivos reais para conceber tão poderoso projeto: EUA e Israel. Ou seja, a CIA e o Mossad. Campbell aprovara com veemência a atuação do Flame, uma vez que não haveria o risco de baixas civis e possivelmente o plano seria tão prático quanto uma ação militar direta. Sua existência é claro, foi negada pelos dois países.

Pelo jeito, Lott havia projetado com os hackers da DARPA algo ainda mais impactante. Mas porque Campbell não fora avisado com antecedência sobre o projeto? Ainda havia a possibilidade, é claro, de consultar o presidente, mas Campbell pensou que dos males apresentados pelos homens naquela sala, o que estava em pé à sua frente poderia ser mesmo o menor.

— Tudo bem, senhor Lott — disse Aaron Jones a seu lado, em fim. — O senhor tem exatamente cinco minutos para nos explicar que *diabos* de arma pacífica é essa.

CAPÍTULO 13

Campbell uniu as mãos em forma de prece sobre a boca, focado no silêncio de surpresa que se seguiu na sala após a exposição de Lott. Pasma, o secretário de defesa não podia negar que a ferramenta que o diretor da DARPA acabara de apresentar atingia escalas impensáveis para o mundo da tecnologia digital e para a guerra cibernética. Se a ideia do cientista fosse utilizada agora, no começo da crise, poderia *sim* evitar algo pior.

Talvez impedisse uma guerra física de proporções amedrontadoras.

No entanto ele tinha total ciência de que a natureza pacífica e salvadora do chamado *Flame II* não garantiria que ele fosse colocado em prática. Sequer garantiria que fosse aprovado pelo governo e declarado válido. Isso porque até o irreparável patriotismo de Campbell tinha que admitir que a política sempre era decidida em um implacável jogo de interesses.

A explicação era simples: em linhas gerais, para a elite governante, não havia lucro com a paz. E a característica básica do *Flame II* era evitar uma guerra física. Sem tiros, sem bombas, sem mortes diretas. Sem pólvora, logo sem derivados do Petróleo. *A indústria bélica é a mais poderosa e lucrativa do mundo.*

E por isso, pela experiência de Campbell, cada autoridade presente naquela reunião defenderia a ferro e fogo a partir de agora o seu espaço.

À esquerda, o Secretário de Estado Aaron Jones utilizava da prerrogativa de representar o presidente e o vice para exalar sua arrogância.

— Interessante — disse Aaron Jones — vou relevar sua intromissão em uma reunião do alto escalão e lhe digo: eu mesmo me encarregarei de repassar seu relatório para o presidente e o vice depois que eles voltarem da turnê da campanha presidencial. Mas confesso que agora temos que discutir ações... digamos... menos subjetivas... algo mais direto, eu diria.

Disperso, pensou Campbell. É claro, a crise política era uma ótima oportunidade para o governo se sair bem em um conflito. Dentro de poucas horas, o mundo iria pedir a intervenção no cadavérico Irã que, embora estivesse destruído psicologicamente por um terremoto em uma cidade importante do país, sempre fora um cavalo indomável, capaz de planos que nem a inteligência americana era capaz de investigar.

— Algo mais direto? O senhor se refere a uma invasão, não é? — Lott contrapôs Jones, parecendo entender a posição dúbia do secretário de Estado. Embora houvesse replicado a um superior, a pergunta não teve um tom de afronta.

— Sim — respondeu Jones. — Nada ainda superou a intimidação através

da força militar. Mas essa é apenas a minha opinião. Precisamos ouvir o presidente.

— Também mantenho minha posição — declarou o diretor da CIA. — Como especialista na operacionalização de missões ostensivas em campo, estou certo de que qualquer erro acarretaria prejuízos financeiros, sem falar na crise política, caso os fatos dessa operação vazem. — Ele encarou o diretor da DARPA. — E nesse caso será prejuízo para o senhor, senhor Lott. Um projeto novo como esse certamente precisa de mais tempo na geladeira antes de sair para o forno, assim, tão cru.

Fugidio, pensou Campbell. *Ele prefere ver o circo pegar fogo a ousar algo novo.*

— Senhor Lott — Wilker disse —, esse assunto deve ser deliberado diante de um conselho em que esteja o presidente e uma representante do Congresso. Até lá, nossa obrigação é tapar o buraco desta ferida terrível que se abriu no Oriente Médio.

Astuto, disse a si mesmo Campbell. Wilker tinha muito a ganhar com a invasão. O exército precisava de modo urgente de um combustível moral. E isso representava mais poder a seu maior líder. Ele. O Presidente da Junta dos Militares demonstrava uma estranha preocupação que se desenhava sobre ele em forma de linhas horizontais na testa negra.

Lott deveria tomar cuidado, aqueles homens eram capazes de torná-lo em um peão no jogo político.

— Realmente, não há pares no mundo hoje diante desta tecnologia, senhores — disse o diretor da NSA David Johnson. — Mas concordo com Gareth. É prematuro pensar em uma operação tão delicada e dessa magnitude em uma crise da qual sequer sabemos onde diabos estão essas armas nucleares.

Certo, pensou Campbell. *Então estou sozinho de novo nessa.*

— Em quanto tempo o Flame II pode se tornar operacional, senhor Lott? — indagou Campbell.

Lott abriu um sorriso orgulhoso.

— Com todo respeito, senhor. Eu jamais viria aqui sem ter a mais absoluta convicção que o Flame II poderia ser iniciado a qualquer momento. Só preciso de um comando do presidente.

Campbell não pôde deixar de admirar a eficiência do diretor da DARPA. Saíra da sede de sua agência na Virgínia só para repassar, com uma simplicidade incrível, aquelas informações. Admirável. Ao mesmo tempo em que Campbell sentia-se aliviado por ter se deparado com uma alternativa como aquela, tinha certeza de que, a depender daquela mesa, o assunto seria engavetado.

Observou seu próprio reflexo turvo na reluzente mesa de mogno da sala de

reuniões do Pentágono. Mais uma vez, percebeu que aquele encontro não escolheria outro fim senão a guerra. Ele desenvolvera ao longo dos anos a clarividência política necessária para saber que a situação evoluiria até um ponto em que ele seria empurrado contra a parede e se limitasse a um voto vencido. Campbell percebeu que precisava saber de tudo diretamente com o responsável pelas informações que tinham até agora.

Agiria como à moda antiga. Uma visita à Secretária Geral da ONU, Dorothea Morgan. Queria ver, olhar nos olhos dela, e analisar os relatórios oficiais que acusavam o Irã de deter armas nucleares. A autoridade de sua idade lhe permitia alguns luxos. A quebra de protocolo eram uma delas.

Discretamente, ele pegou uma pequena folha de anotações e escreveu:

“Vá para Virgínia. Te encontro na sede da DARPA em algumas horas.”

— Muito bem, senhores — disse ele, levantando-se e correndo os olhos pelas expressões aturdidadas dos homens. — Não me esperem para o almoço.

— O que pretende fazer, Ron? — perguntou Aaron Jones.

— Agir como nos velhos tempos, Aaron. Vou direto à fonte.

Quando passou por Lott, que estava de pé diante da mesa, estendeu a mão, escondendo o bilhete entre os dedos.

— Muito obrigado pela explanação doutor — agradeceu Campbell, notando o ar de surpresa nos olhos do diretor da DARPA ao sentir o bilhete na mão.

— Foi... foi... um prazer, senhor — retribuiu ele, claramente desconcertado, antes de afundar de maneira discreta o bilhete no bolso da calça social.

Dando as costas para o grupo, Campbell sentia-se com os ânimos refeitos. Sim, era possível. *Flame. Chama*, pensou ele. *Uma chama de esperança ainda subsiste.*

CAPÍTULO 14

Em Esfahan, sob a luz mortiça de um lampião, Pang Meng sentou-se num banco velho e retirou um cigarro do bolso. Nunca fora um vício, mas situações como a que acabara de presenciar exigiam que fizesse uso do tabaco para aliviar a tensão. Acendeu-o na chama, antes de descansar os cotovelos sobre o joelho fixando a parede descascada pelas infiltrações adiante. Já presenciara algumas vezes momentos semelhantes àquele. Nunca de cima, entretanto. *Como Deus assistindo à destruição do mundo.*

Revia em sua mente a catástrofe que se desenrolara sob seus pés minutos atrás, assim que decolara com o helicóptero que havia roubado da Guarda Revolucionária.

Exatamente num átimo de segundo após a decolagem, o chão tremera fortemente abaixo do aparelho. Meng reparou que a torre central da usina se partia ao meio. Uma fenda rasgou o chão terroso em uma área perto da usina, como um monstro do apocalipse em fúria. Ele havia puxado o manche com força, subindo a duzentos pés e tomara a direção da base, cruzando o espaço aéreo da cidade. Foi então que a paisagem ficou ainda mais interessante.

A cor característica de Esfahan, um manto bege-mesclado com marrom, coalhou-se de vermelho. Vermelho sangue. Meng vira sucessivas explosões rubro-negras, assomando-se contra o céu azul. Um bosque de casas e pequenos prédios desmanchava-se na periferia, como se feitos de papelão. Outros tantos se incendiavam pela margem da cidade, possivelmente sofrendo com o vazamento de gás. Os grandes minaretes das mesquitas que entrecortavam o horizonte caíam por cima de prédios, ruas e alamedas.

Nas avenidas, automóveis colidiam, formando imensos engavetamentos. Pessoas saíam dos seus carros, tomadas pelo desespero. Meng reparara que vultos negros cruzavam em todas as direções, serpeando entre carros capotados e prédios destruídos, seus mantos esvoaçando atrás de si, como espectros da morte a acossar suas vítimas. Eram as mulheres vestindo seus tradicionais chadores, caçando locais seguros ou acudindo algum ferido pela tragédia. Esse padrão caótico se repetira por mais alguns quilômetros de voo.

Meng havia temido pela integridade de seu esconderijo. Quando pousara, contudo, percebera que a estrutura não havia se abalado com a catástrofe. Afinal, havia sido construída para prevenir ataques de mísseis *Tomahawk* de última geração.

Agora é só esperar esse telefone estranho tocar.

Não demorou muito e um som ecoou na sala fechada. Depois de uma longa tragada, Meng pegou o aparelho caracterizado e atendeu com o

profissionalismo de sempre. Ouviu um chiado agudo na linha e em seguida disse:

— Estou aqui.

— Pelo jeito, escapou da calamidade — disse Xerxes, com a voz robótica. Meng não respondeu.

— Eu disse para não se expor. Você usou o uniforme da guarda revolucionária e roubou o helicóptero.

— Você me contratou por conhecer meus métodos. — objetou Meng. — A liberdade para atuar foi a única exigência que fiz para aceitar a missão.

Seguiu-se uma longa pausa até que Xerxes disse:

— Como você testemunhou, a usina foi seriamente danificada. Ainda não sei das implicações do acidente. Será necessário avançarmos com mais rapidez. Receio que teremos uma força contrária aos nossos objetivos atuando no Irã.

— Quem se colocar no meu caminho morrerá.

— Eu sei, no entanto tenha cautela. São forças ameaçadoras.

Meng duvidava disso. Pondo-se de pé, movimentou a cabeça de forma circular para alongar os músculos do trapézio e do pescoço, estalando-o ruidosamente. Então perguntou:

— Quais forças?

Xerxes lhe contou. E em seguida, a linha ficou muda.

Pela primeira vez em quarenta anos, Meng duvidou do sucesso de uma missão. Nunca concebera que aquela comunidade poderia envolver-se na crise. *Eles me pareciam tão inofensivos.*

Jamais em sua vida ele demonstrou o mínimo interesse sobre o significado do que as agências de inteligência chamam de “o pacote”. O utilitário fundamental do objetivo, a mola mestra de todo o ato. A informação que apenas o alto comando acessava. Meng sempre compreendeu a seriedade da famosa *compartimentagem*. Cada setor da missão tinha ciência apenas do que interessava em sua especialidade. Natural, pensava Meng. Nem mesmo os agentes de campo entendiam a complexidade, em última análise, da inteligência-estratégica e militar. O jogo que ocorria atrás das cortinas dos governos.

O Projeto Manhattan, por exemplo, aquele que produziu as primeiras bombas atômicas dos Estados Unidos, empregou mais de cento e trinta mil pessoas. De maneira impressionante, 98% dos empregados não tinha a menor noção do plano monumental para o qual trabalhavam.

Meng não se importava em conhecer apenas a sua parte. Não até agora.

Xerxes havia revelado algo perturbador que havia provocado dúvidas. No entanto, pensando melhor, aquilo não seria entrave para ele. Era irretocavelmente letal no que fazia.

A suspeita que levantara ainda na Praça Naqsh-e Jahan fora precisa: a escala de importância da missão transcenderia um mero conflito entre países. O jogo ali abrangia a sobrevivência mundial.

Quanto à tragédia? Ora, diversas vezes Meng ouvira falar que o Irã se encaixava numa zona propícia a terremotos. Vez ou outra lia notícias sobre tremores que devastavam as cidades do interior e, não raro, locais históricos. Esse atingira com maior intensidade os arredores ao oeste, perto de onde se localizavam as instalações de conversão de urânio, entre Esfahan e Najafabad. Não era preciso ser um especialista em defesa civil para antever o caos que se estabeleceria dali alguns minutos. Meng queria assistir a tudo de camarote.

Possivelmente a cidade seria evadida. Mal daria tempo para resgatar os feridos. *Seria até bom*, pensou ele, *eu teria paz para finalizar a missão*. Porém, tinha quase certeza de que a usina sofreria com o vazamento de material radioativo. Isso sim representaria um problema.

Sentiu as pálpebras pesarem. O efeito relaxante do tabaco surtira o resultado desejado. Sua pressão baixou. Atirou o cigarro no chão e amassou com o sapato. O próximo passo da missão deveria ser executado com rapidez. Imprevistos aconteceram e tornariam a aparecer.

Porém, toda a sua trajetória resumia-se na improvisação.

CAPÍTULO 15

Helena encarava com espanto a notícia na tela do laptop:

engenheiro nuclear brasileiro trabalhava na usina no momento da catástrofe de esfa han.

Doroth despediu-se de Muambi Zulan e fechou a janela de comunicação. Voltou-se para Helena, as linhas de sua testa profundas de tensão.

— Quando essa notícia foi publicada? — Helena quis saber.

— Na verdade, essa é uma pré-notícia — explicou Doroth. — O editor-chefe da CNN me deve alguns favores. Quando ficou sabendo em primeira mão que havia um brasileiro na usina no momento do episódio, rastreou seus antecedentes e, é claro, chegou facilmente a você. Mesmo me devendo uma, o desgraçado me telefonou mais cedo usando a típica chantagem jornalística, sondando minha reação e meus procedimentos diante da matéria. “*Publico ou não publico?!*” ele me disse com aquela voz irônica. Decidi falar com você antes de qualquer decisão.

Por alguns instantes, Helena perdeu a linha de raciocínio. Ainda que Doroth tivesse se mostrado insensível ao dar a notícia da morte de César e tampouco se esforçara em lhe prestar suas condolências, sempre lhe inspirou confiança. Ela até entendia a frieza da amiga naquele momento conturbado. Todavia, mesmo que a Secretária Geral trabalhasse para camuflar a notícia e tentasse ajudá-la, logo outra emissora chegaria ao mesmo fato. *Era apenas uma questão de tempo*, disse para si.

Com a pulsação latente, Helena lembrou-se da ligação da noite anterior:

“*A única observação que preciso fazer é que esta notícia é um false flag*”, dizia o homem ao telefone. Falsa bandeira. *Uma mentira cuidadosamente produzida.*”

Helena conhecia bem essa estratégia: dar uma versão dos acontecimentos com o intuito de confundir, omitir e provocar medo nas mentes dos que não têm acesso aos verdadeiros fatos. As inteligências e os governos sempre fizeram uso deste artifício para deter o controle das informações.

Essas ações, no entanto, jamais constavam em livros de história.

As evidências de armas no Irã podem ter sido uma grande mentira.

Doroth pousou a mão em seu ombro, mordendo o lábio inferior, os olhos estranhamente frios.

— Helena, sei que a situação é delicada, mas preciso repetir essa pergunta: Você sabia do envolvimento de César com o governo do Irã?

— É claro que não, Doroth! Faz quatro anos que não tenho notícias dele! Na verdade, César nunca foi claro comigo sobre o que realmente fazia e nem por onde viajava.

A amiga a encarou por vários segundos, as linhas em sua testa desaparecendo aos poucos. As maçãs no rosto pareceram se enrubescer de uma compreensão maternal.

— Eu acredito.

Aquela frase teve o efeito de uma brisa fresca na face de Helena. Entretanto, a sensação passou logo em seguida quando Doroth completou:

— Gostaria de poder lhe ajudar, mas você entende a situação delicada em que me encontro? Como a comunidade internacional vai acreditar na sua versão, Helena? Como esses vermes da imprensa vão engolir isso?

Helena ponderava exatamente o mesmo.

— Você ainda não tem prova de nada. Somente suposições.

— Não me refiro apenas à credibilidade aqui, Helena. Falo, principalmente, de um possível envolvimento da presidente do Conselho de Segurança com o projeto nuclear iraniano através de um “quase parente” que trabalha para os aiatolás.

— Doroth, só posso lhe garantir que não tenho ciência do que César fazia lá.

— Quero muito acreditar nisso.

As palavras de Doroth corriam no sistema nervoso de Helena como uma corrente elétrica prestes a estourar os circuitos. Se as evidências de armas nucleares se transformassem em provas, no mínimo ela seria intimada por algum tribunal internacional. E, se nesse meio tempo ousasse ir ao Irã e cumprir sua promessa com César (ou sequer saísse dos EUA), ela seria considerada uma fugitiva.

Eu seria uma fugitiva internacional.

Helena balançou a cabeça à procura de um norte. Mas antes que pudesse articular qualquer palavra, a porta dupla de carvalho do Conselho de Segurança se abriu atrás das duas. Trazidos pelo clarão que invadia a sala em um feixe de luz, dois homens de terno escuro entraram no salão. Helena percebeu que Doroth não demonstrou surpresa quando desviou o olhar para o chão e disse:

— Não precisava ser assim, Helena. Realmente, não precisava ser assim.

CAPÍTULO 16

O geólogo Navid Kiahshed jogou os óculos sobre o teclado e descansou as costas na sua cadeira de rodas, preocupado. Os dados que a ampla bancada de computadores processavam à sua frente jamais poderiam ser tão semelhantes. Seus olhos pulavam nervosos de um monitor para o outro, revendo a sucessão de gráficos que se formava na projeção. Aquilo não poderia estar correto.

Nos últimos dias, os tremores nas regiões que o computador havia registrado eram, no mínimo, anômalos. Do subsolo da China, passando pela Terra do Fogo, ao Sudoeste da África e todo o Oriente Médio, o padrão geológico era um só.

Tremores com profundidades exatamente iguais.

No entanto, não era somente essa anormalidade que o intrigava. Uma das telas à sua esquerda resumia os relatórios diários das principais agências geológicas do mundo por meio de uma rede integrada na internet. Não havia sequer uma nota de rodapé ou qualquer observação sobre aqueles dados. Os balanços dos centros geofísicos da Europa, Ásia e Américas permaneciam normais. *Impossível*, concluía ele. *A não ser que alguém os tenha manipulado.*

Já se passavam quatro horas desde que seu expediente se encerrara no centro de Tecnologia da Universidade de Teerã. Após a notícia do terremoto — que atingira também cidades menores como Tiran, Saman, Nafch, Sudjan, Chadegan, Chelgerd e Askaran —, Navid permanecera no laboratório principal a fim de coletar os números, repassar à central do governo os diagnósticos e projetar as funções no *software* de geoprocessamento para os próximos dias.

Aquele era o instituto geográfico mais moderno do Oriente Médio e produzia material acadêmico para todo o mundo. Trabalhar ali era uma honra para ele.

Servir ao Aiatolá lhe gerava um prazer ainda maior.

Cansado, girou a cadeira de rodas e se dirigiu ao fundo da sala, onde a máquina de café o aguardava ao lado da TV de plasma. Enquanto a xícara se enchia, Navid ouvia a atraente e bem maquiada jornalista da *Press TV* noticiar a tragédia em Esfahan, por baixo de um *hijab* cor violeta:

Todos os anos temos a infelicidade de anunciar pelo menos uma tragédia provocada por terremotos em alguma parte do país. Em 2003, a cidade histórica de Bam foi parcialmente destruída com tremores que atingiram 8.5° na escala Richter....

Uma série de imagens da época passou na tela.

....Mais de cinquenta mil pessoas morreram na ocasião. Onze anos depois, outra cidade histórica do país é vítima de abalos de mesma proporção. Apesar

da porção central da cidade não ter sido atingida, já temos notícias de que a usina de conversão de urânio, que fica nos arredores, sofreu sérios danos...

Navid acompanhou algumas imagens do caos em Esfahan, logo depois do tremor.

Khodaye man... Meu Deus, pensou, enquanto sorvia o café.

...Por ordem do presidente, dez brigadas do corpo de bombeiros de Teerã e todo o contingente da defesa civil de Qom e Yazid já estão na região iniciando operações de busca. A Guarda Revolucionária estima que a área atingida pelo tremor abranja uma área habitada por seiscentas mil pessoas. Ainda não temos relatórios do número de mortos...

Navid sabia que esse terremoto tinha o potencial de ser a principal tragédia das últimas décadas no país. Pelo impacto, pela cidade atingida e pelo risco que se corria com o acidente na usina.

Começou a girar a cadeira de volta ao seu diretório quando a jornalista narrou algo que atraiu de novo sua atenção:

Um cinegrafista amador filmou o momento do terremoto na parte oeste da cidade. As imagens mostram como o tremor abalou uma das praças da região e sua mesquita. Vejam a filmagem.

Navid estreitou os olhos diante da televisão. Uma câmera de celular registrava duas crianças brincando a uma distância de uns dez metros entre os jardins de uma praça. De repente, a imagem começou a tremer fortemente. O homem que filmava correu em direção a elas e os três se abaixaram, apavorados. A câmera continuou o registro. Ao fundo, a cúpula de uma mesquita se rachou no meio. Um estrondo terrível precedeu uma série de explosões que subiam aos céus. Bem no fundo da imagem, por no máximo dois segundos, o homem que filmava captou algo que Navid nunca esperaria ver em seus vinte anos de dedicação ao trabalho.

Algo paralisante.

Ele tapou a boca com a mão.

Uma Aurora Polar?!

Seus instintos lógicos refutaram com violência a possibilidade. Mas a estranheza dos dados dos últimos dias unidos àquela imagem levaram Navid a cogitar o inimaginável.

Então ele aumentou o som da TV e permaneceu alguns segundos observando se a gravação se repetiria, mas as imagens já traziam especialistas em defesa civil que falavam a respeito dos perigos de mais construções desabarem.

Oscilando entre horror e a desconfiança, encaixou a xícara no compartimento adaptado da cadeira de rodas e deslizou de volta à bancada de

computadores. Pôs os óculos e esticou as duas mãos entrelaçadas à frente, estalando dedos. Precisava verificar a fundo o que havia acontecido. Digitou um comando para o sistema repassar o relatório dos dados da atmosfera superior da Terra na semana que precedeu o abalo de Esfahan.

Foi quando seu coração quase parou.

CAPÍTULO 17

O medo é uma máquina de guerra, pensava Pang Meng, enquanto se deslocava entre a multidão com a indiferença de uma serpente fria a perseguir sua presa.

Na realidade o assassino estava ali apenas porque desejava ver a tragédia exalar do rosto dos iranianos enquanto esperava a próxima janela de oportunidade para a segunda parte de seu trabalho. Ver tragédias não consistia exatamente em um prazer. Apenas gostava de sentir a vulnerabilidade no ar. Aquilo o motivava, fazia a eletricidade correr nas suas veias. Meng bebia o horror que apunhalava os corações daquelas almas como um combustível para executar sua missão.

Não há melhor forma de dominação do que o medo.

A rodovia Atashgah — que ligava através de uma imensa malha urbana a zona oeste de Esfahan à cidade de Najafabad —, enchia-se de gente a cada segundo. Meng percorria as ruas paralelas entre prédios comerciais e residenciais, alguns em pé, outros devastados. Helicópteros do exército, da Guarda Revolucionária e dos bombeiros cortavam o céu, suas fuselagens refletindo o sol abrasador do verão. O tremor principal havia acontecido seis horas atrás, segundo o relógio de Meng, às 05h27min. Depois dele, outros dois. Insignificantes na magnitude, mas avassaladores em seu impacto psicológico.

De todas as direções, ambulâncias tentavam irromper o mar de pessoas que dividia espaço com carros e escombros, suas sirenes suprimidas pelos gritos de agonia. Choro, desespero. Máscaras de sangue e terra cobriam rostos retorcidos pela dor. O ar quente e seco recendia a temor, suor e pânico.

Meng exultava por dentro.

Algumas pessoas uniam-se aos bombeiros e apagavam focos de incêndio, entrando nas construções, trazendo de volta à vida alguém nos braços ou numa respiração boca a boca. Meng passou por um grupo de mulheres prostradas ao chão, num suspiro uníssono e suplicante aos céus, as vozes melancólicas oscilando por baixo das vestimentas muçulmanas.

As potentes caixas de som das mesquitas, usadas pelo *muezim* para anunciar as cinco orações diárias, agora propagavam as vozes das autoridades. Meng não entendia muito bem o persa, mas como se parecia em alguns aspectos com o árabe, entendeu que aconselhavam as pessoas a buscar outra cidade para refúgio.

Dez metros à frente, na esquina que dava para a rodovia Atashgah, Meng viu um poste derrubado sobre um pequeno sobrado. O desastre transformou-o numa rampa que caía sobre o terraço do prédio. Com a leveza de um felino,

Meng se aproximou da estrutura e subiu com um pé à frente do outro, as costas eretas, como quem anda numa corda bamba.

No terraço, cerca de dez metros do chão, contemplou de camarote a cena. Calculou que havia pelo menos dez mil pessoas naquele trecho da rodovia, todas mergulhadas num inferno pessoal, os gritos parecendo ecoar aos confins do Irã. Puxou de uma algibeira a Nikon D7000 e posicionou o visor da câmera diante do olho.

O medo é um ardil para a alma.

Em meio ao mar de gente, Meng percebeu um homem cujas feições destoavam da regra geral. Focalizou sua silhueta. Não era iraniano. Era caucasiano de cabelos curtos e castanhos, parecia estar sozinho. A julgar pelo queixo retangular, a distância pequena entre os olhos cinzentos e o nariz eslavo, Meng chutou que fosse oriundo do leste europeu ou da Rússia. E o mais curioso: O homem não revelava consternação com o caos ao redor. Parecia procurar algo específico. Meng circulou com a câmera ao redor, direcionando a lente para as pessoas que o circundavam a fim de identificar o que ele caçava.

Não viu nada além de medo.

Então, tornou a enquadrar o homem.

Ainda que seus músculos fossem frios como os de uma cobra, naquele instante se contraíram de surpresa. A uma distância de vinte e cinco metros, o homem agora fixava diretamente para ele. Surpreso, Meng o encarou por cima da câmera, e quando voltou a observar no zoom, viu que ele segurava uma...

Mas que merd...!

Os dois tiros vieram antes que Meng pudesse se proteger. O primeiro varou o seu ombro esquerdo tombando-o. Antes que apoiasse a mão no chão, outra fisgada o espetou pouco acima do joelho direito. Meng caiu de costas. Num centésimo de segundo, ponderou sobre a gravidade dos tiros. Constatando sua sorte, rolou sobre o corpo até um suporte de ferro que serviria de abrigo. Sentou-se, encostando as costas no ferro frio, e passou a mão nos dois ferimentos. A bala do ombro vazara, menos mal, mas a outra alojada na perna poderia dificultar seus movimentos.

Seja lá quem fosse, era dos bons. Fazia uso de uma *Desert Eagle* calibre 50. A rainha das pistolas. Àquela distância, quase foi fatal. Não houve tumulto ao redor dele. Usava um silenciador, provavelmente. Os tiros o deixariam confuso se o comando não tivesse lhe alertado das forças que o espreitavam.

Ameaçadoras, avisara a voz robótica ao telefone. O homem devia tê-lo seguido desde o esconderijo.

De cima, Meng era um alvo fácil. Avaliou que seria mais seguro descer por dentro da construção. O homem não teria tempo de percorrer aquele trecho antes

que Meng saísse do sobrado, já preparado para o confronto.

Arrastou-se até uma pequena abertura no chão do terraço que dava para uma escada em espiral. Suspendeu o corpo com as duas mãos e bateu com os pés no primeiro degrau. Assim que sua cabeça afundou pelo buraco, Meng acionou o circuito acoplado à Nikon e puxou sua pistola da cintura.

O artifício que estava prestes a usar certamente iria provocar assombro no seu mais novo adversário.

Mas o medo é uma máquina de guerra.

CAPÍTULO 18

— Helena, esses são os agentes Cole e Johnson — Doroth disse, enquanto os homens se aproximavam. — Eles gostariam de lhe fazer algumas perguntas.

A brasileira fixou nos dois homens de terno escuro diante delas. O mais velho, careca, movimentava-se com rigidez militar. O outro, claramente era novato, sua aparência de menos de trinta anos e a postura excessivamente ereta para transparecer autoridade. Os dois usavam um discreto fone atrás da orelha, um pequeno fio espiralado insinuando-se por trás da orelha de cada um.

— Senhora Gouveia — disse o mais velho —, sou o agente Cole do serviço secreto americano.

Ela riu, incrédula.

— Ah, vocês! Vieram fazer um *tour* pelo Conselho de Segurança? Sim, porque essa é a única razão pela qual vocês podem entrar aqui nesse momento — comentou, irônica. — Digam-me, o que acham do quadro de Per Krogh? — E gesticulou para trás, em direção à obra do pintor norueguês que, com aproximadamente 16 m² de área, tomava a parede central do Conselho de Segurança. Helena a classificava como uma arte particularmente psicodélica. Uma *fênix* emergindo das cinzas, como o símbolo do mundo que foi reconstruído após a Segunda Guerra Mundial.

Doroth prosseguia calada ao seu lado. O agente mais jovem mais parecia uma vara de bambu. Então Cole a interrogou:

— A senhora saiu às pressas da entrevista no Palácio do Itamaraty ontem à noite? — Ele cruzou as mãos atrás das costas, estufando o peito. — Pode nos explicar por quê?

Mas... Como ele sabe?!

Helena balançou a cabeça, confusa.

— Vamos esclarecer uma coisa por aqui: o senhor se dirige a uma diplomata brasileira em território internacional. Este interrogatório é completamente ilegal. A Secretária Geral da ONU pode confirmar.

Doroth baixou o olhar, de um modo estranho. Helena sentiu-se absolutamente só.

— Na realidade, sou eu quem devo perguntar a razão pela qual fui literalmente espionada sem a devida autorização de qualquer Corte de Justiça.

— As circunstâncias danosas dos últimos eventos no Irã levaram o governo dos Estados Unidos a abrir uma exceção.

Helena enfureceu-se.

— Meu Deus! As provas sequer foram concluídas em Esfahan e vocês querem me associar a um plano iraniano de armas nucleares? O que está

acontecendo aqui é um ultraje às leis internacionais!

— Rastreamos o histórico do senhor Montenegro — disse Cole, ignorando o comentário. — Durante mais de vinte e cinco anos ele viajou por países do Oriente Médio, associando suas pesquisas a regimes islâmicos. Uma das conclusões que tiramos é que ele alimentava certa hostilidade em relação aos EUA. Estou certo?

— Para começar — contestou Helena —, César não viajava *apenas* ao Oriente Médio. Se a sua verificação fosse um pouco menos tendenciosa, encontraria excursões dele por todo o mundo.

— Senhora, o fluxo majoritário das viagens tinha como destino o Oriente Médio. O senhor Montenegro nunca esteve nos EUA.

Helena quase gargalhou.

— O que é isso?! Estamos voltando à *high school*? O fato de César nunca ter pisado nos EUA não quer dizer que odeia esse país. E é evidente que essa realidade não representa prova de absolutamente nada. — Ela virou-se para a amiga. — Doroth, se você não interferir agora, vou me retirar desse salão.

Cole sacou do bolso do paletó um *Smartphone*. Manuseou-o antes de entregá-lo a Helena.

— Veja isso.

Com uma definição incrível, a tela mostrou um carro preto acelerando numa pista. Mesmo à noite, a iluminação permitia ver todos os detalhes. De repente, ele reduziu a velocidade e parou no acostamento. Só então Helena percebeu. Era o carro dela. E a mão que lançava um objeto escuro em direção ao canteiro, também.

Uma corrente de perplexidade causou uma turbulência em sua cabeça.

Isso foi ontem, em Brasília!

Em seguida, algo mais impressionante aconteceu no vídeo: pouco antes do objeto escuro cair, a imagem foi paralisada, ativando um zoom tão preciso que Helena jamais imaginaria existir. Dava para ver com facilidade a pequena tela do aparelho no vídeo, e os segundos da ligação que fizera se desenrolando.

Ficou boquiaberta.

A imagem prosseguiu com foco no telefone. Logo depois, ele explodiu.

Seu rosto iluminou-se pela claridade da tela. Com certeza a filmagem via satélite existia há mais de três décadas, mas vê-la com aqueles detalhes a surpreendeu. *Como esse vídeo poderia estar em um celular?*

— Senhora — Cole quebrou o silêncio —, nós somos do serviço secreto. Conhecemos o instrumento que encontrou no carro como ninguém. Apesar do modelo antigo, o aparelho que recebeu foi desenvolvido com uma tecnologia muito avançada, impossível de ser acessada por civis. E pelas características,

apenas uma organização poderia tê-lo produzido. Esse modelo é da divisão secreta da Guarda Revolucionária iraniana.

Helena olhou pra Doroth. Novamente, a Secretária não parecia espantada com a revelação. O comportamento de sua amiga desde que se encontraram havia sido, no mínimo, desconfiável. Ela sabia de algo que não contou. Entretanto, não havia tempo para avaliar a atitude de Doroth diante dos acontecimentos. Helena estava contra a parede e o momento forçava uma reação.

Tenho ao meu lado a verdade sobre essa história, disse a si mesma.

Quanto mais os minutos avançavam, mais acreditava na ligação da noite anterior.

Uma falsa bandeira. False Flag. É tudo falso.

A única forma de se safar seria quebrando a promessa de César e revelar tudo sobre a mensagem dele. Mas ela trairia seu velho amigo, seu tutor durante toda a vida, apenas para não ser presa naquele momento? Pensou na frustração que César poderia sentir (seja lá onde estivesse; se é que estava vivo) e sentiu como se uma foice lhe arrancasse o coração. No entanto, pelo jeito não havia saída. E para agravar, a inércia de Doroth era assustadoramente estranha.

Sim, ela tinha que revelar tudo sobre o vídeo de César. Só necessitava ter calma e pensar em como fazê-lo.

Mas não ali. Não naquele ambiente. Helena tinha que concatenar as ideias antes.

— Preciso ir ao banheiro — ela disse.

Cole se adiantou.

— Isso não será possível antes da senhora me respon...

— Agente Cole, não é isso?

— Sim, senhora.

— Agente Cole... Se o senhor veio de Washington só para me intimidar, considere que falhou na missão. Nós vamos esclarecer todo esse mal entendido, mas não agora. — Ela deixou que a frase tomasse o efeito desejado e continuou: — Veja, sou a favor da paz sob qualquer circunstância, por isso trabalho na ONU. Diplomacia tornou-se minha vida desde os treze anos de idade. Decidi colaborar com o senhor porque ainda acredito nela, embora tenha me desiludido um pouco com esta Casa. — Ela lançou um olhar intimidador para Doroth. — Antes disso, no entanto, preciso arejar minha cabeça — completou, já se levantando.

— O agente Johnson a acompanhará — disse ele.

Pela primeira vez, Doroth entrevistou:

— Agente Cole, não ultrapasse os limites daquilo que esta Casa representa de mais edificante. A liberdade aqui não é uma concessão, é um direito natural.

Cole se deteve. Na certa, o agente presumiu ser improvável alguém fugir sem ser visto de um dos edifícios mais monitorados do mundo.

Diante da súbita inatividade dos dois homens, Helena pegou sua bolsa na mesa e bateu a porta dupla de carvalho às suas costas.

Quando pôs os pés para fora, sentiu uma mão agarrando-a pelo braço. Ela contraiu os músculos de susto e olhou para a figura, apavorada.

Um homem alto falou com um sotaque do Oriente Médio, ofegante:

— Por favor, senhora Gouveia, venha comigo. Temos de ir para o Irã. Agora!

CAPÍTULO 19

O homem puxava o braço de Helena com força, arrastando-a pelo corredor. Ela não sabia se reagia com um golpe ou com um grito. Só conseguiu se desvencilhar dele quando atingiram o meio do longo corredor de cinquenta metros, seu cenho comprimindo-se de raiva.

— Me solte! — protestou.

— Escute, senhora Gouveia. Meu nome é Arash Zarak. Eu fui amigo de César.

César nunca havia citado esse nome para ela.

Apesar da respiração ofegante, o homem possuía um timbre ameno; de tom baixo. Contudo, a frase soou mais como um enorme gongo na cabeça de Helena. *Como um amigo de César me achou aqui?!*

— Do que você está falando? Você conhece Cés...

— Não há tempo para explicações — ele a interrompeu. — Precisamos sair daqui agora. A segurança da ONU virá atrás da senhora em poucos minutos. — Ele observou ao redor. — Onde há um banheiro por aqui?

O homem, que usava uma bolsa do tipo jornalista pendurada no ombro, disparou na frente, provavelmente considerando que suas palavras haviam sido suficientes para que Helena o seguisse. Ela, porém, manteve-se estacada no corredor. Ao vê-la, Arash retornou e fitou-a profundamente nos olhos.

— Senhora Gouveia, sei que não me conhece, mas preciso que confie em mim. Talvez eu possa lhe ajudar a encontrar César, mas para isso, preciso que a senhora faça exatamente o que eu disser.

De uma forma muito estranha, Helena captou um magnetismo genuíno nos olhos dele. Ficaram imóveis por alguns segundos, como se toda a adrenalina entre eles se diluísse naquele momento e fosse superado por um único sentimento a uni-los.

— Venha comigo — disse ela, finalmente, antes de seguir adiante pelo corredor do Conselho de Segurança.

As poucas pessoas que transitavam por ali, imersas em seus trabalhos do início do dia, pareciam não reparar no casal que avançava com passadas rápidas. Eles dobraram à direita em um corredor paralelo que dava acesso aos banheiros. Arash enfiou a mão na bolsa e retirou o que parecia uma manta preta.

— Entre aí e vista isso.

Helena reconheceu a veste, atônita.

— Um *niqab*? — perguntou, já tremendo por imaginar o plano de Arash.

Helena conhecia as diferenças entre as vestes femininas muçulmanas, muito usadas nos corredores cosmopolitas da ONU. De maneira geral, eram

simplificadas equivocadamente em um nome só: burca. O niqab que recebeu, usado com mais frequência pelas sauditas, era uma veste negra e longa que envolvia o corpo inteiro e o rosto, com a diferença que deixava entrever uma fresta para os olhos, ao contrário da peça utilizada tradicionalmente no Paquistão e Afeganistão, a burca, que cobria todo o rosto e que inclusive era obrigatória durante o Regime Taleban.

Helena, claro, jamais cogitara vestir qualquer uma delas em algum momento da vida. Uma hora atrás, ela era responsável por dirigir o Conselho de Segurança da instituição mais poderosa do mundo, e agora, tudo indicava que sairia da sede da ONU disfarçada de muçulmana, com serviço secreto americano nos seus calcanhares.

Os fatos das últimas horas extrapolavam todas as facetas do impossível.

A voz de Arash trouxe-a de volta à realidade.

— Ande logo! Não temos tempo!

Sem acreditar no movimento que fazia, ela pegou o niqab e deu as costas para Arash antes de entrar no banheiro feminino.

Antes da porta se fechar, Arash disse:

— Espere! Me esqueci de uma coisa. — Ele tirou do bolso um pequeno estojo com dois compartimentos redondos. Entregou a ela. Mesmo com a tensão pontuando seu rosto, Arash deu um sorrisinho e disse:

— Com todo o respeito, senhora: seus olhos são lindos, mas acho que será necessário disfarçá-los também — disse, oferecendo o objeto.

Pelo formato, ela presumiu que fossem lentes de contato coloridas. Lançou um olhar de agradecimento e disse uma das únicas palavras que conhecia em persa, idêntica ao equivalente em francês:

— *Mersî*. — Obrigada.

CAPÍTULO 20

Nos poucos segundos que dispôs para avaliar o ambiente, Pang Meng constatou que se tratava de uma pequena loja. O terremoto havia destruído grande parte do estoque de suvernirs, dos vasos de cobre esmaltado e das réplicas de antiguidades que agora não passavam de entulho no chão. Os tradicionais tapetes persas pendiam do teto e alguns caíam por cima de móveis. Não havia pontos de defesa por onde o homem que o caçava pudesse entrar.

Que sorte você terá, meu amigo, disse consigo. Sua morte vai ser rápida.

Seria melhor que a batalha acontecesse ali. Sem testemunhas. Discretamente.

Talvez nem terminassem de quebrar os produtos da loja. A tecnologia que Meng possuía o eliminaria ainda do lado de fora do prédio. Havia a possibilidade de surpreendê-lo por cima, se o homem fizesse o mesmo caminho de Meng e descesse pela escada em espiral. Contudo, Meng estava certo de que não lidava com um amador. Ao pôr os pés na escada, o inimigo seria alvejado com facilidade.

Por trás do balcão de madeira, rebatou o cão da Glock para trás, fazendo o som reverberar ameaçador pela loja destruída. Com a outra mão, pegou a câmera pendurada no pescoço, posicionou o olho no seu visor e esperou. Ainda se perguntava como a tecnologia havia chegado a tal nível.

A sensação inebriante que precedia um duelo pontuava cada pelo da nuca. Os pulmões trabalhavam num ritmo perfeitamente calculado. Os ferimentos da bala alojada acima do joelho direito e do buraco no ombro esquerdo tentavam a todo custo lhe tirar a atenção do alvo, mas o treinamento de Meng o ensinara a eliminar da mente qualquer sensação de dor durante uma batalha.

Vamos lá... vamos lá...venha pro papai...

Algo estilhaçou a porta de vidro da entrada.

Mas que...?!

Meng não pôde evitar um leve tremular na mão. O movimento fez desfocar o visor da câmera. O objeto que veio de fora colidiu com vasos e abajures, produzindo um som estrepitoso, antes de rolar cambaleante pelo chão e se chocar com o balcão atrás do qual Meng se abrigava.

Um pneu ardendo em chamas.

Quase instantaneamente, um rastro de fogo se formou pelo caminho que ele havia feito no chão coberto por tapetes, as faíscas amarelas e vermelhas escalando com rapidez o balcão. Numa reação mecânica, Meng retrocedeu um passo e não identificou a origem da bala que passou zunindo acima da cabeça e destruiu a prateleira atrás de si.

Agachou-se e avaliou sua próxima ação. Estava em desvantagem: A perna baleada, que lhe tolhia os movimentos, e o ombro perfurado. Numa situação normal, o combate corpo a corpo com Meng não ofereceria chances a ninguém. Ferido, porém, havia a possibilidade de o adversário equilibrar a luta. Teria que usar a câmera.

Improvisação.

Olhou para os lados. Um vaso azul turquesa desenhado por arabescos jazia quebrado no chão. Com extrema agilidade, lançou-o por cima do balcão a fim de atrair a atenção de seu perseguidor para o outro lado. No mesmo movimento, rolou para a esquerda e, ainda caído, estabeleceu contato visual através da câmera.

Rodeado pelas chamas que cresciam em direção ao teto, o homem branco se encaixava num sobretudo preto, as lapelas erguidas até o pescoço, o olhar tão desolado quanto o seu.

Sentindo a ardência das labaredas elevando-se ao redor, Meng pressionou o botão da câmera duas vezes. Eram necessários cerca de cinco segundos com o alvo parado para a câmera ter o efeito desejado.

Porém o homem parecia saber disso. Ele protegeu-se detrás de uma prateleira tombada no chão, antes de pular para o outro lado como um gato, desviando a mira de Meng.

— Então será como nos velhos tempos — disse baixinho Meng, antes de disparar com a mão esquerda o gatilho da Glock.

A sequência dos tiros foi profissional.

Todavia, com uma agilidade de quem seguramente tinha treinamento de artes marciais, o homem rolou sobre o chão abrasado, milésimos de segundos antes dos disparos, desviando-se com precisão da mira. Quando levantou com uma força intimidadora sobre o fogo a dois metros dele, os olhos cinzentos pareciam refletir as faíscas do inferno, como um espectro da morte transmutado em homem.

Meng prendeu a respiração.

O sentimento que lhe assaltou por um instante era completamente desconhecido.

Medo.

CAPÍTULO 21

Arash escorou as costas na parede e cruzou os braços, tentando dissimular uma posição tranquila. Tudo havia acontecido rápido demais para que ele pudesse raciocinar com prudência. Da abordagem inesperada em seu táxi à sua entrada com uma identificação falsa na sede da ONU. A loucura maior, contudo, foi ter tomado a Presidente do Conselho de Segurança pelo braço e lhe dado um disfarce para fugir de um dos prédios mais bem vigiados do mundo.

Mas a atitude era justificável. Eles se ajudariam por um bem maior. Até agora, Arash mal acreditava que o engenheiro nuclear havia conseguido.

Talvez com o experimento de Energia Livre ele ainda tenha entendido como de fato a Lei da Gravidade funciona. Newton e Einstein até tentaram. Mas deixaram arestas.

Na verdade, o que mais intrigava Arash eram as implicações dos achados. Elas mudariam o mundo. Fariam que os mais profundos e enraizados paradigmas ruíssem como uma árvore velha e morta que se posta numa estrada nova. A Energia Livre tratava-se, sem dúvidas, da revelação científica mais transformadora da história humana até o momento.

Arash sentia que possuía uma fatia de participação na descoberta. Havia começado as pesquisas com César. Além disso, nutria um desejo genuíno de ver a humanidade mudar. Quando o homem de sobretudo preto lhe pediu para procurar Helena Gouveia, ele não havia ligado com precisão os pontos. Assim que sua mente se alinhou com as informações, a ficha caiu: atualmente a brasileira era presidente do Conselho de Segurança. Tinha a credibilidade necessária para divulgar a ideia livre e abertamente ao planeta, antes que forças contrárias eliminassem tudo, à semelhança do que acontecera a todos os que tentaram antes de César.

E, pelo jeito, o brasileiro tinha um forte *background*. Arash não fazia ideia de que tipo de gente protegia César ou — se ele estivesse morto —, suas descobertas. Seria um grupo de cientistas que se havia unido para dar suporte a ele? Ou um milionário amante da ciência que financiara uma tropa de elite para protegê-lo? Talvez um xeique com tendências futuristas, que quisesse substituir sua fortuna do petróleo pela Energia Livre. O homem que o encontrara em meio a milhões de táxis da *Times Square* dera mostras de que, aquele que quisesse travar uma guerra para roubar ou adquirir o protótipo de Energia Livre, teria um oponente páreo.

Um som de passos rápidos nasceu no final do corredor, trazendo Arash de volta. Quando apertou os olhos para ver, encarou o homem de terno escuro que se movia com uma rigidez implacável em sua direção.

Um segurança do prédio?

— Com licença — disse o sujeito, parando tão ereto quanto uma viga à sua frente. — Por um acaso o senhor não reparou numa mulher alta com cabelos cortados nos ombros entrar no banheiro agora?

Arash balançou a cabeça debilmente, sentindo um calafrio ao constatar que Helena já estava sendo procurada.

— Não saberia dizer, senhor — respondeu ele, arrastando o sotaque para parecer o mais árabe possível. — A única pessoa que vi entrar foi minha esposa.

O homem leu a identificação falsa de Arash pendurada no peito. Membro da comitiva da Arábia Saudita. Encarou novamente seu rosto. Arash forçou para não desviar o olhar.

— Certo — disse o segurança, por fim.

Nesse momento, a porta do banheiro se abriu. Um olhar cor de mel de sobrancelhas bem delineadas e cílios alongados surgiu em uma fresta de um rosto coberto por um niqab. Arash reparou que Helena havia passado um pó que deixara a região ao redor dos olhos e parte do nariz mais bronzeadas. A capacidade das mulheres de improvisar com a maquiagem nos momentos de adversidade fugia à sua compreensão.

Esperta.

Também percebeu que estava mais baixa do que quando entrou. *Será que ela está descalça?* O niqab cobria totalmente os pés, mesmo quando andava.

O segurança a discerniu com estranheza.

— Segurança da Sede. A senhora não teria o crachá de identificação?

Os olhos postiços de Helena se paralisaram.

— Ah, sim! Acabei retirando no banheiro. Só um minuto. — Arash se surpreendeu com sotaque peculiarmente árabe dela. Helena mergulhou a mão na abertura maior bolsa, Tateando-a por dentro.

Não está aí, pensou Arash. *Olhe na parte menor da frente.*

Percebendo que as mãos de Helena se mexiam com um nervosismo crescente dentro da bolsa, Arash entrevistou:

— Você não teria guardado na frente?

Helena levantou os olhos, os cílios postiços subindo ainda mais, flertando sutilmente com as sobrancelhas.

— Ah, mas quanta displicência! — Então ela abriu o compartimento e, sem ao menos olhar o crachá, entregou.

O homem o leu, devolvendo em seguida.

— Me desculpe, senhora Fawz... Ah... Perdão, como se soletra seu nome?

Helena pareceu oscilar. Arash percebeu na hora que ele queria testá-la.

— Fawziyyah — entrevistou, ele. — Com “i” porque é saudita.

— Fawziyyah — repetiu devagar o homem. — A senhora poderia me mostrar seu passaporte? — ele perguntou, olhando-a tão profundamente como se a sondasse através do *niqab* preto.

Arash decidiu agir:

— Nada disso, senhor. Nós é que queremos ver a sua identificação. Nunca vi um segurança da ONU que vestisse terno escuro, sem identificações no peito.

Nesse momento, o homem levou uma mão ao ouvido, se virou e baixou a cabeça, sussurrando:

— Sim, senhor... Estou aqui... Gabinete do Brasil... Ah... Ok, estou indo...

Arash e Helena se entreolharam.

O segurança virou-se para eles.

— Sinto incomodá-los. Tenham um bom dia. — E deu as costas marchando para o corredor principal.

Helena seguiu na mesma direção, um pouco mais devagar. Por um momento, Arash ficou estático. Agradeceu em silêncio a ideia do disfarce espetacular que o homem de sobretudo preto havia dado. Trouxera consigo a bolsa com os trajes para Helena, os documentos falsos de ambos com uma identificação saudita e outros dois objetos cujos detalhes ele ainda não teve tempo de notar. Todo aquele embuste só poderia ser proveniente de um grupo altamente organizado.

— Vamos, precisamos sair pela porta da frente — disse Helena, nitidamente inserida no plano dele.

— O que aconteceu? — indagou Arash, intrigado, depois de igualar os passos com os dela.

— Liguei para Doroth do banheiro e disse que estava em meu gabinete, e a convidei para conversamos lá. Isso nos dará alguns minutos de vantagem. Aquele agente estava no salão do Conselho agora, deve ter recebido ordens de ir direto para meu gabinete.

Arash se surpreendeu com a inteligência de Helena.

— Ótimo. Muito bom.

Helena o fitou com uma intensidade magnetizante por baixo do *niqab*.

— Espero que tenha certeza do que está fazendo, senhor Arash.

Arash desviou o olhar, sem coragem de dizer de verdade o que pensou:

Eu também espero, senhora Gouveia. Eu também espero.

CAPÍTULO 22

CAPÍTULO 22

Num ritmo contido, o casal caminhava pelo corredor do segundo andar. Para fugirem pela saída mais próxima, tinham que atravessar a escadaria que dava para o salão dos visitantes, uns três minutos de caminhada dali. Até lá deviam andar sem suspeitas. Helena concentrava suas forças para controlar o grande fluxo de ar que os pulmões insistiam em absorver a cada respiração. Sob os pés que transpiravam adrenalina, sentia o frio do piso de mármore preto e branco que cobria quase todos os pavimentos do prédio, como um grande tabuleiro de xadrez.

Helena lembrou-se que havia jogado no lixo um salto alto Louboutin preto. Desejava entender como o sujeito desconhecido pôde tê-la convencido a realizar uma insanidade daquela. De alguma forma ele exalava um insondável magnetismo.

Ele continuou:

— Um homem me entregou uma bolsa com passaportes falsos e outros itens. Não sei quem ele é, mas presumo que queira nos ajudar a achar o que César criou. Precisamos ir agora para o aeroporto JFK e pegar o próximo voo para Teerã.

Helena mal ouvia, só pensava em sair dali. Eles começaram a descer a escadaria principal. Nesse horário, às 07h30min, a sede das Nações em Nova York ainda se preparava para o dia. As primeiras visitas das cerca de mil diárias começariam dali a trinta minutos. As pessoas que transitavam naquela hora eram diplomatas, assessores e delegados que tinham permissão para entrar mais cedo e preparar discursos, relatórios, ou reuniões antes do expediente corrido começar. Helena calculou que cruzaram por uns quinze tipos desses, que conversavam compenetrados em várias línguas, as universais sendo o inglês, o francês e o espanhol. Um grupo de africanas cobertas de adornos extravagantes, um ou outro oriental e seu andar contido, alguns europeus, sul-americanos... A boa notícia era que a presença de um casal saudita não sugeria nada fora da realidade da ONU.

A má, contudo, esmagava a consciência de Helena com a fúria de um *tsunami*...

Sou uma fugitiva internacional.

Ela, obviamente, sabia que suas imagens eram registradas pelas dezenas de câmeras da sede, o que poderia ser usado contra ela quando a detivessem. Nem em seus mais férteis devaneios ela poderia pensar em se vestir com um niqab preto, fugindo pela porta da frente das Nações Unidas.

Nas paredes brancas que acompanhavam a escadaria, espalhavam-se uma

profusão de fotografias de líderes políticos, exposições de guerras africanas pacificadas pelas missões de paz da ONU, crianças negras brincando com os soldados de capacetes azuis. De repente, sua visão periférica detectou uma movimentação do lado esquerdo. Um homem de terno e feições orientais descia as escadas e, quase correndo, esbarrou nela. Ela sentiu uma dor no ombro e o coração quase explodiu de susto. O homem virou-se rapidamente e pediu desculpas, antes de continuar sua rota até o saguão principal, sumindo em seguida.

— Está tudo bem? — perguntou Arash.

Ela se limitou a assentir, os maxilares travados de medo.

Ao se aproximarem da guarita da entrada, entreviram um segurança com um turbante hindu falando no walkie-talkie, apoiado na bancada. Outros seis postavam-se nos cantos do saguão, dois ao lado das portas giratórias, dois logo à frente e mais dois nos cantos do salão. Helena baixou a cabeça.

Arash pegou a mão dela e pousou no seu antebraço.

— Melhor ficarmos de braços dados para parecermos casados — disse ele, sua voz tênue de certa forma reequilibrando a respiração de Helena.

Como se não bastasse uma fugitiva muçulmana, agora casada!

Depois de passar pela bancada principal de segurança à direita, andaram até os detectores de metais. Então uma voz com um sotaque estranho veio detrás.

— Ei, vocês, esperem!

Helena travou a respiração. Mal teve coragem de virar-se. Arash voltou-se para o segurança de turbante que vinha ao seu encontro.

— Pois não?

— Senhores, os crachás têm que ficar aqui.

Helena relaxou os ombros.

— Ah, sim... Me desculpe, senhor. Tome. — Arash entregou a sua identificação e puxou a de Helena.

— Obrigado. Tenham um bom dia — agradeceu o hindu, voltando para a bancada, distraído.

Os dois atravessaram o detector de metais, Helena à frente e Arash em seguida. Quando avançaram pelo batente da porta giratória, o sol da manhã obrigando-os a apertar os olhos, Helena ouviu um chamado alto que parecia vir dos *walkie-talkies* lá dentro. Por cima do som da estática, ela compreendeu:

— ...Casal árabe... Detenham...

Arash soltou sua mão e exclamou:

— Corra!

Aquela palavra teve o efeito de um relâmpago na mente de Helena. De súbito, todas as moléculas de seu corpo passaram a se ajustar num só foco: Fugir.

Sem destino. Primitivamente.

Puxou o pano preto até a altura dos joelhos, deixando entrever os pés descalços e as canelas bem torneadas, e correu atrás de Arash que tinha a bolsa pendurada no ombro. Passaram voando por um dos monumentos mais famosos da ONU: um revólver envolvido por um nó de bronze no cano, símbolo do apelo da instituição pelo desarmamento mundial.

Com pavor nos olhos, Helena pensou na ironia que seria se fosse alvejada pelas costas na frente daquele monumento.

Sob os gritos dos seguranças, pularam de dois em dois os degraus da escadaria principal. De soslaio, pôde perceber que no mínimo cinco homens precipitavam-se em sua direção pelo pátio da entrada principal, e um falava no walkie-talkie. Um pensamento em sua cabeça dizia que não insistisse naquela loucura. Outro, muito mais forte, porém, lhe trazia apenas uma imagem: O rosto triste de César e a solidão por trás de seus olhos castanhos.

Preciso fazer isso por ele.

Ela percebeu que Arash corria com uma determinação estudada, como se soubesse o que fazer. De alguma forma, isso lhe passou força. Com um movimento ligeiro, viu-o sacar um celular do bolso e discar alguns números.

— O que vamos fazer?! — gritou ela.

— Confie em mim! Venha!

Aproximavam-se agora da calçada que dava para a *First Avenue*, as bandeiras dos países membros oscilando às suas costas. Transeuntes e motoristas passaram observar a movimentação com curiosidade. Arash esforçava-se para não deixar a bolsa que carregava atrapalhar seus movimentos. No limite da calçada com a avenida, do seu lado esquerdo, Helena divisou um táxi amarelo se aproximar com uma rapidez assustadora.

Então, algo inesperado aconteceu.

Duas portas se abriram enquanto o carro acelerava rente ao meio fio. Na frente dos dois, freou bruscamente, e o cheiro de pneu queimado misturou-se ao barulho que dilacerava o ar.

— Entre! — gritou Arash. — Agora!

Ela mergulhou no banco traseiro e em seguida Arash pulou no carona. Ainda com as portas abertas, o táxi arrancou e deixou para trás duas estrias negras no asfalto. Segundos depois, os seguranças da ONU alcançaram a calçada. Helena observou através do vidro a expressão furiosa do hindu que falava no *walkie-talkie* fixado no ombro.

— Estou perdida! — foi a única coisa que Helena conseguiu dizer no meio daquele inferno.

CAPÍTULO 23

CAPÍTULO 23

No banco de trás do táxi, Helena sentia tudo girar à sua volta. Não sabia dizer se por causa do sacolejar do carro, que acelerava de maneira vertiginosa, ou do acúmulo de cansaço das últimas horas.

Tentou se endireitar na poltrona, arquejante. Comprimiu de leve os olhos, como se o gesto fosse capaz de lhe acordar daquele pesadelo. Através do retrovisor, viu o rosto pálido e macilento do motorista que os salvara. Parecia que lhe haviam sugado a energia vital.

Mais ou menos como ela se sentia agora.

— Quem é ela? — o homem perguntou com ar surpreso. — Você não me disse que vinha acompanhado.

Helena detectou um sotaque parecido com o de Arash por trás da voz sem vida do motorista. Presumiu que também fosse iraniano.

— Quanto menos você souber, melhor — Arash respondeu ao amigo, conferindo o retrovisor e, em seguida, o vidro de trás. Virou o rosto para Helena. — Senhora — disse, seu tom ameno em discordância com a respiração rápida —, Salim é um grande amigo meu. Estivemos juntos em momentos... digamos... complicados.

Com destreza, o motorista traçou uma rota em ziguezague por entre as centenas de veículos da *First Avenue*. A cada manobra, ela tinha a nítida sensação de um desastre iminente. Enquanto sentia um fluxo devastador de náusea, teve a impressão de ter visto um sorriso leve no rosto carcomido do taxista, como se um prazer estranho lhe assomasse ao rosto.

— Pode confiar no piloto, senhora — disse Arash com um sorrisinho amistoso. — Chegaremos lá exatamente no horário previsto. Também não se preocupe com a hora do *rush*. Salim conhece como ninguém os atalhos de Nova York.

Helena quase perdeu o ar quando sua voz saiu:

— Mas e os agentes atrás de nós? É uma questão de minutos para nos alcançarem! Ou acha que eles não nos viram neste carro?

Arash respondeu com uma tranquilidade que beirava o incômodo.

— Nunca duvide da criatividade persa.

Nesse exato momento, pouco depois de uma esquina, o táxi freou bruscamente e entrou num portão entre dois arranha-céus, onde havia uma guarita de segurança com um funcionário. Arash e Salim o cumprimentaram rapidamente e adentraram o pátio.

— O que vocês estão fazendo?! — perguntou ela, atordoada. — Não temos tempo de parar!

O motorista abriu um sorriso amarelo e não respondeu. Então Helena percebeu que ingressavam num largo estacionamento de táxis, um dos milhares de Nova York. Achavam-se no meio de um mar de carros amarelos. Arash saltou com rapidez e correu na direção de um Chevrolet, sedan preto, estacionado logo atrás. Ele entrou, deu a partida e freou parelho ao veículo onde ela estava. Abriu a porta.

Só então ela compreendeu o plano. *Vamos despistá-los!*

— Venha! Rápido!

Pegou sua bolsa, juntou os panos do niqab e, mesmo claudicante e um pouco tonta, entrou rapidamente no carro.

Arash meneou a cabeça para o amigo, num cumprimento. Com uma voz cantada, disse algo em persa:

— *Kheili mamnûn!* Muito Obrigado!

O amigo lhe devolveu o cumprimento e disse:

— *Movafagh bashîd.* Boa sorte.

Então ele acelerou de volta para a First Avenue no exato instante em que duas sirenes cortaram o caminho, voando pela pista, seguidas por um Audi preto do serviço secreto americano. Arash acompanhou com os olhos a fila de carros passar e, em seguida, pegou a mesma direção.

Voltou-se para Helena com os dentes brancos à mostra:

— Qual é o destino, senhora?

CAPÍTULO 24

Doroth Morgan estava sentada na mesa do gabinete de Helena pasma com a forma com que fora enganada. Minutos antes, a brasileira havia ligado para seu telefone pessoal dizendo que a encontrasse em seu gabinete. Agora, um dos membros da segurança havia acabado de lhe dizer que ela fugira pela porta da frente da sede trajando um niqab preto. Como se não bastasse esse impensável acontecimento, as câmeras dos corredores filmaram algo ainda mais surpreendente: ela teve a ajuda de um homem para a fuga. De aparência árabe, o sujeito havia entrado no prédio como membro da comitiva da Arábia Saudita.

A reputação da ONU está arruinada.

Levantou-se para retornar ao seu gabinete e contatar a segurança, já imaginando qual seria seu discurso quando a imprensa a interrogasse sobre o casal árabe fugitivo:

Foi uma tentativa de atentado contra as Nações Unidas provocada por uma célula da Al-Qaeda em Nova York, cogitou.

Antes de dar a volta na mesa, reparou em um solitário porta-retratos pousado ao lado de uma pilha de documentos que Helena havia deixado.

Brincando de balanço no braço de um homem de meia idade, Helena, que não devia ter mais de 12 anos, escancarava um sorriso despreocupado em um parque de diversões, a silhueta de uma roda-gigante assomando-se atrás dos dois. Doroth presumiu que o homem fosse César Montenegro. Tinha cabelos revoltos e olhos bondosos que transmitiam uma calma atenciosa à criança. Não o conhecia pessoalmente, mas, em algumas ocasiões, Helena lhe havia contado uma ou outra passagem de sua vida com ele. A biografia da brasileira era um misto de tragédia e superação.

O pai de Helena, engenheiro aeronáutico e professor do ITA, era o melhor amigo de César Montenegro desde a faculdade. O vínculo dos dois jovens fora estreitado ainda mais quando o pai casou-se com uma professora de Línguas da USP que, por uma feliz coincidência, era também melhor amiga da mulher com quem César fora casado por 15 anos, uma advogada nascida na Suíça. Os quatro formavam um grupo de fidedigna cumplicidade e Helena passara quase toda a infância entre as pernas dos dois casais. Por pelo menos duas vezes por mês, eles se encontravam para um churrasco em casa ou para um passeio em um parque ou shopping. César e a esposa (que viajavam muito e Helena nunca sabia a razão exata) sempre a presenteavam com um souvenir de cada país que visitavam.

Quando Helena completou 9 anos passou por um trágico acidente na rodovia Dutra, em São Paulo, que matara seus pais e a mulher de César. Helena e César saíram sem um arranhão sequer. César assumira a responsabilidade de

cuidar da garota pelo sincero apreço que tinha pela família. A ausência de parentes próximos a ambos contribuiu decisivamente para a união dos dois. Helena fora morar com uma tia solteira na distante Brasília e César fizera companhia, instalando-se perto para dar apoio. Ele acabara virando seu protetor e a pessoa mais influente de sua vida até a fase adulta.

Embora a vida de César fosse um eterno fazer e desfazer mala, com regularidade o engenheiro nuclear passava alguns dias do mês integralmente com Helena e fazia questão de lhe impingir doses homeopáticas da alta literatura. De Hamlet aos Irmãos Karamazov, de A Odisseia passando por Confúcio e Marco Polo... De modo que, segundo Helena, todo o sentido de moral, ética e senso de humanidade que desenvolvera na adolescência tinha relação direta com César.

Todavia, o dia em que mais Doroth se surpreendera foi quando Helena apareceu com um livro de capa verde e de aspecto antigo de nome exótico: *o Caibalion: estudo da filosofia hermética do Antigo Egito e da Grécia, atribuído a Hermes Trismegisto*.

Helena olhara para ela como se adivinhasse sua dúvida.

— A chave de tudo é o conhecimento — disse Helena, depois de uma piscadela marota.

— É a tese do sábio Hermes Trismegisto?

Helena balançou a cabeça, risonha.

— Não! É a tese de outro grande sábio: César Montenegro.

Doroth Morgan pegou o porta-retratos e segurou a borda com as duas mãos, reparando na jovem Helena. Dentro de algumas horas aqueles olhos, de um castanho suave e de uma expressividade ímpar, seriam os mais conhecidos dentre os maiores terroristas do mundo.

O que você pretende, Helena?, perguntou para o vazio enquanto devolvia o porta-retratos à mesa, desta vez, com a face virada para baixo.

CAPÍTULO 25

Pang Meng suava medo.

Com uma presteza assustadora, o homem de sobretudo preto avançou dois passos e chutou sua mão. A Glock desprendeu-se dela e escorregou entre os cacos de vasilhames, encaixando-se por baixo de uma mesa que ardia em chamas. Deitado, Meng ensaiou um chute entre as pernas do homem, mas antes que pudesse concretizar o movimento, ele golpeou seu rosto com a botina. O corpo de Meng tombou para o lado, uma linha de sangue voando de sua boca.

Meng sentiu que a mão direita se apoiou em um fragmento de vaso estilhaçado, pontiagudo e pesado o suficiente para executar uma trajetória precisa. Virou-se o mais rápido que pôde e lançou o objeto, mirando o pescoço. O homem de sobretudo preto pareceu ter antecipado a ação e, numa fração de segundo antes, levou o braço à frente do corpo. O fragmento se alojou no antebraço, através da manga do sobretudo, ao mesmo tempo que o reflexo da outra mão fez disparar a *Desert Eagle*, antes apontada diretamente para a cabeça de Meng. A bala raspou sua orelha, que imediatamente sangrou. Meng sentiu um som agudo estraçalhar a membrana do tímpano. Ficou tonto por um momento.

Porém, aquele erro lhe dava agora uma chance.

Esteja sempre acima do oponente.

Com a perna boa, investiu uma rasteira. Os pés do homem suspenderam-se do chão e ele se estatelou de costas num dos únicos tapetes que ainda não queimavam. O movimento brusco fez a *Desert Eagle* pular de sua mão e adejar o ar, sumindo por debaixo dos escombros que pegavam fogo. Ligeiro, Meng posicionou-se de pé e caiu sobre ele, mirando o cotovelo em sua face. O impacto fez o supercílio do homem se abrir numa fenda vermelha. Meng sabia que o oponente era muito mais pesado que ele. Ficaria em desvantagem se a luta fosse para o chão. Aproveitou sua desorientação momentânea e arrancou do antebraço do homem o fragmento. Ele soltou um grunhido primal. Apoiou uma mão no chão e subiu a outra até a altura da cabeça. Ia enterrar o caco diretamente na glote. Quando sua mão começou a se acelerar para baixo, foi abruptamente paralisada pelos dedos poderosos do homem. Ele segurou o pulso de Meng e espremeu o ferimento da bala no ombro esquerdo. Meng sentiu uma ferroadada de dor que o fez recuar. Livrou-se da outra mão e pôs-se de pé, experimentando as chamas de fogo lamberem de leve sua pele. Por um erro mínimo, havia se esquecido de proteger seu ponto fraco.

Viu o homem lançar os braços para trás e apoiar as mãos ao lado da cabeça. Pegou impulso com elas e levantou-se, descrevendo um arco no ar, o sobretudo negro esvoaçando no ar quente, como uma túnica futurística.

O lustre persa que clareava a entrada interna da loja despencou, corroído pelas chamas. Meng ouviu um estalo e em seguida um pedaço do teto cedeu, a estrutura da pequena loja de repente rendendo-se. O vidro da frente se quebrou pela pressão das chamas. Agora, quase a totalidade do ambiente já pegava fogo. Acima deles, o teto que se rachava era uma nuvem de fumaça. Apenas um círculo onde estavam e mais alguns pontos aleatórios ficaram livres em um raio de três metros.

Hora do corpo a corpo.

A vantagem dele, pensou, são meus ferimentos. A minha, o fato de nunca ter perdido.

A dois metros de distância do oponente, Meng ponderou as suas alternativas de luta. O fogo se alastrava com rapidez e os alvéolos pulmonares exigiam cada vez mais energia para absorverem oxigênio. Sentindo os olhos arderem, esforçou-se para controlar o sentimento inédito de incerteza que lhe acometia.

O ataque lhe pareceu mais arriscado, haja vista seus ferimentos. O melhor seria usar a força cinética do oponente a seu favor à medida que protegia seus pontos fracos.

Foi o que fez.

Esperou o golpe.

A ofensiva chegou como um raio e os dois iniciaram uma exímia luta.

Cinco segundos antes de todo o teto desabar com um estrondo terrível.

CAPÍTULO 26

Acomodada na poltrona da primeira classe do jumbo da Qatar Airways, Helena sentia a cabeça doer. Há muito havia passado do limiar da razão.

Com incrível inteligência, Arash e o amigo despistaram os carros dos oficiais do serviço secreto ainda na *First Avenue*. Se nem ela poderia imaginar que seria induzida a fugir do prédio da ONU, tampouco que fugiria para o Irã com documentos falsos, quem diria aqueles que os perseguiam. Por isso o caminho ao aeroporto John Kennedy acontecera sem obstáculos.

Pela janela, ela pousou os olhos sobre Nova York, que se desfazia aos poucos sob seus pés. Por outro lado uma névoa densa nublava sua visão com as imagens caóticas do dia: da caixinha do pen drive no carro, passando pelo vídeo de César, calhando na sua fuga da ONU e dos Estados Unidos com um sujeito que nunca vira na vida.

A voz de seu antigo mentor ainda ressoava na mente:

Perdoe-me pela ausência. Fiz isso apenas para lhe proteger. Amo você, querida.

Sentia como se mil punhais açoitassem seu peito bem devagar, um por um. Impiedosamente.

Helena sempre se culpava quando César se aventurava pelo mundo. Hoje estava certa de que deveria tê-lo impedido mais vezes de realizar o que ele chamava de “excursão científica”. Na época, porém, o doutorado e a assessoria que prestava ao embaixador dos EUA engoliam todas as suas atenções.

— Essa é a última vez. — dizia ele. — Quando eu voltar, prometo que você verá o mundo de outra forma.

Mas o que isso importava? A diplomacia era a maneira que Helena encontrara de ver o mundo de outra forma. A paz mundial sob a égide do diálogo, da compreensão entre os povos.

Desde o último encontro com César, passaram-se quatro anos sem notícias. E agora, um retorno bombástico.

Literalmente.

Imaginava as inúmeras implicações que envolviam os achados de armas nucleares e a iminência de uma guerra. Lembrava-se das palavras de César quanto ao Templo da Chama Eterna, a Esfahan, a Teerã, ao fim da pobreza mundial, aos campos magnéticos e gravitacionais... *Só você pode trazê-lo ao mundo...*

“... prometo que verá o mundo de outra forma”

Seria desta? De ponta-cabeça?

Por baixo do véu negro, suas têmperas pulsavam mais agora. Escutava

palavras da própria mente amontoando-se umas sobre as outras, como um castelo de cartas cujos naipes não aparecem completamente.

Ela não reteve o susto quando a mão de Arash tocou seu braço. Sentado ao seu lado, não houve sequer tempo para os dois conversarem.

— Perdoe-me... mas... ah... Arash, não é?

— Sim, Arash Zarak. Trabalhei com César no Instituto de Tecnologia da Universidade de Teerã, como cientista sênior.

Helena ficou chocada. De fato, aquele seria o dia das surpresas infundáveis. Mal havia tido tempo de reparar em Arash. A última coisa que ele aparentava, era um cientista. Já devia ter passado dos 40 anos havia um tempo. Alto, devia ter seus 1,83m, de compleição vigorosa, não bonito demais, mas de presença pessoal marcante. Tinha os traços inegavelmente do médio oriente, o nariz largo e robusto que parecia se encaixar com categoria no rosto. O maxilar anguloso e o queixo levemente quadrado e proeminente exalavam uma segurança quase militar. Quando falava, porém, sua voz mansa acentuava com leveza as linhas ao redor dos lábios enquanto as sobrancelhas grossas subiam e desciam, formando rugas na testa morena clara. Os cabelos eram negros e curtos, porém, volumosos, cujas costeletas caíam até a altura dos lóbulos das orelhas, aonde se encontravam com uma barba recém-feita. Esta, por sua vez, deixava um manto esverdeado no resto da face.

De perto, Helena tinha a nítida sensação de ver através dos olhos negros uma profunda mácula, como se a vida lhe tivesse sido de alguma forma desumana.

— Senhora Gouveia — disse ele —, como eu lhe contei mais cedo, um homem me abordou numa situação absurdamente improvável e me contou sobre César e seus achados. Exigiu que eu a procurasse. Me contou que a senhora teria mais informações que ajudariam a fechar esse quebra-cabeça. Foi ele quem me entregou uma bolsa com os passaportes, as identificações na ONU, essas passagens de primeira classe e o seu niqab.

Helena definitivamente era incapaz de absorver qualquer informação extra.

— Me desculpe, mas não posso imaginar como esse homem... esta situação... César... — Ela suspirou. — Perdão, mas não sei bem o que pensar...

— Compreendo. Por favor, por enquanto apenas me ouça: Eu pedi a ajuda a Salim. Ele é um grande amigo que nasceu no Líbano. Na semana passada, levei-o a um médico e o diagnóstico foi... — Os olhos de Arash enunciaram um vazio triste. — Enfim, Salim tem apenas um mês de vida.

Aquilo atraiu a atenção de Helena.

— O coitado não tem mais nada a perder, quis passar por um momento de adrenalina, apenas. Mesmo muito relutante, aceitei sua proposta de dirigir para

mim até a sede da ONU.

— Mas os seguranças viram o táxi dele — disse Helena. — A esta altura ele já está sendo interrogado em alguma base do serviço secreto. É questão de minutos até chegarem ao seu nome e...

— Aquele táxi não é dele, senhora Gouveia. Eu roubei o carro no estacionamento e entreguei as chaves para Salim. Na verdade, ele nem é taxista. Salim é um homem sem teto, um fantasma. Não tem identificação, nenhum registro, nenhuma família. Não existe nos EUA. — Arash voltou os olhos para o chão por um tempo. — Lembra de quando lhe falei que estivemos juntos em momentos complicados? Vivemos três anos nas ruas de Manhattan.

Helena não reuniu palavras para responder, tamanha era sua pena. *Arash já foi mendigo?*

— Mas isso não vem ao caso agora — concluiu ele. — Precisamos saber o que fazer quando chegarmos ao Irã.

Realmente, o excesso de informações conduzia de modo inevitável o cérebro de Helena ao esgotamento. Ela pensou em como sua vida agora dependeria da ajuda daquele desconhecido. Desde a noite anterior, a única pessoa com quem cruzara e pela qual poderia nutrir confiança tinha sido Arash. Não fosse por ele, Helena provavelmente estaria sob a pressão dos agentes, debaixo de uma enxurrada de perguntas sem nexos, esperando as provas definitivas da comissão da ONU. Caso fossem concretas, seu envolvimento com César e com o regime dos aiatolás no Irã lhe concederia, no mínimo, um julgamento em uma corte internacional.

Mas não são concretas, disse a si mesma. *É uma mentira. Eu fui avisada da notícia.*

Conecte os pontos, Helena! Coloque na mesa todos as cartas que você tem. Reúna todas as informações.

Então, de súbito, como uma bússola desregulada que encontra uma direção, Helena concluiu que o caminho mais claro estava ao seu lado. Deveria unir forças com Arash. Pegou uma agenda de sua bolsa e folheou rapidamente. Arash ficou olhando, calado.

Ela achou a página.

— Acho que a coisa mais importante agora é sabermos o que essa frase significa.

Ele pegou a agenda e leu:

No templo da Chama Eterna, siga os Elementos. Os arabescos no espelho da alma explicam o Tórus. Esfahan é a terra da Geometria Sagrada...

Arash pareceu ter visto um fantasma. Olhou para os lados, como se precisasse se situar no tempo e espaço. Então depois de alguns segundos, disse,

enfim:

— Sei exatamente aonde temos que ir em Teerã.

CAPÍTULO 27

Dentro de um táxi modelo 1969, Helena ajeitou o hijab de seda que insistia em escorregar pela cabeça resmungando o quão difícil era mantê-lo seguro sobre os cabelos. Numa lojinha do aeroporto, comprara um modelo de seda vermelho, um véu que cobria apenas a cabeça. Tinha desenhos de arabescos e letras em persa, cujos significados nem se esforçara em entender. Jogara o niqab preto no lixo do primeiro banheiro que vira. A troca havia diminuído um pouco o calor que penetrava todos os poros do corpo. Segundo Arash, a vestimenta se adequava melhor aos padrões de Teerã. Conferira o novo visual no espelho, mais por força do hábito do que por vaidade e desfizera-se das lentes de contato cor de mel.

Agora, sendo conduzida pelos primeiros bairros da cidade de Teerã, ela refletia sobre o próximo passo.

Temos de ir ao templo Adrian, pensava ela, um templo do zoroastrismo no centro da cidade.

Lembrou-se do que conversaram no voo. Arash havia prometido uma explicação de tudo o que sabia assim que chegassem a Teerã, mas insistira que descansasse um pouco durante as dezesseis horas de voo. Embora sua mente forçasse o contrário, ela não pôde superar os efeitos dos sucos de maracujá e das massas servidas no avião. Havia dormido pesadamente.

— Bem vindo a Teerã, Senhora Gouveia — ela ouviu Arash dizer do banco da frente do táxi. — Num instante vamos passar pela *Valisr Street*. Sabia que ela é a maior do Oriente Médio?

— Infelizmente conheço pouco a sua terra — respondeu ela, meio sem graça.

A atenção de Helena foi inevitavelmente seduzida pela paisagem. Através do vidro do Peikan branco iraniano 1968, divisou um céu azul claro, sem nuvem alguma, o auge do verão chicoteando o ar quente.

No horizonte, um surpreendente contraste aparecia com os raios de sol que brilhavam o cume branco das montanhas ao norte da cidade, como pitadas de purpurina. O brilho intenso do gelo causou um borrão preto na vista de Helena por alguns segundos.

— Aquela é a cordilheira de Alborz — indicou Arash, apontando para a majestosa muralha que surgia ao norte de Teerã e entrecortava o céu. — Ela tem 130 quilômetros de elevações que ladeiam o Mar Cáspio, do Azerbaijão ao Turcomenistão. O pico mais alto, o Darmavand, chega a 5.671 metros e tem neve praticamente o ano inteiro. — Agora ele tinha o tom de guia turístico. — Existem estações de esqui abertas há duas horas daqui.

Helena observou a extensão da montanha ao redor de Teerã. A cidade de 14 milhões de habitantes parecia uma pequena vila aos pés da colossal Alborz.

À medida que avançavam, Helena percebia que o desenho bucólico das colinas contrastava com os arranha-céus modernos e com as espaçosas avenidas, perfeitamente asfaltadas. Os viadutos atravessavam-se no ar, cortados incessantemente pela maior frota de carros do Oriente Médio, em sua maioria antiquíssimos modelos, sobretudo da Peugeot. Táxis amarelos, motocicletas de todos os tipos travavam batalhas particulares, sem nenhum respeito aos sinais e aos pedestres.

— Esse trânsito faz Manhattan parecer o céu, não é mesmo?

Ela apenas assentiu, impactada com a profusão de informações novas.

Era surpreendente como Teerã tinha um aspecto mais moderno do que ela concebia sobre a capital de um país ao qual são atribuídos repetidamente adjetivos como isolado ou antiquado. Viam-se planos especiais de telefonia celular estampados em outdoors, propagandas de shoppings, cursos de idiomas ocidentais. O mais curioso era que as placas que indicavam ruas e avenidas eram escritas em persa e também em inglês.

Um sem número de retratos pintados aparecia em paredes inteiras de prédios. Heróis da Revolução Islâmica de 1979, observadores vigilantes dos que passavam pelas ruas. Arash mostrara a versão iraniana do Empire State Building, que parecia espetar a nuvem de poluição que pairava constante sobre a cidade. As mesquitas, na maioria de cor azul-turquesa, eram um espetáculo à parte. Seus suntuosos minaretes destacavam-se contra o céu, como se apontassem com austeridade e mística para verdadeira casa da alma.

O ar de Teerã recendia a uma mistura de poluição e...

Flores?

Helena se impressionou com a variedade dos jardins e parques de Teerã que transcorriam criteriosamente toda a extensão das ruas pelas quais passavam. Praças, casas, acostamentos, qualquer lugar onde havia um espaço, um jardim bem cuidado surgia. Arash lhe explicou rapidamente como os iranianos eram fissurados por jardins e flores, desde a Pérsia Antiga. Só em Teerã eram mais de oitocentos parques! Ele lembrou que o exemplo mais lendário era o da Rainha Amitis, que recebera do rei Nabucodonosor II uma obra-prima: os lendários Jardins Suspensos da Babilônia, uma das Sete Maravilhas do mundo antigo. O objetivo era ser um paraíso na Terra. A UNESCO, inclusive, inscreveu os jardins persas como patrimônio mundial. Os jardins simplesmente faziam parte da identidade dos iranianos. E o persa constituía-se num gênero à parte.

Helena amaldiçoou a mídia ocidental na qual jamais assistira nem uma pequena fração do que vinte minutos em Teerã lhe mostravam agora.

— Não sabia que aqui era tão... — Ela ficou desconcertada por sua falta de informação.

Arash notou seu constrangimento.

— Está surpresa? — perguntou ele, abrindo um sorriso. — Não se culpe. Quase tudo que chega ao ocidente sobre esta parte do mundo sempre vêm acompanhado das palavras miséria, atraso e arsenal nuclear.

Helena engoliu em seco, pasma com o mundo novo que se descortinava por todos os lados. As ruas limpas, as calçadas eram muito bem cuidadas e harmoniosamente arborizadas.

Passando pela infundável Valisr Street, ela discerniu um telão de plasma anunciando em inglês e em persa algo que chamou sua atenção: O governo estava convocando auxílio de pessoas, pedindo mantimentos e médicos para ajudar as vítimas do terremoto em Esfahan. Alertavam para a nuvem radioativa que poderia se espalhar por Teerã e chegar até mesmo à Europa. Helena sentiu um arrepio, lembrando-se da forma como recebeu aquela notícia.

Arash a encarou pelo retrovisor, mas pareceu não querer comentar nada na presença do taxista que seguia mudo ao seu lado. Em lugar disso, falou:

— A Valisr Street tem surpreendentes dezoito quilômetros de extensão. Estamos na parte sul, habitada por uma classe média. Ao norte, os endinheirados desfilam com suas lojas de grife, e seus Porsches. — Arash parecia se divertir com o novo cargo de guia.

A avenida era ladeada por uma infinidade de plátanos e sicômoros, árvores que se fechavam como um grande domo natural em alguns pontos, suas sombras acalmando o calor do verão. Atrás delas, de ambos os lados, fachos de água corriam em pequenos canais, emprestando à avenida, — quando, raramente, os veículos davam uma trégua, — um som gostoso de água corrente.

Passaram por centros comerciais, parques, restaurantes refinados de vários gêneros, museus, centros culturais e escritórios nacionais e internacionais. As paredes repletas de mosaicos coloridos das mais variadas representações fizeram Helena esquecer por alguns minutos o drama pelo qual passava.

Ainda no avião, Arash lhe explicara por que razões deveriam ir ao Templo Adrian.

Na realidade, não existiam segredos na primeira parte da frase de César. A metáfora que ele usara no vídeo se referia a um suposto templo da Chama Eterna. Tratava-se, na verdade, do Templo Adrian. A casa do zoroastrismo na capital. Onde a chama que jamais se apagava ardia num pedaço de lenha.

Arash revelou a Helena que César havia se convertido ao zoroastrismo poucos anos antes de Arash ter que fugir para os EUA. Ele lhe contara que isso era um segredo guardado a sete chaves por César. Helena se surpreendera duas

vezes, uma porque César nunca comentara nada a respeito, e outra pela revelação do próprio Arash, que confessara ter fugido para os EUA. Ela ainda não havia tido coragem de perguntar o porquê.

Agora, passando pela Valisr Street, Helena se perguntou se a pré-notícia da CNN havia saído oficialmente. Nesse momento, Doroth, a ONU, os EUA e o Brasil a consideravam uma agente iraniana infiltrada.

E eu dei várias razões para o mundo pensar isso.

CAPÍTULO 28

CAPÍTULO 28

Zel zeleh. Terremoto.

Definitivamente, o que Navid Kiahshed via nas quatro telas da bancada a poucos centímetros de seus óculos era um aberração.

Nos últimos anos, equipes do mundo inteiro vinham criando estações de monitoramento atmosférico em zonas de terremoto. Um grande número de satélites fazia o papel de enviar dados precisos da atmosfera superior, antes, durante e depois dos abalos. Além de ajudar a compreender melhor o fenômeno, o mapeamento poderia contribuir para que, no futuro, fosse possível prever tremores.

As primeiras observações dos satélites mostravam a atmosfera superior três dias antes da agitação sísmica principal — a de 8.5° na Escala Richter. Nesse período, houve um rápido aumento de radiação infravermelha. Entretanto, não foi exatamente isso que assustou Navid. Ele já conhecia a teoria do Dr. Dimitar Ouzounov de nome “Acoplamento Litosfera-Atmosfera-Ionosfera” que comprovava exatamente isso: nos dias anteriores a terremotos de grandes proporções, ocorriam amplas tensões nas falhas geológicas, uma vez que essas estão prestes a liberar grandes quantidades de radônio, um gás nobre, cuja radioatividade ioniza o ar em larga escala. Com a liberação, as moléculas de H₂O eram atraídas para os íons no ar, e o processo de ionização provocava uma grande condensação de água. Isto causava a liberação de calor, produzindo as emissões infravermelhas.

Em outras palavras, antes de um grande terremoto, a atmosfera superior poderia se aquecer. Mas nunca da maneira como o sistema de dados mostrava agora. Ele mesmo o havia atualizado e testado exaustivamente um mês antes.

Em 100% dos casos, as zonas de radiação infravermelha, ou seja, de calor na atmosfera superior, espalhavam-se de maneira irregular e dispersa, podendo abranger várias regiões do país afetado. Era isso que Navid deveria ver à sua frente. Contudo, o que aparecia nas telas era impossível de ser causado pela natureza de forma tão perfeita.

Além do aumento rápido de radiação infravermelha nos dias anteriores, o que já significava uma anormalidade, o aquecimento da atmosfera aparecia nos dados em forma de círculos concêntricos, bem vermelhos, *exatamente sobre* o epicentro do terremoto. Eram como vários pequenos olhos vermelhos sobre um olho maior e negro.

Esse era o problema.

Tal aberração só poderia aparecer em duas situações: a primeira, se os raios solares esquentassem aquela faixa específica da atmosfera através de

alguma força divina e desconhecida, sem deixar que o calor se espalhasse aleatoriamente pelo território. E a segunda, se alguém usasse um gigantesco maçarico carregado de elétrons, fosse voando a, pelo menos, 60 km de altura e fizesse esse papel.

Em suma, os resultados do geoprocessamento apresentavam uma impossibilidade climática devido a fatores naturais. Era mais fácil Navid pular da cadeira de rodas e sair correndo pelo campus.

Todavia, Navid sequer daria atenção a esses dados se não tivesse visto outra anomalia.

Um arrepio atravessou sua coluna, só de lembrar.

Uma Aurora Polar em pleno Irã. E pior, na zona do terremoto!

A cena só havia passado uma vez na reportagem, dificilmente discernida, bem no fundo e um pouco embaçada, de modo que qualquer pessoa distraída não repararia na nuvem colorida que dançava suavemente na imagem.

Qual era a relação da Aurora Polar com as anomalias que o gráfico encontrara na atmosfera superior? E o que tinha isso a ver com o abalo de Esfahan?

Cientificamente falando, nada.

Mokâl. Impossível.

Como especialista, Navid sabia que as auroras polares nunca poderiam ser encontradas no Oriente Médio. As Auroras Austrais ocorriam somente no hemisfério sul, em países como Nova Zelândia, Austrália, Antártida e Argentina, por exemplo. A Boreal, apenas no hemisfério norte, em lugares onde o sol quase não aparece e o termômetro chega aos trinta graus negativos.

Nesse caso, sobrava uma possibilidade...

A produção artificial.

Navid sabia que as auroras poderiam ser produzidas em duas situações: em escalas menores em laboratório ou em uma explosão nuclear. Em 1962, por exemplo, os americanos induziram uma Aurora em uma de suas inúmeras demonstrações de poder aos soviéticos, no auge da Guerra Fria. Explodiram uma bomba na direção do Pacífico, nas altas camadas da atmosfera, cerca de 400 km do chão. O fenômeno durara sete minutos e fora registrado em todas as Ilhas Samoa.

De uma coisa, Navid não tinha dúvidas: a Aurora Polar tinha uma relação íntima com o aquecimento da atmosfera nos dias que antecederam o abalo.

Qual é a relação?

Precisava de mais café. Virou-se com a cadeira de rodas e dirigiu-se à máquina ao lado da TV. Encheu a caneca, imaginando qual seria a reação dos colegas do departamento de geologia quando ele lhes mostrasse os dados.

Um barulho agudo às suas costas o assustou de repente. O som surgiu embaralhado com o estalar de objetos metálicos, como uma marcha de bicicleta se quebrando. Provinha diretamente dos computadores.

Navid girou com rapidez a cadeira e largou a xícara na mesa. As quatro telas da ampla bancada sacudiam em meio ao ruído que saía dos gabinetes.

Be name Khoda. Em nome de Deus...

Depois de alguns segundos, a confusão cessou. Navid aproximou o rosto das telas, pasmo.

De forma repentina, elas se apagaram sucessivamente, da esquerda para a direita. Um pequeno ponto branco tremeluziu no meio de cada uma delas e em seguida, ficaram totalmente pretas.

O som dos computadores desapareceu. Tudo foi desligado.

Navid soube na hora o que era.

Vira a mesma cena em 2010, quando um vírus destruiu as centrífugas da usina de Natanz.

CAPÍTULO 29

Helena viu o táxi branco dar a partida pela Si-Ye-Tir Avenue, deixando uma linha de fumaça preta atrás de si. Embora se localizasse no centro de Teerã, a via era pouco movimentada e muito acolhedora. De pé, diante da entrada do Templo Adrian, ela se surpreendeu com o muro revestido por rústicos tijolos ingleses e pilares redondos de decoração grega. Levantou os olhos até a placa que encimava a suntuosa porta dupla de madeira à sua frente. Abaixo do grifo em persa, uma frase aparecia talhada:

“Theran Zoroastrian Anjuman”

Destoando anacronicamente da fachada, uma câmera de vigilância quase oculta aos olhos distraídos espreitava os dois acima da porta. Um pouco mais no alto, duas figuras femininas esculpiam-se nuas, tendo apenas os cabelos longos sobre as partes íntimas.

Virou-se para Arash ao seu lado, um fio de confusão e deslumbramento na voz:

— Não conhecia todo esse sincretismo cultural do Zoroastrismo.

— Entendo. O ocidente ainda acredita que os iranianos são árabes, por exemplo. Muitos nem desconfiam que somos persas — disse ele, enquanto ajeitava a alça de sua bolsa de couro no ombro.

Helena concordava. A maioria das pessoas desconhecia a diferença entre árabes e persas. Tampouco tinha ciência que a palavra Irã significava a *terra dos arianos* e que oitenta anos atrás ainda se chamava Pérsia.

O senso comum acaba nos incluindo no mesmo bolo de todo o Oriente Médio. — Arash fez um movimento com a cabeça. — Ele apontou para a porta de entrada. — Essa arquitetura aí na frente é fruto de milhares de anos de influência de povos do mundo inteiro que transitavam pela Antiga Pérsia, que por séculos foi a principal rota de comércio do Oriente Médio. O Templo Adrian é a casa da religião monoteísta mais antiga do mundo. Gregos, macedônios, armênios, árabes... gente de todo o mundo influenciou diretamente nossa cultura.

Helena assentiu, pensativa. Lembrou-se de uma conferência sobre religiões na sede da ONU dois anos antes. Em uma palestra sobre a trajetória das religiões monoteístas, um historiador canadense contava que o preceito de um só Deus, que o judaísmo, o cristianismo e o islamismo adotaram, era herança do Zoroastrismo da antiga Pérsia, cujo surgimento datava de, pelo menos, dois mil anos antes da primeira delas. Foi Zaratustra, ou Zoroastro, o primeiro profeta a pregar sobre o paraíso, a ressurreição, o juízo final e a vinda de um messias.

Helena ficara chocada com um desenho que o palestrante mostrara no telão. Se não tivesse avisado que era Zoroastro, ela o teria confundido com Jesus

Cristo vestido de homem do deserto, com uma túnica branca e uma touca de mesma cor. Segurava um cajado e apontava o indicador para cima. Tinha os cabelos e barbas castanhos claros, o nariz afilado e olhava solenemente para o alto, como se tentasse ver a auréola que envolvia sua cabeça, idêntica às figuras da Igreja Católica.

A conferência a estimulava a ler um pouco mais sobre a religião. Ela confirmara que os conceitos de Bem e Mal surgiram nos ensinamentos de Zoroastro. Ele preconizava uma vida baseada nos ideais de pureza e igualdade. Segundo a lenda, depois de muito tempo isolado no deserto, Zoroastro teria recebido os sete principais ensinamentos diretamente de Ormuzd, isto é, Deus. A doutrina compreendia uma espécie de vida após a morte, onde os justos encontrariam a recompensa em um paraíso, e os demais seriam castigados a viver em uma espécie de inferno. Esses ensinamentos foram compilados no livro Zend-Avest ou Avesta, que teria sido escrito por Zoroastro.

Ao longo de dois milênios, o zoroastrismo consolidou a Pérsia, converteu imperadores, uniu etnias, solidificou o senso de moralidade e ajudou a construção das primeiras leis civis. Helena descobriu que era consenso entre a maioria dos historiadores de que o fim de sua hegemonia se deveu à expansão macedônica, mas, principalmente, à islâmica, esta ocorrida ainda no século V. d.C. Ela lera que, hoje, o zoroastrismo contava com pouco mais de duzentos mil adeptos no mundo e cerca de quarenta mil na sua terra de origem, o Irã.

Observando agora os detalhes da entrada, ela imaginou quantos impérios ruíram e ascenderam desde a antiga Pérsia enquanto o zoroastrismo conservava-se, intrépido.

Virou-se para Arash:

— O senhor professa o zoroastrismo?

— Há um bom tempo vi minha fé dar lugar a... digamos... incertezas. Viver nas ruas talvez tenha me deixado um pouco duro em relação a uma religião. Mas não posso negar que o me mantinha vivo a cada dia era uma força interna e uma crença em algo superior, aquilo que todo mundo no fundo sente, sabe... — Ele levantou os olhos para o céu azul. — Um propósito.

Seguiu-se um longo silêncio. Helena tentou imaginar o que aquele homem havia passado. Um dia ele fizera parte do mesmo mundo onde um bilhão de pessoas do mundo subsistiam, penosamente, com menos de um dólar por dia. A Energia Livre de César seria capaz de acabar com aquela terrível chaga? Só de pensar nessa possibilidade, Helena se alimentava de uma motivação que, talvez, poucas vezes experimentara na vida. Ela atingiria seu objetivo de vida. Dar dignidade a essas bilhões de almas no mundo.

Arash respirou fundo bem devagar e soltou o ar, como se estivesse

reciclando uma espécie de sentimento oculto e, sem seguida, expulsando-o de suas entranhas.

Helena sentiu-se inclinada a perguntar por que razão Arash arriscaria a vida com ela. Impaciente, tentou mais uma vez ajeitar o hijab que deslizava inquieto pelos cabelos castanhos.

— Senhor Zarak, penso que este é o momento mais apropriado de me explicar a razão pela qual viramos fugitivos internacionais.

— Certo. Mas antes preciso lhe esclarecer o significa...

As palavras de Arash foram atravessadas por um grito gutural que assassinou a calma da Si-Ye-Tir Avenue.

A voz tinha um tom estridente, fino.

De homem.

Gritava de dor.

Como se naquele instante uma espada lhe atravessasse o corpo.

Vinha de dentro do Templo Adrian.

Três pombos voaram assustados por cima do muro e sumiram no céu azul da manhã.

Arash se adiantou, mas Helena agarrou seu braço, atônita.

— Espere! O que vai fazer?!

— Temos que ver o que é!

— Não é melhor chamarmos a polícia?

Arash parou e encarou-a com firmeza.

— Diante de nossa situação, a senhora confiaria em alguém que usasse uma arma?

Helena não tinha argumentos. Relutante, largou o braço dele.

Arash girou a fechadura dourada e empurrou a porta.

Ela abriu com um rangido.

E a visão que tiveram a poucos metros da entrada marcaria as suas vidas para sempre.

CAPÍTULO 30

Foram necessários alguns segundos para Helena captar com clareza a dramaticidade da cena.

Vinte metros à frente, por baixo dos gritos de dor, um homem muito pequeno corria pelo pátio central inteiramente envolvido por fogo, com os braços abertos, lembrando uma cruz em chamas. Sua voz repercutia estridente e rascante, inflamando o ar com agressividade.

Arash jogou sua bolsa longe e disparou na direção do vulto de fogo. Num reflexo, Helena puxou o hijab da cabeça e o seguiu, segurando a única opção que poderia pensar no momento.

Um fio de esperança apareceu logo à frente. O pequeno homem parecia correr em direção a um espelho d'água redondo e azul construído bem no meio do pátio. Eles diminuíram a velocidade, certos de que o pulo poderia salvar a vida dele.

Estavam errados.

O homem o contornou e seguiu para além da pequena piscina, por entre os jardins do amplo pátio do templo, sua voz eivada de agonia. De repente, como se perdesse as forças, ele estacou e ajoelhou com os braços abertos, a cabeça voltada para o céu azul.

Os gritos cessaram.

Helena teve a nítida sensação de tê-lo ouvido balbuciar algo em persa, em um lapso de consciência e lucidez, como se padecesse a morte com terrível e sinistra resignação. Um instante depois, seu corpo carbonizado estatelou-se de bruços no piso de mármore, totalmente inerte.

Ao alcançá-lo, Arash tirou a camisa que vestia e jogou-a sobre o corpo para abafar o fogo. Helena fez o mesmo com o hijab, tateando as pernas do homem. Não conseguiu reprimir a sensação de asco ao se deparar com o corpo deformado diante de si, algumas de suas partes ainda queimando. O cheiro de carne queimada que subia com a nuvem de fumaça fez seu estômago se retorcer.

Ao se virar para Arash, percebeu que ele havia empalidecido como um fantasma.

— Meu Deus! — exclamou ele. — Ramin! Meu Deus!

O quê? Ele conhece esse homem?

Sentindo que estava prestes a vomitar, Helena se afastou do cadáver. Tapou a boca com a mão. Seus brônquios se dilataram à procura de ar e o peito doeu em resposta.

Procurou uma referência à sua volta. Estavam sozinhos no pátio do Templo Adrian.

A vista se tornou uma nuvem de penumbra e as têmeoras furavam o cérebro como agulhas de escorpião. Então sentiu a boca secar subitamente. Sem que percebesse, dois fios de lágrima desceram pelo rosto. Lívida, sentiu o mundo se fechar ao redor. Os joelhos cederam e os olhos ficaram pesados

Sentiu o corpo pesar sobre o chão enquanto desmaiava em choque.

Helena despertou devagar de um sono negro, sem recordações. A primeira imagem que registrou foi a de um teto rústico, elegantemente abobadado com detalhes em dourado, coalhado de escritos em persa e pontuado por nobres lustres. Sentia algum tipo de pano molhado na testa que, no momento, lhe conferia um alívio indescritível. Ainda não se lembrava da razão de ter apagado. Sua mente era um mar deserto no momento presente.

O ar da sala recendia a uma fragrância amadeirada e iluminava-se apenas por uma luz fosca do seu lado direito. Pôde ouvir o sotaque melodioso de Arash se queixando em um tom preocupado.

— Como ele pôde fazer isso... como pôde... — dizia ele.

Bailando no teto, sombras inquietas rabiscavam a pintura irretocável, como labaredas de...

Fogo!

Está queimando!

Então ela se lembrou.

E levantou num pulo, deixando a toalha escorregar da testa para o chão.

— Fogo!

No movimento, a cabeça latejou imediatamente em protesto. Em um instante, percebeu que fora acamada em três cadeiras colocadas juntas, os dois pés antes elevados em uma luxuosa almofada persa. Seus olhos vasculharam o ambiente.

Estou dentro do Templo Adrian...

O salão quadrado era de uma suntuosidade magnetizante. De dimensões médias, o espaço era quase inteiramente preenchido por tapetes persas. Helena encontrava-se em uma das muitas cadeiras dispostas em forma de um círculo que abraçavam a estrutura principal, uma requintada lareira que se situava bem no meio. Arash estava de pé a seu lado, ainda sem camisa.

— Acordou na hora exata — disse ele, esticando um lado da boca em um sorriso triste.

— Quanto tempo eu apaguei? Onde está o...

— Está tudo bem — disse ele, acalmando-a. — A senhora não dormiu mais do que vinte minutos. Percebi que não havia ninguém no templo e tranquei

a entrada sul e a norte. — Eu cobri o corpo... — ele pigarreou. — Eu cobri o corpo de Ramin lá fora. Creio que temos alguns minutos antes que alguém surja para averiguar o que aconteceu.

— Mas, você conhecia aquele homem? A essa altura alguém já deve ter ouvido os gritos e chamado a polícia! — Ela alisou a testa. — Quem era ele?

Arash aproximou-se, a luminosidade tímida delineando as formas de seu abdômen.

— Ramin era *dastur* deste templo. Como uma espécie de sacerdote. Entre as várias responsabilidades desta função, o *dastur* é encarregado de fazer a manutenção da chama eterna. Provavelmente ele havia executado essa tarefa pouco antes de... — ele hesitou — do ocorrido. Quando chegamos, ele devia ter acabado de abrir o portão da rua que fica sempre destrancado durante o dia.

Helena observou o fogo sagrado atrás de Arash. Ele ardia num pedaço de lenha, dentro de uma grande pira dourada e metálica, do tamanho de um caldeirão, que por sua vez estava posicionada sobre uma plataforma de pedra quadrada, lapidada com primor.

A estrutura era espantosamente linda.

— Eu conheci Ramin através de César — revelou. — Ele o levava de vez em quando ao laboratório da Universidade de Teerã para ver nossas aplicações científicas. Creio que foi Ramin quem o apresentou ao zoroastrismo. Os dois nutriam uma amizade admirável. Ramin era um dos poucos em quem César confiava. Foi por meio dele que conheci alguns detalhes do zoroastrismo. — Balançou a cabeça. — Não consigo entender como isso poderia acontecer...

Helena levantou-se, os movimentos hesitantes.

— Mas quem teria tocado fogo nele, meu Deus?!

Arash fixou os olhos nos dela. A expressão que atravessou seu semblante já respondia à pergunta.

— Receio que tenha tirado a própria vida.

Helena travou a respiração, alarmada.

— Mas qual seria a motivação? E o que isso tem a ver com César?!

— A senhora precisa ver isso. — Ele se virou e olhou para baixo, aos pés da lareira. — Acabei de reparar essa mensagem aí no chão.

Helena chegou perto e seguiu seu olhar. A visão a fez engolir em seco.

Desenhadas com as cinzas do fogo, duas setas medindo cerca de trinta centímetros apontavam em direções opostas. Uma para fora do templo e a outra exatamente para a estrutura onde a chama sagrada queimava. No meio delas haviam escrito uma palavra em inglês:

↓ELEMENTS↑

A frase de César despencou em sua mente como uma bigorna.

...No templo da chama eterna, siga os elementos...

Claro, pensou, o elemento fogo!

Ao lado dessa inscrição, Ramin teria desenhado uma expressão em persa:

Mano bebakhsh, César.

— Quer dizer: *Perdoe-me, César* — Arash traduziu.

— Ramin queria nos ajudar, senhora. A minha opinião é que ele delatou César.

— Mas, por quê? Para quem?

Arash pensou por instantes, franzindo os lábios.

— Não faço a mínima ideia. É óbvio que só pode ter sido movido por uma razão muito forte. Os dois eram muito amigos.

Helena esfregou os olhos e tentou se concentrar.

— Ramin era um ortodoxo dos valores zoroastras — explicou ele. — A honra, a fidelidade e a boa-fé são preceitos inabaláveis da religião. São os princípios que os adeptos mais se orgulham de terem legado às principais religiões monoteístas. Acho que Ramin denunciou César a algum grupo ou instituição interessada em roubar ou esconder a tecnologia. Arrependido, tocou fogo no próprio corpo. O fogo é o elemento mais sagrado do zoroastrismo, é símbolo de luz divina e, sobretudo, de conhecimento e sabedoria.

Quanta sabedoria ele teve!

— Ramin era rígido em suas convicções. Morrer através do fogo pode ter sido uma maneira funesta de purificar sua alma ao que ele fez a César.

— Mas é muita coincidência ele ter feito isso justamente quando chegamos aqui.

Arash balançou a cabeça.

— Não é, não. — Ali atrás existe uma pequena sala de vigilância. Quando chegamos, eu vi uma câmera do lado de fora, acima da porta. Acho que Ramin me reconheceu. Deve ter presumido que vim buscar uma explicação para o que aconteceu com César e com suas descobertas — Arash suspirou, pesaroso. — Sua *honra*, entretanto, deve ter falado mais alto à consciência e... — ele balançou a cabeça, em negação.

— Além disso — emendou ele —, César sempre mostrava as fotos da senhora para os poucos amigos que fizera aqui. Eu mesmo já vi várias delas: de sua infância, de sua formatura, de sua promoção à diplomata da ONU... Ramin por certo lhe identificou também.

Helena sentiu o coração rasgar. De verdade. Esforçou-se, porém, em manter-se focada.

A capacidade de resolução que Arash exibía em meio ao caos, acabava sendo um alento para ela. Além de segurança, transmitia discernimento. Suas

palavras devolveram a capacidade de raciocínio de Helena.

— Certo — disse, por fim. — Temos que seguir esses tais Elementos e achar logo César.

— Ok, vamos começar por aqui — chamou ele, girando nos calcanhares. — Eu dei uma olhada rápida ao redor da estrutura da pira metálica, mas não vi nada de mais. Venha, me ajude.

Como na primeira parte da frase, a segunda indicação de César estava longe de ser um enigma. Sua interpretação, presumia Helena, devia ser literal.

... No templo da Chama Eterna, siga os elementos...

Será que César sabia que Arash ia me ajudar?

Seguindo Arash, Helena rodeou a estrutura que sustentava a pira metálica. A pedra lapidada não apresentava nenhuma saliência ou orifício em que pudesse ser inserido algo. Arash pegou um pano branco — provavelmente usado no processo de manutenção do fogo — e, com esforço, levantou a grande pira por baixo, pela haste, com as duas mãos, desculpando-se pelo desrespeito ao símbolo sagrado.

Também não havia nada escondido embaixo da pira.

Pousou-a de volta sobre a superfície de pedra.

Helena curvou as costas e deslizou as mãos sobre a plataforma, alisando-a de alto a baixo, uma ponta de nervosismo nos dedos. Arash fez o mesmo, em silêncio.

Meus Deus, se a porta da frente se abrir agora, vão se deparar com uma mulher de cabelos à mostra e um homem sem camisa profanando um templo sagrado!

— Encontrou alguma coisa? — perguntou ela.

— Nada.

Ela se endireitou, fitando o fogo, pensativa.

— Acho que devemos seguir a interpretação literal da frase de César. Siga os elementos.

— Mas estamos seguindo, não?

— Não literalmente — disse ela, fixando o fogo.

Arash pareceu entendê-la.

— Vai ser difícil remexer o fogo e achar algo diferente aí.

— Temos que apagá-lo.

Arash riu, incrédulo.

— Senhora, receio que isso não será possível. Sabe há quanto tempo esse fogo está aceso? São mais de mil e quinhentos anos! Há cem anos ele veio para Teerã direto de Yazd, a segunda capital mais antiga do mundo e a senhor...

— Precisamos seguir os Elementos — ela interrompeu, caçando à volta algo que apagasse a chama.

— Não posso permitir que a senh...

— E se depois nós a acendêssemos? Ninguém repararia. Estamos sozinhos, mesmo!

— Essa chama só pode ser acesa por um *dastur* depois de uma cerimônia extremamente complexa em seus procedimentos. Não podemos destruir tudo!

Helena compreendia o respeito de Arash pelo templo. Mesmo que ele não fosse um fiel, tinha um grande respeito pela religião que ajudou a consolidar a nação onde nascera. Mas era necessário agir.

— Senhor Zarak, penso que se caminarmos de acordo com o que César nos indicou, será possível evitar até mesmo que se destrua estas tradições religiosas por meio de uma guerra! As indicações têm sido literais, não há nada de enigmático. Temos fortes razões para supor que o próximo passo está dentro desse fogo. Se quiser manter essa tradição por pelo menos mais mil e quinhentos anos, precisamos saber o que está aí. É o que pode evitar uma guerra. É o que pode nos levar a César. É o que pode provar nossa inocência. E pelo que tudo indica, é o que talvez mude o mundo.

Arash demonstrou confusão.

— Mas... nós... nós corremos o risco de não acharmos nada aí!

— Quer algo mais arriscado do que a iminência de uma guerra mundial, de nossa possível prisão pelo serviço secreto americano ou pela polícia iraniana por estar dentro de um templo sagrado sem camisa e sem hijab? Isso sem falar numa plausível guerra nuclear!

Arash silenciou.

Helena deu as costas e se dirigiu a uma porta na ala oeste do salão. Um pequeno corredor se estendia à frente. Ela encontrou uma nova porta à direita. Um banheiro onde havia o que procurava: um balde.

Encheu-o na torneira e voltou ao salão.

Arash murmurava algo em persa, a cabeça baixa.

Pedindo perdão a Zoroastro, Helena despejou toda a água do balde no fogo milenar, sob o olhar de contrariedade de Arash. Junto ao som de ebulição instantânea, uma nuvem de fumaça elevou-se até o teto. Alguns segundos depois, só havia a lenha torrada.

Helena pegou uma espécie de espátula pendurada na parede e aproximou-se. Remexeu a lenha com cuidado. Logo se assustou com o que viu.

Entre os restos de lenha molhada e fuligem, havia um objeto revestido por uma espécie de capa parecida com papel alumínio, porém ainda mais brilhante. Dentro daquela pira milenar a peça de aspecto futurístico representava, no

mínimo, um anacronismo histórico.

— Está protegida com nanofibras de celulose.

— Como?! — perguntou ela, aturdida.

— Uma invenção dos japoneses. É o material mais resistente ao fogo que se conhece atualmente. Uma revolução tecnológica que está sendo usada na fabricação de aviões, carros, etc.

Helena soltou um assobio de surpresa e sorriu de leve.

— Bom, aí está — disse ela, já puxando com a espátula o objeto.

A peça tinha o tamanho de um aparelho celular. O material que o revestia reluziu as pequenas fagulhas da lareira morta e o rosto alvo de Helena, enquanto ela o entregava a Arash.

— Tome — disse ela —, vou reacender o fogo. — Ela correu até a porta oeste a fim de procurar algo inflamável e mais lenha para substituir a encharcada. Voltou com um saco de lenha na mão. Depositou o material molhado no balde, substituiu-o na pira e, depois de alguns segundos o fogo já se encontrava vistoso e reluzente de novo. Sentiu Arash suspirar de alívio ao colocar a espátula com o objeto sobre uma mesa próxima e retirar o revestimento de nanofibras de celulose.

No movimento, o que havia dentro da proteção rolou parcialmente sobre a espátula e revelou um cilindro metálico.

— Uma parte do protótipo — afirmou ele, com segurança na voz. Em seguida, com a ponta da espátula, ele remexeu novamente a peça e se surpreendeu com a figura que havia sido desenhada nele.

— O que é isso? — quis saber Helena.

Havia um símbolo desenhado em baixo relevo, parecido com uma maçã.



Então, logo abaixo do símbolo, havia uma frase:

SACRED GEOMETRY. A PART OF ALL.

Geometria Sagrada. Uma Parte do Todo.

Esfahan é a casa da Geometria Sagrada, ela lembrou-se, com o coração aos pulos. Embora o desenho não fosse tão familiar, a mensagem não a surpreendeu. *Uma Parte do Todo*. A peça parecia ser uma parte do reator que

César havia mostrado no vídeo. Fazia sentido. Lembrou-se de que o protótipo devia ter o mesmo material; era metálico. César os ajudava com isso, provavelmente sabendo que ela não teria tempo de decifrar enigmas e iniciar uma caça ao tesouro no meio daquele caos.

Agora deviam se concentrar no outro elemento: a água. Observou novamente a palavra escrita por cinzas de fogo, provavelmente por Ramin.

↓ELEMENTS↑

A seta dos elementos apontava para fora do templo. Estava claro que agora deveriam buscar o resto da peça ou qualquer outro artefato no espelho d'água lá fora e, logo depois, partir para a casa da Geometria Sagrada. *Esfahan*. Onde houve o terremoto. Onde estariam as supostas armas nucleares, e onde havia um vazamento radioativo sem precedentes. A cidade se encontrava no momento em quarentena. E ainda havia uma nuvem radioativa que poderia espalhar-se ao gosto do vento.

Helena e Arash teriam de ir diretamente para o olho do furacão.

Arash estudou a peça e refletiu durante um tempo, acariciando a barba que, àquela altura, já estava por fazer. Por fim, de forma surpreendente, sorriu.

— Temos muito que conversar, senhora Gouveia. A estrada para a Metade do Mundo é longa.

— Metade do Mundo?

— É como os antigos chamavam *Esfahan*.

Helena não pôde evitar de brincar mentalmente com o ditado:

Tomara que Esfahan não destrua metade do mundo.

CAPÍTULO 31

Doroth Morgan pousou os cotovelos na mesa de seu gabinete e suspirou pesadamente. O telefone parecia feito de chumbo, principalmente por causa das notícias que o agente Cole lhe dava.

— Senhora Secretária — insistia ele —, o que testemunhamos na sede da ONU é visto como um crime internacional. Precisamos agir com contundência. Nós dois assistimos às filmagens. Helena Gouveia recebeu a ajuda de um iraniano que residia em Nova York. Nosso pessoal o identificou como Arash Zarak, engenheiro nuclear. Trabalhou seis anos na Universidade de Teerã em programas nucleares. Antes disso, porém, era capitão do exército iraniano. Há três anos trabalha como taxista e responde pelo nome de Abdel Kader. Nossos registros também indicam que antes de virar taxista ele sumiu pelas ruas Nova York por outros três anos. Provavelmente viveu como indigente.

Doroth comprimiu o cenho, estranhando aquela descrição.

— O senhor acredita que ele é...

Cole respondeu com a segurança de um militar bem treinado:

— Todas as evidências nos levam a crer que Zarak e César Montenegro são agentes secretos da Guarda Revolucionária iraniana. E Helena Gouveia responderá, ao menos, como colaboradora de terroristas internacionais.

O corpo diminuto de Doroth afundou na cadeira de couro marrom, seu salto quinze mal tocando o chão.

— Senhor Cole — disse ela —, eu compreendo as implicações desse caso, mas peço ao senhor algumas horas para que possamos comprovar a veracidade das evidências encontradas por nossa comissão. O terremoto precipitou um pouco as coisas, de modo que as operações em Esfahan se complicaram. Por gentileza não deixe a mídia saber do ocorrido por enquanto.

— Confesso que não tenho controle sobre isso. A senhora entende que estamos às cegas? Estar cego em um contexto geopolítico como esse nos deixa em estado de alerta total. Por isso todas as agências de contraespionagem dos EUA já foram acionadas, então tudo pode acontecer.

Doroth apertou o telefone junto ao ouvido:

— Senhor Cole, se a CIA, NSA ou seja-lá-quem já entraram em ação, só vai piorar as coisas. Nós temos em mãos um cabo desencapado de alta tensão que chicoteia fagulhas para todos os lados. O senhor está ciente de que se não controlarmos essas fagulhas poderemos desencadear uma guerra de proporções inimagináveis?!

Cole respondeu com uma frieza conclusiva:

— Não tenho interesses apátridas, senhora. O meu empenho é

exclusivamente na segurança dos Estados Unidos da América. Volto a contatá-la em breve.

E desligou.

Doroth Morgan continuou com o telefone ao ouvido, esperando as palavras de Cole pararem de reverberar em seu cérebro. O vazamento da usina e a nuvem radioativa — que teria o potencial de se espalhar de maneira incalculável — consistiam num problema irreversível. Alegando ajuda humanitária por causa da tragédia, países com interesses em acabar com o Regime dos Aiatolás, poderiam facilmente ocupar a região. *Uma intervenção*. O Irã, é claro, não aceitaria. O que poderia gerar, no mínimo, uma guerra civil. O terremoto poderia transformar o Irã em um território internacional. Isso se não ficasse provada a existência de armas nucleares.

Se a contraespionagem agisse, Helena poderia ser presa e, inevitavelmente, julgada. A primeira criminosa de guerra da ONU, talvez.

Absorvida por uma cadeia de pensamentos, observou o quadro pregado na parede à sua frente. Sua foto oficial da posse. Os últimos cinco anos no cargo de Secretária Geral da ONU testemunharam o fim do ar romântico e esperançoso quanto à paz mundial que o retrato exibia. Não soube quanto tempo ficou ali, o telefone junto ao ouvido, imersa no silêncio da linha sem sinal, num mundo à parte. Eram duas horas da manhã e Doroth Morgan ainda se encontrava na sede da ONU.

Quando recolocou de volta ao aparelho, imediatamente ele voltou a tocar.

Linha um. Sua secretária.

— Senhora, o diretor do Pentágono quer lhe falar.

— Transfira a ligação.

— Na verdade, senhora — a secretária pigarreou —, o senhor Ron Jay Campbell está aqui.

O queixo de Doroth caiu.

— O diretor do Pentágono está *aqui* na sede ONU?

— Ao meu lado, senhora.

Mas que diabos Campbell está fazendo no meu gabinete?

— Mande-o entrar.

Um instante depois, a porta se abriu. Campbell, com sua forma esguia enfiada em um terno preto bastante conservador, entrou com uma rigidez decidida na sala e sentou-se à sua frente.

— Secretária — cumprimentou-a.

— Senhor Campbell, não esperava esse encontro assim...

— Vamos abandonar os formalismos, Doroth. Tenho uma saída para nosso problema no Irã.

CAPÍTULO 32

Pang Meng sentia dificuldades para respirar. Não fazia ideia de quanto tempo já estava soterrado. Sua mente oscilava continuamente entre a consciência e a inconsciência. Não havia espaço para a cabeça se mover e era impossível enxergar algo além da ponta do nariz. Quando tentou mexer as pernas, sentiu uma dor lancinante acima do joelho direito. A bala alojada causava problemas.

Reparou que, por causa de sua posição fetal, foi criado um espaço vazio em um ponto na altura do abdômen, tendo acumulado parte do ar que o mantinha vivo. A mão esquerda havia parado sob o queixo, ficando relativamente livre, ao contrário da direita, que se achava presa em algum lugar acima da cabeça.

Estou num túmulo feito de escombros.

Lutando contra a inconsciência, Meng pôs-se a agitar o tórax com o máximo de força que conseguiu. Tudo permaneceu estático. Sentiu, entretanto, uma espécie de corda roçando na parte de trás do pescoço. Parecia uma alça.

A câmera!

O sistema de pulso eletromagnético adaptado na Nikon D7000. Tentou movimentar a mão esquerda em direção a ela, mas sentiu uma picada delirante no ombro baleado. O gemido saiu como reflexo. No limiar entre a razão e o delírio, viu passar na mente um borrão de devaneios, palavras e informações desconexas. Piscou os olhos em meio ao breu, à espera de um norte.

A câmera pode me salvar...

Num delírio, lembrou-se de como conheceu aquele sistema, trinta anos antes, quando tinha trinta anos de idade.

Meng sempre acompanhou o desenvolvimento das tecnologias militares. Acessava com frequência os registros de contraespionagem que o Instituto mantinha na sua sede asiática.

Por mais incrível que pudesse parecer, a tecnologia das armas eletromagnéticas atravessava gerações. Existiam registros de uso desse gênero desde 1934. Stálin o empregava como tortura na extinta União Soviética, através de um método de controle remoto de estimulação elétrica do sistema nervoso.

Após a Segunda Guerra Mundial, os Aliados descobriram que os japoneses tinham desenvolvido um *raio da morte*, utilizando ondas de rádio muito curtas centradas em um feixe de alta potência. Os EUA também realizaram entre 1958 e 1962 testes em altas altitudes usando impulsos eletromagnéticos com bombas sobre o Pacífico.

De modo geral, as armas tinham a capacidade de interagir com o sistema nervoso do alvo. Geralmente operavam numa frequência muito baixa, de 100 a 1000 Hz ou, extremamente baixa, maior do que zero, mas inferior a 100 Hz

gamas de frequência. Elas utilizavam as diversas frequências do espectro eletromagnético para desativar ou matar o alvo. Eram chamadas de *Psychotronic*.

Ou os raios invisíveis, como o pessoal do Instituto apelidava.

A mesma tecnologia foi desenvolvida pelos pesquisadores da *Air Force Research Laboratory* que trabalhavam com a Raytheon. Criaram uma arma chamada Sistema de Negação Ativa, que repelia os adversários aquecendo as moléculas de água de sua pele com energia de micro-ondas. Meng ouvira relatos de que a dor era tão grande que as pessoas não suportavam ficar paradas no mesmo lugar, e fugiam imediatamente.

O exército dos EUA, através da Raytheon Company, batizou o gênero bélico de *Armas de Energia Dirigida* e adaptou em caminhões do exército, testando o sistema publicamente nos anos 2000.

Com apenas um disparo, a câmera de Meng tinha capacidade de paralisar o sistema nervoso central do alvo e simplesmente desligar a atividade cerebral. Para conseguir isso, o indivíduo teria que ficar mais de cinco segundos sob a influência direta da arma. O recurso fora adaptado na câmera para que Meng o usasse com se fosse um turista japonês aposentado em Esfahan. Em seus trinta anos de experiência no campo de espionagem, jamais havia encontrado algo que unisse a diversão com praticidade. Em se tratando de morte, para Meng, esses dois conceitos se misturavam harmonicamente.

E esse brinquedo também é capaz destruir pedras, pensava ele, de volta à realidade.

Se o mecanismo encontrasse o ponto de ressonância molecular das pedras que o encobriam, as ondas de baixa frequência poderiam fazê-las vibrar até destruí-las. Meng teria que suportar a dor para agarrar a câmera. Era sua única chance.

Depois de respirar fundo, empurrou o cotovelo para baixo, lutando para não desmaiar novamente. O dedo do meio tocou a Nikon no mesmo momento em que Meng experimentou de novo a dor aguda no ombro e quase apagou. Instintivamente recuou.

Inalou o pouco ar três vezes e, com o fio de força que lhe restava, desceu uma vez mais o braço.

Conseguiu segurar a câmera, arfando de dor. Depois de alguns segundos de recuperação, deslizou o polegar até encontrar o botão que a acionava.

Sua luz azulada acendeu o tumulto de pedras que se formara ao redor, quase a metade dos 1,75m de Meng. Se tivesse o mínimo de fobia a lugares fechados, aquela era a hora de se desesperar.

Não, determinou ele. *Não eu*.

Ajustou o mecanismo da Nikon. Tinha que usá-lo como uma potência maior, uma vez que o objetivo consistia em destruir algo muito sólido.

Depois de calcular a margem de erro, procurou uma rocha na sua diagonal superior que pudesse ser menor e mais leve. Poderia desencadear uma avalanche ao quebrá-la, o que fatalmente o mataria. Afastou a Nikon o máximo que pôde, de modo a não haver contato nenhum com seu corpo.

Disparou.

Ouviu um som de estática, como o de um rádio mal sintonizado.

As ondas de baixa frequência.

Cerca de dez segundos depois, a pedra se rachou.

Isso... Vamos lá... torcendo para que a estrutura não ruísse como quando se retira uma laranja de uma pilha delas em um mercado.

Mantendo o dedo pressionado, ele esperou mais alguns segundos. Então a pedra se esfaļhou em mil pedaços. Brita e pó colidiram contra o rosto. O barulho dos escombros se reajustando fez Meng prender a respiração. Rezou para que tudo não ruísse de vez.

Sobreveio o silêncio.

Um fecho de luz entrou pela cova de entulho, as partículas de poeira fugindo pela abertura. Puxou o oxigênio o mais fundo que conseguiu, sentindo uma onda de alívio pontuar cada célula do corpo.

Acionou o sistema e mirou um pedaço de viga ao lado da fissura. Após alguns segundos, ela se partiu e deu lugar a outro fecho de luz, como o de uma lanterna.

Quase lá...

Meng se preparava para fazer o próximo disparo quando um rosto apareceu na fenda. Branco e ferido, tinha a boca avermelhada de sangue, o supercílio cortado e a pele coberta de poeira.

Por trás do cano da pistola, o rosto do homem de sobretudo preto estava a alguns centímetros de Pang Meng.

CAPÍTULO 33

Os carros estacionaram paralelos, no local de sempre, aos pés de uma pequena ponte desativada há séculos, interrompida no encontro com o rio, cujos tijolos o tempo encarregara-se de cobrir com hera e trepadeiras. Poderia até ser confundida com uma ponte medieval europeia, não fosse por sua localização: às margens do Rio Potomac, Georgetown, Washington.

Os veículos estavam separados da beirada do rio apenas por uma fileira de árvores que os envolviam quase por inteiro com seus galhos apinhados de folhas verdes, que pareciam concordar com generosidade em camuflá-los. Cem metros atrás, no topo de uma extensa escadaria de madeira, o relógio de ponteiros do edifício secular *The Car Barn* — hoje uma unidade da Georgetown University — marcava 3h19min.

Xerxes teria optado por um encontro menos oculto, mas compreendia os critérios. As forças com as quais se aliara não só eram inimigas dos EUA, mas, acima de tudo, de todo o sistema político-econômico vigente no mundo.

Um novo mundo, era o que eles afirmavam.

O cavalheiro que o aguardava devia ter pouco mais de cinquenta anos e Xerxes tinha ciência de que era apenas o intermediador de alguém muito mais discreto. Enquanto saía de seu carro, tornou a experimentar o fio de tensão que sempre o acometia antes daquelas reuniões. Concentrando-se em portar-se naturalmente, entrou pela porta de trás da Mercedes preta e os cumprimentou. Não recebeu o gesto de volta. O motorista e o intermediador olhavam para frente, através do para-brisa, em direção à superfície do rio, indiferentes.

O intermediador vestia-se de um sotaque carregado e maquinal, como se tentasse quebrar o ar com a voz.

— Onde está o seu agente?

Xerxes já esperava pela pergunta. Respondeu no mesmo tom:

— Seu último contato foi há uma hora. Deve ter tido algum contratempo. Mas os senhores sabem que Meng é o agente mais temido do mundo.

Houve um instante de silêncio no carro.

— Achamos que Meng foi impossibilitado por *eles* — disse o intermediador.

Xerxes sabia bem a quem o homem se referia. Ao único empecilho para o cumprimento da missão.

— É verdade que o aparecimento *deles* foi uma surpresa. São os únicos que podem parear com Meng. Contudo, meu agente tem métodos bem peculiares de atuação. — Xerxes tentou transparecer tranquilidade na voz.

— O protótipo está seguro?

— Fui informado que sim. A missão de Meng agora é ir à usina para...
— Nós sabemos da missão — cortou. — E a reunião no Pentágono?
— A maioria do Conselho do presidente quer a guerra. Mas existe a possibilidade da aplicação do Flame II.
— O homem anuiu com a cabeça, pensativo.
— E o casal?
— Sob meu controle, conforme o planejado.

Houve mais uma pausa. O intermediador virou o rosto para trás pela primeira vez em todos os cinco encontros. Seu olhar de ave de rapina era de uma rigidez atemorizante.

— Preste bem atenção: se Meng não estabelecer contato em uma hora, quem terminará essa missão no Irã será o senhor, pessoalmente. Fui claro?

Os dois se encararam em silêncio por um longo tempo. Xerxes não poderia demonstrar total submissão. Sem ele, aquela missão não existiria.

Então o intermediador fez um sinal, dispensando-o. Xerxes saltou, batendo a porta de trás. As luzes de ré da Mercedes clarearam a escadaria de madeira logo atrás dele. Viu o carro se distanciar, passar por baixo da velha ponte e sumir na noite.

As origens reais das forças com as quais se associara ainda representavam um mistério para ele. A única informação que Xerxes tinha era de que se tratava de um antigo barão do petróleo. Não sabia seu nome, tampouco em qual país vivia. Apenas suspeitava que fosse oriundo do Leste Europeu pelo tipo de sotaque de seu intermediador. Na verdade, pensava ele, isso não importava tanto. Seu dever resumia-se em cumprir o tratado dentro do prazo e, depois, apenas gozar das benesses. Que para Xerxes eram de um valor incalculável. Tentou avaliar o impacto do terremoto nos seus planos. Havia sido excelente.

Na hora certa.

Ficou satisfeito por não ter demonstrado insegurança na conversa. Não podia negar, entretanto, que havia um problema em curso. O sumiço de Meng o preocupava. Havia perdido comunicação visual através do satélite que o monitorava. A anomalia que o terremoto causara na atmosfera o desativara por algumas horas. Se Meng fora detido ou morto, só poderia ser obra *deles*.

Helena e Arash, por outro lado, permaneciam sob seu domínio total.

De qualquer maneira, havia tempo. O Pentágono era um mar de confusão, o Irã, um caos, e a Europa, Rússia e China ainda não imaginavam que a ONU havia achado armas nucleares em Esfahan. Optou por aguardar mais, antes de um plano B.

Envolto por um manto pesado de pensamentos, não havia percebido que dera com a entrada de uma pequena trilha asfaltada, usada por ciclistas e

pedestres apenas durante o dia. Àquele horário, era negra e nebulosa. Muito provavelmente como o destino atual de Meng.

Penetrou nas sombras da trilha e sacou o telefone para tentar contatar Meng outra vez.

Onde está você, maldito oriental?

CAPÍTULO 34

Pang Meng estava pressionando o dedo no dispositivo da Nikon quando reparou no cano da *Desert Eagle* na direção de sua testa. Através da abertura nos escombros (que tinha as dimensões de uma bola de basquete), ele moveu a lente da câmera alguns centímetros, diretamente para o buraco, e acionou o circuito mais uma vez.

De imediato, o rosto do homem de sobretudo preto retorceu-se de dor. Meng contou os segundos.

1...

Os olhos se retorceram e um gemido primal jorrou de sua garganta.

2..

O rosto coberto de poeira assumiu uma cor vermelha, como se todas as veias da face de repente emergissem à parte mais externa da pele.

3...

O homem sumiu da abertura e Meng ouviu o barulho seco do corpo cair entre as pedras. Eram necessários mais dois segundos para o desligamento total das funções neurológicas do cérebro. Mas Meng deu-se por satisfeito. As sequelas, agora, seriam irreversíveis para o homem de sobretudo preto.

Quando se certificou de que não havia mais nenhum movimento lá fora, tirou o dedo do dispositivo e sorveu o ar com força, um chiado na garganta anunciando a dificuldade em respirar o ar seco.

Ainda tinha metade do antebraço preso em algum ponto sobre a cabeça, os joelhos dobrados e a dor pungente no ombro e na perna.

Velho, mas ainda infalível.

Menos de um minuto depois, dois olhos expressivos por trás de um niqab preto despontaram na fenda. Meng apontou a Nikon mais uma vez, até perceber que se tratava do rosto assustado de uma mulher. Ela gritou algo em persa para alguém atrás de si e, logo, surgiram dois homens que usavam os inconfundíveis capacetes pintados com a cruz vermelha. Tentaram se comunicar em persa com Meng, mas ele não compreendia.

Próximo da inconsciência, murmurou em inglês:

— Estou bem... estou bem... Meu braço está preso.

Pareceram compreendê-lo.

Instantes depois, ele ouviu um barulho de uma máquina se aproximando. Aos poucos, uma espécie de pá remexeu as rochas ao redor. Depois de alguns minutos, os homens retiraram a camada externa que estruturava a cova. Quando extraíram a pedra que prendia o braço de Meng, o alívio foi tamanho que ele se permitiu desligar-se do mundo.

Acordou em cima de uma maca, com um imobilizador no pescoço e uma agulha enterrada no braço esquerdo.

Soro...

Sentia-se levemente revigorado.

Ainda se encontrava ao redor dos escombros do pequeno prédio, dentro de uma pequena perua adaptada como ambulância.

Sentou-se sobressaltado e vasculhou com os olhos o ambiente ao redor. Provavelmente o desabamento do pequeno prédio havia provocado uma reação em cadeia. Uma fileira de cerca de oito prédios, já abalados com os tremores anteriores, não se sustentaram por muito tempo e também ruíram.

Através do vidro, procurou o homem de sobretudo preto. *Nem sinal dele.* Meng conhecia a letalidade de sua arma. Mesmo que tivesse sobrevivido ao tiro, a morte em poucas horas seria certa.

Numa tigela de metal ao lado de uma mesa, encontrou fragmentos ensanguentados de bala. Havia extraído de sua perna, que fora enfaixada com um curativo limpo e bem feito. O mesmo fizeram com o ombro perfurado.

Puxou o tubo intravenoso, retirou a proteção do pescoço e levantou-se. As dores haviam diminuído consideravelmente e seus pensamentos fluíam com mais rapidez.

Percebeu que a Nikon jazia empoeirada num balde ao lado. Pegou-a e pendurou-a no pescoço, antes de descer da perua, ainda claudicante. O sol intenso bem no meio do céu azul insinuava-se quase no meio dia. Havia se passado três horas desde que o prédio desabara sobre ele e o homem de sobretudo preto. Atribulados com o excesso de trabalho, bombeiros, policiais e voluntários não repararam em sua fuga da ambulância improvisada.

Era necessário voltar para o esconderijo.

Passando por trás do veículo, esgueirou-se por entre duas montanhas de escombros e tomou o caminho de sua base. O helicóptero não estava longe. Ele ainda não havia testado o protótipo desde que o tomara da Guarda Revolucionária na usina. Era o próximo objetivo.

Enquanto andava em meio à paisagem catastrófica, perguntou-se sobre o que Xerxes havia pensado de sua ausência. Muita coisa devia ter acontecido nessas últimas três horas. Meng precisava ser mais radical.

— Aguarde-me, César Montenegro.

CAPÍTULO 35

Helena apanhou sua bolsa na cadeira e correu para a saída do Templo Adrian com o cilindro metálico nas mãos, perplexa como uma criança que descobre um bicho esquisito na areia da praia. Logo atrás, Arash, ainda sem camisa, fez um gesto de reverência para a chama eterna e seguiu-a.

O segundo Elemento é a água, ela repetia para si.

— Tem certeza de que não tem nenhum véu sobrando aí? — Arash perguntou.

Helena olhou-o de esguelha.

— Sabe, sempre costumo ter um sobressalente para o caso de me cobrarem nos corredores da ONU.

— Um homem sem camisa e uma mulher sem hijab no Irã causam o mesmo efeito legal que um casal nu em Manhattan. Temos que arrumar um jeito, longe dos olhos atentos dos *basijs*, a polícia moral daqui.

Helena mal ouviu a frase. Ao se aproximarem do espelho d'água do pátio, ela ficou paralisada com a visão do corpo queimado do pequeno homem caído do outro lado. A camisa de Arash cobria-o como um cobertor, deixando as pernas finas e carbonizadas à mostra. O hijab de Helena, queimado pela metade, estava ao lado do corpo. Ela teve a nítida percepção de que o sol tórrido do meio-dia fazia o trabalho que o fogo não terminara minutos antes.

Tornou a sentir o fio de náusea cortar a garganta ao inalar o cheiro de carne queimada.

Arash pousou a mão em seu ombro.

— Dê-me o cilindro — pediu gentilmente.

Helena olhou para o desenho no objeto.



SACRED GEOMETRY. A PART OF ALL

Estendeu-o para ele. Arash o sondou profundamente.

Enquanto isso, Helena estudou o espelho d'água à sua frente, que devia ter pouco mais de 3 metros de circunferência e uns quarenta centímetros de profundidade. Lembrava-se de que esse tipo de representação aparecia em várias religiões e culturas do mundo. Em Brasília, por exemplo, uma cidade a que muitos atribuem uma distinta mística — pela grande variedade de pirâmides, símbolos, simetria das construções —, os espelhos d'água estavam presentes por toda a parte, das pequenas repartições públicas ao palácio do governo — inclusive no Palácio Itamaraty, onde ficava a sede do Ministério das Relações Exteriores.

Das civilizações da Mesopotâmia, passando pelo Império Romano, pelos templos budistas e hindus, sempre se via essa tradição. Por certo, mais um legado do zoroastrismo ao mundo. Dos que Helena possuía conhecimento, o espelho do Taj Mahal era o mais impressionante. Além dele, o famoso Monumento de Washington e o Lincoln Memorial, eram outros exemplos arrebatadores de espelho d'água.

Voltou-se para Arash:

— O que a água representa para zoroastrismo?

— Bem, tal como o fogo, a água é um agente de pureza. É considerada a sustentação da vida, e por isso está sempre representado nos templos. O fogo é concebido como um meio através do qual o discernimento e a sabedoria espiritual são adquiridos. Através da chama que se adquire o Conhecimento. E a água é considerada a fonte dessa sabedoria.

— Os arabescos no espelho d'água explicam o Tórus — murmurou ela, repetindo o que ouvira de César no vídeo. — Mas confesso que meu conhecimento sobre arabescos é quase nada.

— Entendo. A palavra arabesco quer dizer *à moda árabe*. Mas o que poucos sabem é que essa moda não é exatamente árabe, e sim, persa — completou Arash, orgulhoso.

Até onde Helena sabia, os arabescos consistiam em elementos da arte islâmica, normalmente usados para enfeitar as paredes das mesquitas. A elaborada combinação de padrões geométricos vistos geralmente nos tapetes persas e nas mesquitas era espantosa. Geralmente alguns tinham formas de plantas. Não imaginava, no entanto que tivessem nascido na Antiga Pérsia, tampouco do Zoroastrismo.

— Certo. Os arabescos são a Geometria Sagrada?

— Eu diria que os arabescos são a forma da Geometria Sagrada. A escolha dos padrões geométricos, dos mosaicos e a maneira como devem ser usados compõem a visão [islâmica](#) do mundo. Se você reparar, suas formas são quase

sempre abstratas, com raríssimas exceções figurativas, geralmente quando se desenha flores, frutas e plantas entrelaçadas. — Ele respirou fundo. — Acredito que o mais importante agora é sabermos que, não só para os muçulmanos, mas também para religiões mais antigas, essas formas em conjunto constituem um padrão infinito que se estende para além do mundo visível e material. Para muitos, elas simbolizam o infinito, e, por conseguinte, a natureza da Criação. A verdadeira natureza de Deus.

Helena refletiu por alguns instantes, admirada com o delicioso banho cultural que tomava. Aproximou-se um pouco mais do pequeno tanque de água, a superfície límpida reluzindo os raios de sol. Reparou que os azulejos azuis claros eram lisos como os de uma piscina comum. Nem sinal de desenho ou de algo no revestimento do fundo e das bordas que pudesse representar um arabesco.

— Pelo que entendi do vídeo de César, esses desenhos de arabescos deviam estar aqui.

— Sim, eu percebi. É exatamente isso que não entendo.

— Teria algo a ver com a palavra Tórus a que César se refere?

— É exatamente isso. Nas culturas árabes e persas, que receberam a influência direta da Geometria Sagrada, as figuras dos arabescos, dos padrões geométricos perfeitos, representam, no final das contas o que se conhece como Tórus. Essa palavra significa, do latim, “almofada”. Eu chamo, carinhosamente, de *Padrão Rosquinha*. — Ele mostrou o desenho riscado na peça do protótipo de Energia Livre. — Olha como se parece como uma.

A resposta causou uma inquietação crescente em Helena.

— Dá para ser mais claro?

— $V=\pi^2 Rr^2$ — respondeu ele, enquanto alisava o cilindro na mão, imerso em pensamentos.

Helena perdia a paciência. *O quê?*

— Essa é a fórmula matemática do Tórus. — Arash abaixou-se e, com a outra mão, pegou uma pequena semente que rolou com o vento. Lançou um sorriso para ela e disse: — Provo a você que o Tórus desenhado aqui nesta peça do protótipo está aqui, nesta semente, que caiu das palmeiras ali atrás, e que também tem a estrutura toroidal em miniatura.

Ele quebrou a semente com os dentes e mostrou seu interior para Helena.

— Sim, é redondo, e daí?

— Não é apenas redondo! Repare como o formato de seu interior se parece com o de uma maçã cortada ao meio. Também se assemelha ao corte de uma melancia, de uma ameixa, de um limão... Essa representação pode ser vista tanto em uma semente como no desenho de um furacão ou de um tornado. Até no

campo eletromagnético que circunda o corpo humano e no campo magnético da Terra. A reprodução é a mesma! Essa é a forma com que o Universo faz nascer a vida sob todas as formas. Isso é o Tórus.

Helena observou a semente. Se a explicação não viesse de alguém em quem César confiava, ela teria a certeza de que lidava com um maluco. Mas de fato, a semente tinha o formato idêntico da figura da peça.

— Resumindo, esse princípio serve como um modelo universal no qual se pode se criar energia livre, limpa e infinita. Foi o que tentei fazer com César. Parece que ele conseguiu.

Arash pareceu sentir sua confusão e abriu ainda mais o sorriso, deixando entrever os dentes graúdos.

— Helena, não precisa acreditar em mim agora. Apenas confie, da forma como fez até aqui. Te garanto que até o desfecho dessa história você vai entender tudo — então ele jogou a semente no chão e continuou brincando com o cilindro, atirando-o para cima, como uma bola de beisebol.

Neste momento, o som que ouviu-se fez Helena se retesar.

Alguém socou várias vezes à porta leste, por onde os dois entraram. Arash desviou sua atenção e o cilindro bateu no dedo do meio, o que impulsionou o objeto metálico, que caiu no centro do espelho d'água.

Helena já ia entrar para pegá-lo, quando foi paralisada pela mão de Arash.

— Espere! Olhe! — ele disse, apontando para o centro do espelho d'água, em meio ao som de batidas ao fundo.

— O quê?

— Olhe como a água forma verdadeiros arabescos!

Como o efeito de uma pedra caindo num lago, círculos concêntricos, perfeitamente redondos se formaram na superfície. As marolas se chocaram contra a parede da piscina e, em seguida, adquiriam o segundo formato de arabescos, assemelhando-se a galhos de plantas, deixando a água turva.

— Os arabescos do espelho d'água explicam o Tórus — Arash repetiu a frase de César, as batidas se tornando cada vez mais irritadas. — É isso! Genial!

— Mas o que quer dizer?

— Explico depois. — Ele pulou com rapidez na água e pescou o objeto. — Venha, vamos pela saída oeste! — completou, puxando-a pelo braço.

Os dois correram pelo lado direito do Templo, rumo ao portão alternativo, o som dos seus passos repercutindo no pátio. Então ela distinguiu duas vozes gritando em persa do lado de fora. Rezou que fossem apenas fiéis à espera de entrar para uma oração no templo. Qualquer outra possibilidade só poderia significar encrenca. Um cadáver queimado em um templo trancado e profanado, um homem sem camisa e uma mulher sem o véu. Lembrou-se das bárbaras

formas de pena de morte no Irã, as quais ela mesma já combatera na Comissão de Direitos Humanos da ONU: morte por apedrejamento, enforcamento, fuzilamento...

Deus do céu!

— O que eles estão falando?

Arash olhou para ela, seus traços fortes marcando a testa.

— Lembra-se que eu comentei sobre os *basijs*?

A polícia moral do Irã.

— Sim.

— Pois, então... — ele apertou sua mão com força. — Corra!

CAPÍTULO 36

Coçando uma ruga dos olhos, Campbell esperava a reação de Doroth. Pela perplexidade do rosto dela, parecia que repetia mentalmente suas últimas palavras: *Uma saída para nosso caso no Irã?*

— Você está se referindo ao quê, especificamente, Ron?

Campbell amparou os cotovelos na mesa, verificando as horas. 4h19min da manhã.

Início de uma reunião de urgência com a Secretária Geral da ONU.

Todavia, ele estava seguro de que era mais do que necessário. Doroth era a fonte de todo aquele caos e, se havia alguém que desejava mais do que ele mesmo ver a paz acima de tudo, era ela. O que Campbell iria lhe apresentar salvaria a reputação das Nações Unidas.

— Doroth, o que estou prestes a lhe revelar está muito além de sua posição como Secretária Geral da ONU. — Ele fez uma pausa. — Refiro-me a um segredo de segurança dos EUA, e a única razão pela qual irei abri-lo para você é porque nós dois temos um desejo em comum: não queremos que o mundo esteja em pedaços até o fim desta semana.

As palavras planaram no ar por instantes.

— O.K. Um segredo de governo — disse ela, parecendo um pouco confusa.

— Não. Mais do que isso. Um segredo de Estado. — Ele observou à volta, como se tentasse ver a movimentação de ouvintes através das paredes. — A verdade é que sinto que estou cercado de vespas — confessou. — A única solução defendida pelo Estado Maior, pelas Agências de Inteligência e pelo Secretário de Estado continua sendo a invasão imediata.

Doroth remexeu-se na cadeira, tensa.

— Entretanto, algo inédito aconteceu na reunião de hoje. — Campbell olhou dentro dos olhos dela. Havia baixado a voz para um sussurro, agindo como se fosse um amigo confidenciando um caso, ao invés de um dos homens mais poderosos dos Estados Unidos. — É uma ideia que nos foi apresentada pelo diretor da DARPA, Christopher Lott.

Doroth mordiscou os lábios, um sinal de nervosismo.

— Sim, o conheço.

— Em 2010 — retomou Campbell —, o Mossad e a CIA utilizaram uma arma high tech para inviabilizar alguns projetos nucleares iranianos.

— Eu soube — ela respondeu, num tom decepcionado. — Mas os fatos caíram em descrédito e acabou virando um boato no fim.

— Nós produzimos esse boato — confessou Campbell.

— Compreendo as razões.

Campbell sabia que a desinformação era uma das táticas mais antigas e recorrentes dos governos. Plantar uma informação falsa, por uma via que seja confiável ao público, a vítima. A tradição nasceu no Império Romano. Quando um fato secreto vinha à tona e, eventualmente, poderia prejudicar as pretensões de um país, havia duas saídas: ou era veementemente negado ou, de maneira científica, usava-se uma série de versões falsas para causar o descrédito e rebaixá-lo a um simples boato. Era compreensível que uma crise poderia ser gerada caso Rússia e China, aliados do Irã, soubessem na época que parte do aparelhamento cedido ao país para a produção nuclear fora destruído por um vírus americano.

Campbell levantou-se.

— Antes de prosseguir, preciso saber se o sigilo sobre as armas nucleares continua se restringindo à ONU e aos EUA.

Ela meneou a cabeça afirmativamente.

— Melhor assim — disse Campbell. — Creio que as atenções do mundo se voltaram exclusivamente para a tragédia em Esfahan. Qualquer outro boato, não encontrará eco agora.

— Correto.

— Muito bem — ele continuou —, a notícia do *incidente de 2010* se popularizou com o nome de *Flame*. A Chama. Você deve se lembrar.

Doroth concordou.

— A informação espalhou-se de tal maneira que você encontra explicações até no Youtube de como o *Flame* funcionava. Fomos descobertos por uma empresa da Bielorrússia. Não esperávamos a repercussão, uma vez que não imaginávamos que as empresas de antivírus estivessem tão avançadas. O fato é que não encontramos nada que comprometesse o Irã na época, mas a experiência serviu como teste para uma futura investida.

— Devo pensar então que a ideia é usar o Flame novamente?

— Claro que não. A situação é muito mais delicada agora. — Campbell retirou um Smartphone do bolso e ligou-o. — Este é o projeto de Lott da DARPA. Essa versão é muito mais poderosa que o Flame. — O austero emblema do Pentágono revelou-se no pano de fundo da tela.

Campbell abriu um arquivo de slides e mostrou todo o projeto do diretor da DARPA em cinco minutos. Informações insonháveis desfilaram no ar do gabinete de Doroth Morgan. Ao final, como se tivesse corrido dez quilômetros, ela colou as costas na cadeira e passou a mão no seu topete louro, mordendo os lábios.

Campbell tinha ciência de que consistia em um projeto arriscado. Caso os

países aliados ao Irã descobrissem a artimanha, a guerra seria inevitável. Todavia, a ação do plano envolvia uma profunda discussão ética e moral. Será que a guerra moderna chegaria a tal ponto? Doroth era caalejada o suficiente para saber que a ética e a moral, tão defendidas na teoria política, não passavam de rabiscos de papel na prática.

No entanto, Campbell tinha plena certeza de que, para Doroth Morgan, o que importava era chegar à paz. E os fins justificariam os meios.

— Tudo bem. Pode contar com o meu apoio.

Campbell relaxou os ombros, visivelmente aliviado.

— Muito bem — disse ele. — Agora preciso ver todas as evidências que a sua comissão investigadora encontrou em Esfahan, agora. Só assim teremos condições de colocar em prática ou não o projeto da arma high tech de Lott.

Doroth fez uma cara confusa.

— Com qual objetivo, se elas são praticamente conclusivas?

— Porque temo estar lidando com forças que transitam muito acima de nós dois.

CAPÍTULO 37

Helena corria de mãos dadas com Arash pela Rua Muhammad Beyg, paralela à entrada do Templo Adrian, as pernas ardendo pela explosão muscular. Podiam ouvir o som agudo das sirenes que brecavam diante da entrada principal. Ainda não haviam cruzado com nenhum transeunte, mas ela sentia-se como um *alien* cuja nave acabara de cair na Terra. O fluxo de carros era relativamente contínuo e todos os que passavam lançavam olhares que variavam do espanto ao repúdio. Alguns motoristas buzonavam e faziam sinais apontando para a cabeça, num alerta para as duas anomalias.

Uma estrangeira sem véu e um fugitivo sem camisa pelas ruas de Teerã...

Mais do que nunca, sentiu falta do niqab que havia usado até Teerã. No entanto, um pensamento em seguida amenizou um pouco seu pânico. Provavelmente a polícia havia sido chamada por alguém que ouvira os berros de dor do sacerdote. Enquanto não analisassem as gravações das câmeras de vigilância, não saberiam que havia um casal lá dentro. E essa realidade poderia lhes dar tempo.

— O que vamos fazer? — gritou para Arash, dando-se conta de que era a segunda vez que fazia a mesma pergunta em pouco mais de 24 horas.

— Precisamos de um táxi — disse ele, os cabelos negros e densos reagindo ao ar quente.

Helena olhou ao redor. Ipês densamente floridos ponteavam inteiramente a estreita rua até a esquina mais próxima, duzentos metros à frente. Suas pétalas amarelas, tão amarelas quanto o sol, formavam caprichosas camadas coloridas sobre as calçadas de ambos os lados.

Os dois desaceleraram o passo e Arash fez sinal para um táxi. O carro aproximou-se, mas assim que o motorista reparou nos dois, fez um sinal negativo com a cabeça e partiu.

Ninguém os transportaria com aquela aparência.

Nesse instante, ouviram uma risadinha tímida vinda de trás. Saindo de uma portinhola em forma de grade, uma velhinha que usava um hijab branco na cabeça aproximou-se vagarosamente do casal, segurando uma sacola, nitidamente se divertindo com a cena.

Viraram-se para ela. O riso contido da velha transmutou-se em uma gargalhada cômica. Ela havia saído de uma galeria pequena composta por alguns bazares. Os dois se entreolharam, confusos. As palavras em persa que ela disse em seguida vieram entremeadas de soluços. A mulher falava diretamente para Helena, sem se preocupar se ela entendia ou não.

— O que está acontecendo?

— Ela está zombando da falta de informação dos turistas!

Helena sentiu que os olhinhos pretos dela cintilavam pureza.

A anciã aproximou-se deles e puxou do saco um véu branco, enfeitado de flores azuis.

— Ela vai me dar um hijab?

— Sim — respondeu Arash. — Vá se acostumando com os iranianos — disse, enquanto vigiava o entorno.

Helena não soube o que dizer.

A senhora passou o hijab pela cabeça dela e fixou-o com incrível desenvoltura, com direito a um retoque cauteloso nas franjas castanhas de Helena. Feito isso, pousou a palma da mão enrugada carinhosamente na bochecha de Helena e deixou entrever uma fileira inacabada de dentes, por trás de um sorriso bondoso e divertido.

Por um momento, Helena esqueceu-se de tudo o que haviam passado nas últimas horas.

— *Mersî!* Obrigada! Quanto é? — perguntou em inglês, buscando dinheiro na bolsa.

Arash reprimiu seu gesto com a mão.

— Nunca ofereça dinheiro a um iraniano quando ele lhe dá um presente. É uma ofensa!

Helena se deteve. A velha disse algo para Arash e se afastou na direção oposta, rindo e falando sozinha, levada por passos de tartaruga.

Acompanhou-a com os olhos, arrebatada. Ouvira falar da hospitalidade dos iranianos, mas não imaginava que chegasse a tanto. O senso da fraternidade humana era mesmo infindável em seus exemplos. Todavia, Helena nem sempre dava chances à humanidade das pessoas.

Certa vez, aos quinze anos, caminhava num parque de Brasília com César, quando vira de longe uma cena chocante: Um mendigo indefeso sendo agredido por um grupo de jovens que riam dele em um misto de escárnio e ódio. Os seguranças do parque logo chegaram, mas não houve tempo de impedir o desastre. Helena assistira no mesmo dia pela TV que o homem de rua morrera ainda no hospital.

Alarmada, queixara-se com César sobre a capacidade que o ser humano tinha de ser tão indiferente ante o sofrimento do outro, julgando-se sempre melhor ou pior, se todos tinham as mesmas necessidades no final das contas: comida, ar e amor.

— Por que a humanidade chegou a esse ponto? — perguntara a jovem Helena a César. — As pessoas são más por natureza?

César abriu um sorriso compreensivo.

— Não é como lhe ensinam nas escolas, nem o que o senso comum defende. O ser humano é bom por natureza. O que o corrompe é um sistema que o deixa inseguro e medroso, e que o afasta do que ele é de verdade: Nós somos um milagre, Helena. E o que eles querem, é que sejamos apenas bocas inúteis à espera de uma mudança que nunca virá.

Helena absorvia cada palavra com uma atenção devota.

— Quero que guarde bem essa frase — dissera César, seu olhar vigoroso injetado no dela. — O laço essencial que nos une é que todos habitamos este pequeno planeta. Todos respiramos o mesmo ar. Todos nos preocupamos com o futuro dos nossos filhos. E todos somos mortais.

Helena parou para analisar aquela realidade implacável, por um longo instante. Depois brincou.

— By César Montenegro — ela disse.

César balançou a cabeça, penteando com a mão os desgrehados cabelos cor de cinza.

— Bem que eu gostaria — disse ele, rindo. — Essa é de John Kennedy.

Como em um despertar repentino de um pesadelo cruel, foi então que Helena identificou seu verdadeiro propósito de vida. Um dia, aos 15 anos, adotou a crença de que a diplomacia e a política eram a melhor forma de levar o verdadeiro sentido de humanidade para o maior número de pessoas ao seu alcance.

A igualdade de todos, em todas as escalas da vida e, conseqüentemente, a diminuição da pobreza mundial.

Parecia que César encontrara uma forma de resolver isso através de uma ciência avançadíssima para seu entendimento atual: *o Tórus*.

Ficou tão hipnotizada pelos próprios pensamentos que mal havia percebido que Arash havia se afastado. Depois de um tempo que não conseguiu calcular, ouviu alguém gritar de um táxi velho.

— Vamos, entre! Ande!

Quando viu que Arash gesticulava com urgência do banco do motorista de um táxi, necessitou de alguns segundos para entender o que estava acontecendo.

Naquele instante, ela reparou que um homem gordo e careca corria atrás do veículo e vociferava algo, uns dez metros atrás. Teve pouco tempo para refletir. E não viu outra escolha a não ser fazer parte daquele plano maluco.

Entrou no banco do carona, ofegando.

— Agora só falta conseguir uma camisa para mim — disse Arash, em tom cômico — enquanto ela batia a porta com um estrondo metálico.

— Você está roubando esse...

— Fique tranquila — disse ele, entre o grito dos pneus no asfalto quente.

— Se tudo der certo, a humanidade vai nos agradecer por esse pequeno furto.
— Ótimo! — ela ironizou. — Mais um táxi roubado para a lista!

CAPÍTULO 38

O helicóptero roubado por Pang Meng, o Mi-8M da Guarda Revolucionária, iniciava o procedimento de descida no pátio deserto de uma fábrica nos arredores de Esfahan. Ele inspirou o ar, desejando que a parcela absorvida não estivesse contaminada, observando a sombra que crescia no chão, à medida que perdia altura.

Assemelhava-se a um aracnídeo.

Meng conhecia bem aquele modelo. De fabricação russa, era um aparelho especializado no transporte, embora fosse munido de um arsenal bem peculiar. Sua turbina dupla compunha uma estrutura incrementada por foguetes e mísseis antitanques adaptados, além de duas armas 20 mm. Volumoso, porém, ágil.

Os motores turboélice diminuíram a rotação e os pneus tocaram o solo. Meng desligou a hélice de quatro pás e o fez taxiar por vinte metros, antes de abrir um portão automático de um hangar do tamanho de um campo de futebol. O ambiente lá dentro era excepcionalmente escuro, como uma noite sem lua.

Sua base de operações.

Mais alguns segundos de manobra e Meng parou o helicóptero. Desceu com dificuldade e sentiu o ar mofado do galpão impregnar as narinas. Deixou as luzes da cabine acesas para que sua luminosidade o guiasse até um cubículo ainda mais escuro, encravado no fundo do hangar.

Depois de caminhar vinte metros no breu, entrou no ambiente e fechou a porta atrás de si. Reacendeu o cigarro na chama de um lampião que, por sua vez, se situava na única mesa da saleta. Deu uma longa tragada e arrastou uma cadeira velha até o outro lado da câmara, onde uma figura amarrada na tubulação de ar aguardava-o, desabada no chão.

Sentou-se ao contrário na cadeira, de modo que os cotovelos se apoiaram em seu encosto. Mais uma vez, tragou a nicotina e olhou por alguns segundos para a silhueta do homem à sua frente.

César Montenegro fixava diretamente para ele. Um pedaço de fita cinza cobria a boca e a camisa social entreaberta até o peito achava-se colada no corpo suado.

Meng perguntou-se por que diabos Xerxes ordenara que preservasse a vida do engenheiro nuclear. Se o protótipo já havia sido salvo, o que eles faziam naquele lugar impregnado de radioatividade? Por que não voltar e encerrar logo essa maldita missão?

O grupo que o perseguia tinha realmente habilidades tão especiais quanto as dele. E a depender da quantidade, poderiam ameaçar ainda mais o resultado.

Percebeu que esses pensamentos contrariavam sua performance

profissional. *Mantenha o foco*, disse para si. Se limitaria apenas a ligar para Xerxes e esperar o próximo passo, sem questionar.

Sempre fora assim. Fazer apenas o que é ordenado.

Por isso, ele era o melhor.

A quina onde ele havia amarrado César absorvia parcialmente a luminosidade do lampião, mas Meng podia perceber que os olhos do brasileiro brilhavam, inabaláveis.

— É isso mesmo que está vendo. — Meng quebrou o silêncio, entre uma tragada e outra. — São ferimentos. O senhor tem protetores consideráveis. Mas ainda assim, são ignorantes diante de minhas habilidades.

Meng retirou a fita da boca dele com um puxão rápido.

César franziu os lábios e cuspiu no seu rosto dizendo:

— Isso é só o começo, seu idiota.

Meng limpou a face com o dorso da mão e golpeou-o apenas uma vez no pomo de adão, com a ponta dos dedos. O brasileiro tossiu, sufocado. Meng só queria situá-lo em seu lugar. Na realidade César já estava morto desde quando o apanhara na usina.

Tragou o resto do cigarro e jogou-o no chão. Levantou-se e dirigiu-se a um baú de aço, cuja base ele mesmo chumbara no chão. Depois de digitar uma combinação de números, o móvel se abriu. Em seguida, retirou o reator de plasma que roubara na usina e colocou-o em cima da única mesa da saleta, reconhecendo seu material com a palma das mãos.

— Uma guerra mortal travada nas sombras por uma coisa tão pequena — comentou consigo. *O protótipo tem o poder de mudar o mundo*, dissera Xerxes.

O artefato tinha um desenho simples: consistia numa esfera metálica de alumínio, do tamanho de um melão, acoplada num pote de vidro liso e especial, de selagem dupla. Metade do globo encaixava-se dentro do vaso e a outra para fora. Na extremidade de cada parte, havia uma espécie de cilindro, feito do mesmo material, sendo que o da porção de fora tinha uma abertura de onde saíam três condutores pretos, parecidos com eletrodos. Mas Meng sabia que o objeto não funcionava à base de eletricidade. Já suspeitava que ele produzia a cobiçada Energia Livre.

Girou o cilindro na extremidade da esfera, plugou os três fios entre si e esperou alguns segundos.

Não funcionou.

O quê?!

Repetiu o procedimento várias vezes. E o reator permaneceu inerte.

— O que há com o protótipo?

O engenheiro nuclear manteve o olhar pesado sobre ele, sem resposta.

Meng não precisou escutar uma só palavra para compreender: aquele não era o protótipo que ele pretendia roubar. Talvez, nem fosse um protótipo de verdade. Havia sido enganado. E com o ódio destilado no sangue, considerou que precisaria acender o pavor nas entranhas do brasileiro, de uma vez por todas.

— É, meu amigo... é agora que você vai sofrer.

CAPÍTULO 39

Helena contava mentalmente até dez, esforçando-se para controlar a tensão. Ficaria, no entanto, ainda mais atemorizada se não fosse a serenidade de Arash diante dos fatos. Apesar da sucessão de “crimes” que haviam cometido nas últimas horas e das implacáveis perseguições que sofriam, o iraniano só transparecia calma, e isso de certa forma amainava seus nervos.

Lá fora, o trânsito revelava-se como um produto quase cômico de ordem a partir do caos. Tudo funcionava aparentemente bem a partir de uma confusão urbana inimaginável. Helena não entendeu a funcionalidade dos semáforos, já que não havia a menor diferença entre verde e vermelho, tanto para os carros quanto para os pedestres. As pessoas atravessavam as avenidas entre os veículos e paravam eventualmente no meio da pista, esperando passagem. Enquanto um carro empacava, o de trás fazia a buzina se juntar às outras centenas que gritavam em uma barafunda ininterrupta. O mais curioso era que, como se isolados em um universo paralelo, os canteiros, árvores e jardins permaneciam impecáveis, como templos sagrados.

— É, tenho muitas dúvidas, senhor Zarak.

— Por favor, me chame de Arash — pediu.

— E eu, Helena — ela devolveu.

— Certo, por onde quer começar? — O carro ziguezagueava com segurança entre as filas, o trepidar do motor antigo vibrando ainda mais o Peikan 1966.

— Pode ser por “os arabescos do espelho d’água explicam o Tórus”.

— Ok. César lhe passou uma mensagem bem fácil de ser interpretada, sem aquele lance de caça ao tesouro ou enigmas, desde que você seguisse o caminho que ele sugeriu. Acho que ele preferiu essa forma por ter medo, talvez, de que eu não viesse com você. Para que você não tivesse problemas em achar a primeira parte do protótipo.

— Por quê você não viria?

— Longa história. Faz anos que não tínhamos notícias um do outro.

Novamente Helena percebeu que não deveria ingressar naquele assunto. Arash continuou:

— O que ele mostrou no espelho d’água é um fenômeno absoluto. Se você jogar um objeto em qualquer recipiente fechado e circular, a forma que aparecerá com o movimento da água será o mesmo. — Ele buzinou para uma moto que quase arrancou o retrovisor do carro com o guidão. Parecia uma ação normal. Não se irritou. — E, como lhe falei, as ondas que se formam, comumente chamadas de arabescos, são círculos concêntricos, que também são vistos nos

padrões geométricos e que se incluem no que se conhece como Geometria Sagrada, elemento primordial da arquitetura islâmica.

— Falta muito para você chegar na parte que revoluciona a história da Ciência?

Arash virou o rosto para ela e deixou escapar um sorriso.

— Chegaremos lá. Agora, entenda o termo Geometria Sagrada: geometria quer dizer medição da Terra. Sagrada refere-se ao estudo das ligações entre as proporções e as formas existentes no Universo, com o intuito de compreender a Unidade em comum a toda forma de criação, a toda vida.

Helena torceu os lábios.

— Isso me soa um tanto esotérico.

— Mas não é — contestou ele. — É Ciência. Você pode notar o padrão da geometria em tudo, seja na semente que lhe mostrei e nas frutas em geral, como no olho humano, em uma teia de aranha, no furacão ou nas órbitas dos planetas. Não há como não notarmos a presença da geometria em tudo.

Arash apontou para uma pilastra redonda de um viaduto da avenida. Ela fora preenchida de azulejos com desenhos coloridos feitos à mão, das mais variadas formas de mosaicos.

A cultura persa exalava a Geometria Sagrada.

— Os grandes matemáticos da antiguidade surgiram aqui, lembra-se? Eram persas. Omar Khayyám, Al-Karaji, Sharaf al-Din al-Tusi e Khwarizmi.

— Eu só conheço os maravilhosos contos de *As Mil e Uma Noites*, contados pela rainha Scheherazade.

— Verdade. Quem não conhece a Lâmpada Maravilhosa de Aladim e Ali Babá e os Quarenta Ladrões? A Disney fez o mundo conhecê-los.

Helena lançou um olhar de reprovação.

Li todos os contos com 15 anos.

— É verdade.

— Bem — retomou Arash —, na Antiguidade, os egípcios, os gregos, os maias, os vedas utilizaram a Geometria Sagrada nas construções de seus templos. Há registros até mesmo de que os Templários usavam com frequência esse princípio nas suas fortalezas. Na Idade Média, esse padrão foi usado pelos arquitetos das catedrais góticas. Até Leonardo da Vinci, que estudou por muitos anos o que ficou conhecido como Flor da Vida, tem ensaios enormes sobre o Tórus. Todos os intelectuais da Renascença tinham esse conhecimento. São incontáveis os exemplos dessas formas na arquitetura e na arte de diversas culturas. O círculo megalítico de Stonehenge, na Grã-Bretanha, as pirâmides egípcias, a ciência pitagórica, os labirintos em mosaicos dos romanos, a catedral de Chartres, na França, os desenhos das tábuas sumérias... Todas essas obras

demonstram que seus criadores conheciam os princípios da Geometria Sagrada, que é a linguagem mais próxima da Criação. E nós, cientistas, ao interferirmos na estrutura do átomo, sem sabermos, manipulamos os conceitos da Geometria Sagrada. Porque esse desenho é o mesmo, desde a menor partícula existente até uma galáxia inteira.

— Tudo isso me soa mais como uma Ciência Holística do que Ciência de fato — analisou Helena.

— Compreendo. Quando descobertas não são consagradas e divulgadas nos maiores centros científicos do mundo, é exatamente esse o pensamento. Que não passa de esoterismo, de misticismo. Até tudo ser provado. Mesmo depois, demoram-se anos para serem aceitas, se não existirem interesses trabalhando contra sua ideia, é claro. O que César descobriu me parece apenas uma faceta de uma Ciência que ainda é um embrião diante do que vamos descobrir. Uma Ciência Paralela. — Arash fez um sinal negativo com a cabeça. — E o senso comum acredita firmemente que já chegou ao ápice do conhecimento científico... Pura ignorância.

Helena sentia-se como se conversando com César, o prazer pelo conhecimento aumentando a cada instante.

— Assim como o médico norte-americano Robert J. Gilbert, que diz que “tudo tem um padrão, e esse padrão é a chave para criar um efeito específico”, parece que foi com base no padrão do Tórus que César construiu um reator.

— Enfim, chegamos ao ponto chave! Como ele fez isso?

— Trabalhei com ele, mas ainda não sei exatamente. Conheço os princípios do Tórus e toda essa teoria, mas partir para a aplicação, é um longo passo. Temos que seguir o caminho que ele sugeriu.

— Sabe exatamente onde temos que ir dentro da cidade de Esfahan?

Pela primeira vez, Arash respeitou um semáforo. Parou junto à calçada, numa faixa pouco usada. Pegou sua bolsa, que estava no colo de Helena, e vasculhou seu interior.

Ele puxou uma nota e entregou para ela. Helena reparou que eram 20 mil Rials, a moeda do Irã. A face da frente era preenchida pela foto da expressão severa do Aiatolá Khamenei. Curiosamente, a seu lado, como para ratificar toda a explicação de Arash, havia um desenho da Flor da Vida, com um furo em seu interior. Entendia agora que ela era uma expressão da Geometria Sagrada e, em última análise, do Tórus.

— Acho que o mesmo homem que entrou em contato com você, me entregou isso em Nova York — explicou ele.

— O que é esse furo exatamente no meio da flor?

— Vire a nota.

Quando o fez, Helena reparou que o furo que preenchia com exatidão o meio da Flor da Vida marcava de maneira simétrica, do outro lado da nota, o ponto que indicava a Mesquita principal de um dos mais arrebatadores Patrimônios Mundiais da UNESCO. Estampada em azul claro, o retrato da Praça Naqsh-e Jahan era um misto de opulência e mistério.



Não havia qualquer outra ideia ou alternativa. Ela também concluiu que precisavam ir direto para lá.

Arash olhou para ela com ar de triunfo e disse:

— Esfahan é mesmo a metade do Mundo, não é?

CAPÍTULO 40

Doroth Morgan empurrou a pasta contendo os dossiês por cima da mesa, oferecendo-a a Campbell. Ao abrir a primeira página, o diretor do Pentágono reconheceu a foto dos três membros da comissão enviada ao Irã pela Secretária Geral. O líder do grupo, o sudanês Muambi Zulan, Silvia Truman, uma australiana e Marcos Magno Velásquez, o mais velho deles, colombiano. Os três inspetores, de procedência e caráter irrepreensíveis.

Em relação à Helena, Campbell não quis alardear, mas nada seria mais impactante do que o mundo descobrir que a atual presidente do Conselho de Segurança da ONU era uma agente do serviço secreto iraniano. Qualquer analista neutro concluiria que o fato de ela ter laços com um cientista brasileiro que trabalhava para o governo do Irã, não representaria prova de coisa alguma. Fugir, todavia, pela porta da frente da ONU, disfarçada com chador preto e na companhia de um ex-agente da Guarda Revolucionária, a incriminava decisivamente. Talvez a ideia do Flame II desenvolvido por Lott não fosse suficiente para apaziguar um possível confronto direto.

Porém, Campbell tinha muitas coisas a se atentar: o silêncio sepulcral dos governos da China e Rússia — apenas se pronunciando em condolência à tragédia do terremoto —, o total desconhecimento de qualquer evidência clara por parte das agências de inteligência americanas e, finalmente, as evidências que apenas a Comissão de Doroth havia encontrado.

O Irã é um dos países com maior número de agentes secretos americanos, mas nenhum deles encontrou um grama de urânio em local suspeito!

Com Doroth em silêncio, folheou duas páginas e chegou ao registro de Zulan sobre as evidências na Fábrica de Mísseis em Esfahan.

O complexo de usinas de Esfahan opera um número de instalações nucleares a leste da cidade, incluindo instalações de conversão de urânio. O local abriga três reatores de pesquisa pequenos, construídos com assistência chinesa.

A Instalação de Conversão de Urânio (UCF) em Esfahan contém linhas de processo para converter urânio em óxido de urânio e hexafluoreto de urânio. Iniciou suas operações em junho de 2006.

Campbell havia lido um relatório geral sobre o complexo de Esfahan. Lembrava que as instalações de conversão de urânio continham cerca de 371 toneladas de hexafluoreto de urânio. Esfahan também era uma das quatro cidades do Irã a serem alvos de Israel ou os Estados Unidos, caso estes decidissem por tomar, eventualmente, uma ação militar como esforço para atrasar ou eliminar o programa nuclear do Irã.

Abaixo, ele leu outra informação nova:

Existem três entradas de túneis na usina. A instalação deles foi descoberta pela primeira vez em dezembro de 2004. Não se sabe, todavia a extensão e a profundidade do emaranhado. Os túneis foram criados em violação às normas da AIEA (Agência Internacional de Energia Atômica)

Apesar desse fato, os túneis em si não representavam prova de nada.

1) Esfahan também abriga a maior unidade de produção de mísseis do Irã. Esta instalação foi construída com a ajuda da Coreia do Norte e China.

Isto sim é relevante, pensou Campbell.

2) Relatórios de 2007 a 2009 também sugerem que Esfahan pode ser o local principal das instalações de armas químicas do Irã.

3) 1 de setembro de 2014: O satélite Er-98 das Nações Unidas, filmou e fotografou 5 (cinco) imagens da movimentação de caminhões de caçamba selada, durante três dias seguidos, incluindo nas madrugadas, na Fábrica de Mísseis de Esfahan, ao norte da cidade.

Ele estudou algumas fotos no documento. Realmente, uma movimentação no mínimo suspeita acontecera nesses dias. Mas o que tinham a ver a usina e a fábrica? Ficavam em direções opostas e aparentemente não estabeleciam intercâmbio de produção alguma.

4) Por recomendação da Secretária Geral da ONU, a equipe dirigiu-se às instalações da Fábrica de Mísseis no dia 3 de setembro. O comandante da Guarda Revolucionária, diretor geral do complexo Arkad Housseini, recusou-se a recebê-los sem um documento oficial da Secretária Geral. Por vários momentos, mostrou-se irredutível. Após meia hora de diálogo, cedeu à entrada dos inspetores por 15 minutos. A equipe fez uso de uma câmera Nikon D7100. As filmagens evidenciaram que, de maneira contínua, o membro da Guarda Revolucionária comunicava-se em persa — língua desconhecida pelos diplomatas —, com a equipe interna. Os três membros da comitiva concordaram que ele exibia nervosismo patente. :

5) Ao adentrar o complexo, a equipe verificou os dez hangares de produção balística. Os inspetores encontraram cinco tonéis de armazenamento de urânio, conforme explicitam as imagens feitas. A presença desse material é permitida pela AIEA apenas na Usina de Conversão de Urânio, isto é, o elemento deveria estar na usina do outro lado da cidade, e não na Fábrica de Mísseis. Questionados sobre esse fato, o comandante da Guarda Revolucionária se limitou a alegar que recebera ordens diretas do alto comando da Guarda Revolucionária.

5.1) A surpresa maior se deu quando a equipe identificou 3 mísseis da classe Shahab, apropriados para carregar ogivas nucleares, munidos do

símbolo universal de radioatividade em sua lateral, conforme é apontado nas imagens.

Oh, meu Deus, pensou Campbell.

Agora sim, evidências de fato! Armazenamento de tonéis de urânio numa base militar e não civil; identificação de mísseis com o símbolo de radioatividade, e a negativa veemente do comandante da Guarda de que não permitiria a entrada de uma equipe oficial das Nações Unidas, que tem livre acesso a qualquer base civil ou militar no mundo, a qualquer hora. Tudo isso precedido de uma série de fotos e imagens feitas pelo satélite da ONU.

Se as filmagens internas corroborassem o relatório de Zulan, a situação ficaria incontrolável. Todo o complexo nuclear do Irã era composto por material chinês, norte-coreano e russo, aliados certos no caso de um conflito. Campbell sabia que muitos deles inclusive trabalhavam em associação com o governo iraniano.

O fato da cidade já estar sob uma nuvem de radiação por causa da destruição da usina no terremoto. O diretor do Pentágono ponderou quais seriam os meios que ele usaria para fazer uma acareação mais profunda e, ao mesmo tempo discreta, utilizando seus próprios métodos. A esta altura, comunicar ao presidente que a melhor alternativa seria mesmo o Flame II do diretor do DARPA parecia o mais conveniente. Tinha certeza que os diretores da CIA, NSA, da Junta dos Militares e o Secretário de Estado ansiavam pela invasão direta.

Sentiu um tremor nas mãos ao lembrar-se de seus verdadeiros interesses em Esfahan. Jane, sua mulher acamada havia mais de um mês, era a engrenagem que fazia seu cérebro manter o prumo. Não poderia haver uma guerra em território iraniano. *Não agora.*

Porém as consequências geopolíticas para o documento que tinha nas mãos pareciam quase inevitáveis. Respirando fundo, procurou alinhar os pensamentos. Antes de qualquer decisão, Campbell precisava verificar as filmagens.

Os olhos dele encontraram os de Doroth:

— E as filmagens? — quis saber ele.

— Esse é o problema — respondeu ela, nervosa. — Zulan informou que o vídeo sumiu.

CAPÍTULO 41

O sol de Teerã ardia no meio do céu quando Navid Kiahshed atravessou a *Chamram Hwy Avenue* com seu Peugeot 206 adaptado para cadeirantes. O que acabara de presenciar no Centro de Geologia da Universidade de Teerã o deixara assombrado. *A bancada de computadores destruída?* Se não soubesse a origem do problema, Navid ficaria ainda mais estarecido. Tinha certeza de que se tratava do mesmo vírus que arruinara várias centrífugas na Usina de Natanz em 2010.

O Flame.

Na ocasião, ele trabalhara na usina como analista de geoprocessamento. Cogitou-se que a causa fosse um plano produzido por Israel e EUA, Mossad e CIA. Uma ação perfeita. Por seis meses, especialistas trabalharam diuturnamente para restabelecer o sistema das centrífugas. Atrasara, e muito, os projetos daquela estação nuclear.

Monitorar, hackear e destruir um sistema de centrífugas de urânio à distância através de um vírus — embora fosse uma ação, para muitos, inconcebível — já se enquadrava como estratégia de guerra havia mais de uma década. Seria compreensível utilizar esse método na usina de um país inimigo. Mas por que usar os mesmos instrumentos em um singelo laboratório de geologia da Universidade de Teerã? E mais, por que destruir todo o sistema?

É evidente que a invasão se relacionava com os dados que ele havia acabado de constatar. A anormalidade dos números ligava-se ao incidente dos computadores, e isso incomodava alguém. Quem quer que estivesse monitorando os computadores de Navid, por certo tinha aptidões inimagináveis; a envergadura de suas ações era ilimitada.

O Grande Satã está de volta! — disse consigo, em referência ao apelido que o Regime dos Aiatolás havia dado aos EUA, quando ocorreu a Revolução Islâmica do país em 1979.

Com os pensamentos em profusão na cabeça, ele se deteve ao passar pelo complexo do Hospital *Imam Khomeini*. À frente da entrada principal, um mar de ambulâncias adentrava o edifício, enquanto outro comboio arrancava em direção à avenida, com as sirenes anunciando suas passagens. Ele parou o carro na pista paralela à estrutura para ver melhor. Lá atrás, mais de setenta quilômetros ao norte, podia-se distinguir a parede montanhosa que costeava Teerã, o brilho da neve e a sombra das rochas imersos na crosta marrom de poluição que pintava de cobre o horizonte da capital.

Navid impressionou-se com a quantidade de pessoas que se avolumava na entrada, em meio a macas e às roupas brancas da equipe médica. Autoridades

esforçavam-se para controlar o fluxo de entrada, mas em vão. Lembrou-se de ter assistido na televisão que Teerã prestaria ajuda aos feridos de Esfahan uma vez que essa cidade não tinha a capacidade para acudir a todos.

Todos os anos, Navid assistia à mesma cena. Não em tal proporção, é verdade, mas sempre a mesma cena. Mortes, desastres... O Irã era extremamente propício a terremotos, de norte a sul, leste a oeste. Seu sonho era poder prever as hecatombes a fim de salvar o maior número possível de iranianos.

Filhos dedicados à obra de Alá.

Depois de fazer uma oração às almas da tragédia, encaixou a primeira marcha e, através de um mecanismo por trás do volante, acelerou o Peugeot pela avenida. Antes de se acidentar e ficar paraplégico em uma missão com o exército iraniano, conhecera intelectuais estimáveis. Homens influentes no exército, em setores da tecnologia de ponta e até mesmo na intocável Guarda Revolucionária. O homem com quem iria se encontrar com certeza encaixava-se nesse perfil. Teria a resposta para o que o afligia.

Não, mais do que isso.

Ajudaria a descobrir o que, em nome de Alá, havia acontecido em Esfahan.

CAPÍTULO 42

Pouco mais de 440 km separavam Helena e Arash de Esfahan. Numa típica estrada brasileira, ela calculou que levariam de cinco a seis horas de viagem. Havia, no entanto, uma grande diferença na rodovia que estavam agora. Por baixo do som do motor velho, o Peikan quase flutuava no asfalto da pista dupla da *Persian Gulf Fwy*.

— Gostaria que as autopistas do meu país tivessem, pelo menos, metade da qualidade dessas.

— É uma tradição mantida desde a Pérsia Antiga. Você deve saber que a Pérsia foi a maior rota de comércio da antiguidade; os reis faziam questão de mandar trabalhadores constantemente dos centros de comércio até os lugares mais ermos, a fim de fazer a manutenção das estradas de chão, para que as finas e primorosas mercadorias, que variavam dos tapetes aos vasos de cerâmica, não sofressem danos com o vibrar das carroças.

— Impressionante — respondeu ela, realmente instigada.

— E essa cultura permanece até hoje. Existe até um ditado popular que diz: Mais fácil um camelo entrar em um buraco de agulha...

— ...do que um homem rico entrar no Reino dos Céus?!

Arash abriu um sorriso.

— Não. “Do que achar um só buraco nas estradas da Pérsia até os Céus!”

Helena gargalhou.

— Adorei.

— Pois acabei de inventá-lo.

Ela lhe lançou um olhar irônico de reprimenda. Arash definitivamente tinha a habilidade de amenizar a tensão mesmo quando não havia clima para descontrair.

Na outra mão da pista, um grande número de veículos preenchia as duas faixas da rodovia, tornando o trânsito vagaroso e durante vários pontos, estático. Comerciantes aproveitavam a lentidão e vendiam água e outros atrativos, serpenteando entre os carros de modelos antiquíssimos.

— Refugiados de Esfahan? — indagou Helena.

— E das outras cidades ao redor também — esclareceu ele, sua voz branda acentuando o sotaque melodioso.

Na pista onde estavam, o fluxo de carros era quase nulo, à exceção de algumas ambulâncias, cujas sirenes informavam suas passagens a mil por hora, claramente se dirigindo ao local da tragédia.

— O governo de Esfahan declarou quarentena — Arash explicou. — Pelo que sei sobre desastres nucleares, tudo num raio de trinta quilômetros precisa ser

evacuado imediatamente. Calculo que isso abrangeria mais de um milhão de pessoas só na cidade e em sua região metropolitana. Cinco vezes mais do que foi preciso em Chernobyl.

Helena engoliu em seco. Com uma sensação crescente de aflição, ela recordou-se do episódio. Em 1986, a cidade de Pripyat havia protagonizado o maior acidente nuclear da história, quando o núcleo do reator principal da Usina Chernobyl explodiu durante um teste de rotina. Toda a cidade sofreu com extrema contaminação. Milhares de moradores da região morreram nos anos seguintes e a cidade encontrava-se isolada até hoje. A radiação corrompeu lagos, rios, reservatórios e afetou a reprodução de animais em até 400 km do epicentro. Os ventos levaram a nuvem radioativa para o norte, chegando até 1200 km da região do desastre.

Helena levantou os olhos para o céu azul e imaginou a nuvem radioativa avançando, implacável, empurrada pelo vento.

Até onde ela teria chegado?

Talvez o ar quente que trombava contra seu rosto através da janela já estivesse contaminado. Sentiu-se como um soldado desarmado e sem colete bem no centro de um tiroteio aberto.

Vulnerabilidade.

Foi então que ela reparou em algo ainda mais assustador: bem acima dos postes de luz da via, uma gigantesca nuvem negra voava, lá no alto, na direção oposta à do carro deles.

Um bando de pássaros.

Em seguida, como um tsunami em um mar sossegado, dezenas de milhares de outros grupos seguiram o primeiro, o seu formato à semelhança de seta, setas negras, como se apontassem a direção mais segura a se seguir. Pareciam sentir o perigo da radiação, voando o mais longe possível, quase fazendo o sol se esconder entre as suas asas.

Helena retesou-se no banco, o medo impregnado nas veias.

— Não se preocupe — Arash parecia sempre saber o que ela pensava —, faremos uma parada rápida em Natanz, a duas horas daqui. Vamos atrás de um material de proteção.

— Tem amigos lá?

A pergunta foi seguida do som agudo da sirene de uma ambulância que cresceu sobre o carro e ultrapassou-o em alta velocidade.

— Um parceiro antigo. Mas receio que, a partir de hoje, ele vá me odiar.

CAPÍTULO 43

Hercule Kroos retirou o sobretudo preto, jogou-o sobre a mesa e deixou-se cair pesadamente na cadeira. Obviamente seu colete à prova de balas de nada servira para lhe proteger contra a arma de pulso eletromagnético de Meng. As mãos ainda tremiam e a pontada na cabeça era excruciante.

Por pouco, todos os anos de preparação para este momento seriam em vão.

Foi até a pia do banheiro e desabotoou a camisa até a base do peitoral arredondado pelos músculos, deixando entrever o cordão que o acompanhava desde a infância: uma cruz de ouro, com um halo aberto no centro dela. Havia também um círculo em cada uma das quatro extremidades.



Ele envolveu o distinto crucifixo na mão e fechou os olhos.

— O seu desejo é meu comando — sussurrou.

Lavou o rosto com insistência. A impressão era de marretadas intermitentes agredindo cada um de seus ossos. O efeito da arma provocara uma vermelhidão na pele, como se ficasse exposto ao sol durante todo o dia. Uma profusão de veias minúsculas brotou no branco dos olhos, misturando-se às suas íris cor de cinza. Além disso, Meng havia deixado um corte profundo em seu supercílio e um rasgo no antebraço. Com dificuldade, buscou uma linha e uma agulha em uma bolsa que trouxera e costurou os dois ferimentos, esforçando-se para não ser dominado ainda mais pelo tremor das mãos.

Desde a juventude, Kroos recebera os mais avançados treinamentos de guerra e nos últimos dez anos preparou-se apenas para um objetivo:

Proteger César, salvar o protótipo de Energia Livre e ajudá-lo a propagar a verdade para o mundo.

A verdade, disse para si mesmo.

A verdade de que a pobreza e o egocentrismo das almas poderiam se extinguir. A verdade de que havia surgido uma saída para enfrentarmos os nossos maiores temores e que este fato levaria o homem a perceber que o único lugar onde o medo e a insegurança realmente habitavam, era dentro de sua própria

mente.

Kroos estava disposto a oferecer a sua vida para difundir essa verdade. Resignadamente, sem temor algum.

E não seria um agente antiquado que o impediria.

Ele tinha plena consciência do poder que se opunha à missão a que fora designado a empreender. Tratava-se de uma força que transpassava as gerações, escondendo-se por trás do quadro falso da História e projetara as principais guerras da humanidade, dominando por completo a soberania das nações. Tratava-se da maior ameaça à democracia. Uma democracia que eles mesmos haviam criado.

Se Meng conhecesse os poderes invisíveis que orquestram os seus movimentos... pensou ele.

Kennedy alertara ao mundo sobre essa força transversal. Kroos recordava-se com perfeição do discurso que o presidente fizera poucos meses antes de ser assassinado com um tiro na cabeça, em 1962:

...Existe uma conspiração monolítica e impiedosa ao redor do mundo à qual nos opomos, que conta com meios secretos de converter-nos à sua causa, para assim aumentarem sua esfera de influência, como a infiltração ao invés da invasão, como a subversão ao invés das eleições, como a intimidação ao invés da livre escolha, como as guerrilhas à noite ao invés de exércitos ao dia. É um sistema que conseguiu recrutar uma vasta fonte de recursos humanos e materiais dentro de uma máquina de alta eficiência, que combina operações militares e diplomáticas, de serviços de inteligência, econômicos, científicos e políticos. Seus planos e sua execução não vêm a público, os seus erros são enterrados e não aparecem na primeira página, seus dissidentes são silenciados e não prestigiados. Nenhum gasto é questionado, nenhum rumor é inspecionado, e nenhum segredo é revelado...

— Meng serve a essa força — disse, finalizando o curativo e voltando a encarar seus próprios olhos no espelho.

Sentiu-se nauseado. Lavou o rosto mais uma vez e apertou os olhos diante de sua imagem no espelho. Então viu uma fenda de sangue descer pelo nariz e pintar de vermelho seu lábio superior. Não pôde reprimir a sensação que se avolumou pela goela, qual uma bola de beisebol rolando pelo esôfago.

Vomitou sangue.

A arma havia atingido seu sistema nervoso central, concluiu ele. Justamente a parte de seu corpo na qual mais aprendeu a confiar ao longo dos anos.

Estaria confinado à morte?

A pior luta que um dia você poderá travar com um adversário, é a

emocional, disse a si mesmo, lembrando-se de seu treinamento.

Aquele contratempo poderia comprometer o objetivo final. A única coisa que Kroos não poderia ter previsto era uma arma de pulso eletromagnético nas mãos de um agente de sessenta anos de idade, que gostava de agir à moda antiga. Pang Meng o surpreendera.

Observou a água levar o sangue em espiral na pia. Limpou o rosto e voltou à saleta, pensando em Helena e Arash. Talvez eles mesmos não soubessem quem os estava perseguindo, na realidade. Precisava localizá-los o quanto antes. Ajeitou os fixadores do colete na barriga e voltou-se para a báscula, que consistia na única abertura por onde o sol entrava na quitinete onde se baseara. Através dela, lá atrás, riscadas no horizonte entre o bosque de edificações amarronzadas que se recortavam contra o céu azul, podia-se enxergar as cúpulas das mesquitas que integravam a Praça Naqsh-e Jahan.

— Poucos são aqueles que conhecem sua verdadeira mensagem — disse ele, como se de alguma forma, a face celestial das mesquitas fosse captar suas palavras.

CAPÍTULO 44

Helena sentia que Natanz transpirava um ar fúnebre.

Ela teve a impressão de que, se uma minúscula pedra fosse arremessada no chão na rua central do vilarejo, o som reverberaria até os pés da Kuh-e Karkas, a cadeia de montanhas que abraçava as singelas casas com seus quase quatro mil metros de pico.

Dentro do táxi roubado, ela e Arash andavam lentamente pela única entrada da cidade de treze mil habitantes. O número de pessoas que visualizou não passava de meia dúzia. Todas foram atraídas pelo som do veículo que Arash conduzia, suas expressões variando entre a surpresa e o medo.

Contrastando com a falta de vibração no ar, o charme da vila parecia acentuar-se à medida que adentravam. As casas de arquitetura antiga e os edifícios de cor bege e marrom formavam um complexo monocromático que se ajustava harmonicamente aos tons das montanhas, quase fazendo parte delas. Mais do que isso, a cidadela parecia ter sido edificada pela terra que o vento trazia das cordilheiras, emergida do chão como em um livro de fantasia.

— Tão... bucólico — disse ela.

— Em um dia comum, essa rua estaria fervilhando — correspondeu Arash. — Comerciantes, produtores rurais, crianças correndo... na verdade, o medo já deve ter feito a maioria fugir para Teerã.

Helena anuiu. A seu redor, via os pequenos bazares fechados, assim como a única mesquita da cidade, a Jamee', um ponto azul encravado bem no meio da vila.

O sopro que vinha do sul lambia o topo das casas e imergia Helena em pensamentos cada vez mais paranoicos. De repente, a tensão passou a preencher cada poro do seu corpo. A impressão era como se a cada respiração, eles absorvessem um percentual das partículas radioativas. Na região de Chernobyl, ela lembrou-se, as partículas formaram uma nuvem de contaminação quatrocentas vezes mais radioativa do que os ataques nucleares contra Hiroshima e Nagasaki ao final da Segunda Guerra Mundial.

Seu queixo travou de temor.

Pensou na infinidade de dúvidas que surgiram das suas recentes descobertas, a começar pelo cilindro que se encaixaria em um reator de Energia Livre e o restante da frase indicativa do vídeo de César. Quantas peças a mais teriam que buscar? Gostaria de saber mais sobre a Geometria Sagrada, ainda que lhe parecesse um assunto místico demais, e também sobre as bases científicas da descoberta de César. Até o zoroastrismo figurava entre suas maiores dúvidas. O engenheiro nunca fora religioso. Como, em três anos, sua vida mudou a ponto de

dedicar parte de sua obra prima aos preceitos dessa religião?!

Os dois ainda tinham muito que conversar e as horas se passavam mais rápido do que Helena gostaria.

Olhou para Arash. Seu olhar focado lhe transmitiam certa segurança, e mais do que isso, seu tom sempre espirituoso lhe atenuava os nervos. O mais curioso é que ele ainda estava sem camisa e parecia pouco se importar, vasculhando os dois lados da rua com os olhos enquanto dirigia lentamente. Quando freou o carro, havia à esquerda deles uma casa simples, sem muros, com dois choupos altos e bem verdes escoltando a porta de entrada.

— É aqui — sentenciou.

— O que exatamente vamos...

— *Borô kenâr! Afaste-se!* — exclamou uma voz abafada do outro lado da rua.

Os dois sobressaltaram-se. Arash, porém, logo pareceu identificar a origem da voz, abriu um sorriso e saiu do carro.

— Aí está ele! — disse.

Ela o seguiu. Quando viu o sujeito, quase recuou um passo, assustada. Aparecendo por trás de um carvalho ao lado da casa, o homem vestia uma roupa antirradiação camuflada, botas pretas de borracha seladas com uma espécie de fita isolante amarela no limite da calça, além de uma máscara com três compartimentos semi cilíndricos, pendendo abaixo do visor transparente. Helena já usara um artefato parecido quando visitou as várias usinas nucleares da China. Na ocasião, apelidara carinhosamente de máscara Darth Vader, em consideração à semelhança com a caraça do personagem mais sombrio da série Star Wars.

— *Âhây! Pare!* — disse novamente o sujeito, deixando seu rosto aparecer por detrás do visor.

Quando reparou na face do homem e na metralhadora que sacudia no seu ombro, Helena tomou mais um susto. Ele tinha o rosto tomado por cicatrizes, como se as garras de cem gaviões lhe tivessem rasgado a pele. E o segundo, ainda mais intenso: abaixo do braço havia uma metralhadora de aparência tão futurística que, por um momento insano, Helena cogitou que realmente ele fosse um personagem de Star Wars.

De repente Arash caminhou na direção dele de braços abertos, dizendo alguma coisa em persa e rindo. O sujeito sacou a arma e apontou com rigidez, gritando. O peito nu de Arash foi pintado de vermelho por um laser que passou de modo assustador por sua pele morena.

Meu Deus!

Dos casebres ao redor, janelas se abriram e, nas frestas, surgiram rostos assustados. Helena novamente experimentou a periclitante sensação de

vulnerabilidade. Por alguma razão, o suposto amigo de Arash não o reconhecia. Ou, talvez, nem próprio Arash soubesse, mas sua ausência poderia tê-los tornado inimigos.

Helena estudou as opções: esconder-se ou argumentar algo para proteger Arash.

Retirou uma gota de coragem de um poço de medo e interrompeu a discussão:

— Ei, senhor! O senhor não está vendo que ele é seu amigo Arash? Viemos de muito longe e precisamos de ajuda. Com urgência!

O homem acordou de imediato de uma espécie de transe paranoico. A impressão era de que só agora reparava na presença de Helena. Depois de alguns segundos, para surpresa dela, perguntou a Arash em inglês, com sotaque nativo:

— É você mesmo?

— Sim, meu velho amigo! Sou eu, Mehan.

Mehan baixou a arma, retirou as luvas de borracha e, como um indígena que pela primeira vez entra em contato com o homem branco, tocou a face de Arash com as duas mãos por vários segundos antes de perguntar:

— Mas o que aconteceu com você, Arash? Para onde você foi depois de... depois de... — E pela primeira vez, o homem virou-se para Helena. — Quem é ela?

— Uma amiga, Mehan. — Arash correspondeu pousando a mão com afeição no ombro do homem. — Uma amiga brasileira.

Mehan a estudou de alto a baixo, confuso.

— Você ainda sabe fazer o melhor chá de pera com canela do Irã? — perguntou Arash, sorrindo.

— O quê? Ah, sim... Claro! Por favor, me acompanhem — ele convidou, antes de se virar e guiá-los em direção à sua casa.

Helena relaxou os ombros.

Arash virou-se para ela, agradeceu com uma piscadela e disse baixinho:

— Obrigado pela força. Parece que agora estamos quites, não é?

CAPÍTULO 45

Meng andou até a única mesa da sala e buscou um *Ipad* posicionado ao lado do reator falso. Por que Xerxes não previra aquela adversidade? Como ele poderia ter sido tão facilmente enganado sobre a autenticidade do protótipo?

A sensação de ter a missão escapulindo das mãos o incomodava. Meng não estava habituado a infortúnios em seu caminho, de modo que agora ele havia decidido que sua estratégia com César mudaria radicalmente.

Seria viável uma tortura física?

Não. Havia um artifício muito melhor em suas mãos.

— Nós dois sabemos que não preciso ser tão contundente assim em meus métodos para lhe fazer falar onde está o reator verdadeiro — disse Meng, sentando-se de volta ao banco.

César manteve-se em silêncio, sustentando seu olhar com uma vitalidade inabalável.

— Quando comecei minha carreira, trinta anos atrás, jamais imaginaria que um simples objeto que planasse no espaço pudesse captar imagens tão perfeitas aqui de baixo. — Ele apontou o dedo para o teto e depois para baixo, acompanhando sua fala. — Permita-me lhe apresentar um pequeno aparato tecnológico.

Ele dedilhou o *Ipad* e virou-o para o brasileiro. Um pequeno vídeo surgiu na tela, emprestando uma luminosidade azulada ao rosto suado de César. Meng percebeu que o ritmo da respiração do brasileiro era de uma profundidade e de uma calma quase perturbadoras.

Mas ele vai ceder logo, logo.

O vídeo começou. As imagens, que foram feitas de cima, tinham uma definição perfeita e focavam um carro branco percorrendo uma rua residencial, limpa e estreita. Era possível distinguir até mesmo as minúsculas falhas na lataria do veículo antigo e os tons das rosas brancas e choupas que enfeitavam a via, dando um ar campestre ao lugar.

Meng sentiu um ar de curiosidade nascendo por trás dos olhos de César.

A melhor tortura é a mental.

Então o carro parou. Um homem sem camisa e uma mulher saltaram. A imagem aproximou-se ainda mais, e parecia estar a não mais que cinco metros acima dos dois, pairando como um drone. Até mesmo Pang Meng havia se espantado com a tecnologia que Xerxes possuía.

A mulher levantou a cabeça para o céu, como se sentisse a presença da sentinela oculta, pôs uma mão na testa para proteger do sol e estreitou os olhos debaixo de um hijab azul, estampado de flores.

Foi só então que a expressão de César se transformou.

Helena Gouveia, pensou Meng, *é o ponto mais fraco dele.*

César moveu o tronco na direção dele, flamejando de raiva.

— Eu vou te matar, seu desgraçado!

Isso, pensou Meng, *enfureça-se.*

— Temos um satélite bem especial acompanhando todos os passos do senhor Zarak e da senhorita Gouveia desde a saída da Ilha de Manhattan — explicou Meng.

Pela primeira vez, Meng viu César vacilar na fala.

— Mas o quê... ora, seu ignorante — bradou ele —, seu servil de merda, você realmente não tem a menor noção aonde está metendo essa bunda velha, não é mesmo?

Meng deu de ombros. O primeiro objetivo foi atingido. César era uma criança desorientada. Levantou-se da cadeira, agachou-se diante dele e fez sua voz rouca sair num sussurro pausado.

— Onde está o verdadeiro protótipo?

A respiração de César tinha o sabor do medo agora. Meng esperou a resposta por alguns segundos, satisfeito por ver que o brasileiro ia ceder. Porém, Meng não esperava a resposta que veio depois.

— Eu teria pena de sua alma se você ainda tivesse uma. — César fez uma pausa e soletrou devagar o nome dele: PANG MENG.

Meng franziu o cenho, sem conseguir esconder a consternação pelo que havia acabado de ouvir.

— Está surpreso por eu saber seu nome, agente do Instituto?

Meng se levantou. Uma onda de calor formigou sua cabeça. Como aquilo era possível?

Além de conhecer seu nome, César tinha a informação de que Meng fora agente do Instituto. O Mossad, serviço secreto israelense.

A sensação de vulnerabilidade, poucas vezes experimentada por Meng, assaltou-o de novo. Amaldiçoou Xerxes em silêncio. Ele se mostrava cada vez mais incompetente para prever as situações adversas e comunicá-lo com precisão. O inimigo teve a habilidade de inverter o jogo mental com aquela informação. O homem de sobretudo preto e agora esse latino sujo quase danificaram sua missão. Eles de fato estavam preparados para o que estava acontecendo.

Mas foi apenas uma interferência momentânea.

Meng tinha outra carta na manga.

— Vejo que o senhor tem uma forte rede de informações — disse, com um sorriso fino no rosto e totalmente recuperado do baque.

— A mesma fonte que jamais deixará que você ache Helena, seu desgraçado!

Meng concordou com cabeça.

— O senhor está certo. Não vou achá-la. A senhorita Helena virá até mim. Sem jamais imaginar que está caminhando diretamente para seu próprio caixão.

CAPÍTULO 46

— O vídeo que contém as evidências definitivas de armas nucleares simplesmente sumiu e você vem me revelar dois dias depois da notícia chegar ao Pentágono? — Campbell quis saber.

A crise havia escapulado claramente das mãos de Doroth Morgan, e ele nunca desejou saber tanto o que se passava em Teerã, como agora.

— Existe uma razão para eu não ter lhe informado — ela devolveu.

— Terá de ser muito convincente, Doroth.

— Compreendo seu pensamento — replicou ela. — Porém, eu tive que esperar a repercussão dos acontecimentos para comunicar-lhe. Zulan me disse que, após a inspeção na fábrica de mísseis, os membros da Guarda Revolucionária forçaram um interrogatório com nossos diplomatas, lá mesmo.

— Como é? — interrogou Campbell, surpreso.

Ele conhecia os protocolos das Nações Unidas. Elas transpassavam as leis dos Estados Nacionais. Interrogar uma equipe dos todo-poderosos diplomatas da ONU era impossível. Fazê-lo de modo forçado representava um crime internacional.

O Irã está pedindo uma guerra!

— Eles exigiram ver o conteúdo do vídeo gravado pela equipe — ela retomou —, então o fizeram apagar tudo.

Se a Guarda Revolucionária realmente havia forçado um interrogatório com as únicas pessoas que tinham livre acesso a qualquer país do mundo, isso já era motivo para se desenvolver uma crise. Ao apagar as evidências na câmera, o Irã cometera um ultraje às leis internacionais. Se eles chegaram a tal ponto, não seria exagero pensar que os diplomatas poderiam ser mortos, presos ou torturados pela Guarda. Esse ato, caso fosse verdade, consistiria na declaração de guerra.

— Onde a equipe se encontra agora? — indagou ele.

— Estranhamente, a equipe retornou a Teerã com todos os relatórios em mãos, menos a gravação. Qual seria a intenção da Guarda em apagar o vídeo da câmera se os relatórios continuavam sob a posse dos diplomatas? E mais, mesmo se confiscassem os documentos, os três enviados contariam o que viram na fábrica quando voltassem, o que originaria, no mínimo, outra acareação no dia seguinte, por ordens minhas.

Agora era Campbell que se sentia confuso. Por que a Guarda Revolucionária forçou um interrogatório, apagou a gravação, deixou a equipe ir voltar a Teerã sabendo que detinham documentos, além de sua própria palavra do que viram na fábrica? Incomodado, levantou-se e deu as costas para Doroth.

Foi até janela do gabinete, onde podia-se distinguir o manto negro do Rio Hudson e as luzes de Long Island City, dois quilômetros adiante, tremeluzindo na outra margem. Olhou para o relógio de pulso.

04h47min.

Há exatas quarenta e nove horas, ele recebera a notícia de que a ONU havia encontrado evidências de armas nucleares no Irã e fora informado pelo Secretário de Estado que haveria uma reunião emergencial no Pentágono. Seria o momento favorável para os EUA entrarem em guerra? A luta contra terror sangrara mais de quatro trilhões de dólares do orçamento em menos de quinze anos, com as Guerras do Afeganistão e Iraque; quantia muito maior da que fora despendida durante toda a Segunda Guerra Mundial. A Dívida Interna do país chegava à casa dos dezesseis trilhões de dólares e só crescia a cada segundo. Havia cinco anos que o país dependia de empréstimos apenas para pagar os juros. Por duas vezes, o presidente quase decretara moratória e, não fosse o auxílio dos vampiros banqueiros internacionais, a economia teria entrado no maior colapso desde 1929.

Uma guerra agora poderia significar a derrocada dos Estados Unidos.

Do alto de seus 77 anos, Campbell aceitara a nomeação de Diretor do Pentágono munido de apenas um objetivo: garantir que o espírito patriótico da maior Instituição de Defesa do mundo continuasse vivo e vibrando. Após três anos de relativa estabilidade, parecia que um novo desafio se desenhava dramaticamente à frente de seus olhos. Sua mulher, Jane, vivia lhe questionando sobre a razão pela qual ele escolhera assumir o cargo de Secretário de Defesa dos EUA quando, há mais de quinze anos, Campbell já deveria estar aposentado, desfrutando da companhia diuturna de seu boné camuflado que usava para pescar no lago Anderson, em Illinois. Carinhoso, ele sempre lhe respondia: “Os EUA são a minha alma e você é meu coração, meu amor... Quando um dos dois for tirado de mim, então esse corpo não terá mais função alguma”.

Parecia que os dois seriam fatalmente abalados com as repercussões no Irã. Jane agora achava-se muito doente, e os Estados Unidos, sangrando.

Campbell tinha plena ciência de que nunca havia cobiçado esse cargo apenas pelo poder a todo custo. E sim pela glória, honra e patriotismo. Sua mente experiente desconfiava que uma corrente invisível buscava sincronizar uma guerra nas sombras. Ele conhecia muito bem homens que construíram impérios de influência através de guerras. De traficantes de armas — que se posicionavam na base dessa pirâmide obscura de poder — aos intocáveis homens do petróleo e do mercado financeiro. A ironia era que muitos deles faziam parte da ONU, usando-a como uma camuflagem, um disfarce para encobrir seus atos.

Possivelmente, até mesmo Doroth.

Não, não faz sentido, contrapôs a si mesmo.

Ele conhecia o passado da Secretária Geral. Fora amigo de seu pai, que edificara uma das maiores multinacionais da Nova Zelândia com suor e dignidade. Doroth Morgan havia herdado uma fortuna bilionária da indústria da carne e produtos lácteos, uma riqueza que atingiria pelo menos as próximas cinco gerações de sua família. Não havia razões para ela passar pela tensão a qual o principal diplomata das Nações Unidas deveria se submeter. Campbell, no entanto, conhecia a vulnerabilidade como ninguém. E nesse momento, era isso que sentia na secretária geral.

Virou-se para Doroth. Preparava-se para continuar o diálogo, mas estacou de repente. Não havia percebido que ela se atinha ao celular. A lâmpada da mesa ampliava as sombras de seu rosto pálido.

— O que aconteceu, Doroth?

O olhar dela perdeu-se em algum ponto da sala, como se tentasse enxergar a si mesma. Jogou o celular na mesa e tapou o rosto com uma das mãos.

— Meus Deus! — exclamou ela. — O que foi que *eu* fiz?!

CAPÍTULO 47

Depois de estacionar o Peugeot adaptado na rua deserta, Navid Kiahshed deslizou sua cadeira de rodas pela rampa, até chegar à entrada de uma modesta casa. Com uma mão, apoiou-se no assento e projetou o outro braço para o alto. Tocou a campainha. Ficou ouvindo o ressoar dela no recinto, enquanto rodava a cabeça para conferir se alguém o acompanhava. Encontrava-se no sul de Teerã, na região de Nazi Abad. Era um bairro periférico, mas acolhedor, o cheiro de *kebab* caseiro pairava na vizinhança com um toque de orégano e pimenta.

O amigo que aguardava sua visita devia estar no mínimo intrigado com a prévia de informações que Navid dera por telefone.

Uma Aurora Polar no Irã, uma anomalia na ionosfera... os terremotos aconteceram no mundo inteiro com a mesma profundidade de origem.

Em instantes, a porta se abriu e, na fenda, surgiu um homem de meia idade, de compleição esguia. O rosto barbado revelava uma desconfiança que, Navid sabia, chegava a picos de paranoia.

Natural, por tudo o que ele já passou na vida.

Seu anfitrião envergava o traje mais comum entre os homens conservadores iranianos: paletó azul marinho, calça social de mesma cor e uma camisa branca fechada até último botão. Óculos de armação redonda pendiam no nariz avantajado, o que inevitavelmente lhe cedia um ar de professor universitário.

— *Salâm, Gogin.* Olá, Gogin — saudou Navid.

— *Duste man, biâ tu.* Meu amigo, entre — convidou o outro, com um meio sorriso, antes de pôr a cabeça do lado de fora da casa para conferir o movimento da rua.

Os dois entraram e Gogin sugeriu que Navid parasse sua cadeira de rodas à frente de uma mesa ampla. Ela ficava no centro de uma sala adornada por quadros, vasos e tapetes persas.

— Você sabe que se não fosse por nossa amizade, Navid, dificilmente abriria as portas da minha casa para você hoje. Espero que compreenda — disse Gogin, sentando-se do outro lado da mesa. Ele tinha uma sofisticação única no tom que se acentuava com sua voz grave, o que o fazia exalar a segurança de quem poderia ser facilmente presidente do Irã.

— *Eles sabem que hoje não faço mais nada que saia das diretrizes do governo, por isso ainda estou vivo. Você, compreende... tenho família e... bem, você sabe.*

Navid aquiesceu, abrindo um sorriso amistoso.

— Sei disso. Agradeço imensamente pelo privilégio.

E realmente era um honra. Gogin Abin Sader fora considerado um dos cérebros mais brilhantes do último século no Irã. Suas pesquisas na Agência Espacial iraniana (ISA) renderam-lhe prêmios não só no Irã, mas também em países inimigos, como Inglaterra e EUA. Gogin havia conseguido o que poucos imaginavam: Credibilidade na comunidade internacional, cadeira cativa nas principais instituições de tecnologia do mundo e seu nome gravado na história da engenharia aviônica; no desenvolvimento de tecnologias de aviões civis e militares.

Fazia cinco anos que o governo forçara Gogin a aposentar-se compulsoriamente, por razões que poucos conheciam. Navid não entendera o porquê, já que o amigo levava ao mundo uma face do Irã que poucos conheciam. Não era possível que o Aiatolá tomasse uma decisão daquelas.

Gogin foi direto ao ponto:

— Mostre-me seus dados.

Navid meneou a cabeça e puxou do bolso da camisa um papel dobrado, recheado das anotações que fizera assim que saíra da Universidade de Teerã. Ninguém apareceria no departamento de geologia naquele dia. Por precaução, Navid vedara a porta de entrada e quebrara a fechadura para impedir que algum servente ou transeunte reparasse no equipamento destruído. Não queria questionamentos antes que soubesse a natureza da maldição que o acometera hoje. *Não só os dados, mas os próprios computadores foram destruídos por um vírus!*

Ofereceu o papel a Gogin. Ele esticou o braço e depois retomou a posição na cadeira, equilibrando os óculos no rosto para ler. Em silêncio, se deteve no conteúdo da folha.

Esperou para ver a tensão que cortaria a face de Gogin quando ele chegasse ao final da folha. O homem olhou para ele por um instante breve, e em seguida, continuou lendo, em silêncio. Então, vendo que o amigo corria os olhos pelo final, Navid perguntou, com um fio de ansiedade na voz:

— Então?

Gogin não respondeu, absorto por mais alguns segundos. Navid percebeu que ele retomava algumas notas duas, três vezes, como se para se confirmar a informação. Por fim, expulsou devagar o ar dos pulmões e disse com uma calma inacreditável:

— Você precisa fugir do Irã o mais rápido possível.

— O quê?!

Gogin levantou-se diante da cadeira de rodas de Navid e pousou uma mão em seu ombro, com firmeza.

— Navid, em 2003, quando ainda trabalhava para a Agência Espacial,

trocava dados constantemente com as equipes russas e chinesas. Uma vez chegou às minhas mãos um relatório de uma agência de Moscou que identificou na China exatamente as mesmas anomalias que você descreveu na atmosfera de Esfahan. A diferença é que na China, quando um terremoto acontece, é o mesmo que varrer um formigueiro em plena atividade. Foram noventa mil mortos na ocasião.

Navid tentou se situar diante do golpe da informação.

— Mas... e... Qual foi a repercussão desse caso?

— Todos os 20 cientistas da agência desapareceram. Meses depois, soube através de uma fonte da atual KGB, a FSB, que foram degredados para a Floresta de Taiga, um dos recônditos mais sombrios da Sibéria. E não se sabe é claro o final exato deles.

Navid apertou com força o braço da cadeira de rodas. Não conseguia relacionar o alerta de Gogin com o registro dos dados. Que alguém o vigiava, era um fato. E é claro que também tinha relação com os americanos. Mas por que usaram Navid?

Gogin não estava exagerando. Sabia que ele chegava a ser um tanto paranoico em suas teorias, mas insano, jamais. A principal dúvida permanecia: Por que motivo os EUA monitorariam um simples geólogo enfurnado em um departamento de uma universidade civil?

Precisava de mais informações. Esperou Gogin retomar a palavra. O amigo baixou o tom de voz para um sussurro e disse:

— Navid, o que vou contar para você agora faz parte de um dos maiores segredos militares do século XX.

CAPÍTULO 48

O interior da casa de Mehan destoava das iranianas das quais Helena ouvira falar. Não havia tapetes persas recepcionando os visitantes, almofadas elegantemente adornadas, nem vasos pintados com intrincados mosaicos. À medida que Helena adentrava a sala principal, seguindo Arash e seu amigo, procurava pelas mesas baixas e comuns, na frente das quais sentavam-se ao chão os integrantes da família para tomar um chá. O cheiro inebriante dos narguilés, o famoso fumo com que o mundo árabe e os hindus costumavam deliciar-se para relaxar, dava lugar ao odor de mofo e ao vazio.

Arash, no entanto, não parecia surpreso. Seu caminhar firme acompanhava o outro homem sem hesitar, até que o rosto recoberto por cicatrizes de Mehan virou-se para os dois.

— Bem-vindos — disse ele, parando no canto da sala, o eco da voz reverberando nas paredes de formato curvo e ampliando o tom.

O movimento que fez em seguida assustou Helena. Ele bateu duas vezes com a bota no chão de mármore e a estrutura comprimida se moveu, abrindo um compartimento quadrado. A vestimenta camuflada de Mehan acendeu-se por meio de uma luz amarela que veio de baixo.

Helena deu um passo para trás. *Mas o quê...*

— Minha verdadeira casa — disse Mehan, já desaparecendo pelo buraco.

Arash pegou de leve o braço de Helena e lançou-lhe um olhar sereno, como quem diz “pode confiar”. Poucas vezes em sua vida ela se deixou levar por alguma situação ou por alguém tão facilmente como agora, de modo que se sentiu estranha por tal atitude.

Os dois desceram uns vinte degraus por uma escada de ferro íngreme. Surpreendentemente, o ar lá embaixo era mais leve e fresco, e parecia ser controlado por uma série de tubos de ventilação, que serpenteavam em ziguezague o teto e as paredes. Essas paredes compunham uma mistura um tanto acidentada de tijolos e pedregulhos cor de terra.

— Aqui embaixo não há satélite que possa destruir minha privacidade — disse Mehan, sorrindo com orgulho para a obra de arte que havia construído.

— Tenho certeza que não — confirmou Arash, diplomático.

Helena olhou para o teto do porão e raciocinou sobre a possibilidade. De alguma forma, sentiu-se mais segura ali também. Depois que os agentes do serviço secreto americano lhe mostraram uma imagem ampliada, digna de efeitos especiais, do celular que arremessara em um canteiro em Brasília, ela não duvidava de mais nada.

A fraca iluminação da sala subterrânea vinha de uma lamparina que pendia

sobre uma mesa de madeira, que por sua vez era circulada por quatro bancos. O aspecto geral dela se assemelhava às salas de interrogatório de filmes policiais, nos quais não era possível ver as paredes por completo, todo o foco de luz era depositado sobre a mesa.

Os três sentaram-se. Mehan deixou sua metralhadora e a máscara de oxigênio em cima do móvel e baixou a capa camuflada que cobria sua cabeça. À luz da lâmpada, seus cabelos grisalhos junto ao rosto talhado de cicatrizes tornavam seu semblante um tanto ameaçador.

— Arash, você terá que me perdoar, mas não será possível lhe servir o chá de pera e canela sem antes saber *como* você retornou do mundo dos mortos...

Arash fitou com pesar Helena, como quem diz “*Vai ter que aguentar mais essa*”, antes de começar a falar.

— Então mataremos um coelho com apenas uma cajadada. Aproveito para contar à presidente do Conselho de Segurança da ONU um pouco de minha história, também.

O homem a encarou com um susto.

— Do que está falando?!

— Não reconhece a presidente do Conselho de Segurança da ONU e embaixatriz do Brasil a seu lado?

Helena baixou os olhos, encabulada.

— Mas... como... o que... o que ela faz aqui? — perguntou ele, como se visse outra pessoa no lugar de Helena agora.

— Longa história — devolveu ela. — Acho que nosso amigo Arash pode nos situar diante dessa aparente confusão. Vamos lá, Arash. — Ela fez um gesto com a mão para que começasse.

Mehan murmurou mais algumas palavras de surpresa, antes de Arash respirar fundo e continuar, a atmosfera formada no porão parecendo propícia para uma confissão.

— Há quase sete anos, eu trabalhava com César Montenegro no departamento de física nuclear da Universidade de Teerã. Deve ser do conhecimento de vocês que o Brasil e o Irã estabelecem intercâmbio de professores e cientistas há mais de três décadas. Na ocasião, nos debruçamos sobre temas espinhosos... vocês sabem, pesquisas relacionadas à Energia Livre. — Arash olhou para Helena e depois apontou com o queixo para o homem à frente deles. — Mehan chegou a iniciar um projeto conosco e também sofreu algumas consequências...

— É claro. Depois disso... — Mehan apontou para o rosto e hesitou. — Depois do que você passou, preferi não perder minha própria cabeça, já que César foi dado como desaparecido e, você, como morto.

Helena definitivamente queria saber como o homem havia adquirido aquelas cicatrizes. Arash, que ainda se encontrava sem camisa, recostou-se na cadeira e cruzou os braços, sendo impossível para ela não reparar na forma como os músculos do braço e do peito se ajustavam à posição. Desviou o olhar, envergonhada.

— Depois de três anos integralmente voltados à pesquisa, desenvolvemos alguns protótipos — disse Arash. — No entanto, nenhum deles conseguira chegar ao nível de produzir energia livre. Era como se a “pilha sempre acabasse”. Parecia que sempre faltava algo, sempre faltava um elemento nos cálculos que não fechava... — Arash parou de falar e balançou a cabeça, em negativa. — Não consigo compreender como não conseguimos...

— Mas, mesmo que vocês não tenham conseguido — atalhou Helena —, parece que incomodaram *alguém*, porque você teve que fugir e, César, sumir do mapa — concluiu.

Arash concordou.

— De alguma forma, nossas verbas de pesquisa foram cortadas e então, começaram as perseguições... a César, a mim e... à minha família.

— O quê? Você tem uma família? — inquiriu ela, com ar impressionado na voz.

Nesse momento, Helena sentiu que o coração de Arash havia quase parado. Sua face robusta ficou pálida como uma bruma.

— Eu tive — respondeu ele. — Mulher e dois filhos. Um casal de gêmeos.

Mehan baixou a cabeça e Helena percebeu que o amigo de Arash conhecia a história que viria a seguir. Ela experimentou um choque percorrer cada articulação do corpo. De repente pressentiu tudo o que Arash ia dizer:

Ele revelaria que sua família fora destruída.

Seria realmente possível que os perdera apenas por causa de uma pesquisa relacionada à Energia Livre?

Desde que conhecera Arash, dois dias antes, cogitava quais eram as razões do iraniano ter fugido para os EUA, o país que, na prática, seria o último a conceder refúgio a um iraniano, mesmo se ele alegasse ser perseguido pelo próprio regime dos aiatolás, inimigo mortal dos EUA. No entanto, por toda a adrenalina que vivenciaram até agora, a sensação era a de que qualquer análise da atual situação era válida. Até mesmo as paranoicas teorias conspiratórias que propunham uma ordem unida global, os Iluminatti, os maçons, capazes de superar o poder até mesmo da ONU. Era evidente que não havia consistência histórica nessas teorias. Mas por um instante, questionou-se sobre essa alternativa. Independente da resposta dele, entretanto, ela sentiu que qualquer informação que Arash desse, poderia ajudá-los a fechar os pontos; fatos que

aparentemente não tinham relação alguma até agora. Para isso, ela precisava passar segurança para seu companheiro; a segurança de que estavam juntos nessa.

— Nós morávamos em Teerã na época — disse ele, resiliente. — Fui para casa depois de um dia de trabalho na Universidade de Teerã e... e... parece que eles me esperavam...

— Arash — cortou Mehan —, não é minha intenção reabrir uma ferida em seu peito agora, nem acredito que vocês vieram aqui para isso. Devo pensar que a senhora Gouveia intua qual é o final de sua história. Então, por gentileza: você pode me explicar a razão pela qual está aqui no Irã com a presidente do Conselho de Segurança da ONU e, pior, sem camisa?

Arash considerou as palavras do amigo e pareceu recompor-se. Sem encontrar oportunidade melhor, disse qual era o seu intento:

— Mehan, foi engraçado você citar roupas, pois vim aqui exatamente em busca de uniformes contra radiação. E sei que você pode nos ajudar.

Mehan franziu o cenho e vacilou por um instante.

— Para quê precisam disso? — indagou, estudando assustado os dois. — Não me diga que vocês pretendem...

— Não há tempo para explicar em detalhes, meu amigo. Mas sei que confiará em mim. Eu diria que temos que dar uma passada rápida em Esfahan — disse ele, com ar desprezioso.

Helena percebeu que os olhos de Mehan se encheram de temor.

— Por favor — insistiu Arash.

É evidente que qualquer ser humano sensato iria querer saber em detalhes o que a presidente do Conselho de Segurança da ONU fazia no Irã, na casa de um estranho, logo depois de um desastre nuclear, pedindo roupas antirradiação, na companhia do fantasma de um homem morto.

Ele tem o direito de saber, pensou ela.

Contudo, depois de estudar calado o casal por um longo instante, Mehan levantou-se e caminhou até o fundo da sala escura. Trinta segundos depois ele retornou com duas bolsas de couro. Jogou-a sobre a mesa e disse:

— Eu confio em você.

Arash agradeceu. Mehan olhou para Helena, mas suas palavras tinham como destino o amigo.

— Não poderia haver algo mais incomum e estranho que a presença da presidente do Conselho de Segurança da ONU no porão de meu singelo refúgio. Isso sem falar do seu assustador renascimento depois de tantos anos, Arash. O seu pedido me parece algo tão insano quanto um suicídio. Mas compreendo a razão do sigilo.

— Obrigado. — Arash curvou-se em profunda mesura.

— Tenho certeza de que o que farão em Esfahan tem a ver com a saúde do mundo, embora não veja sentido algum nos métodos que escolheram. E por essa razão, estou lhe dando o que há de melhor no mundo da prevenção de radiação. Então vão. Adiantem-se. Só espero que retornem vivos para eu oferecer-lhes meu chá de pera com canela.

Os dois se entreolharam com um sorriso aliviado.

O grupo subiu em seguida para o piso anterior. Despediram-se com um abraço e Helena e Arash saíram em direção ao carro.

— Arash — chamou Mehan, sorridente. Espero que goste da camisa que deixei para você na mochila!

CAPÍTULO 49

A 140 quilômetros dali, Hercule Kroos se movimentava com dificuldade pelas ruas destruídas de Esfahan. Vomitava sangue frequentemente e ainda não sabia exatamente qual a proporção dos efeitos que a câmera de Meng desencadeara em seu organismo.

Olhou para o relógio de pulso: 15h43min. A evacuação da charmosa cidade de mais de um milhão e meio de habitantes ainda estava em andamento e a atmosfera pacífica e turística de antes agora se impregnava de medo, impotência e desespero. Não havia um ser humano sequer com quem Kroos cruzava que não exprimia esses sentimentos no rosto e na respiração.

Sentiu pena daquele povo. Muito mais por saber que o terremoto afetaria com maior força a *psique* da cidade do que propriamente o espaço físico em si. Aquela área não havia sido tão afetada, entretanto, os sinais do impacto apareciam com clareza: prédios condenados por rachaduras, enormes buracos no asfalto e alguns postes por sobre carros. O único sinal de organização vinha dos poderosos autofalantes que costumeiramente eram empregados ao anúncio das cinco orações diárias. As autoridades os utilizavam agora para guiar a população ao exílio da cidade, estimulando-os a fazer uso de qualquer meio de locomoção. As mesquitas que não foram destruídas pelo terremoto faziam essa função. Resultado: uma barafunda espalhava-se pelo ar, com informações entremeadas por orações e súplicas pela intercessão de Alá. E pela entonação das vozes, Kroos concluía que pouco se fazia para transmitir prudência e calma às pessoas.

Pelos seus cálculos, Helena e Arash não levariam mais do que uma hora para chegar. E se surpreenderiam quando soubessem que tinham um protetor durante sua estadia na cidade. Tudo havia sido planejado com perfeição: do telefonema a Helena em Brasília, à abordagem de Arash na Times Square. A comunicação com os dois jamais poderia ter sido bem sucedida sem o aparato tecnológico que lhe fora concedido. Tratava-se do que existia de mais avançado no setor da espionagem via satélite. O mais impressionante é que seus instrumentos se resumiam em um celular criptografado e um tablet. Além disso, como sempre, trazia consigo óculos de visão noturna, das forças armadas da Suíça.

Hercule Kroos ainda não compreendia porque *apenas* Helena e Arash poderiam executar a missão designada por César. Mesmo tendo vínculos fortes com o brasileiro, os dois jamais estariam habilitados para lidar com as forças opostas.

— Entre em contato com Helena e Arash, Hercule — dissera César, enquanto lhe dava um abraço, quando ainda encontravam-se na sede de sua

comunidade, na Suíça, e passe todas as informações necessárias.

— Não consigo compreender porque envolveremos duas pessoas que não têm a habilidade para lidar com...

— Hercule — interrompera César, pousando a mão em seu ombro com firmeza —, olhe nos meus olhos e diga se enxerga algum resíduo de incompreensão ou dúvida sobre o que estamos prestes a executar?

Hercule Kroos confiava plenamente nele, como jamais confiara em alguém. César tinha a facilidade de transmitir isso às pessoas.

— Claro que não — dissera ele. — Claro que não.

De volta à trágica realidade, o estômago retorcido e as náuseas faziam Kroos arquear levemente as costas. O caminhar era doloroso. Todas as articulações pareciam funcionar como as rodas de uma carroça medieval: devagar e ruidosamente.

As condições atmosféricas dificultavam a respiração de Kroos. Esfahan se localizava a 1600 metros acima do nível do mar. O ar não chegava a ser tão rarefeito quanto o das elevações dos Alpes suíços, mas em condições normais de saúde, Hercule mal sentiria a diferença.

Quase desmaiando de dor, ele chegou ao destino: Praça Naqsh-e Jahan. Mais especificamente a ala sul. Já visitara locais distintos na vida, mas não se recordava de nada parecido com a beleza daquele largo. A explosão de cores, os vários tons de azul, unidos à harmonia dos jardins e ao espaço aberto, arrefeceram um pouco suas dores. A única diferença era que, em dias normais, o ponto turístico estaria fervilhando de pessoas.

Kroos estava sozinho ali. A tragédia afastou toda e qualquer viva alma. Nem mesmo os pássaros, frequentadores assíduos da praça, faziam-se presentes.

Aproximou-se de uma faia verde escura, baixa, cuja sombra formava um domo aconchegante por sobre um banco. Sentou-se, com as mãos no bolso do sobretudo. Seus dedos tocaram o monóculo de visão noturna que levava consigo, para o caso de uma eventualidade à noite. Quando ia pegá-lo para testá-lo, teve que se conter.

Vomitou sangue. Inúmeras vezes.

O líquido que saía do nariz tinha um tom mais escuro; mais inflamado.

Seria ali seu calvário?

Soldado que vai a guerra e tem medo de morrer é um covarde, pensou Kroos.

Uma corrente leve balançou seus cabelos louros. Segurou com contundência o crucifixo no peito, baixou a cabeça e colou os olhos.

— O Seu desejo é meu comando — rezou ele.

CAPÍTULO 50

O que vou contar para você agora faz parte de um dos maiores segredos militares do século XX.

As palavras desabaram sobre Navid com um peso de uma catástrofe iminente. Ele se retesou na cadeira de rodas, mas continuou encarando Gogin nos olhos, a cabeça quase totalmente virada para cima para acompanhar sua altura. De pé do seu lado direito, o homem esguio falou bem baixo, deixando seu sussurro conspiratório emprestar um ar quase paranoico ao relato:

— Foi também através da KGB que soube de um projeto que os radioamadores da época denominaram de *Pica-Pau Russo*. — Gogin fez uma pequena pausa, deu a volta na mesa e voltou a se sentar, mas o tom de voz permaneceu o mesmo: — A 4 de julho de 1976, como você sabe, dia da Independência dos EUA, aconteceu algo muito estranho em Washington D.C....

Navid ficou ouvindo por pouco mais de dez minutos aquilo que julgou ter sido a mais impressionante história de que já vislumbrou na vida. Era bem verdade que ele tivera experiências de sobra com os chamados *Segredos de Estado*. O Flame, o vírus destrutivo que Israel e EUA inocularam nas centrífugas de Natanz, fora um deles. Na ocasião, a Guarda Revolucionária obrigara a todos os funcionários que jurassem, sob pena de morte, que aquele segredo jamais poderia ser replicado. Navid não questionara, afinal, as ordens da Guarda Revolucionária vinham diretamente do Aiatolá, figura para a qual ele prestava, com amor, as mais sinceras e inquestionáveis subordinações. Fez parte da aeronáutica iraniana por quinze anos, antes de se acidentar em um simples passeio no ultraleve da Universidade de Teerã. A notícia de que sua vértebra T2 havia sido estraçalhada com o impacto, não deixara Navid abalado. Sua fé nos desígnios de Alá jamais poderia ser questionada, mesmo nos momentos em que o mais indizível dos sofrimentos pudesse ameaçar a resignação à dor.

Este mundo é só uma passagem. A verdadeira felicidade está no Paraíso.

A paixão em servir ao Aiatolá era temperada pelo prazer de ver o mundo de cima. Talvez fosse para ter um ensaio da sensação que teria ao ver o planeta quando estivesse lá no paraíso após a morte. Então, imbuído pelo desejo irreprimível de conhecer os continentes além dos mapas, de compreender a atmosfera que o separava de Alá, Navid cursou Geografia e depois especializou-se em Geologia ainda no exército.

Agora, aos 40 anos, nunca poderia conceber que seu conhecimento sobre o planeta o poderia levar a se deparar com uma das mais desumanas criações que a mente humana jamais poderia ter inventado.

Quando Gogin finalizou, Navid não sabia como reagir. Sentiu um

descompasso na respiração e notou que o coração parecia prestes a saltar boca afora. Gaguejando, disse:

— Essa é... essa é... No meu mais cruel pensamento, eu... eu diria que nunca poderia imaginar nada dessa natureza.

Gogin concordou com a cabeça. De certa forma, Navid cogitou que seu informante até parecia aliviado por ter compartilhado aquela informação com alguém.

— Navid, há algo que você pode fazer para descobrir o que de fato está acontecendo — completou ele.

Navid não sabia se queria entrar nessa. Mexeria em uma toca de leões famintos. Leões negros e psicóticos. Aquilo poderia lhe custar a vida.

Mas Alá conhece perfeitamente suas criaturas. Não orquestraria aquele encontro se existisse uma conjuntura com a qual Navid não pudesse lidar. Expulsando da mente todo e qualquer indício de temor, ele se viu diante de uma missão. Talvez fosse a mais dura de que participaria. Todavia, sem dúvidas, seria a mais honrada.

— O que eu posso fazer, Gogin?

Ele nitidamente relaxou os ombros. Era como se Gogin esperasse por anos por alguém para realizar aquilo. Puxou uma pequena folha de papel do lado de dentro de seu paletó azul marinho e, em seguida, sacou uma caneta do bolso da frente. Anotou uma única palavra e disse:

— Se quer ir mesmo a fundo, procure sobre isto — e entregou a folha para Navid. Ele estreitou os olhos para ler a palavra escrita, cujo significado daria todo o norte de sua mais nova missão. Em letras garrafais, Gogin havia escrito:

H. A. A. R. P.

CAPÍTULO 51

Ao ver os olhos de Doroth, Campbell pressentiu o pior.

— Por Deus, Doroth, o que está acontecendo aqui? *Que diabos ela leu nesse celular?*

Doroth cruzou as mãos na mesa e encheu os pulmões de ar, fazendo a pilha de papel revoar em cima da mesa quando inflou as bochechas.

— Eu...eu... — Doroth não conseguiu falar, mordendo os lábios de nervosismo.

Impaciente, ele buscou o celular da secretária que se encontrava em cima da mesa, enfiou a mão no bolso interno de seu terno *Henry Poole* e trouxe seus óculos de grau. Esticou-os à frente do rosto e sentiu o corpo tremer quando leu na tela:

V está morto. Estao torturando S. Escondi os relatorios no carro e eles nos acharam. Consegui camuflar o cel p/ falar. N entendo pq agiram dessa forma. Disseram que sou o proximo. Mande as tropas da ONU ou teremos guerra. M.

Campbell precisou se sentar. Parecia uma terrível brincadeira de mau gosto! O final da mensagem era claro: a letra “M” abreviava o nome de Muambi Zulan, que teria digitado o texto. “S” se referia a Silvia Truman e “V”, ao diplomata Marcos Magno Velásquez, terceiro integrante da comitiva que Doroth havia enviado ao Irã.

E ele foi morto?!

Não havia sentido que um país se prestasse à condição de torturar e matar a intocável equipe de inspetores da ONU. Em que mundo era concebível a história de um diplomata das Nações Unidas que manda um torpedo para a Secretária Geral de dentro de um suposto cativeiro dizendo que está prestes a ser torturado? Além disso, qual seria a motivação do Irã em causar algum dano à equipe se os mesmos já haviam comunicado à Doroth sobre as evidências de armas nucleares?

Agora era oficial. O Irã implorava por uma guerra. E isso desestabilizou Campbell como uma doença que se descobre já em estado terminal.

Com muito esforço, tentou se concentrar. Formalmente, sua obrigação agora seria informar ao presidente sobre esse desastre. Um conflito no já combalido Irã só lhe traria problemas pessoais.

Jane...

Campbell conhecia como ninguém a escala de fatores que contribuiriam para a eclosão de uma guerra. Nos tempos atuais, tempos do politicamente

correto e da paz a qualquer custo, matar e eliminar agentes enviados da ONU representava um campo fértil para que outros países entrassem em um conflito mundial. Até mesmo a ONU iria querer o pescoço do Irã! Além disso, o terremoto recente era uma justificativa para que outras nações, em nome da missão de paz, ocupassem a região. Mas o diretor do Pentágono sabia que, se uma intervenção acontecesse, país algum empunharia uma atitude nobre na ponta do cano de seus fuzis. O Irã era o terceiro maior produtor de petróleo do mundo, produto subutilizado por causa das sanções econômicas que os EUA e a ONU impuseram. Bastaria um pequeno aval para que os persas perdessem totalmente sua soberania através do domínio de seu ouro negro.

Antes de iniciar a pior crise geopolítica dos últimos cinquenta anos, era necessário confirmar a procedência da mensagem.

Apertou com urgência os botões do *Smartphone*, decidido a ligar para o número de Zulan, mas travou. Se a mensagem fosse verdadeira e Muambi Zulan a tivesse enviado às escondidas, poderia ser morto, caso ouvissem o toque.

Olhou para Doroth. Ela continuava com as mãos no rosto.

Céus, nós somos os Estados Unidos da América! Que medo idiota é esse, Ronald?

Condenando-se pelo receio pueril, ligou. Foram três toques, até que alguém atendeu. Um silêncio intimidante se estendeu por vários segundos.

— Muambi Zulan? — indagou ele.

Súbito, bem ao fundo, o diretor do Pentágono ouviu gritos de homens em persa, cruzando-se entre si. Nenhuma resposta do sudanês.

Foi então que se apresentou a quem quer que estivesse do outro lado:

— Aqui é Ronald Jay Campbell, Secretário de Defesa dos Estados Unidos. Quem, em nome de Cristo, você pensa que é?

Depois de um longo instante, uma voz fria com sotaque carregado do Oriente Médio respondeu em inglês:

— Todos estão mortos.

E desligou.

CAPÍTULO 52

O corpo de Helena tremia. Talvez pelo balançar do velho Peikan — que mesmo naquela pista perfeita tilintava confusamente, como uma carroça contendo painéis e fogões soltos —, ou pelo furacão de sentimentos que a acompanhava desde sua saída de Nova York. *Ainda sou uma fugitiva internacional*, pensava ela, marcando com os olhos os postes que acompanhavam a estrada para Esfahan.

Agora seria o momento de continuar aquela conversa sobre as descobertas de César: Energia Livre, o cilindro guardado em sua bolsa de mão... *Esfahan é a Casa da Geometria Sagrada... Ferdowsi e Ciro, o grande, guardam o Tórus... Só você pode trazê-lo ao mundo, Helena.*

Ainda havia uma pilha de livros para ser minuciosamente elucidada por Arash. Helena fazia questão de digerir integralmente cada linha deles. Queria compreender a razão que a levou a arruinar toda sua história de dedicação à diplomacia.

— Faça-me um favor — pediu Arash, cortando seus pensamentos. — Pegue uma das mochilas que Mehan nos deu ali atrás. Quero ver os trajes.

Helena virou-se para o banco de trás, e buscou uma das bolsas, o hijab florido em sua cabeça beijando o ombro de Arash. Parecia que o vento quente que entrava pela janela acentuava o odor apazível da pele do iraniano. Fazia tempo que Helena não se sentia tão intimidada por um homem como nos últimos dias. Constrangida, virou-se com rapidez e retirou o conteúdo da mochila.

Puxou primeiro o que parecia ser uma calça, mas bem diferente da que imaginava.

Eu não entro nisso!

Diferente da roupa antirradiação que Mehan usava quando os recebeu na porta de sua casa (larga e camuflada, como uma capa de chuva), a peça debaixo em suas mãos era preta e, a julgar pela textura do material e pela flexibilidade, parecida com os trajes que os nadadores utilizavam para diminuir o atrito com a água, ou, analisando melhor, que os mergulhadores utilizavam em águas frias. O tamanho, inclusive, parecia ser tão limitado quanto o dos atletas!

Ela soltou um suspiro intrigado e viu Arash sorrir, olhando para a roupa.

— Mas, que beleza! Obrigado, Mehan! — ele agradeceu, como se o amigo estivesse dentro do carro. — Helena, essa roupa é feita de um tecido de nome *que Mehan denominou de iron skin*. Ele contém bolhas microscópicas que desviam 96% as partículas gama — explicou ele, empolgado.

Rugas de incompreensão vincaram as sobrancelhas de Helena.

— Pensei que iríamos nadar — ironizou. — Você consegue explicar

claramente para alguém que não estuda Física há 20 anos?

— Veja bem, existem três modalidades de radiações: alfa, beta e gama. Fisicamente, elas podem ser separadas por um campo magnético ou por um campo elétrico. O que interessa é saber que esses raios representam a energia que pode ser liberada por algum elemento ou material radioativo. Apesar de serem bastante energéticas, as partículas alfa são facilmente barradas por uma folha de papel. Por isso não precisamos nos preocupar com elas. Já as partículas beta são mais penetrantes e menos energéticas que as partículas alfa, conseguem atravessar lâminas de chumbo de até 2mm ou de alumínio de até 5 mm no ar. Mas por sua vez, são barradas por uma placa de madeira de 2,5 cm de espessura.

— Sim — atalhou ela —, por essa razão, quanto maior a intensidade da radiação a que a célula está exposta, maior a chance de causar câncer e alterações no DNA, não é?

— Correto — concordou ele. — Em Chernobyl houve uma liberação de quase todo o inventário de material radioativo nuclear, numa alta coluna, depois de uma explosão no reator central que atingiu grandes altitudes. Ali, nós tivemos a liberação das partículas de todo o tipo, inclusive a gama. Elas podem percorrer milhares de metros no ar, são mais perigosas quando emitidas por muito tempo e podem causar má formação nas células, dependendo da quantidade ou órgão, alterando ou destruindo o DNA. Elas conseguem atravessar chapas de aço de até 15 cm de espessura, mas são barradas se você fizer grossas placas de chumbo ou paredes de concreto. Ainda não sabemos quais são as categorias das partículas que estão vazando neste momento em Esfahan, nem sua proporção em milésimos de Siervert, que é a unidade que mede os efeitos biológicos da radiação. Mas o fato é que estaremos protegidos com esse presente de Mehan.

Helena lembrava-se da unidade de medida citada por Arash. Em um outro desastre, o de Fukushima, ela soube de um dado alarmante dos representantes japoneses na ONU: apenas quatro horas de vazamento equivaliam ao fluxo de um ano de radiação que uma pessoa recebe naturalmente por ano. Os níveis na usina do Japão alcançaram 0,6 milésimos de Siervert por hora.

E o desastre daqui foi muito mais forte, constatou ela, com uma onda de pavor.

Arash olhou para ela, enquanto seus braços travavam uma batalha contínua contra o volante irritadiço do Peikan

— As partículas gama ficaram mais conhecidas depois do Hulk. Conhece a história? Ele foi atingido por raios gama e por isso toda vez que ficava com raiva...

De repente ele estudou o rosto de Helena e fez uma cara de pavor.

— Meu Deus, o que é essa mancha verde no seu rosto?!

Helena olhou pelo retrovisor, assustada. Voltou rindo.

— Não seja tão bobo, Arash!

— Este traje — disse ele, ainda em tom de graça —, equivale a exatamente uma placa de aço de 15 cm. — Não se preocupe, você vai usar o que a NASA sempre sonhou para seus astronautas!

Helena relaxou os ombros.

— Pelo que conheço, não há agência tecnológica no mundo que tenha superado a tecnologia de Mehan. Esta roupa foi desenvolvida por ele há dez anos, quando eu ainda morava aqui. O governo dos aiatolás ordenou que ele interrompesse o seu desenvolvimento porque a espionagem internacional poderia roubar a tecnologia. Mas Mehan quis espalhar para o mundo, vender a patente e ficar milionário. O governo o impediu porque queria o monopólio. Eles... — Arash passou a mão no rosto como se sugerisse ser o rosto cicatrizado de Mehan. — Eles usaram métodos pouco convencionais para fazê-lo parar.

Helena prendeu a respiração. *Tortura.*

Helena cogitou a possibilidade de colocar as vestimentas imediatamente. O objeto que mais gostaria de ter em mãos naquele momento era um medidor de radiação. Com o maxilar travado de tensão, pensou se César havia sido acometido por esses raios nocivos. Onde ele se encontrava agora? Alguém o havia machucado? E quantas peças do protótipo de Energia Livre seriam necessárias para completar a missão? Helena rezou para que a Praça Naqsh-e Jahan fosse o ponto final de tudo e que seu velho amigo os estivesse esperando lá, com aquele olhar seguro, pronto para voltar para casa.

Para quê tanto mistério, César?

— Acho que compreendi bem essa parte da radiação — disse ela, sentindo sua própria voz travada de medo. — Agora você pode explicar a parte em que entra a maior invenção da história humana?

CAPÍTULO 53

Campbell pousou o celular de Doroth em sua mesa e tornou a sentar na cadeira. O sotaque árabe que acabara de ouvir do outro lado da linha repetia-se em uma gravação macabra na cabeça.

“Todos estão mortos.”

Todos os três comissários da ONU, assassinados a mando do governo do Irã? O assassinato em público do arquiduque Francisco Ferdinando que desencadeou a Primeira Guerra foi menos desastroso que isso, disse a si mesmo.

Doroth o encarava com os olhos arregalados, seu rosto branco como folha de papel.

— Esse desgraçado disse que todos foram mortos. Céus! Nem no meu mais insensato pensamento eu podia imaginar esse desastre — confessou ela. — Nem o Flame poderia evitar uma guerra agora! — Ela suspendeu seu corpo quadrado da cadeira e caminhou até o vitral da sala, em silêncio.

Campbell ainda preservava esperança na saída proposta pelo diretor da DARPA, Christopher Lott, na sua palestra horas antes no Pentágono. Lembrou-se de como a tecnologia havia impactado todo o Conselho, mesmo que a maioria dos homens não quisesse adotá-la, por preferirem a guerra.

— A principal arma do século XXI não derramará sangue, e representa a maior das armas pacíficas já pensadas na história — comentara Lott.

Todos à mesa se entreolharam, incrédulos.

— Antes de lhes explicar nosso novo projeto — dissera Lott —, permita-me refrescar a memória dos senhores. O Flame foi um *malware* modular o qual, os senhores por certo detêm a informação, vem sendo utilizado para espionagem cibernética em países do Oriente Médio.

Campbell lembrara-se de que sua descoberta foi anunciada em 2012 pela MAHER, a Equipe de Resposta ante Emergências Informáticas do Irã.

— O *Flame* é capaz de propagar-se a outros sistemas através da rede de área local (LAN) e também de memórias USB. Essa belezinha pode gravar áudio, capturar telas, detectar atividades de teclado e tráfego de rede. O programa também pode controlar o Bluetooth para tentar obter informações de outros dispositivos ao redor e copiar a agenda de um celular. Estes dados, juntos com outros documentos armazenados localmente, são enviados a um dos vários servidores dispersos ao redor do mundo. Ao terminar, o programa se mantém em espera até que receba novas instruções destes servidores.

O diretor do Pentágono refletiu sobre a capacidade do *Flame*. Os relatórios da NSA da época diziam que ele infectara aproximadamente mil máquinas. Entre

as vítimas, poderia se encontrar organizações governamentais, instituições educativas e usuários privados. Não seria nem a primeira nem a segunda vez que os EUA fariam uso desse artifício no Irã.

— O Flame — seguira Lott — fez uma pequena bagunça no Irã, quando ele desconectou da internet terminais das petrolíferas do país, além de ter executado com maestria uma missão surpreendente: Em 2010 destruiu grande parte das centrífugas da Usina de Natanz.

Era evidente que todos os homens na sala sabiam do ocorrido. Todavia, por uma questão de discrição militar, ninguém sequer pensou em levantar o assunto à mesa. Lott trocara de slide, quando foi possível ler o nome do novo projeto.

Flame II.

O diretor do DARPA olhara para os homens, esperando suas reações. Os olhos do Diretor da DARPA cruzaram-se com os de Campbell. Lott transmitia um semblante tranquilo, um ar de segurança e autoridade no que dizia.

Com um laser vermelho, o cientista mostrara em um telão de 3 por 3 o desenho de um vírus de computador em forma de uma caricatura de um pequeno verme. Abriu um sorriso orgulhoso.

— O Flame pode agir como um verme que se propaga em um organismo que eventualmente lhe propicie oxigênio para tal. Ele nasceu com uma função e objetivos muito bem definidos. Do mesmo modo que um verme que corrói por dentro as entranhas de um organismo, o Flame usa os seus dentes, que são os seus módulos, para explodir e quebrar qualquer sistema eletromecânico.

— Todos aqui se lembram de como a alternativa foi um sucesso nas ocasiões, senhor Lott — declarou Campbell, nitidamente comprando a ideia do diretor do DARPA.

Lott assentiu.

— Quando o vírus foi enviado através de um pen drive para o computador de um funcionário da usina de Natanz... — Lott parou e fez um gesto com as duas mãos. — *Boooooom...* Foi assim que demos adeus às centrífugas e, o principal, sem computar uma morte sequer em nossa conta.

Wilker murmurou algo para o secretário de Estado, Aaron Jones um olhar de contrariedade perpassava o semblante dos dois.

Eles querem a guerra a qualquer custo, pensara Campbell.

— Cavalheiros — solenizara Lott —, o Flame II é tão inteligente e complexo que pode ser comparado à própria mente humana. — Ele balançou a cabeça. — Na realidade, acho que estou sendo demasiadamente modesto em minha colocação. Em termos genéricos, o Flame II é cinquenta vezes mais complexo que o primeiro modelo.

Os homens se entreolharam, oscilando entre a desconfiança e a admiração. Campbell captara que o desejo do Diretor do DARPA era genuíno. Pairando em seu olhar, existia uma aura de humanidade e condescendência.

É uma arma perfeita, pensara Campbell. E ela precisa ser utilizada agora...

O sotaque neozelandês da Secretária trouxe-o de volta ao gabinete de Doroth Morgan.

— Ron — disse ela, emergindo de um poço de pensamentos —, eu lhe peço que espere mais algumas horas para contatar o presidente e pôr em prática esse projeto do DARPA. Por uma questão de honra e fidelidade à minha equipe, preciso queimar todas as possibilidades antes de...

— Doroth — atalhou ele, com um ar ansioso —, em menos de dois dias esta crise elevou-se a uma escala a qual meus braços talvez não alcancem. Talvez nem mesmo os seus. Precisamos do vírus de Lott, se não quisermos mais mortes.

— Ainda não! — disse ela, enfática. — Uma *cyber-guerra* tem uma característica bem peculiar: Ela é completamente discreta. Dependendo do caso, nem as agências de inteligência tem ciência do fato. Quem dirá a opinião pública. Mas essa, Ron, não será tão discreta assim — advertiu. — Analise: mesmo que se use o Flame II, não deixaremos de usar uma arma e tampouco deixaremos de ter uma *guerra*! Se não for uma guerra física agora, será em algum momento. Ou você acha que a indústria armamentista vai deixar passar isso?

Doroth se levantou e passou a andar com as duas mãos cruzadas nas costas. É claro que havia sentido no que ela dizia. Mas Campbell tinha suas razões para optar pelo Flame II. De repente ela estacou e olhou para sua própria imagem na foto pregada no quadro atrás de sua mesa.

— Em minha posse, jurei rezar pela garantia da paz sob qualquer circunstância. Ainda que essa arma seja chamada de branca, nada é mais próspero e eficaz do que a diplomacia e o diálogo. Quero extinguir os capacetes azuis dos soldados da ONU que levam a paz, mas debaixo deles empunham fuzis. Quero poder extirpar o termo “guerra” de nosso vocabulário. Não estou aqui para simplesmente dar continuidade aos trabalhos de meus predecessores. Como você, quero ter a oportunidade de provocar alguma mudança efetiva em toda essa bagunça de mundo.

— Você há de convir que esta mudança, por mais linda que possa parecer no momento, só pode ser realizada em longo prazo. O que temos em mãos parece ser a única saída para evitar um conflito em escala mundial no momento.

— Lênin pode ter sido um dos maiores assassinos da história, mas eu

tenho que concordar com uma frase dele: A melhor forma de ganhar é tirar do inimigo a vontade de lutar. E por isso, vejo outra alternativa — sentenciou ela.

— E qual é?

— Voar para Teerã e dialogar com o presidente e o aiatolá. É o que farei agora. Vou tirar do Irã a vontade de lutar.

CAPÍTULO 54

— Certo — disse Arash. — Temos meia hora até Esfahan, e vou tentar resumir tudo o que você precisa saber.

Lutando contra a aflição, Helena tentou expulsar da mente o aterrador fato de que se dirigiam para o vórtice da radiação. Todas as suas energias precisavam se voltar para as explicações de Arash.

Ele suspirou fundo e começou:

— A história, porém, não poderia ser contada sem citar uma pessoa em especial. Nossa motivação desde o princípio foi seguir o caminho dela, que foi uma das maiores mentes que já passaram na Terra.

Helena ouvia, com o máximo de atenção possível. Na outra mão da pista, proveniente de Esfahan, uma fila de veículos formava um trânsito interminável, as buzinas nervosas juntando-se ao vento quente do final da tarde. Ele voltou seus traços firmes para ela e revelou:

— Queríamos realizar o famoso *Tesla's dream*. *O Sonho de Tesla*. Estou certo de que a você já ouviu falar sobre Nikola Tesla.

Helena meneou a cabeça com vigor. Ouvira bastante sobre esse cientista através de César. Segundo ele, Nikola Tesla fora um dos maiores inventores da história da humanidade, um dos maiores cérebros científicos que já pisaram na Terra. O pai da Era Tecnológica Moderna. Fora o sujeito que criara o estereótipo de cientista maluco. Um gênio excêntrico, cheio de manias que sequer gerou uma família e se declarava casto, morreu no meio da Segunda Guerra e caiu no esquecimento geral por uma razão muito simples: o que ele projetava para o futuro oferecia consequências danosas para os mais poderosos interesses econômicos da Terra. Certa vez César apontara para uma lâmpada incandescente no teto da biblioteca nacional, onde os dois costumavam passar dias inteiros e dissera:

— Poucos sabem, mas aquilo ali e todo o sistema de eletricidade do sistema moderno só existe graças a Tesla. — Ele abriu um livro em cima da mesa e colocou diante dos olhos da jovem Helena. Ela debruçara-se sobre o manuscrito lera: *Minhas Invenções, a Autobiografia de Nikola Tesla*.

— Sabia que quando você acende a lâmpada da sua casa — dissera César —, você usa sem sequer imaginar, quatro patentes de Nikola Tesla? E hoje o mundo é iluminado por causa da energia C.A (Corrente Alternada) de Tesla. — Ele venceu uma batalha particular contra Thomas Edison, tido como o inventor da lâmpada. Mentiroso de uma figa! Edison fez o possível para desacreditar Tesla, mas o sistema polifásico dele acabou sendo adotado como regra geral. Você sabe, querida, a Corrente Alternada é...

— É a forma mais eficiente de se transmitir uma corrente elétrica por longas distâncias — dissera ela, lendo a definição de corrente alternada no capítulo dedicado a ele no livro.

— Exatamente — aprovara César. — Tesla fora funcionário na poderosa empresa de Edison. Este tinha plena consciência de que o outro era mais brilhante — dissera ele. — Quando Edison viu que os inventos de Tesla poderiam superar os dele, deixou de pagar seu salário. Você pode dizer que Edison tinha mais invenções que Tesla, mas não necessariamente eram dele. Ele tinha uma grande equipe de especialistas que faziam seu serviço. As invenções de Tesla variavam do princípio do controle remoto de TV até a tecnologia de ponta e de satélites para uso militar. E isso no começo do século XX!

— Ele foi o inventor da lâmpada fluorescente, e da sinistra Bomba de Tesla — lia Helena no prefácio da biografia, escrito pelo editor. — Também foi o verdadeiro inventor do rádio, pois quando o italiano Guglielmo Marconi mandou um sinal de rádio através do Atlântico pela primeira vez em 1903, usou 17 patentes de Tesla, e... Nossa! — Helena parou ficou boquiaberta: — Ele também inventou o Raio-X e o Radar! Esse cara era muito louco!

César sorria, orgulhoso pelo interesse da garota de quinze anos no assunto. Helena lembrou-se de que seu tutor costumava dizer que, se para Edison a genialidade era 99% transpiração e 1% inspiração, para Tesla era o contrário.

A voz de Arash trouxe Helena de volta ao som confuso do Peikan.

— O legado de Tesla é o verdadeiro espírito criativo do inventor, o espírito de não ter limites para nada, do tudo é possível — disse ele, com um ar de deleite da voz.

— É verdade, ele é uma das mentes que deveria ser patrimônio cultural do mundo — completou ela.

— Um dia, em seu laboratório em Colorado Springs — disse Arash —, Tesla alegou ter gerado eletricidade sem a transmissão de fios e disse que tal artifício era tão primitivo quanto o tacape de um homem das cavernas. Nada foi mais marcante na história de Tesla para mim quanto o trecho de um artigo que ele escreveu para o *NY Times* certa vez: “A energia elétrica está em toda parte, presente em quantidades ilimitadas e pode conduzir máquinas do mundo sem a necessidade de carvão, petróleo, gás, ou qualquer outro dos combustíveis comuns”.

Helena impressionou-se. Só agora ela começava a associar Tesla com César. Transmissão sem fio, energia livre, protótipo de plasma... A ligação do trabalho de ambos parecia ser estreitamente direta. De fato, as pesquisas de Tesla abriam uma nova janela para a compreensão da vida. E César parece ter escancarado ainda mais essa janela.

— Muitos diziam que Tesla tinha um sonho, um plano ainda maior para o futuro. Sonhava que... — Ele parou de falar e Helena percebeu que o iraniano empalidecera subitamente enquanto encarava fixo o espelho retrovisor.

Ela virou-se para trás. Através do vidro traseiro, o piscar ritmado de duas sirenes aproximava-se rapidamente do Peikan. Duas Mercedes Benz brancas com faixas azuis nas laterais, uma ao lado da outra. Seria possível que fossem os basijs, a polícia do Irã que arrombara o portão do templo Adrian atrás dos dois? Mas eles se encontravam há mais de duzentos quilômetros de Teerã, e já os haviam despistado ainda dentro da cidade!

Não, pensou ela. Devem estar se dirigindo para Esfahan, vão auxiliar a tragédia.

Helena ponderou sobre o que seria mais calamitoso: ser perseguida pela própria ONU e acusada de terrorismo, espionagem e traição internacional, ou acossada pela polícia iraniana, cujos métodos de punição variavam do apedrejamento ao enforcamento.

— Será que são os mesmos que foram ao Templo Adrian? — perguntou ela, com um ofego de espanto.

Ele respondeu com a voz nervosa:

— Eu não imagino como, mas acho que nos encontraram.

CAPÍTULO 55

Navid entrelaçou as mãos acima da cabeça e estalou os dedos. Devia ser a centésima vez que conferia a sigla que Gogin anotara em um pedaço de papel e, em várias oportunidades, ele a digitou no buscador de palavras de seu navegador:

H.A.A.R.P.

Nenhum resultado encontrado.

Droga de internet!

A tarde de sábado caía estranhamente diferente do lado de fora do modesto Fars Hotel, local mais próximo em que conseguira encontrar acesso à internet depois que deixara o impactante encontro na casa de Gogin. A sensação era a de que um ar sombrio caía sorrateiro sobre as ruas de Teerã e invadia as paredes das construções, qual um vírus invisível. Seria a nuvem radioativa que já havia chegado a Teerã? Ou seria apenas o lado paranoico de sua mente?

De dentro da pequena *Lan House* do hotel, investigou a Rua *Nazemolatabba*, de uma janela de vidro que tinha a forma de uma flor. Mesmo obsedado frequentemente por toda sorte de pensamentos paranoicos sobre a conversa na casa de Gogin, Navid permanecia resignado. O próximo passo de sua nova missão começava com a palavra H.A.A.R.P. Pelo jeito, termo impensável de encontrar naquela internet.

Desde a Revolução Islâmica de 1979, os aiatolás assumiram o controle total dos meios de comunicação. Quando a rede mundial de computadores surgira nos anos 90, ela fora considerada uma ameaça pela maioria dos políticos e religiosos. Hoje, o acesso aos famosos Google, Youtube, Facebook e Twitter era limitado para a maioria das pessoas do país. A velocidade da conexão, da internet discada, conseguia ser pior que a dos anos 90 e figurava entre as mais antiquadas do mundo. Quatro anos atrás, o governo chegara a trabalhar com a hipótese de extinguir totalmente a internet, sobretudo após a invasão do *Flame*, que infectara a usina de Natanz. Navid concordava de certa forma com a censura, porque aqueles que tinham algum sentimento de revolta no peito poderiam facilmente se promiscuir diante do regime.

Agora, no entanto, Navid necessitava de respostas. Pelo bem de sua missão. Pelo bem do povo do Irã.

Alisou com as duas mãos os cabelos negros. Havia outra saída ao seu alcance.

Precisaria recorrer a uma ferramenta bastante usada pelos jovens iranianos

nos últimos anos. E já que os jovens só mudam mesmo de endereço, tanto no Irã quanto no resto do mundo, a alternativa encontrada para interagir com um leque infinito de informações se resumia em duas palavras:

Deep Web. A Internet Profunda.

O obscurantismo da web; a parte submersa do iceberg. Um mundo de obscuro de mais oito mil *terabytes* de informação, quinhentas vezes maior que a web comum.

A internet como todos a conhecem, era apenas uma parcela pequena do espaço virtual. Para além dela, existia um universo inimaginável pela maioria das pessoas. Navid conhecera essa faceta escondida no final de sua faculdade de geologia, em 1997, com alguns amigos da Ciência da Computação.

Na internet profunda, nada era indexado e, portanto, nada podia ser rastreado. Todo o tráfico de dados era criptografado, o que implicaria em anonimato. Fato que poderia ser bom e ruim ao mesmo tempo. A conexão da *Deep Web* passava por várias dezenas de servidores. Através de um navegador seguro que batizaram de *Thor*, podia-se acessar um sem número de informações. Se a ponta do iceberg, a internet convencional, tinha mais de seiscentos milhões de sites, especulava-se que sua parte submersa tivesse quase cinco vezes mais do que isso.

Muitos ocidentais acabavam usando a Deep web simplesmente por não estar de acordo com essas regras que os gigantes como o Google impõem. Já no Irã, dezenas de pessoas passaram a usá-la porque os poderosos braços do governo não conseguiam chegar. Em contrapartida, uma infinidade de criminosos usava a Deep Web como um prato cheio para se inter-relacionar e garantir o anonimato. Desde anúncios de assassinos de aluguel, passando pelo turismo sexual, vídeos *snuff* (psicopatas que matam alguém e filmam o processo) sites de pedofilia... um universo negro do que existia de mais terrível dentro da mente humana era aberto para quem quisesse ver e é impossível de ser rastreado.

Navid sabia que se cavasse bem na Deep Web, era possível achar banco de dados de governos, bibliotecas perdidas, documentos sigilosos, uma sucessão de obras e manuscritos que por direito autoral não poderiam ser veiculadas normalmente. Mas também acabava de cogitar a possibilidade de achar algo ainda mais intrigante. Muito mais secreto.

Um dos maiores segredos militares do século XX, como havia dito Gogin.

No entanto, dentro daquela *lan house*, era impossível utilizar o artifício. Além da velocidade de conexão, existiam alguns instrumentos que não poderiam ser implementados por intermédio do Pentium III que manuseava agora.

Navid precisava retornar à Universidade de Teerã o quanto antes. Depois de uma breve oração à frente da tela, desfez-se de sua navegação e rumou para a

saída do hotel, os braços rígidos movimentando com firmeza a cadeira de rodas.

Excessivamente intrigado, ele tinha a real sensação que estava prestes a ingressar em um caminho sem retorno.

CAPÍTULO 56

Arash acelerou fundo.

No entanto, isso significava pouca coisa para o táxi velho. A resposta foi insignificante. Helena sentiu apenas uma leve pressão da cabeça para trás enquanto todas as porcas e engrenagens pareciam brigar entre si dentro do motor do carro, o cheiro de combustível queimado impregnando as narinas.

Rachado ao meio, o ponteiro do velocímetro marcava angustiantes 90 km.

— O quê está fazendo?! Temos que parar!

Os braços de Arash tremiam pela vibração do volante.

— Não temos outra opção, Helena! Não posso garantir nossa segurança se formos presos aqui no Irã!

Helena sentiu as veias do pescoço pulsarem de tensão.

As duas Mercedes levaram poucos segundos para alcançá-los na pista. Uma delas pareceu ter diminuído a velocidade pela metade quando grudou na traseira de Arash. Helena virou-se de novo e pôde ver através do *insulfilm* da viatura o rosto de dois policiais: o carona levava o rádio à boca e gesticulava com o braço para fora da janela. O autofalante do carro retiniu uma voz impaciente em persa. A viatura que dirigia na faixa paralela, avolumou-se em sua lateral. O vidro foi baixado e os dois homens que seguiam no banco da frente agitaram uma das mãos para cima e para baixo, para que encostassem o carro.

Arash fitou os dois com um semblante inexpressivo e voltou os olhos para frente, ignorando-os.

Qual é o plano dele agora? Apostar corrida com as Mercedes?!

Pela segunda vez na viagem, Helena dependia da habilidade de alguém no volante para sua sobrevivência. O policial que se encontrava no carona retirou a mão da janela, virou-se e, em um movimento rápido, trouxe uma arma para fora.

Helena grunhiu de susto.

— *Âhây, Âhây!!!* — Helena o ouviu gritar acima da corrente de vento, presumindo que fosse uma ordem para parar o carro.

Então, sem avisar, Arash girou com rapidez o volante para sua direita, como para pegar distância e, ainda mais rápido, investiu para a esquerda em direção à viatura. Ouviu-se um estrondo metálico quando o Peikan chocou-se contra lateral da Mercedes. Helena sentiu uma fisgada no pescoço por causa do movimento brusco e gritou de dor. O retrovisor do lado de Arash voou por sobre o para-brisas da viatura e foi parar do outro lado da pista. Arash retornou para a faixa de origem e, quando Helena achou que ele fosse readquirir a lucidez, precipitou-se contra a lateral da Mercedes de novo, desta vez, já com uma mão para fora da janela, em direção aos braços esticados do policial.

O Peikan se emparelhou com a Mercedes, a distância dos dois veículos não passava de meio metro. Os olhos de Helena encontraram os do policial. Exalavam desespero diante da situação inimaginável que Arash acabava de provocar. Ele parecia calcular todos os movimentos com precisão. A mão do oficial entrou pela janela com uma pistola e por um instante o cano dela apontava para o peito de Helena. Ela sentiu todo o corpo dormente. Arash tomou o pulso dele com uma mão e bateu-o no volante do Peikan várias vezes.

Nesse instante, ouviu-se o estilhaçar de vidro cuja procedência Helena não soube identificar. Um barulho de vento adentrando o carro amplificou o som dos motores. Quando ela atinou que o vidro da frente permanecia intacto, intuiu que a origem do barulho vinha de trás. Então, de soslaio, viu que o homem da outra viatura que os seguia atirava incessantemente.

Duas. Três. Quatro vezes.

Em uma delas, a bala vazou pelo vidro da frente e o impacto lançou estilhaços em cima dos dois. Ela pôs a mão à frente do rosto e baixou a cabeça na direção do porta-luvas, arfando de pânico. A sensação de vulnerabilidade devastava todas as células do corpo.

Vou morrer aqui e agora!

De maneira impensável, Arash agora conduzia apenas com uma mão o Peikan e, com a outra, lutava com o policial que grunhia do outro lado da janela. O carro conseguia sobreviver na pista, vibrando como uma carroça, com Arash pisando fundo. Helena segurou o volante com a mão esquerda e subiu a cabeça apenas o suficiente para que seus olhos divisassem a pista adiante. Arash entendeu o auxílio e, agora com a mão direita livre, desferiu um poderoso soco no rosto do policial. A cabeça do homem projetou-se para trás com o golpe e sua boina voou viatura adentro.

O motorista já ia sacar uma arma, quando Arash esmurrou o carona de novo, que deixou sua pistola cair no chão do Peikan. Os tiros de trás agora terminavam de destruir o carro por dentro e, por uma sorte inexplicável, não atingira nenhum dos dois.

Ainda.

Não havia outra saída a não ser rezar pelo impossível.

Arash pegou a arma no chão e apontou para o policial ferido.

Meu Deus, ele vai matá-lo a sangue frio!

De repente, ele afastou o Peikan a cerca de um metro da viatura e atirou para baixo. O estrondo do pneu explodindo em meio a todo aquele escarcéu causou um tremor nos tímpanos de Helena. O tiro foi certo. A Mercedes vibrou com a instabilidade e o motorista da viatura, que já apontava a arma para os dois, perdeu o alvo, atirando no capô do Peikan. Foi quando Arash cometeu

uma loucura ainda maior:

Freou bruscamente, o som dos pneus velhos rasgando a pista.

A viatura de trás colidiu na traseira do Peikan e o choque empurrou o carro velho para frente. Helena bateu com a cabeça no painel, e sentiu um fio quente escorrer da sobrancelha, o *hijab* caindo por cima dos olhos. O carro ziguezagueou, mas, por um milagre, manteve-se em prumo.

Com o movimento imprevisto, a Mercedes que estava ao lado ficou um pouco mais adiante, deixando sua traseira paralela à parte da frente do Peikan. Arash usou as duas mãos (uma delas segurando a arma) e, com maestria, virou o volante para a esquerda fazendo seu para-choque ir de encontro à traseira, tirando o ponto de estabilidade da viatura.

A Mercedes girou pela frente do Peikan, para a direita, toda sua força e peso foram concentrados em apenas duas rodas do mesmo lado. De súbito, ele rodou ao redor de si mesmo e capotou mais de cinco vezes, como um carrinho de brinquedo, indo parar em um matagal ao lado da Rodovia.

Helena quase desmaiou ao ver a cena.

A outra viatura equiparou-se ao Peikan que, a essa altura, parecia ele mesmo ter capotado, tamanha a destruição de sua estrutura.

— Esfahan. Chegamos! — gritou Arash, esbaforido e suado, apontando para a silhueta da cidade a cerca de quinhentos metros adiante.

Entretanto, algo impediria a passagem deles.

Uma forte e bem armada barreira do exército iraniano.

CAPÍTULO 57

Navid deslizou com rapidez a cadeira de rodas pelo batente da porta, trancou-a atrás de si e acionou a iluminação do ambiente. A sala de controle do Departamento de Geologia encontrava-se do jeito que ele havia deixado, horas antes. Apenas ele detinha as chaves, o que significava um alívio, pois se alguém entrasse ali naquela tarde de sábado, concluiria que ele havia ficado louco: os sete computadores de alta tecnologia, conectados diretamente aos maiores centros geológicos do mundo, jaziam destruídos na bancada à sua frente, como se estivessem sido golpeados, sem perdão, por dez tacos de beisebol.

Como seria possível um vírus produzir este estrago? Usaram o Flame contra mim; um mero mortal.

Por um instante ponderou que, se suas simples análises da atmosfera incomodaram tanto a nação das sombras, o que tramavam de verdade os EUA contra o Irã?

Seu objetivo ali era encontrar na Deep Web tudo o que pudesse se relacionar com a sigla H.A.A.R.P. Com um empurrão, dirigiu suas rodas até o seu laptop em cima de uma mesa de café e ligou-o. Com o mesmo procedimento que executara na *Lan House*, iniciou o famoso navegador *Thor* e digitou a sigla que Gogin lhe dera. Meditou sobre o significado da palavra por alguns instantes. Cinco minutos depois, ele já se encontrava no mundo obscuro da *Deep Web*.

Depois de buscar pela sigla em um fórum de discussões descrito como “Segredos de Estado”, a tela mudou para um endereço de IP bastante peculiar: *djzdn.do.onion*. As referências eram poucas. Deste site, Navid penetrou ainda mais. Foi levado a uma série de links e fóruns, até que, depois de meia hora mergulhando milhas e milhas além, chegou a um site que lhe interessava bastante pelas descrições.

O site, em inglês, tinha um antiquado layout dos anos 90. Transcrevia uma série de projetos militares, não só dos EUA, mas também do Japão e da Rússia; documentos oficiais de membros do exército dos respectivos países, fotos de atas oficiais com assinatura de presidentes e chefes de Estado. Eles demonstravam as assinaturas de alguns dos diretores do Pentágono referendando a aplicação de armas holográficas que simulavam imagem no céu de aviões como estratégia de guerra, até gravações escondidas de alguns ex-presidentes americanos que declaravam em áudio serem agentes soviéticos infiltrados no poder.

Navid refletiu sobre como não havia limites para os tentáculos da *Deep Web*. Se por um lado, o Irã sofria com as restrições à internet convencional, de outro, qualquer pessoa conseguiria ter acesso a um mundo muito mais vasto e revelador se soubesse usar aquele mecanismo. Intrigado, procurou pela sigla

H.A.A.R.P. conjugada ao termo *Esquentamento da Ionosfera e Aurora Boreal*. Sentiu as mãos suarem, ansiosas.

Foram poucas as ligações feitas com os termos completos; não mais do que cinco. No último link da página de busca, havia uma junção dos termos digitados que chamou sua atenção.

Esquentamento da Ionosfera... H.A.A.R.P... Que produz uma Aurora Boreal... Nikola Tesla, seu criador...

Seus dedos travaram. *O que Nikola Tesla teve a ver com isso?*

Navid havia estudado um pouco sobre essa mente brilhante na época da faculdade. Fora apresentado a alguns dos inventos de Tesla através de alguns amigos da Engenharia Mecânica. Desde sempre, tudo o que fosse excluído ou eliminado pelos EUA se transmutava em principal objeto de estudo dos intelectuais iranianos. A filosofia básica da turma era: *aquilo que os EUA não querem, o mundo precisa!*

Tesla fora renegado e perseguido pelo governo americano. Suas ideias, portanto, eram espalhadas aos quatro ventos no Irã. Mas talvez Navid não conhecesse a fundo suas invenções, de modo que não tinha ideia, até agora, que uma delas (a mais sinistra que jamais vira) estivesse intimamente relacionada com a sigla H.A.A.R.P.

Meu Deus, *Tesla criou um monstro que recaiu sobre o Irã meio século depois de sua morte!*

Navid clicou em um documento digitalizado que ampliou-se na tela. Consistia em uma folha apenas, um apontamento oficial do *Mossad* em parceria com a CIA, datado de 1998. Como ex-militar, Navid conhecia os documentos dessa área. De maneira muito rara, ao invés de ter apenas um selo no alto da página, destacavam-se as assinaturas dos dois diretores e dois símbolos dessas duas agências.

O serviço secreto israelense em parceria com a CIA.

Desgraçados!

O relatório técnico resumia uma tecnologia que transpassava os limites da ação militar de um país. Ela fora baseada em um dos inventos de Nikola Tesla e tinha o potencial de fustigar tanto determinada região, que seu impacto psicológico poderia devastar toda uma sociedade, muito mais do que as consequências diretas do uso de armas nucleares. Porém, segundo o que descrevia o dossiê, os Conselhos de Inteligência dos EUA e de Israel proibiram sua ação por se tratar de um *sistema imprevisível em seus impactos*.

Navid fez uma prece ligeira, condenando a monstruosidade.

O que mais o intrigou, todavia, era que o relatório revelava que havia um padrão geológico e atmosférico característico quando a tecnologia era ativada;

esse padrão poderia facilmente ser registrado com os medidores apropriados. Navid havia possuído esses instrumentos, mas estavam agora destruídos por um vírus de computador. Existia, no entanto, outra forma de identificar esse padrão. Era através da verificação presencial e manual na região afetada.

Com uma luz enviada dos céus, ele compreendia agora o cerne de toda sua missão. Navid se encarregaria de reunir a maior parte de evidências e apresentá-las ao aiatolá, ou, quem sabe, até à própria ONU. Ele já tinha uma evidência em mãos: os documentos na Deep Web. Além disso, vira o que aconteceu com a ionosfera dias antes do terremoto.

Só restavam, agora, as provas técnicas. O que tinha à frente dos olhos representava uma oportunidade única de eliminar um dos últimos males restantes na Terra: os EUA. Se existiria uma guerra a partir dessa providencial revelação, Navid estava certo de que haveria de ser uma *Guerra Santa*.

Desligou o laptop e deslizou com a cadeira de rodas para a saída de seu laboratório.

O destino dele agora era o centro de toda a tragédia: Esfahan.

CAPÍTULO 58

A outra Mercedes emitiu um ronco ao igualar-se ao Peikan na faixa paralela. Arash já ia apontar a arma para o pneu dianteiro quando pareceu ter visto o Inferno de Dante no caminho da pista.

Facilitada por uma pequena depressão de um trecho reto, Helena conseguiu entrever uma barricada preenchida por vários cones cor de laranja, duas guaritas e uma dezena de homens fardados e fortemente armados que bloqueavam o caminho, cerca de quatrocentos metros adiante.

Meu Deus, o exército iraniano está montando guarda na entrada de Esfahan!

Arash parecia ponderar sobre o que fazer. Sua cabeça se movimentava em um revezamento entre a viatura colada à porta e o inesperado muro na estrada.

Helena pensou no que seria menos terrível: ser morta a tiros pela polícia do Irã dentro de um carro ou ser fuzilada em um paredão pelo exército iraniano.

A viatura provavelmente ultrapassaria o Peikan antes de chegar ao bloqueio e eles seriam facilmente dominados, pois o veículo mais potente cerraria suas possibilidades de avançar na pista, dominando sua trajetória até aonde se encontrava o exército. Seria o fim se fossem ultrapassados.

A única solução para a sua sobrevivência era afastar a Mercedes do caminho e, de alguma forma, atravessar a barreira. Ou, dar a volta pela contramão da pista, mas é claro que a viatura os alcançaria ali também.

Surpreendida com o pensamento que lhe sobreveio, ela gritou:

— Atire, Arash! Agora!

Só que o policial já havia dado o primeiro tiro a seu lado.

A bala devia ter passado a três dedos do rosto de ambos. Arash emitiu um urro gutural antes de retirar o braço esquerdo do volante e vociferar um xingamento. O carro foi perdendo a direção até que Helena agarrou o volante com força. Ela viu uma fenda de sangue se abrir no antebraço dele. Parecia tê-lo atingido de raspão.

O segundo tiro estava sendo preparado pelo policial quando Arash retomou o prumo e pisou fundo no freio com uma violência calculada, fazendo o ar recender ao cheiro amargo de pneu queimado. O corpo de Helena foi projetado bruscamente para frente e o cinto de segurança queimou o tórax, o manto na cabeça bloqueando momentaneamente a visão. Viu apenas as luzes vermelhas do freio da Mercedes se lançarem à frente, embaçadas pelo hijab.

— Segure a direção! — ordenou Arash retirando o cinto de segurança.

Helena o fez com as duas mãos. Então ele se pôs parcialmente para fora do carro, os cabelos grossos e negros voejando como um borrão e, com a mão

direita, atirou três vezes. O terceiro tiro foi sucedido de um estrondo de uma explosão tão repentina que quando Helena se deu conta a Mercedes já era um manto de fogo, patinando na pista. Arash havia atirado de maneira calculada no tanque do carro.

Um engenheiro nuclear fazendo isso?!

Helena afundou a cabeça sob a linha do painel, protegendo-se.

A bola de fogo foi reduzindo a velocidade pouco antes de bater violentamente contra um poste que seguia o acostamento. Arash retomou a direção, enquanto observava friamente o acidente que carbonizava os policiais.

Helena não conseguia sequer se expressar. Quando tornou a fixar a estrada à frente, o carro já se achava a poucos metros da barreira do exército.

— Segure-se! — gritou Arash.

Não havia processo racional algum na mente de Helena que pudesse estudar outra hipótese a não ser: *Nós vamos destruir a cancela e invadir Esfahan!*

Tentou conciliar a respiração, enquanto via os soldados se prepararem para atirar, alguns corriam de um lado da pista para o outro, confusos.

Quem esperaria um carro desgovernado entrar daquela maneira numa cidade contaminada por radiação?

Quando o Peikan estava a menos de vinte metros da cancela, Arash gritou:

— Abaixem-se! Agora!

Ela o viu afundar as costas na poltrona velha do Peikan, gotas de suor deslizando por sua pele morena. Os gritos dos soldados chegavam aos seus ouvidos cada vez mais intensos; gritos de ordem e consternação diante da cena.

De repente, Helena ouviu um baque seco.

Em seguida um balanço.

Então as vozes ficaram gradualmente distantes e Arash endireitou-se no banco.

— Passamos! — ele soltou, um tanto aliviado. Olhou pelo decrépito retrovisor e Helena virou-se.

E como em um pesadelo do qual não se consegue desvencilhar, ela sentiu as veias encherem-se de tensão novamente. Em algum lugar lá atrás, pneus cantaram alto e alguns veículos puseram-se a traçar a mesma rota que faziam eles.

Agora Helena e Arash fugiam do exército iraniano.

CAPÍTULO 59

Pang Meng saiu da pequena sala encravada no galpão escuro apertando o celular criptografado na mão. Guiando-se pela luz azulada e opaca que o aparelho emitia de sua tela, deu alguns passos em direção ao vazio e parou. Faltavam poucos segundos para a ligação programada de Xerxes.

O curso da missão não seguira como ele desejava até o momento. Quase fora destruído pelo homem de sobretudo preto; tivera um ombro e uma perna baleados e várias escoriações. Porém, o que genuinamente o preocupava, era o protótipo que obtivera na usina.

Ele é falso, pensou. O desgraçado do Montenegro me enganou!

Xerxes não ia gostar de ouvir essa notícia. Meng nunca havia errado em missão. O primeiro ato consistia em apanhar César e o protótipo. Em seguida, Meng devia garantir que Helena e Arash fossem ao seu encontro. Por outro lado, de certa forma, ele ainda detinha o controle. César seguia cativo e o *Ipad* com as imagens via satélite indicava que o casal se aproximava de Esfahan.

O toque da chamada ressoou agudo no Hangar de aviões abandonado. Ele colou o aparelho ao ouvido, uma luz azulada clareando parcialmente o rosto de traços orientais.

— Meng falando.

— E o protótipo? — perguntou Xerxes.

Hora da má notícia.

— O que capturei na usina é falso — disse ele, prendendo a respiração.

Seguiu-se um longo silêncio. Meng ponderou se Xerxes iria abortar a missão. Ele respondeu, finalmente:

— Sua inabilidade comprometeria a missão se eu já não tivesse dado um passo à frente. — A voz mecânica e andrógena de Xerxes não mudou de cadência.

A resposta foi menos agressiva do que Meng esperava. Esforçou-se para conter a intensa curiosidade em perguntar em que se consistia o *tal passo à frente*.

Calma, disse a si mesmo. Um estágio por vez.

Esperou Xerxes retomar.

— Os dois chegarão ao local combinado dentro de alguns minutos — a voz comunicou. — Na realidade, eles passam por um pequeno imprevisto na estrada no momento, mas conheço as habilidades do iraniano, eles chegarão bem.

Meng imaginou o que acontecia com os dois agora. Deixara o *Ipad* na saleta para atender à chamada e não estava acompanhando.

— Meng — chamou a voz. — Há algo importante que eles estão trazendo consigo. Algo que servirá para o fim da missão. Você terá de fazer uso de suas habilidades de convencimento para descobrir. Eu também não tenho ciência.

Então era isso. O que será que o casal possuía de tão importante para acobertar a sua falha? Algum elemento necessário para a conclusão de seu trabalho? Agora Meng começava a entender o porquê de Xerxes ter frisado tanto que ele aguardasse a presença do casal.

Meng lembrou-se das imagens que o *Ipad* captava do carro. Havia um satélite militar voltado exclusivamente para Helena e Arash. O instrumento tinha um sensoramento infravermelho, capaz de identificar com perfeição até alvos no escuro ou camuflados; o mesmo modelo usado para investigar as ações dos indivíduos mais perigosos da Terra.

— Estou acompanhando a trajetória dos dois conforme o estabelecido — respondeu ele.

— Muito bem. Espero que, ao menos, tenha se livrado do sujeito que foi atrás de você.

Meng agitou de leve o ombro que fora perfurado pela bala do homem de sobretudo preto e sentiu uma fisgada ardente. Travou os maxilares em resposta à dor. A alma dele fumegaria um ódio eterno pelo sujeito.

— Se estou aqui, é porque o ataque não foi forte o suficiente para me deter.

— Você o viu morrer, Meng? — inquiriu a voz robótica de Xerxes.

Meng não previa a pergunta. A voz mostrava-se claramente incomodada com a interferência do homem de sobretudo preto na missão. Livrar-se dele fora talvez um dos maiores desafios da vida de Meng, mas o fato é que ele não vira mais o homem depois que acordara dentro da Kombi improvisada de ambulância. Só o prazer que experimentara por ter visto o rosto eslavo dele se contorcer de dor quando lhe aplicara a arma de pulso eletromagnético, fora o suficiente. Sabia que era como inocular um vírus mortal em um organismo sadio. O homem estaria morto dentro em breve. Seu deleite por esse feito fora imensamente maior do que o normal, uma vez que, o grupo para o qual o homem de sobretudo preto trabalhava tinha a tradição de formar os agentes mais denodados da Terra. E só isso já trazia uma ponta de orgulho. Meng havia eliminado um deles.

A mentira, na maioria dos casos, é necessária para manter a estabilidade.

— Ele está tão extinto quanto esta cidade — respondeu Meng, calculando como estariam os níveis de radiação em Esfahan.

Por um longo instante só se ouvia a estática da ligação.

— Muito bem — articulou Xerxes, por fim. — Já é hora de você se dirigir ao ponto inicial.

— E quanto ao senhor Montenegro, devo radicalizar meus métodos para fazê-lo falar onde está o protótipo?

Desta vez não houve hesitação do outro lado.

— Faça-o implorar pela morte.

CAPÍTULO 60

— O exército está atrás de nós! — bradou Helena, afundada na cadeira carcomida do Peikan branco. Ela tentou acomodar o hijab florido que volitava furioso na testa. A indumentária havia deslizado tanto pela cabeça que ela cogitou se a parte que mexia agora era a que devia ficar na nuca. Sentiu vontade de jogá-lo pela janela, mas se fosse pega sem ele, poderia ter um fim ainda pior do que aquele que se desenhava agora.

— Como vamos despistá-los?! Já estão na nossa cola! — gritou ela, depois de virar-se e reparar que três jipes camuflados reduziam a distância entre eles e o táxi com facilidade, cerca de trezentos metros atrás. Arash não respondeu. Olhou para a margem da pista, parecendo procurar por algo, o suor de seu pescoço escurecendo a gola da camisa social.

A avenida que conduzia o casal Esfahan adentro se dividia em três faixas: a mão oposta resumia-se na imagem que os dois tiveram em praticamente todo o trecho de Teerã até ali: três faixas preenchidas por carros em uma espera aflitiva para sair da cidade. Alguns já acendiam os faróis em função do final da tarde que afundava em um céu escarlate ao sul da cidade, bicicletas e motos disputavam o corredor dos acostamentos feito animais famintos. Helena desesperou-se por realizar a trajetória exatamente oposta da fila de veículos. Em contrapartida, a pista a conduzia cada vez mais para perto do que procurava: o protótipo de Energia Livre, Geometria Sagrada...

E de César.

Delineado por um borrão colorido de veículos ao seu lado, Arash seguia pisando fundo novamente, com a face comprimida pela adrenalina. Os jipes assomavam-se contra eles em uma velocidade assustadora, agora a menos de duzentos metros. Secos de tensão, os olhos de Helena encontraram uma placa indicativa pendente sobre a pista:

“Eman Khomeini Elevated Expy a 80 metros.”

Já devia ser a centésima obra que vira com o nome do aiatolá desde que chegara ao Irã. A principal entrada ao norte de Esfahan se transformaria em um elevado dali a alguns instantes. Com um cálculo rápido, ela concluiu que seriam alcançados assim que chegassem ao ponto mais alto, portanto, não haveria curva, rua ou qualquer outra saída que pudessem usar para despistar o exército.

— Helena — chamou Arash —, pegue as nossas bolsas, depressa!

Ela se virou e conferiu. Pulando no banco de trás, havia três bolsas: a estilo jornalista que acompanhava Arash desde a sede das Nações Unidas, a Chanel de couro preto de Helena (contendo todos os itens que qualquer mulher vaidosa que se preze possui; além de seu passaporte falso e o cilindro que obtiveram no

Templo Adrian), e a mochila que ganharam de Mehan, contendo as vestimentas antirradiação.

O ponto em que Helena havia aprendido a confiar cegamente em Arash já se encontrava muito longe dali. Sem questioná-lo, ela buscou os pertences.

O que ele está pensando em fazer? Atirar tudo pela janela?

O carro subiu o aclive do viaduto Íman Khomenini. O tamanho dos jipes no retrovisor ficava cada vez maior.

Arash esticou o pescoço na direção da barricada da pista, à direita.

— Vamos, vamos, vamos... — ele sussurrava, esperando que algo ocorresse lá embaixo.

Só então que ela viu um caminhão com carroceria de madeira que incidia pela rua que cruzava o viaduto por baixo. O veículo se aproximava do ponto de interseção, apressado. Ia cruzar o viaduto por baixo em alguns segundos. Foi quando Arash freou bruscamente, o que obrigou Helena a amparar as mãos no painel.

— Venha! — Ele pegou sua bolsa, a mochila com as vestimentas e deixou Helena apenas com sua Chanel no colo.

Em um misto contraditório de incompreensão e clareza, ocorreu-lhe imediatamente o que Arash planejava. Os pneus dos jipes gritavam atrás deles, e a eles se juntavam os berros dos soldados, que empunhavam fuzis de aparência agressiva. Em um segundo Arash já se encontrava do lado de fora, correndo para a beirada do viaduto. Como reflexo, Helena irrompeu em sua direção o mais rápido que pôde. Sentiu os músculos do abdômen se enrijecerem quando projetou as pernas para fora do carro. Em dois segundos, ela se juntou a Arash na beirada do viaduto e, em três, os jipes frearam a alguns metros deles. Os homens desceram apontando os fuzis e rasgando o ar com aquela língua cantada que já havia traumatizado Helena. Questionou-se se eles tinham ordens para fuzilá-los primeiro e prendê-los depois.

A seu lado, Arash pegou sua mão e apertou-a. Ele segurava a bolsa com as vestimentas e a de jornalista atravessada no peito.

— Suba na barricada!

Ela obedeceu. O caminhão chegava numa velocidade muito superior à que Helena havia calculado. *Meu Deus!* Disse a si mesma, sentindo um bolo de pavor lhe bloquear a garganta.

— Helena, Helena... Olhe para mim! — Arash gritou por cima das vozes dos soldados que se aproximavam da barricada — Nós vamos pular na carroceria.

Helena não tinha nervos para questionar.

— Tente distribuir seu peso nas duas pernas quando cair e dobre os joelhos

quando sentir que terá o impacto!

Quantos metros até lá embaixo? Pensou ela, tonteando de pânico. *Dez?*

— *No três!* — avisou Arash.

— Um... — De soslaio, Helena percebeu que os soldados se preparavam para atirar.

— Dois... — A caçamba do caminhão se aproximava cada vez mais rápido. Ela teve a certeza de que seu corpo não conseguiria realizar aquela trajetória.

— Três! — Sentiu uma força lhe puxar para frente, o que a fez perder o prumo.

Então os pés de Helena passaram a tocar o nada. Jamais saberia dizer se as esteiras de calor que sentiu passar ao lado da cabeça foram balas ou a reação de seu hijab ao vento contrário que produziu ao pular.

Quando seus tênis colidiram violentamente contra a madeira da caçamba e seu corpo rolou várias vezes sobre ela, Helena apagou.

Pela segunda vez naquele dia.

CAPÍTULO 61

Ronald Jay Campbell passou a mão sobre os cabelos desmanchados pelo vento e ergueu a cabeça para o helicóptero *Puma Branco* da ONU, que se elevava ao céu negro do final da noite. As luzes vermelhas de bombordo piscavam em alerta e, dentro dele, o topete amarelo de Doroth Morgan ficava cada vez mais distante de seu campo visual. Ela ia fazer parte de uma comitiva emergencial composta por seis representantes das Nações Unidas. Sua assessoria havia comunicado aos chefes de Estado do Irã sobre a visita *apenas* meia hora antes da partida.

A justificativa: uma visita urgente e humanitária em virtude do desastre provocado pelo terremoto em Esfahan. Os verdadeiros motivos: descobrir quem matou os três comissários da ONU, dialogar com o presidente e o Aiatolá. Além de encontrar as armas nucleares.

Se é que elas eram reais.

O tufão gerado pelas hélices morreu aos poucos e o helicóptero ganhou altura para o noroeste, transformando-se em uma estrela vermelha no céu. O aeroporto J.F. Kennedy ficava a dez minutos de voo dali. Campbell girou nos calcanhares rumo ao salão principal e conferiu as horas em seu *Omega De Ville*: 05h19min. Não dormia há mais de cinquenta horas. Fechou os olhos e massageou com a ponta dos dedos as pálpebras enrugadas. A viagem de Doroth a Teerã duraria dezesseis horas e Campbell sabia que a angústia persistiria como sua melhor amiga por esse tempo. Até lá, a notícia das armas nucleares poderia ser difundida pelos outros países. Não sabia até onde ia o nível de informações do Mossad, do MI6, da DGSE (A Direção-Geral da Segurança Externa) da França ou FSB (antiga KGB) da Rússia.

Os pés cansados do diretor do Pentágono encontraram o pórtico principal da ONU. Depois de atravessar o salão, dirigiu-se à saída *vip* do edifício. Lá, o helicóptero *EC225 Super Puma* do Pentágono o aguardava para levá-lo de volta. Ao se aproximar, acenou para o piloto que já o esperava no interior do aparelho com as hélices girando. Baixou um pouco a cabeça para se proteger do forte vento e embarcou.

— Mais uma guerra impedida para o seu currículo, senhor Diretor? — perguntou Simpson, virando-se para trás, com um sorrisinho brincalhão por debaixo do capacete.

Ele ofereceu um sorriso sem graça e travou a respiração quando pensou em uma possível guerra que se desenrolaria se a China e Rússia quisessem defender seus interesses no Irã.

— Enquanto Ronald Jay Campbell estiver no comando do Pentágono, meu

amigo Simpson, nosso exército terá sempre a maior taxa obesos dentre todos do mundo — dissimulou o Diretor.

O piloto soltou uma risada entretida e acionou o sistema de subida. O aparelho vibrou e ganhou altura lentamente. Os pensamentos de Campbell, porém, permaneciam presos ao que acontecia abaixo de seus pés. Por enquanto, a obra resumia-se em: uma equipe da ONU desaparecida, um relatório que constatava a existência de ogivas nucleares em Esfahan, um vídeo que havia sumido, e a CIA, a NSA, o Secretário de Estado e o Estado Maior dos EUA desejando a invasão do Irã. Todos os ingredientes que preenchiam as motivações de uma guerra de fortes impactos globais. Porém, existia algo pior do que tudo isso. Nada seria mais calamitoso do que quando o mundo assistisse boquiaberto, através dos maiores canais de TV, que a presidente do Conselho de Segurança era uma agente iraniana infiltrada na ONU. E que havia fugido pela porta da frente da sede vestindo um chador preto.

O escândalo do século!

Todavia, o diretor do Pentágono tinha algumas cartas para jogar: o *Flame II* impossibilitaria o uso das supostas armas nucleares e a presença da Secretária Geral no Irã no auge daquela crise velada e oculta. Quanto a ela, a figura de Doroth Morgan destoava dos outros Secretários Gerais que a antecederam. Aquele arquétipo neutro e simbólico que sempre se submetia às ordens das potências globais havia sofrido uma brusca transformação na gestão da neozelandesa. Até Doroth Morgan, Campbell nunca acreditara na influência das Nações Unidas na manutenção da paz. *Os mesmos que a fundaram eram aqueles que detinham os maiores arsenais de guerra do mundo*, pensava ele. O próprio terreno da sede fora doado por um dos maiores financiadores de guerras da história: John Davidson Rockefeller.

Doroth Morgan, ainda, desenvolvera prestígio e uma presença decisiva da ONU na resolução das crises políticas, de modo que, sua simples presença em um país diminuía o ímpeto de quem desejava guerra.

Entretanto, conservado no interior de suas paranoias mais insensatas, havia algo que incomodava Campbell: por que somente Doroth havia tido acesso a todos os dados sobre as supostas armas nucleares? Nenhum outro serviço de contraespionagem conseguiu? E, sobretudo, por que ela se demonstrou tão desestabilizada diante da hipótese de Helena Gouveia ter sido deflagrada como agente iraniana?

O torpor recrudescera em sua mente, inoculado por mais uma dose de intensa de instabilidade. Na mesma proporção, um fio de esperança gestou-se na cabeça dele. Queria voltar para casa e ver Jane, que àquela hora devia estar acordando no seu quarto de hospital improvisado em sua casa.

Porém, antes necessitava fazer algo muito importante.

Pousando a nuca no couro do banco e afrouxando a gravata, lembrou-se do Flame II, a invenção de Lott e da DARPA. Teria de agir sozinho. Era necessário. O uso da tecnologia poderia resolver tudo, mesmo com todo o curso da maré colidindo contra a maioria das soluções do momento.

Quase cochilando na poltrona, decidiu que teria quase duas horas em uma pequena janela de descanso até o próximo ponto.

— Qual o destino agora, senhor? — perguntou o piloto.

— Sede da DARPA.

O piloto hesitou por um instante, antes de perguntar:

— Na agência local aqui de Nova York, senhor?

— Não — murmurou Campbell, já com os olhos pregados. — Na sede nacional. Virgínia.

CAPÍTULO 62

O corpo de Helena afundava em um mundo verde-musgo de um lago pantanoso, onde se perdem por completo os referenciais de direção. Seus olhos se abriram em uma visão embaçada e imediatamente as retinas arderam, revoltadas. Um frio implacável serpeava cada célula do corpo. Não discernia uma forma sequer além do estático verde escuro, único componente do seu Universo.

— *Helena* — chamou uma voz que chegava aos seus ouvidos por uma correnteza que vinha de trás —, *eles vão lhe impedir! Você não vai conseguir revelar ao mundo as benesses da minha criação!*

A voz era conhecida.

Intimamente familiar.

César!

Tentou chamá-lo, mas sua faringe foi empestada pelo gosto acre de musgo.

— *Esfahan é a Casa da Geometria Sagrada, Helena! Siga os Elementos... A libertação do mundo está na Energia Livre... Só você pode trazê-la ao mundo!*

De repente, a visão de Helena ficou negra e o corpo inteiro passou a vibrar. Já não se sentia mergulhada em um planeta de gosma e estática. Agora era como se estivesse dentro de uma caixa de madeira despencando em um desfiladeiro pedregoso. Havia uma sensação fresca em sua testa. No interior da cabeça, porém, experimentava uma dor lancinante. Os braços e pernas, não conseguiam se segurar em nada; sacolejavam como o descompasso de um boneco fantoche.

— *Helena* — ela ouviu de novo a voz rígida de César murmurar no seu ouvido —, *acorde! Você precisa seguir o Tórus e a Geometria Sagrada... Helena!*

A sensação fria na testa a tornava mais consciente. Era como se um sopro de vento das montanhas iranianas acariciasse somente aquela faixa da cabeça.

Porém, a dor não cessava.

Esforçou-se de novo para abrir os olhos. Dessa vez eles não arderam. Em meio a um confuso sacolejar de seu corpo, entreviu tons de vermelho, azul turquesa e preto. Fachos de luz dourada a atingiam em colunas e forçavam suas retinas a se contraírem. Seus olhos se abriram por completo e miraram um teto abobadado e vermelho escuro, cerca de um metro e meio distante de seu rosto, feito de um tecido especial. Não havia barulho ao redor, a não ser o relinchar intermitente de um cavalo muito perto dali.

De onde veio esse bicho?!

Um aroma especial, aprazível, como se estivesse no meio de um jardim com plantas de diversas espécies, penetrava por suas narinas. Ela tentou se

levantar, mas a dor na cabeça a derrubou de volta para uma superfície dura. Crispou o rosto numa careta de dor e levou as mãos às têmporas. Não sentiu a aderência do hijab nos cabelos. Novamente o havia perdido.

Mareada, tentou identificar aonde se encontrava. Através de uma cortina vermelha, ela viu uma claridade amarelada que oscilava com o balançar do veículo onde se achava.

Estou dentro de uma... carruagem?!

A constatação a despertou por completo. Sentou-se em um reflexo.

Helena se encontrava em uma pequena carruagem, o galope lento de um cavalo pontuava um solo instável. E as lembranças do inferno no qual transitava desde o Brasil vieram em forma de avalanche mental.

— Arash — chamou ela, depois de averiguar que a brisa fresca que estava sentindo no meio de seu delírio era um pano molhado na testa. — Arash!

Subitamente, o cavalo soltou mais um relinchado e o veículo parou.

Arash apareceu na abertura da cortina, com aquele sorriso grande preocupado. Ele tinha um corte raso no lado direito do rosto que interagiu com a barba por fazer. Havia rasgado parte da manga direita e amarrado o pedaço de pano no corte de raspão do antebraço.

— Mais uma dessas e vai parar no mundo da Lua! — disse ele.

— Onde estamos? E como escapamos do exército... — balbuciou ela.

— Estamos no local indicado por César. Mais especificamente, você se encontra em uma das dezenas de charretes alugadas para passeio turístico em Esfahan. Foi o único veículo que encontrei depois que o caminhoneiro nos enxotou quando nos descobriu em sua caçamba.

— Meu Deus, nós pulamos daquele viaduto dentro da carroceria... — lembrou-se ela. — Que loucura! Como sabe que não fomos seguidos? — perguntou, com a voz trêmula.

— Porque saberíamos se fôssemos. O exército iraniano costuma atirar antes de qualquer ação. — Ele abriu os braços e disse:

— Aproveite, um passeio como este em um dia normal não sairia por menos de cinquenta dólares a hora. Acho que no momento do caos, o dono deste bichinho deve tê-lo esquecido na rua — supôs ele, apontando o queixo em direção ao cavalo.

As luzes douradas assomavam-se atrás da cabeça de Arash e pareciam vir do céu. Helena ouvia um tímido cair de águas, como se estivesse diante de um pequeno córrego.

Precisamos chegar ao local indicado na cédula furada. A Praça Naqsh-e Jahan! Esfahan é a Casa da Geometria Sagrada! Deve ser o que falta para achar César!

Com um tremor, Helena recordou-se da perseguição avassaladora que havia sofrido, do desempenho cinematográfico de Arash diante da polícia e depois lembrou-se exército iraniano disparando uma saraivada de tiros, centésimos de segundos antes dos dois pularem na carroceria.

Arash ainda me deve explicações. Mas não agora.

O iraniano abriu a portinhola da carruagem e ofereceu uma mão a ela. Em seguida, pôs a outra para trás e ficou excessivamente ereto, como se fosse um daqueles cocheiros do século XVIII. Por um pequeno instante, Helena ponderou se todos os cocheiros do mundo eram atraentes como Arash.

Ela ficou olhando aquela mão esperando a sua, depois fitou seu semblante robusto, alheio à falange de demônios que os obsedava permanentemente havia dois dias. *Como esse homem pode se manter tão calmo?*

Ela entregou sua mão e ergueu-se, enrubescida de vergonha e rezando para que a cabeça não chamuscasse de dor em retribuição ao movimento. Sentiu os joelhos doloridos por baixo da calça jeans, consequência do impacto na queda sobre a carroceria.

— Está pronta? — perguntou ele, com a comissura do lábio esticado, enquanto ela saía.

— Para o quê?

Não foi preciso explicar. Quando Helena deixou a carruagem, teve a visão mais arrebatadora de toda a sua vida.

CAPÍTULO 63

Helena mal sentiu seu próprio queixo despencar diante da impressionante visão da Praça Naqsh-e Jahan. Ela já a vira anteriormente, em documentários e reportagens, e também sabia que ela fora graduada pela Unesco à condição de Patrimônio Mundial da Humanidade. Uma vez havia lido que, em termos de tamanho, só perdia para a *Tiannamen*, a Praça Celestial de Pequim. No entanto, agora ela confirmava com inteira segurança que, do ponto de vista da harmonia e encanto, não havia pares em todo o mundo que pudessem disputar com essa construção.

— Mas que... que... fascinante! — soltou ela, girando sobre os calcanhares em 360 graus, tentando captar tudo que via. — Me parece muito mais imponente do que qualquer foto ou filmagem possam registrar!

Ao seu lado, com os olhos negros brilhando como se ali estivesse pela primeira vez, Arash limitou-se a assentir, as mãos na cintura esguia enquanto esquadrihava o largo em um silêncio contemplativo. Ele havia parado a charrete bem no centro da Praça, paralelo ao um gigantesco espelho d'água retangular, de cujas margens esguichavam dezenas de jatos que se entrecortavam no ar para, em seguida, mergulharem na superfície azul.

A Praça Naqsh-e Jahan era cercada por uma imensa edificação que, também em forma de grande retângulo, compunha-se de duas infindáveis fileiras de janelas cor-de-areia, dispostas lado a lado, em formas de arcos *tudor* (pontiagudos em seu ápice), a perder de vista. Cada fileira correspondia a um pavimento, sendo que no primeiro, Helena via uma série de toldos abaixo dos quais se estabeleciam pequenas lojas. Todas fechadas.

Um suntuoso jardim se perdia nos espaços ao lado do espelho d'água, com arbustos verdes, milimetricamente aparados em formas geométricas: piramidais, quadrados e círculos. Entre eles, uma profusão de flores: azaleias, tulipas, asessippis lilases, margaridas, dentre dezenas de rosas e outras flores alaranjadas, azuis, vermelhas, brancas, roxas... Todavia, tudo estava disposto com uma sincronia perfeita, digna dos verdadeiros jardins persas. A multiplicidade de flores proporcionava um aroma delicioso no ar, que se encontrava entre o cheiro de mel e uma espécie de perfume cítrico. Com toda a certeza, pensava Helena, foram meticulosamente escolhidas para produzir exatamente aquela fragrância.

O colossal retângulo de 160m de largura e 508m de comprimento que desenhava a Praça reluzia a cor-de-ouro em toda a sua extensão, fazendo os arcos *tudor* parecerem uma continuação de raios do sol que, àquela hora, já havia se posto. Uma aura dourada delineava toda a extensão da fachada, como se as paredes dos arcos tivessem luz própria, emitidas por uma força sobrenatural.

Saindo de seu refúgio interno, Arash aproximou-se de Helena.

— Pelo jeito, o terremoto não chegou com muita força aqui no centro da cidade. A praça permanece intacta.

Helena meneou a cabeça, afirmativamente, imaginando a periferia da cidade destruída pela hecatombe.

— Aquela é a mesquita Loftollah — apresentou Arash —, a antiga mesquita particular do Shah Abbas, o soberano que construiu esta Praça a partir de 1598.

Helena ergueu a cabeça e divisou o domo da mesquita. Pontuando-se na zona oeste da Praça, a mesquita não tinha minaretes e era um pouco menor que as demais. Sua cor predominante, azul-turquesa, fora tingida pela aura dourada das luzes estroboscópicas. Os mosaicos eram desenhados em azul e também em bege. O intrincado de arabescos e desenhos em formas geométricas lembravam correntes de água a chocar-se contra pedras de um riacho. O pórtico tinha o formato de concha e era composto por uma estrutura parecida com uma colmeia, porém azul. Detrás da cúpula, lá no fundo, como se para premiar a visão, Helena discerniu a cereja do bolo: uma lua minguante desenhava um risco fino no céu azul marinho. Helena sentiu-se dentro de um conto de *As Mil e Uma Noites*.

Por um momento ela se esquecia completamente de que era alvo do exército iraniano e observava aquilo absolutamente enlevada.

Arash virou-se para o edifício do lado oposto do largo, para além do espelho d'água.

— Havia uma passagem subterrânea que ligava a Mesquita Loftollah ao antigo Palácio Real, ali — explicou ele, apontando para o edifício do outro lado do espelho d'água. O Shah Abbas ia cinco vezes ao dia orar e não gostava de ser importunado pelos comerciantes e transeuntes que vinham admirar a Praça.

Helena olhou para o chão, imaginando um túnel construído há quase quinhentos anos serpeando solitário por debaixo de seus pés. Na margem leste, do outro lado, a edificação, que antes fora o Palácio Real, era de uma elegância sem igual. O palácio *Ali Qapu*.

— A Praça Naqsh-e Jahan transpira uma história que remonta o final do século XVI — explicou Arash. — Em 1598, o Shah Abbas, decidira pela mudança do Antigo Império Persa de Qazvin para o centro da cidade de Esfahan. Bem aqui. Para centralizar o poder, a praça passou a abrigar os três principais componentes do Poder persa: o clero, representado pela Mesquita Asjed-e Shah à frente, o poder dos comerciantes, representados pelo Bazar Imperial, ali ao norte. E é claro, o poder do próprio Shah, que residiu no Palácio [Ali Qapu](#).

Cerca de duzentos metros à frente, na face norte da Praça, a edificação maior: A mesquita Asjed-e Shah .

A mesma da nota, pensou Helena.

Arash se dirigiu à charrete e o cavalo relinchou, impaciente, provavelmente esperando partir de novo. Retirou de lá uma das mochilas e de dentro dela a nota de vinte mil Rials. Ofereceu a ela. Helena analisou de novo a cédula. Ao lado da expressão austera do Aiatolá Khamenei, um furo havia sido feito exatamente no centro de uma flor. *A Flor da Vida*. Ela virou a nota, e conferiu que o pequeno buraco correspondia à Mesquita Asjed-e Shah à sua frente.



“Esfahan é a Casa da Geometria Sagrada”, lembrou-se da frase de César.

Helena estudou de novo o largo. A praça claramente sugeria que os persas tinham uma verdadeira devoção às formas geométricas e mosaicos.

— Acho que é lá dentro que teremos a resposta que buscamos sobre César e o protótipo — afirmou Arash.

— Ciro, o Grande, e Ferdowsi indicam sua maior representação... completou ela, imaginando como isso indicaria o próximo passo para achar César.

De repente, Helena se deu conta de um fato curioso: inebriada pela visão da Praça, até agora ela não havia reparado que, não havia uma viva alma ali, à exceção deles e do cavalo.

A cidade estava sendo evacuada e esqueceram de apagar as luzes! Como não havia saqueadores invadindo as centenas de lojinhas do primeiro pavimento fechadas àquela hora? Como os portões do Grande Bazar que completava as edificações da grande Praça não jaziam no chão e ninguém, até agora, havia profanado um dos antigos centros de comércio do Oriente Médio?

Sentiu a boca secar quando ela mesma encontrou a resposta:

Medo. Tragédia.

O ar de Esfahan agora parecia envenenado de medo. O pavor da contaminação radioativa superava as tentações mais cruéis da mente humana. Talvez Helena estivesse dentro de uma cidade que viraria uma nova Chernobyl em breve. Estaria Esfahan condenada ao isolamento eterno do mundo?

O silêncio por trás dos jatos de água da praça tinham um mistério que se sentia no estômago. Enquanto multidões se afastavam de Esfahan os dois enveredaram em um caminho insano e sem volta com a intenção de dar um presente à humanidade e salvar a vida de César. Para isso, traçavam uma rota mortal de um verdadeiro *mapa ao tesouro*.

César. Energia Livre. Fim da miséria mundial.

O próximo ponto é a Mesquita Asjed-e Shah.

Helena sentiu que, se conseguisse cumprir sua missão, além de salvar César, contribuiria para a Paz Mundial em um nível muito superior ao que jamais havia feito como diplomata na ONU.

Aproximou-se de Arash, tomou-lhe pelo braço e disse:

— Vamos pegar nossas bolsas. Temos um mapa a seguir.

Ele a fitou sério.

— Interessante. Naqsh-e Jahan significa “Mapa do Mundo” e temos que seguir exatamente esse caminho para chegar ao nosso objetivo — completou.

— Mapa do mundo... — repetiu ela. — Bem sugestivo... talvez um dia a gente possa acrescentar uma ou duas palavras e mudar para o *Mapa que salvou o Mundo*.

CAPÍTULO 64

Campbell cumprimentou Christopher Lott com um aperto de mão cansado e entrou no escritório do diretor da DARPA, duas horas depois de ter saído da sede da ONU. Por trás dos óculos de armação redonda, o cientista de cinquenta anos, nariz aquilino e cabeça cinza, analisou-o de alto baixo com um ar de genuína preocupação.

— Me parece que a cama não foi sua melhor amiga esta noite, diretor.

O diretor do Pentágono expulsou o ar nos pulmões e, com muito esforço, ofereceu-lhe um sorriso que saiu meramente formal.

— Confesso que já tive noites menos turbulentas — disse ele, seus olhos sendo atraídos para uma cômoda de carvalho em cima da qual havia vários porta-retratos. Fotos de Lott com o presidente atual, com o papa e com uma mulher linda, de olhos verdes e maxilar anguloso, que intuiu ser sua mulher.

Lott assentiu com um olhar condescendente.

— Imagino — disse ele, antes de apontar na direção da cadeira executiva na sua escrivaninha. — Por favor, sente-se.

— Bonitas fotos — elogiou Campbell. — Aquela é sua esposa?

Lott o observou com tristeza.

— Sim. Ela morreu em um acidente de carro.

Campbell não sabia como se expressar.

— Me desculpe, sinto muito. Eu...

— Fique tranquilo, diretor. Já superei todo o processo há anos. — Lott se aproximou de uma máquina de café expresso de aparência futurística. — Creme e açúcar?

Campbell acomodou-se com alívio na cadeira.

— Somente creme, por favor.

O diretor da DARPA apertou um botão e, em dois segundos, a xícara se encheu até a borda, o café fumegando dentro do recipiente de estanho.

— E eu que sou o chefe não tenho uma dessas — conseguiu brincar Campbell.

O diretor da DARPA soltou um risinho.

— Este brinquedinho ainda está na fase de testes. E o senhor sabe... Se a DARPA não aprova...

— *Então ninguém saberá qual é a nova...* — completou ele, recebendo a xícara nas mãos. O jargão, meio sem graça, já era conhecido entre os funcionários da DARPA e do Pentágono. A rigidez na cobrança de qualidade da agência sempre beirava a perfeição. Nada saía de lá e era aplicado no exército e, talvez, no mundo, sem a particular aprovação de Lott.

Campbell saboreou o aroma do café antes de bebericá-lo. Tinha um gosto maravilhoso. Lott sorriu de satisfação. Mesmo prestes a ser o grande responsável pela execução de um dos planos mais ousados e controversos da história militar americana, o diretor da DARPA transpirava calma e confiança.

A verdade é que ele é um gênio. Sua saída de mestre pode evitar uma guerra apocalíptica.

O premiado físico encheu sua própria xícara, arrastou outra cadeira diante de Campbell e sentou-se à sua frente.

— Aqui e em qualquer lugar o senhor sempre será o The Boss — descontraiu Lott, apoiando os cotovelos no joelho e segurando a xícara com ambas as mãos.

Era a primeira vez que Campbell ia à nova sede da DARPA em Arlington, Virgínia. A *Agência de Projetos Avançados de Pesquisa de Defesa* era a organização responsável pelo desenvolvimento da alta tecnologia para uso militar dos EUA. Reportava-se diretamente ao Pentágono, ou seja, a Ron Jay Campbell. O pessoal do Pentágono os apelidava carinhosamente de os *007 do Tio Sam*. Tudo que havia de mais ousado e *impossível* no mundo da tecnologia militar de ponta era uma mera brincadeira de criança para a DARPA. Seus reais inventos estavam de quinze a vinte anos à frente de tudo aquilo a que tinha acesso o público em geral.

Desde a mão robótica mais realista de todas, passando pelo Thor Mail (o e-mail mais seguro do mundo que se usava na fatídica *Deep Web*) e a própria internet, de cuja criação muitos quiseram se apossar, todas as invenções da DARPA geravam a mesma expectativa no meio científico e militar que a apresentação do novo *Iphone* gerava para o mercado. Um dos programas mais usados do mundo hoje, o GPS, saíra de uma experiência da agência e fora fundamental na Guerra do Golfo. O precursor do impressionante Google Street view, capaz de proporcionar a imagem detalhada das cidades, já havia sido testado por um grupo de estudantes do MIT, financiado pela DARPA 30 anos antes, era o chamado Aspen Movie Map. Porém, o que mais impressionara Campbell foi uma das últimas inovações: um avião supersônico não tripulado que chegava à velocidade de Mach20, vinte vezes mais rápido que a velocidade do som. Fora testado uma vez e havia sido um sucesso total. Além de vários outros inventos inimagináveis: máquinas que leem a mente, armas com inteligência artificial, exoesqueleto capaz de potencializar a força dos soldados em batalha, canhões eletromagnéticos, campo de força para tanques, insetos robôs espiões. Campbell sabia que setenta por cento dos inventos da agência jamais eram abertos ao público em geral.

A DARPA não era uma divisão grande, não chegava a trezentos

funcionários. Destes, no entanto, quase duzentos compunham o *hall* das mentes mais brilhantes dos EUA. Matemáticos, físicos, engenheiros de todos os níveis, ex-hackers recrutados pelo governo... Uma reunião de prêmios Nobel. Com um orçamento mediano para os padrões americanos (pouco mais de dois bilhões de dólares anuais), Campbell acreditava que a DARPA fazia verdadeiro milagre com seus recursos.

Grosso modo, a responsabilidade de Campbell era a estratégia da guerra; a de Lott, inventar a ponta da lança.

— Bem — disse Campbell —, tenho um punhado de situações a resolver ainda hoje, então vamos direto ao assunto. — Ele sentiu que as duas noites em claro inflamavam seu humor. Sorveu mais um gole de café e disse: — Vocês estão prontos, caso se decida utilizar o Flame?

— Absolutamente, diretor — não houve nenhuma hesitação na resposta.

Campbell assentiu, apreciando a segurança dele.

— Minha equipe está ansiosa para trabalhar, diretor — sentenciou Lott, antes de chupar o restinho do cappuccino com um som ligeiramente irritante. Voltou a apoiar os cotovelos nos joelhos. Desta vez, a posição deixou entrever uma faixa de pelos grisalhos que despontavam tímidos por baixo de uma camisa polo branca. Campbell não pôde deixar de notar pela primeira vez que um cordão prateado e discreto envolvia seu pescoço. Através do tecido da camisa, delineava-se o formato de uma cruz bem peculiar. Teve a impressão de que havia um círculo ao redor do centro dela.



Um dos maiores físicos do mundo é cristão. Raridade nos tempos de hoje.

Campbell coçou uma ruga dos olhos com o polegar. Lott pareceu ter reparado que ele mirava seu pescoço e, pela primeira vez no encontro, pareceu embaraçado. Pôs-se ereto na cadeira e bebeu quase todo o conteúdo da xícara num gole. Apesar de cristão protestante, Campbell não tinha tempo e nem humor para aprofundar-se em uma conversa sobre religião agora.

— Acredito na sua equipe e no senhor, por isso vim aqui. Gostaria de saber

os detalhes de como vamos desligar essas malditas bombas nucleares iranianas.

— Vou lhe mostrar tudo que planejamos. — Lott depositou a xícara na escrivaninha e levantou seu corpo magro e um tanto desajeitado da cadeira executiva. — Holografia do Irã — disse, em voz alta e cadenciada.

Nesse momento as luzes do escritório diminuíram de intensidade e uma imagem multicolorida pairou acima da escrivaninha.

Um mapa em 3D do Irã.

As pupilas cansadas de Campbell arderam com a intensidade das luzes da holografia. Ele conhecia aquela tecnologia: Era o *Urban Photonic Sandtable Display*. Desenvolvido para o campo de batalha e planejamento de missões, o *Standable* fornecia aos militares imagens 3D de grandes dimensões. A inovação já estava em uso no Pentágono e podia ser vista sem óculos especiais. Permitia a total manipulação, zoom, rotação e paragem. Tinha uma profundidade visual de 30 centímetros, algo surpreendentemente notável, uma vez que a tecnologia 3D comercializada chegava apenas de 7 a 10 centímetros de profundidade. Mesmo diante daquelas inovações, Campbell se indignou porque, mesmo detendo aquelas tecnologias, o governo não teve condições de prever o início daquela crise infernal.

— O que falta mais vocês inventarem? Uma bala que muda de direção de acordo com o pensamento do atirador?

Lott levou a mão fechada na boca e pigarreou, meio tímido.

— Na realidade, diretor, esse projeto já foi finalizado há alguns meses e se chama *Exacto*. Quer fazer um teste?

CAPÍTULO 65

O Peugeot de Navid Kiahshed aproximava-se da barreira do exército localizada na entrada de Esfahan. Uma torrente quente soprava das profundezas da cidade e penetrava as mangas de sua camisa social comprida. Ele se perguntou sobre a quantidade de radiação que seus pulmões absorviam agora.

Tudo em nome da missão, convenceu a si mesmo, sentindo um fio de suor descer pelas têmporas.

A cidade recendia a medo por todos os lados. Na realidade, o único veículo na guarita de entrada era o seu. Do outro lado da via, seguindo o mesmo padrão desde Teerã, havia uma infindável fila de carros, caminhões, charretes, motos e até mesmo pessoas andando. O cenário era digno de filme apocalíptico, as buzinas entrecruzando-se no ar, estressadas. Uma nuvem de poeira pairava entre a luz amarelada dos faróis, e Navid cogitou se aquelas partículas estavam matando aos poucos cada pessoa ali.

Ele foi pressionando o dispositivo adaptado ao volante até que o carro parasse totalmente. Um soldado de traços rígidos e barba negra apareceu para lhe abordar, os olhos injetados de antipatia por baixo do boné verde, enquanto ajeitava uma AK47 ao lado do corpo.

Nenhum dos oficiais do exército que via na guarita utilizava os trajes antirradiação. Pelo jeito, o governo havia se esquecido de ouvir os alertas dos últimos dias, dos cientistas mais renomados do país.

— *Salam* — cumprimentou.

— O que o senhor veio fazer em Esfahan? — inquiriu o soldado, quase gritando em meio às buzinas.

Navid já esperava a pergunta. É claro que não podia revelar o motivo real de sua visita.

— Estou aqui a trabalho pela Universidade de Teerã. Vou fazer uma análise de campo dos níveis de radiação gama no centro da cidade. — Ele retirou sua carteira do bolso e estendeu o braço para fora do carro, exibindo sua identificação de geólogo e chefe de laboratório da universidade.

O soldado pegou o documento com uma expressão de que não entendia muito bem. Depois olhou para as pernas mortas de Navid e pareceu perguntar-se como um aleijado conduzia um carro. Um som de vozes trocando informações no rádio saía de um aparelho acoplado no cinto do oficial.

— Olhe, olhe... — Navid virou-se com certa rigidez para trás, dificultado pela ausência de qualquer estímulo mecânico da cintura para baixo. Remexeu a parafernália de equipamentos no banco. — Eu tenho um medidor de íons feito de titânio com blindagem de chumbo. Esta é minha roupa antirradiação. — Ele

pegou-a e jogou para a frente. — Vou avaliar se houve um esquentamento da ionosfera com base na teoria de nome “Acoplamento Litosfera-Atmosfera-Ionosfera e...

A cara do soldado agora era de irritação. Ele estendeu de volta o documento de Navid.

— Ok, ok. Deixe-me ver o...

Nesse momento, o rádio ressoou alto na cintura do oficial.

— *Atento base, atento base.*

Ele puxou o aparelho e virou de costas, mas Navid ainda podia ouvir claramente o interlocutor.

— Prossiga.

— *Identificamos o caminhão utilizado na fuga do casal. O motorista disse que os deixou perto de Naqsh-e Jahan. Mande reforços para lá, agora!*

Como é? Um casal fugiu com um caminhão e agora está na praça principal da cidade?

Que tipo de fugitivo provocaria a fúria do exército iraniano no meio daquele caos? Os dois iriam exatamente ao local aonde Navid pretendia realizar a primeira etapa de sua coleta de dados. Um lugar tranquilo que, àquela hora, estava vazio. Perfeito para trabalhar em seu projeto para incriminar de vez o demônio americano.

O soldado pareceu ter se esquecido de Navid. Gritava palavras de ordem para outros três. Um instante depois, ele retornou e curvou de leve o corpo para falar-lhe em um sussurro:

— Não nos dê trabalho, senhor Kiahshed. Já temos demais por hoje. — Ande, ande, ande! — ordenou o homem, antes de sair em disparada para um jipe perto da guarita.

— *Mamnûn, mîbînâmet! Obrigado, até logo!* — Navid se limitou a dizer.

Limpou o suor com o dorso da mão e acelerou em direção à obscuridade de Esfahan, pensando que tipo de crime esse tal casal havia cometido.

Jamais poderia imaginar, no entanto, que seu caminho convergia implacavelmente para o dos fugitivos a cada segundo.

CAPÍTULO 66

Com as mãos cruzadas na cintura, Pang Meng pensava nos próximos passos enquanto observava César. O corpo dele pendia sob o braço direito que Meng algemara em uma tubulação de ar velha e enferrujada, o queixo colado no peito e a respiração fraca. Fazia três dias que não o alimentava, apenas lhe dava um pouco de água uma vez por dia. O suficiente para mantê-lo vivo pelo tempo necessário.

Todavia, parecia que havia uma força insondável que alimentava cada célula daquele homem. Uma chama interna que nascia dos olhos dele toda vez que Meng o fitava.

Pouco importava. Àquela altura, Meng queria somente concluir a droga de missão e se aposentar definitivamente. Os níveis de radiação da cidade já deviam ter chegado ao estado crítico, e ele nunca havia feito tanto dano ao seu corpo como nessa missão.

Ombro perfurado, perna baleada e machucados pelo resto do corpo.

E a fúria pelo prejuízo que havia tido conduzia cada célula sua a cumprir com perfeição o que faltava.

Xerxes havia autorizado a radicalização dos métodos para que César dissesse a localização do protótipo verdadeiro. Por essa razão, Meng intuía que seu compromisso não convergia, ainda, para o fim.

Dirigiu-se até a mesa e ligou o *Ipad*. Com um foco impressionante, imagens via satélite transmitiram ao vivo aquilo que Meng aguardava.

— Bom — ele disse em voz baixa —, muito bom.

Empunhou sua arma de pulso eletromagnético em cima da mesa e inseriu-a no coldre na lateral da coxa.

Dirigiu-se até César. Ao ouvir o som ritmado de suas botas no piso úmido, o brasileiro ergueu lentamente a cabeça.

— Boa noite, senhor Montenegro — Meng pronunciou com um sorriso ácido.

César lhe ofereceu um olhar intenso e resignado.

— Pang Meng — disse a voz desgastada de César, com um fio de escárnio. — Como vai o plano de vocês para conquistar o mundo?

Meng estava odiando aquele homem. Quanto mais o tempo se passava, a impressão era a de que César queria estar ali. Parou diante dele e curvou-se. Levou a mão atrás da nuca do brasileiro e com o dedo indicador e médio, pressionou um ponto logo cima da vértebra T2. Aos poucos, viu os lábios de César se entreabrirem devagar e os olhos revirarem-se para trás, até que, em algum momento entre uma respiração e outra, ele emitiu um gemido e as

pálpebras se fecharam por completo.

Meng havia obtido a autorização para torturá-lo ao ponto de pedir para morrer.

Era exatamente o que ia fazer, pois o instrumento da maior tortura que César poderia receber havia acabado de chegar à Praça Naqsh-e Jahan.

CAPÍTULO 67

Helena voltou dois passos até a pequena carruagem e buscou sua bolsa. Dentro dela, além do passaporte falso, havia alguns dólares, os documentos falsos, seu inseparável estojo de maquiagem e, o mais importante: o cilindro que encontraram no meio do fogo eterno que ardia no Templo Adrian. Seguiu na esteira de Arash, que já se dirigia à entrada sul da Mesquita Asjed-e Shah, seus quatro minaretes azuis com luzes douradas furando a escuridão azul profundo do céu.

Se o buraco feito na nota estava correto, ali dentro, em algum lugar, César havia depositado a outra parte do protótipo de plasma. E ainda havia outro elemento a considerar:

...Esfahan é a Casa da Geometria Sagrada. Ciro, O Grande, e Ferdowsi indicam sua maior representação...

Helena lembrou-se da indicação de César no vídeo na Deep Web e sentiu o peito queimar de aflição. Que relação Ciro, o Grande, e Ferdowsi, dois dos maiores ícones do passado persa, tinham a ver com o protótipo de Energia livre? Eles estariam guardando o resto do protótipo? Ou seria mais uma etapa de uma infantil caça ao tesouro?

Ao chegar ao pórtico da mesquita, ela sentiu de maneira muito clara que as paredes de tijolos esmaltados, o complexo de arabescos e os escritos transpiravam com delicadeza o perfume da Antiga Pérsia. Uma profusão de técnicas arquitetônicas brincava na estrutura do templo. Pequenas lâmpadas douradas assomavam-se adaptadas nas paredes, como tochas a iluminar uma caverna. Assim como na praça, também não havia ninguém lá dentro. As dezenas de colunas (preenchidas por mosaicos) que pontuavam o salão se curvavam em direção ao teto, formando seguidamente, por todo o espaço, aberturas abobadadas.

Arash de repente estacou e observou algo em uma delas.

— Olhe — apontou ele —, perceba como o padrão geométrico está em todos o domos.

Helena ergueu os olhos para o teto curvo e se animou. Um padrão circular, o que ela conhecia como mandalas, compunha toda a sua visão. Ela verificou as outras partes do teto. Cada curvatura continha uma dessas mandalas, a perder de vista.

— O infinito — disse Arash. — O infinito é o que forma a visão de mundo islâmica. É aquilo que se estende para além do mundo material. O que o Islã retrata com esses domos é a natureza eterna de Deus. A forma mais perfeita do Universo está acima de nossas cabeças.

Helena comparou mentalmente a maneira como a igreja católica retratava a representação divina e o Islã. E ainda analisou como as pessoas usavam essas mandalas em objetos, anéis, blusas, sem sequer imaginar que representam, em última análise, a Geometria Sagrada.

— Esfahan é a casa da Geometria Sagrada, repetiu Helena.

— O problema é saber qual a parte entram Ciro, O grande, e Ferdowsi.

— Talvez fosse interessante irmos para o centro da Mesquita — ela sugeriu. — Onde há o maior domo.

Arash a fitou com um fio de tensão no olhar.

Uma abertura em forma de arco desenhava uma janela no alto da parede leste. Através dela, um fecho de luar riscava o chão de mármore cor-de-areia dentro da câmara, mesclando-se à iluminação dourada.

— Então venha — Arash tomou Helena pela mão. O gesto se desenvolveu muito mais naturalmente do que ela imaginava. Sentiu a vibração de cada falange dos dedos dele. Transmitia segurança, e aquilo lhe confortava o coração.

O ferimento na testa começou a coçar acima da sobrancelha. Helena crispou os lábios em reação e levou a mão à cabeça. Novamente se deu conta de que se encontrava em um templo sagrado do Islã com os cabelos soltos ao vento.

Quase correndo, os dois cortaram o primeiro complexo e deram com um grande pátio que ligava à câmara principal. Os passos solitários pareciam ecoar por toda a Esfahan. O ambiente era iluminado apenas no centro por um pequeno refletor, deixando a periferia do templo com uma sombra espectral ao redor. Inevitavelmente os dois ergueram os olhos para o domo e soltaram as mãos.

O padrão geométrico dominava toda a cúpula. O mosaico circular era o mais perfeito e belo que ela vira até agora. Formas que se assemelhavam a pétalas de flor douradas preenchiam toda a arte. Maiores na borda, iam diminuindo de tamanho à medida que se aproximavam do centro da mandala, concedendo um aspecto geral de um dégradé bicolor: azul e cor de ouro. Dependendo da forma como se focavam os olhos, era possível vislumbrar diferentes tipos de padrões geométricos, feito uma ilusão de ótica.

O fato era que Helena ainda precisava entender qual era a importância prática desse código que pudesse proporcionar acesso à água limpa, energia ilimitada e, sobretudo, a um modelo para a criação de sistemas sustentáveis para a humanidade. Teria esse padrão uma mensagem criptografada séculos atrás e cujo conhecimento as antigas culturas queriam passar ao mundo? E por que exatamente havia forças investindo pesadamente para mantê-lo oculto?

— É interessante que... — Arash travou de repente e seu olhar se desviou para algum ponto no fundo do templo, onde a luz morria.

— O que houve? — ela perguntou.

— Quem está aí? — indagou Arash, para o lado escuro da mesquita.

Helena sentiu o coração ir à boca.

— Quem está aí? — Arash quase gritou.

Helena pensou que fosse uma assombração quando reparou que duas silhuetas, paradas nas sombras, os observavam em um silêncio sepulcral.

CAPÍTULO 68

Campbell curvou-se na cadeira para enxergar de perto o mapa do Irã que pairava em uma holografia acima da mesa de Lott. Se o Flame II poderia mudar os rumos da crise, ele gostaria de saber com profundidade suas propriedades para que não fosse pego de surpresa. Qualquer erro da DARPA significaria erro do Departamento de Defesa, logo, Campbell era o responsável direto. E neste caso, o Flame II ainda teria o peso de evitar, talvez, uma guerra de alcance impensável.

Os óculos de armação redonda de Lott ficaram distorcidos pelas as luzes da holografia, formando linhas negras nas maçãs do rosto e nos olhos. O Mapa Físico apresentava com cores vivas as formas de relevo, a hipsometria (altitudes das terras divididas em cores) e a hidrografia. Um misto de muitos tons cor de terra, verde e azul. O nome das cidades e a divisão política das principais províncias flutuava acima da atmosfera do país, feito nuvens.

Com o dedo indicador, Lott ajeitou as lentes contra o rosto e iniciou sua explicação:

— Um poeta libanês costumava dizer que o óbvio é aquilo que não se enxerga até que alguém o manifeste com simplicidade. — Ele fez uma pequena pausa para que a frase repercutisse. — Nós realizamos apenas o óbvio, diretor. Como eu lhe havia explicado, seja qual for a bomba, de fissão, de fusão nuclear ou de nêutrons, elas funcionam através de um dispositivo eletrônico que faz uso de um tipo bem peculiar de gerador ou bateria.

As figuras de diferentes tipos de bombas entraram em foco acima do mapa do Irã. Campbell deixou o queixo cair quando Lott pegou uma a holografia de uma ogiva na mão, em forma de míssil, e jogou-o de uma mão para a outra, como uma laranja.

— Olha o risco que o senhor corre agora — brincou ele.

— Muito cuidado com isso, Tony Stark — brincou o diretor do Pentágono. — Daqui a pouco vai me dizer que é o Homem de Ferro.

Os dois riram, entretidos. Em seguida, como quem descasca uma banana, Lott abriu a ogiva, até chegar a um ponto verde e brilhoso no centro dela, em cuja órbita transitavam partículas de elétrons e nêutrons. Campbell arregalou os olhos.

Era o símbolo universal do átomo.

— Mesmo que a bomba recorra à energia nuclear para ser acionada, o sistema sempre dependerá de uma bateria. É aqui que o nosso *Flame II* entra.

Lott pegou as peças que foram descascadas da ogiva e que pairavam no ar e reagrupou-as, reconstituindo a bomba. Com a ponta do indicador, deu um

toque no pequeno míssil e instantaneamente seu comprimento se expandiu para quase um metro. Ele girou-o no seu próprio eixo com as duas mãos, fazendo revelar um painel eletrônico na ogiva.

— Conhecemos todos os materiais de baterias e geradores que habilitam uma bomba. O que vamos fazer é ativar todos os módulos que anulam esse rapazinho aqui.

Com outro toque, a ogiva voltou ao tamanho pequeno, e Lott segurou-a com a mão esquerda. Com a direita, ele pescou algo no ar. Um pequeno verme apareceu dependurado, abrindo e fechando a boca nervosamente, como aquelas caricaturas de vírus que se mostra a uma criança para que ela tome uma vacina.

— Ele fará isso. — Lott jogou o verme dentro da ogiva que se encontrava na outra mão. Ele penetrou nela e corroeu as entranhas, até que o brilho do dispositivo eletrônico se apagou. Em seguida, o diretor da DARPA deu um tapa no mapa do Irã enquanto surgia no seu lugar o mapa dos EUA.

— Essas são as projeções de dados, frequências moduladas, linhas de telefone, rádio, internet que recebemos em nosso território.

Campbell analisou o mapa do país, riscado por linhas de várias cores. Cada cor representava um tipo de frequência: Rádio, televisão, internet e telefonia. Por baixo das linhas, em segundo plano, o país todo se achava iluminado por faixas que se uniam como uma grande árvore de natal.

— O Flame II jogará um pulso de energia eletromagnética. Superficialmente, ele funciona como aqueles equipamentos que a SWAT usa para danificar outro ou apagar a luz de um ambiente que queira invadir. Porém, há anos estamos pensando em algo muito mais... eu diria... abrangente. Acho que conseguimos. Podemos daqui da minha própria sala fazer isso... — De repente o mapa dos EUA se apagou, deixando o país às escuras, apenas o relevo e a hidrografia imersos na sombra.

— Também se faz isso com geradores e qualquer coisa que tenha bateria. Uma vez que as bombas nucleares dos últimos vinte anos somente podem funcionar através de uma bateria interna, jamais poderão ser ativadas, mesmo se fossem lançadas por avião aqui em cima de nossas cabeças. O Irã voltará para o início do século XX em termos de tecnologia. O que dará aos senhores a condição de dominar o país pacificamente e fazer o que fazemos de melhor: impor a democracia de fato — ele finalizou, em tom glorioso.

Se Campbell não fosse calejado no meio militar, certamente duvidaria de tudo aquilo. Mas desde a década de 1980, o exército dos EUA detinham a tecnologia de simplesmente “desligar” um país se assim quisesse. A Guerra Eletrônica acontecia há décadas e o mundo mal sabia dela. O investimento na Cyber Guerra abrangia quase a metade do orçamento do exército. A mais recente

obra de arte do Departamento de Defesa dos EUA chamava-se *Full Spectrum Dominance*, aparelhos que orbitavam a cem quilômetros da atmosfera terrestre e que lançavam raios, capazes de atingir qualquer lugar do mundo a qualquer hora. O Pentágono já publicara em seu site oficial o projeto e, por ordem de Campbell, confirmara que a tecnologia seria colocada em prática apenas em 2020. Mas é claro que tudo já se achava preparado para uma eventualidade. O mundo caminhava inevitavelmente para a guerra High Tech. Essa era a realidade. A guerra em níveis industriais havia ficado obsoleta.

— O que me falta entender — atalhou Campbell, agora coçando as rugas ao redor da boca —, é como esse vírus se insere em todos esses meios, telecomunicação, internet, sistemas de energia, etc., de maneira igual. Como ele vai produzir um desastre se esses setores são independentes entre si?

Lott bateu palmas duas vezes e o sistema se desligou no mesmo instante, deixando a sala imersa numa cortina de penumbra. Contornou a mesa e se postou ao lado do diretor do Pentágono, as duas mãos para trás, como quem apresenta um plano de negócios.

— Deixe-me contar um pequeno segredo, diretor. Um segredo que somente minha equipe e o senhor vão saber: O Flame II é tão mortal para qualquer sistema quanto o Ebola é para o ser humano. Creio que o senhor sabe como o Ebola se propaga, não?

Campbell sentiu os ossos doerem por todo o corpo, inflamados de surpresa.

— Pelo ar — respondeu, boquiaberto, sem acreditar no que acabava de constatar. — O Flame II vai se propagar pelo ar!

CAPÍTULO 69

O pavor tomou Helena de assalto, agulhando sua pele em forma de uma corrente elétrica fria. Parada no meio da mesquita central, ela discernia o contorno de dois homens espreitando-os da porção escura, estáticos e calados. Instintivamente, ela se empertigou às costas de Arash, que cerrou as mãos e interrogou de novo:

— Quem está aí?!

De novo não houve resposta.

Arash fez um sinal para que ela ficasse parada e caminhou na direção dos dois homens.

— Ei! — ele gritou sacando a arma adquirida na luta com os policiais na estrada. Por instinto, Helena procurou algum objeto ao redor que pudesse usar para se defender. Não havia nada além de paredes e vigas adornadas no grande salão vazio.

A camisa branca de Arash foi ficando difusa até que quase desapareceu na penumbra.

Então subitamente o eco de seus passos cessou.

— Ei! — dessa vez ele gritou e sua voz mansa pareceu se amplificar por toda a praça. De repente, ouviu-se um gemido.

O assombro petrificou os ossos de Helena.

De repente, uma gargalhada alta.

Mas, o quê...

Ela levou alguns segundos para identificar a voz do próprio Arash, contorcendo-se de rir.

— São bonecos de cera! — anunciou ele.

— Como?!

— Sim! Estátuas de cera — ele repetiu, agora com o tom impressionado.

— E que estátuas! Venha ver!

Os ombros de Helena desabaram e ela exalou um suspiro trêmulo de alívio.

Quantos princípios de infarto a mais eu precisarei ter hoje?

Dirigiu-se ao ponto guiando-se pela silhueta da camisa branca de Arash, quase uma holografia na sombra. Quando chegou bem perto, viu que ele tocava o rosto de uma estátua de cera de um homem alto, o olhar vítreo e negro. Apertou os olhos para estimular as retinas a se adaptarem ao escuro. O homem usava uma barba branca, turbante e um livro grosso debaixo do braço. Ao seu lado, havia outro sujeito, menor, quase do tamanho de Helena, que sustentava na cabeça um elmo de um dourado celestial, dividido em linhas na cabeça que

lembravam fios de cabelos lisos penteados para trás. Tinha a pele morena, mas olhos claros, talvez azuis, de uma veracidade que chegava a incomodar. A barba, que ampliava o comprimento de seu maxilar, era densa e escura como uma floresta negra.

— Que reais! Mas... O que elas estão fazendo aqui, em uma mesquita?

— É uma exposição de um artista iraniano. — Ele apontou para um quadro pregado provisoriamente à parede atrás dos bonecos onde havia a indicação do artista e o tipo da obra. — Mesmo sendo um templo sagrado, esta mesquita também é o ponto turístico mais visitado do Irã. Esse sincretismo de religião e entretenimento cresce a cada dia aqui, por ordem do aiatolá, já que cada vez mais as gerações atuais não aguentam a rigidez da Teocracia e buscam outras religiões como válvula de escape do sistema.

Helena sentiu pena de uma cultura como aquela ter sido deteriorada aos poucos pelo ácido governo religioso dos aiatolás.

Percorrendo os olhos pela figura do homem de turbante, ela reparou que havia uma placa indicativa aos seus pés. Agachou-se e estreitou os olhos para tentar ler entre as palavras escuras.

Então sentiu todo o corpo vibrar e mal conseguiu repetir o que leu:

— Ferdow... Ferdowsi, Arash! Achamos!

— Sim — ele confirmou —, apresento à senhora um dos maiores heróis de nossa cultura. Há universidades, avenidas e um sem número de monumentos no Irã em sua homenagem.

Na placa de bronze estava escrito:

Ferdowsi: autor de Shanahmaeh, ou O livro dos Reis.

— E este cara aqui — disse ele, alisando o braço do boneco —, é Ciro, o Grande, o primeiro imperador da Pérsia.

Ferdowsi e Ciro, o Grande, indicam sua maior representação, lembrou-se ela, constatando mais uma vez que a metáfora de César sempre era literal. Só precisamos entender como eles indicam o protótipo de Energia Livre!

Helena apoiou uma mão no chão e esgueirou-se para perto da placa de Ciro para ler através da semiescuridão, enquanto Arash procurava algo por trás dos bonecos.

— Acho que encontrei o interruptor... só um instante que...

Ela ouviu um clique agudo e uma luz dourada envolveu as duas estátuas de vida, como um campo magnético circundando cada uma.

— Então, faça-se a luz! — brincou Arash, voltando-se para junto ela.

Helena teve a impressão de que, mesmo não conhecendo a fisionomia real dos dois homens, suas cópias não poderiam ser mais perfeitas.

Ela pôde ler na placa do homem adornado.

“Ciro, o Grande (559 a.C –530 a.C), enterrado em Pasárgada. Primeiro imperador persa. Admirado como um dos primeiros defensores dos direitos humanos, Cyrus tolerava a diversidade religiosa e respeitava os costumes dos povos que conquistava. Por mais de duzentos anos, seu Império abrangeu toda a Ásia Central e o Oriente Médio. A Pérsia se tornou uma das mais avançadas civilizações da antiguidade.

Logo abaixo havia um apêndice:

“...Não autorizei ninguém a maltratar o povo nem destruir a cidade. Ordenei que toda a casa permanecesse intacta, que os bens de cada um não fossem pilhados. Ordenei que todos fossem livres para adorar seus deuses. Ordenei que cada um fosse livre em seu pensamento, seu local de residência, sua religião e seus deslocamentos e ninguém deve perseguir o outro...”

Não era à toa que a cópia do cilindro de Cyrus, considerado o primeiro tratado dos Direitos Humanos da história, tinha um destacado espaço no museu da sede da ONU. O homem que assentou os primeiros pilares da Antiga Pérsia era um exemplo de diplomata. Mesmo conquistando outras terras, a história de Cyrus demonstrava que seu objetivo não se resumia em construir um reinado de dominação, mas sim de união. Helena tinha a certeza de que se o Irã fosse invadido por supostamente possuir armas nucleares, esse princípio estaria longe de ser lembrado.

— Sobre Ferdowsi — atalhou Arash —, ele era um muçulmano que se ressentia da influência árabe. Dedicou trinta anos de sua vida para compor a história épica intitulada *Shanahmaeh*, ou *O Livro dos Reis*. Qualquer adulto iraniano já o leu pelo menos duas vezes. É a mais famosa obra de nossa história — disse ele, orgulhoso. — Ela é perpassada pela ideia de que, em termos éticos, os indivíduos mais preparados para governar são aqueles que mais relutam em assumir essa tarefa, preferindo, em vez disso, dedicar-se às principais causas da humanidade, como explorar a natureza da sabedoria, o destino da alma humana e a incompressibilidade do intuito divino.

Helena meneou a cabeça em afirmação enquanto fitava a estátua de alto a baixo. Em outras circunstâncias, ela ficaria dias seguidos conversando com Arash sobre tudo aquilo, sobre a dicotomia entre a cobiça ao poder e o genuíno desejo de ver o mundo mudar, sobre como espelhar-se nos princípios mais nobres da antiguidade para a política atual, para um modelo já falido há séculos.

Além de ter direcionado os dois para o caminho do protótipo de Energia Livre, ela teve a sensação de que César se valera da oportunidade para ensinar-lhes sobre a moral da liderança, da verdadeira política sadia e do respeito ao Bem Comum, tudo o que inspirara Helena a seguir pela diplomacia.

Muito típico dele.

O problema agora era compreender a relação dos dois mártires com o Tórus, a Geometria Sagrada e, conseqüentemente, sua contribuição para o seguinte passo da invenção de César.

Helena analisou o espaço entre as duas estátuas. Não havia nada no chão que elas pudessem esconder. Com um movimento gracioso, apoiou uma das mãos nos pés do soberano e projetou a cabeça para parte de trás da estátua.

Travou a respiração com o que leu.

Havia uma mensagem para ela do outro lado da estátua de Ciro.

CAPÍTULO 70

Mordendo os lábios compulsivamente dentro do helicóptero Mi-8 da ONU, Doroth Morgan observava a concentração de sua pequena equipe, os rostos fechados de preocupação, enquanto se aproximavam do Aeroporto JFK. A selagem acústica do aparelho bloqueava quase de maneira integral o som das hélices, deixando o ambiente com a calma de um avião. Ela tinha a companhia de três assessores, que trabalhavam compenetrados em seus laptops no colo.

Esses são os únicos membros da ONU que têm ciência das evidências de armas nucleares no Irã e do desaparecimento de minha comissão investigadora.

— Com licença, senhora Secretária — seu mais jovem assessor, um rapaz da África do Sul, chamou-lhe no assento ao lado. Ele limpou a garganta e alisou um tanto sem graça os cabelos crespos cortados rente ao crânio. Doroth pescou uma xícara na mesinha à frente e desviou o olhar para ele.

— O editor da CBS quer entender como o combate a uma ação terrorista foi tão amadoramente arquitetado a ponto dos dois criminosos saírem a olhos vistos pela porta da frente da sede. E mais — o assessor baixou os olhos para uma anotação na caderneta —, ele gostaria de saber também que tipo de célula terrorista é essa que recruta mulheres.

Doroth fechou os olhos por um longo instante. Tentou responder com calma, fixando algum ponto da poltrona à sua frente:

— Diga que isso é dor de cabeça exclusiva do pessoal do Serviço Secreto e da CIA, Khumalo. — E chupou a borda da xícara de café. O rapaz meneou a cabeça e voltou ao serviço.

Doroth decidira insistir nessa mentira até que tudo fosse resolvido. É evidente que a ONU dispunha de um departamento de inteligência próprio. Mas ela não queria expor os fatos reais além de sua equipe pessoal. Seu contato no Serviço Secreto americano, o agente Cole, havia abordado o taxista que ajudara o casal na fuga. O agente ligara para Doroth mais cedo e relatara algo absurdamente inimaginável: o cúmplice da fuga, que atendia pelo nome de Salim, conseguira a proeza de viver como um fantasma nos EUA por dez anos. Não tinha registro, filhos, casa, bens... nada. Era de origem libanesa, e não tinha nenhuma ligação com facções terroristas. A única informação que conseguira arrancar do indigente era que ele conhecera Arash Zarak nas ruas de Manhattan, onde viveram por dois anos antes de Arash conseguir um emprego de taxista. Agora, Salim tinha uma esclerose lateral que dava a ele somente mais dois meses de vida.

O escândalo do casal que havia fugido pela porta da frente da sede causara um imenso desconforto. Sua assessoria tivera que usar a foto de um homem e

uma mulher desaparecidos em um acidente de avião, sugerindo que os dois haviam forjado a própria morte para entrar nos EUA e promover um atentado à bomba na sede de Nova York. É claro que a imprensa, a maior especialista em criar histórias falsas e construir a opinião geral, não colocou crédito nessa versão.

As outras duas missões de sua equipe até a aterrissagem consistiam em acobertar o sumiço de sua comissão investigadora em Teerã e impedir que a notícia das armas nucleares se difundisse. Se essas duas calamidades vazassem antes que Doroth dialogasse com o presidente do Irã, os planos falhariam. Ela sabia que era possível guardar uma notícia por 48 horas se sua equipe trabalhasse corretamente, como fizera até aqui. Mais do que isso, todavia, era quase impossível.

Já estamos no limite aceitável para isso tudo vir à tona.

O helicóptero fez uma curva leve para a direita e as pálpebras maquiadas de Doroth se estreitaram em reação ao sol. Ela voltou o rosto para a janela, mirando o mundo azul do estuário do Rio Hudson em todas as direções lá embaixo. Por um momento se reservou ao direito de concentrar-se nas linhas brancas que, em forma de marolas, colidiam calmamente umas com as outras quando os navios se movimentavam. Tentou focar nos cumes das pequenas ondas que reluziam como diamantes os raios de sol. Mas não conseguiu deter-se ali por muito tempo.

Outro assessor puxou outro assunto, com uma voz trêmula:

— Senhora...

Doroth identificou na hora a origem do titubeio dele.

Medo.

Ela inalou o ar lentamente e soltou ainda mais devagar, voltando os olhos para fora, como pressentisse o mesmo sentimento dele.

Foi ainda nos céus de Nova York que a Secretária Geral da ONU ouviu a notícia mais alarmante de sua carreira.

CAPÍTULO 71

Toda honra a Alah.

As frondosas árvores da Avenida *Chahah Baqh-e Abbasih* retribuía a oração de Navid produzindo uma brisa fresca no seu rosto. A movimentação dentro de Esfahan era quase nula enquanto seu Peugeot singrava por uma frota de carros abandonados no meio da via. Alguns deles estavam atravessados e com as portas abertas, sugerindo que seus condutores não perderam tempo em abandoná-los ao sentir o chão tremer sob a sola dos pés.

Naquela região, no entanto, próxima ao centro da cidade, não houve prejuízos devastadores como na periferia. Somente alguns resquícios da tragédia eram visíveis. Prédios encontravam-se condenados, enormes rachaduras cruzavam suas fachadas e pedaços de concreto encontravam-se no solo. De quando em quando, Navid divisava cacos de vidro no chão, provavelmente vidraças e janelas que explodiram com o tremor.

Perguntou-se se algum dia Esfahan voltaria a gozar daquele ar viçoso que sempre apresentara. Sicômoros e choupos que no outono deixavam fugir as folhas vermelhas e amarelas por cima das cercas-vivas que ladeavam as construções; jardins que agradavam as repartições públicas, mesquitas e parques com sua abundância de flores e simetria perfeita; jovens apreciando o pôr do sol debaixo dos charmosos arcos da Pol-e Khaju, a mais bela ponte do Irã.

Navid sentiu o fulgor do ódio reativando cada ponto do corpo. Bufou todo ar que queimava em seu peito. A sensação de repúdio aos Estados Unidos progredia a cada metro.

Lembrou-se da sigla que seu amigo lhe deu em uma folha de papel e sentiu asco:

H.A.A.R.P.

Ziguezagueou por meia dúzia de carros parados e, quando retomou o prumo, observou o céu por alguns segundos através do para-brisas. Nada era mais estranho que a constatação anômala que ele havia identificado em seu laboratório. Normalmente, nos dias que precedem um grande terremoto, podia-se ver um esquentamento da ionosfera na região que seria afetada. Os pontos vermelhos no gráfico, porém, deviam mostrar-se espalhados por todo o território, e não como os dados mostraram a ele. Como o olho de um furacão em toda sua cólera, uma única esfera vermelha situava-se exatamente em cima do território da província de Esfahan.

Navid imaginou-se revelando à ONU ou ao grande Aiatolá sobre os planos diabólicos daquele país. Seria sua glória. Sua missão cumprida. Porém, mal teve tempo de dar rédeas a essa possibilidade, pois sua reflexão foi interrompida

bruscamente pelo inesperado.

Pela visão periférica, reparou que um veículo se aproximava a uma velocidade vertiginosa pela esquerda, em um cruzamento. Navid acionou o freio por trás do volante e os pneus cantaram alto, rezando para que fosse suficiente para evitar o impacto. Uma Mercedes precipitou-se voando baixo e por pouco não arrancou a frente do Peugeot. Sentiu o pulsar do coração reverberar nas mãos e pescoço. Pasma, observou a trajetória que o veículo traçava. Atrás dele, na mesma velocidade, passou outra Mercedes.

E mais uma.

Veículos personalizados. Três viaturas da polícia de Esfahan.

No entanto as sirenes conservavam-se desligadas. Não era necessário usá-las em um lugar deserto, ponderou. As Mercedes pegaram a avenida em que Navid conduzia e aceleraram até uma esquina em que, bruscamente, fizeram uma curva de noventa graus à direita, para a via *Bagh-e Goldaste*.

Exatamente o que Navid faria.

A ligação dos fatos veio como um tiro.

As viaturas se juntariam aos três jipes que Navid vira na entrada da cidade e se dirigiam para a Praça Naqsh-e Jahan.

Onde se encontrava o casal fugitivo.

CAPÍTULO 72

“Helena, quod superius est sicut quod inferius, et quod inferius est sicut quod superius.”

A reação de Helena ao ler a frase foi sentar-se pesadamente no chão de mármore. Atrás dos pés de Ciro, na pequena plataforma de madeira que baseava o boneco de cera, havia uma mensagem entalhada precariamente. Helena a conhecia bem. Ela apoiou os cotovelos nos joelhos e equilibrou-se.

— O Princípio de Correspondência — pensou alto.

— De Niels Bohr? O ganhador do prêmio Nobel? O físico que contribuiu para o conhecimento da estrutura atômica...

— Não — cortou Helena, concentrada —, é o Princípio de Correspondência de Hermes Trismegisto... Essa frase está contida em um livro chamado Caibalion, que é atribuído aos Três Iniciados, homens que diziam seguir a sabedoria das Escolas Herméticas do Antigo Egito. Em latim, quer dizer: “o que está em cima é como o que está embaixo, e o que está embaixo é como o que está em cima.”

Arash agachou-se perto dela para ver a mensagem. Ele soltou um assovio de surpresa ao lê-la.

— Para uma acadêmica que considerava o Tórus um conhecimento esotérico, você está sabendo até demais!

Helena assentiu. Sabia que uma reduzida parcela da população mundial conhecia os princípios herméticos. Talvez apenas exóticos como César e ocultistas de sociedades secretas.

— Conheço Hermes Trismegisto — disse Arash. — Sei que na verdade é uma deidade que incorpora atributos do deus grego Hermes e do egípcio Toth, mas é só.

— Há uns dez anos atrás, César me deu o Caibalion e pediu que lesse com carinho porque era uma das chaves para entender tudo o que ele fazia naquele momento. Como ele sempre era misterioso com o seu trabalho, achei que lendo-o e relendo-o de cabo a rabo descobriria tudo. Confesso que o fiz com certa distância intelectual, como uma aluna pragmática, já que tudo me soava místico demais, algo que nunca fui. É claro, não consegui encontrar relação nenhuma da Engenharia Nuclear com o hermetismo do Egito Antigo, mas fiquei com isso na cabeça.

Arash levantou-se e acariciou a barba por fazer, pensativo.

— Bom, vamos lembrar que, apesar de enigmático, em nenhum momento César foi incompreensível nas suas palavras-chave. As metáforas sempre foram

literais, porque de alguma forma, ele sabia que estaríamos juntos, ajudando um ao outro. Essa também *precisa* ser fácil.

— *Esfahan é a Casa da Geometria Sagrada. Ferdowsi e Ciro protegem sua maior representação* — repetiu Helena.

— Vamos lá — disse Arash. — Em que exatamente consiste o Princípio da Correspondência?

Helena permaneceu absorta em pensamentos, repetindo palavras. — Ferdowsi e Ciro... Ferdowsi e Ciro... Ferdow... — De repente ela abriu um sorriso de surpresa.

— Mas que desatenção! Ainda falta olharmos atrás de Ferdowsi! — Pegou impulso com as mãos no chão e pôs-se de pé rapidamente. Teve que se apoiar em uma das estátuas para não cair. Sentiu novamente uma pontada de dor na cabeça que veio junto com um gosto acre na boca. A tensão, os desmaios, o fato de estar em jejum o dia inteiro e todos os machucados pelo corpo concentravam-se em uma sensação: vertigens crônicas, as paredes azuis parecendo fechar-se ao seu redor.

Ou seriam os efeitos da radiação de Esfahan?

Deu três passos cambaleantes e agachou-se ao lado do poeta persa, espichando o pescoço para a parte de trás da plataforma, enquanto Arash se aproximava.

Com o maxilar travado de tensão, ela estacou.

Outra mensagem.

— Encontrei! — exclamou ela.

As letras esculpidas pareciam ter sido feitas com pressa, pequenas lascas finas destacando-se da peça de madeira.

— *Omnia quae de fluxu et refluxu*. Tudo tem seu fluxo e refluxo.

— Também está no Caibalion?

— Sim, é o princípio do Ritmo!

Ele deu de ombros.

— Olhe, vou tentar te explicar tudo que li no Caibalion sobre esses dois princípios para você me dar uma força. Hermes Trismegisto teria vivido cerca de 2700 anos antes de Cristo...

— Espere aí — interview Arash. — Ele não é uma lenda?

— O Caibalion afirma que não. Inclusive dizem que ele viveu trezentos anos, como alguns nomes da Bíblia. Mas, veja, o interessante é que, segundo o livro, foi do Antigo Egito que saíram os preceitos mais fundamentais do ocultismo e esoterismo e que influenciaram as filosofias de todos os povos. Daqui, da Antiga Pérsia, passando pela Índia, o Japão, a Antiga Grécia e Roma, etc., todos beberam do conhecimento de Trismegisto.

— E conseqüentemente — acrescentou Arash, parecendo captar as informações com rapidez —, Trismegisto deve ter influenciado toda a ciência moderna, já que seus maiores expoentes foram os místicos e esotéricos de sociedades secretas, ou seja, herméticas.

— Exatamente. Nunca fui adepta das teorias da conspiração, mas o que sei é que hoje empregamos o termo hermético, no sentido de secreto, fechado de tal modo que nada escapa, porque os discípulos de Hermes pregavam isto. Os Três Iniciados afirmam no livro que o ocultismo verdadeiro se degenerou na Índia e na Pérsia, porque seus instrutores estruturaram os conhecimentos em forma de dogmas. Ficaram perdidos na religião, superstições, culto aos deuses e credo. Tudo teria sido destruído também na Grécia e em Roma, que se perderam por causa do culto.

— Espere, então parece que, além de demonstrar um sincretismo religioso nas suas pistas, já que passamos pelo Zoroastrismo, o Islã e agora a filosofia hermética, César quer passar a mensagem de que o nosso conhecimento antigo foi perdido. O Conhecimento da antiga Pérsia.

— Parece que sim. O Caibalion diz que Trismegisto teria elaborado sete princípios. A partir deles, compreende-se todos os mecanismos do Universo, sendo que dois deles César escreveu aqui, talvez porque esperasse que eu poderia identificá-los.

— O Princípio da Correspondência — disse ela, apontando para a estátua de Ciro — elucidaria os vários paradoxos universais e os segredos da natureza. E o Princípio do Ritmo defende que tudo tem suas “marés”. Tudo sobe e desce; tudo se manifesta por oscilações que se compensam. Por exemplo: o movimento de atração e repulsão, como um pêndulo, uma maré alta e uma baixa, existe uma ação e uma reação...

— É isso! César quis demonstrar como funciona o Tórus. Lembra que lhe falei lá no Templo Adrian?

— Sobre a semente?

— Sim. — Arash sacou de sua bolsa tiracolo uma caneta e desenhou um círculo na própria mão, como uma maçã. — O padrão do Tórus funciona exatamente assim. A energia flui através de um extremo, circula pelo centro e sai pelo outro lado, iniciando o ciclo uma vez mais, eternamente. É equilibrado e completo. É com esse fluxo que se gera a Energia Livre. — Ele fez uma pausa. — Helena, o Princípio do Ritmo que está contido no protótipo de César vem de conhecimentos ancestrais do Antigo Egito e de Hermes Trismegisto.

Helena lembrou-se do desenho talhado na peça do protótipo.



Estava absolutamente admirada.

— E como já lhe expliquei, não é à toa que vemos esse mesmo padrão desde o átomo, passando pelas sementes, os tornados, furacões, campo magnético da Terra, até as galáxias. A dinâmica é a mesma! O único projeto do Universo desde sempre foi fabricar Tórus.

Esforçando-se para compreender tudo, Helena sentia que devia ser cada vez mais objetiva.

— Mas e quanto ao “O que está em cima é como o que está embaixo, e o que está embaixo é como o que está em cima”?

Arash correu os olhos a seu redor, tentando se situar. Massageou o antebraço vedado por um pano velho, onde uma bala havia deixado um rastro vermelho na pele. Sua cabeça sacudiu em negação, como se não soubesse responder. Também parecia um pouco tonto.

— A gente vê que há um fluxo contínuo pelo Tórus. E também pode-se dizer que o que está em cima — ele pôs o dedo na parte que simulava o topo do desenho imaginário — é como o que está embaixo.

Helena caminhou em direção ao centro da mesquita, mais para tentar espantar a sensação de vertigem do que para raciocinar. Ao chegar debaixo do grande Tórus, levantou a cabeça para o alto, como se seu inconsciente buscasse a resposta daquilo que a geometria perfeita daquele desenho representava naquele templo: o Divino.

Entre um pensamento e outro, uma gota de lucidez caiu gelada em seu rosto, trazida pelos fios de luz da lua que entravam pelos pequenos arcos que margeavam o Tórus.

Mais uma vez, a resposta era tão óbvia que sua mente se recusou a acreditar.

CAPÍTULO 73

Thomas Wilker apertou as mãos de cada um dos presentes à reunião do Conselho e sentou-se à mesa redonda de mogno do Pentágono. Era o terceiro encontro desde as últimas 48 horas. O presidente dos Estados Unidos e seu vice encontravam-se em campanha e apenas as cinco cabeças mais determinantes do país, depois deles, foram convidados a participar: Wilker sentou-se ao lado de Aaron Jones. Também estavam ali o Diretor da NSA David Johnson e o Diretor da CIA, Gareth Tabe.

Havia apenas uma exceção: Ron Jay Campbell.

O diretor do Pentágono havia saído no final da segunda reunião, afirmando que entraria em contato com Doroth Morgan. Até o momento não havia dado notícias. O diretor do Pentágono era o único que repudiava a intervenção imediata ao Irã. E essa decisão incomodava os outros membros do conselho.

— Senhores, perdoem-me pelo atraso — disse Wilker. — Estive em reuniões com os chefes militares até agora. — Ele desabotoou três botões de seu blazer preto, adornado de insígnias militares e perguntou: — Podemos começar?

A face dos outros homens revelava profunda inquietação.

Aaron Jones atalhou:

— Thomas, nossos agentes de campo informaram que os três diplomatas da equipe que Doroth Morgan enviou ao país estão mortos. Esses desgraçados terroristas perderam totalmente a noção das coisas.

Wilker torceu o cenho, intrigado.

— Quem fez isso? — perguntou com uma expressão de surpresa.

— Nossos agentes ainda não sabem — respondeu David Johnson. — Mas tudo leva a crer que esteja ligado diretamente ao serviço secreto iraniano.

Wilker baixou os olhos e viu seu próprio reflexo distorcido na mesa de mogno. Sua calvície parecia emitir luz própria.

— E o presidente, até agora, nada?

— O presidente é a favor da intervenção imediata — disse Wilcock. — Se não formos nós, será outro país, assim que souberem de tudo. Melhor controlarmos o quadro antes que alguém o faça.

— Quem mataria diplomatas da ONU em uma visita corriqueira? Somente quem esconde algo! — completou David Wilcock.

Wilker concordava plenamente.

— Se formos atacar — completou Jones, coçando o rosto redondo —, devemos fazê-lo antes dessas supostas ogivas se tornarem operacionais, pois se aguardamos mais dois ou três dias, não teremos a garantia de que elas não serão lançadas. Ou vocês acreditam que o Irã está apenas realizando uma produção

para estoque?

Thomas Wilker pôs as duas mãos em forma de prece encostadas no nariz e na boca, pensativo.

— E o Flame II? — questionou. — Os senhores mantêm a posição de não utilizá-lo?

— Thomas — disse Aaron —, ao contrário de Campbell, todos à mesa concordam com a intervenção militar rápida e imediata através da Turquia. Desde quando uma arma branca provoca o medo na cabeça de malucos fundamentalistas como o aiatolá e sua exótica trupe?

Wilker pensou em como o exército dos EUA achava-se mal visto pela sociedade depois dos fracassos no Afeganistão, Iraque e na Síria. Gastos multibilionários, milhares de baixas por erros em estratégia e um déficit orçamentário como nunca antes registrado.

Uma invasão agora nos colocaria no patamar de onde nunca deveríamos ter saído.

— Eu apoio a decisão — disse ele, girando os polegares atrás dos dedos cruzados sobre a mesa. Vamos levar o que foi deliberado aqui ao presidente e depois ao Congresso. Sabemos que temos a maioria para essa decisão.

Uma cortina de silêncio recaiu sobre a sala, cada um com sua reflexão pessoal. Entre um pensamento e outro, o celular de Wilker retumbou com uma mensagem.

— Com licença um minuto, senhores. — Enfiou a mão no bolso interno do paletó e retirou o aparelho. Não sentiu-se constrangido, uma vez que ninguém ali desligaria o celular naquela altura da crise. Quando pressionou o dedo para encerrá-lo, percebeu que os outros três companheiros levavam a mão ao bolso e traziam de volta o aparelho celular, os sons diferenciados de musiquinhas de SMS entrecortando-se no ar.

Eles se entreolharam, a tensão circulando no ar.

Wilker pôs os óculos e leu a mensagem na tela.

Vinha de um de seus assessores.

Não esperava que fosse se espalhar tão rápido.

A notícia das armas nucleares e da morte dos inspetores de Doroth foi espalhada para a imprensa mundial.

CAPÍTULO 74

“Helena, quod superius est sicut quod inferius, et quod inferius est sicut quod superius.”

— Aquilo que está em cima, também está embaixo! — dessa vez Helena repetiu o adágio hermético com entusiasmo, o eco da sua voz enchendo o pórtico da mesquita. Ignorando as pontadas na cabeça, ela procurou algo no chão. Porém, não viu nada além de um piso de mármore.

Arash correu ao seu encontro.

— O que foi?

— Aquilo que se vê em cima, se vê embaixo. Deveria estar aqui. Exatamente embaixo da maior representação da Geometria Sagrada de Esfahan, indicada por Ferdowsi e Ciro. Aqui, nesta mesquita!

Arash arregalou os olhos, surpreso.

— Sim, mas não vejo nad... — Ele parou de repente e desviou o olhar para um ponto no chão, exatamente no centro da cúpula. Helena seguiu seus olhos e percebeu que havia um azulejo de mármore que possuía um rejunte diferente dos demais. Enquanto os que o cercavam eram de cor de terra, aquele tinha um tom que o diferenciava dos outros, era marrom escuro.

Porque foi modificado recentemente.

Arash buscou sua caneta na bolsa e agachou-se com rapidez. Foi preciso apoiar uma mão no chão para não desequilibrar. *O que está acontecendo comigo?*

Ele segurou a caneta com a palma da mão cerrada e pôs-se a agredir o espaço rejuntado, tentando abrir uma vala pequena. A caneta entrava com certa facilidade. Provavelmente se tratava de uma massa penetrável. Depois de alguns segundos nesse movimento, ele conseguiu abrir uma fenda de lado inteiro do piso.

— Me ajude aqui — pediu ele.

Apoiando as mãos nos joelhos e depois flexionando-os com dificuldade, Helena agachou-se. Arash esfregou as mãos e enfiou a ponta dos dedos no buraco aberto. Helena fez o mesmo, as unhas com esmalte desfeito enchendo-se da argamassa. Em um instante o piso cedeu e os dois o puseram de lado, produzindo um som frio e arrastado, como uma tábua de sarcófago se abrindo.

Nossa passagem de volta está aqui...

Porém, o que visualizaram não sugeria isso.

Pousado sobre o que parecia um pano de prato, havia uma peça circular do mesmo material do cilindro, metal, porém menor e um pouco mais complexo:

tinha uma ponta fina, também de metal, em sua extremidade.

Mais uma parte do protótipo!

Helena expulsou um pouco da tensão através dos pulmões.

César, pensou ela, porque você não colocou o protótipo inteiro aqui?! E onde está você?

— Parabéns, embaixadora! — disse Arash, tentando acalmá-la com uma mão em seu ombro. — Agora vamos, precisamos buscar um local mais seguro para analisarmos nosso próximo passo.

Helena sentiu um arrepio na nuca. Imaginando soldados do exército iraniano entrando com suas AK-47 naquele templo, levantou-se rapidamente, apertando a testa com a mão. Enquanto isso, Arash meteu a mão no buraco, trazendo o cilindro enrolado no pano e guardou em sua bolsa, cruzando a alça sobre o peito.

Pondo-se de pé, ele a segurou levemente pelo braço e os dois saíram da mesquita. Passaram correndo pelo pátio que ligava os dois domos do complexo, depois pelo salão dos tetos curvados. Ao chegarem à escadaria, foram recebidos pelas acolhedoras luzes douradas, que brilhavam como se a Praça estivesse envolta por uma redoma celestial.

Ofegantes, aproximaram-se da carruagem, mas estacaram quando ouviram uma mudança no som da praça. Os jatos do grande espelho d'água de repente se extinguíram, e o barulho aprazível das gotículas chocando-se contra a superfície deu lugar ao silêncio total. Em seguida, como um corredor de luzes automáticas, as luzes da Praça Naqsh-e Jahan passaram a se apagar uma a uma, poste por poste, arco por arco, em uma progressão rápida e sinistra.

Então veio a escuridão absoluta.

De repente Helena sentiu os cabelos soltos revoarem por causa de uma ventania que descia fortemente. Depois de um segundo, percebeu que o fluxo foi ficando mais forte até que virou um tufão. Um pequeno som metálico vinha com ele, parecido com um...

Helicóptero!

Dessa vez, Helena segurou com força o braço de Arash. O tufão provocado expulsava as folhas dos arbustos do largo. O aparelho não emitia luz e, pelo que Helena conhecia, produzia menos barulho que o normal, para a distância em que se achavam. Cerca de vinte metros ao norte, Helena viu o contorno da aeronave, seu aspecto lembrando um aracnídeo gigante tomando conta do centro da praça.

Como se estivesse prestes a dar um bote letal.

CAPÍTULO 75

Christopher Lott acomodou-se na cadeira ao lado de Ron Jay Campbell, simulando um sorriso no rosto. Embora ele tivesse revelado o grande pulo do gato do *Flame II* ao diretor do Pentágono, tinha absoluta certeza de que o encontro não havia sido marcado para aprofundar os detalhes técnicos do vírus. Campbell já havia tomado ciência de praticamente todo o procedimento e tinha preocupações muito mais dramáticas que uma tecnologia da DARPA.

Independente do que ele veio fazer aqui, já estou ganhando.

Todavia, Lott nutria certa confiança em relação ao seu projeto, pois havia notado que o rosto de Campbell tinha uma expressão reflexiva depois de sua apresentação. Eles precisam aprová-lo, pelo futuro dos Estados Unidos e pelo futuro de sua agência.

— Luzes — proferiu ele.

No mesmo instante, a meia luz se dissipou na sala e ele observou o diretor do Pentágono apertar os olhos enrugados para adaptar-se.

— Sabe, Christopher — disse Campbell, cruzando uma perna sobre a outra —, sempre admirei muito as recomendações de Sun Tzu em relação à guerra: “Derrotar o inimigo em cem batalhas não é a excelência suprema; a excelência suprema consiste em vencer o inimigo sem ser preciso lutar”. E por essa razão, defendo que é preferível vencer os adversários logo no início das operações.

— Capítulo três, “*As Estratégias de Luta*” — completou Lott, vendo o rosto enrugado de Campbell esticar-se de surpresa por citar o nome do capítulo de *A Arte da Guerra*.

— Exatamente — assentiu o diretor do Pentágono. — Sun Tzu também aconselhava que, se não fosse possível inviabilizar o adversário, que o isolasse para deixá-lo indefeso. O senhor e sua equipe desenvolveram uma forma de encarcerá-lo antes mesmo de o conflito eclodir. Meus parabéns. — Campbell dava a impressão de que aquilo era apenas uma introdução, suas mãos cruzadas sobre a perna apertando-se entre si, num raro sinal de inquietação.

Vamos lá, diretor. Diga o que eu quero ouvir.

— Eu não faria nada sem a equipe espetacular que o senhor recrutou para a Agência — simplificou Lott, embora tivesse consciência de que o projeto que apresentara a Campbell consistia em uma alternativa singular para destruir qualquer adversário, sem qualquer baixa direta de militares, tampouco de civis. O *Flame II* conferia a possibilidade de os Estados Unidos ganharem uma guerra sem sequer tê-la declarado oficialmente.

Campbell somente aquiesceu.

— O senhor sabe que o presidente e o vice estão muito preocupados com

esta crise, embora estejam em época de campanha eleitoral, o que os obriga a seguir uma agenda extremamente rígida.

— O que nos leva ao motivo real de sua visita, não?

— Correto. O Conselho crê que, neste momento, o uso do *Flame II* seria transparecer fraqueza ao inimigo. De certa forma, é. Mas se utilizarmos da maneira correta, tenho certeza de que eles nos temerão ainda mais.

Exatamente, pensou Lott.

O diretor do Pentágono parecia mais sóbrio agora, as linhas de sua testa apurando-se contra as sobrelanceiras brancas.

— E o exército? — perguntou Lott.

— Aqueles ególatras? Como sempre, pensam mais com as vísceras do que com o cérebro. Wilker sabe que eles têm problemas com opinião pública por causa do fracasso das últimas intervenções. Uma guerra agora cairia como uma luva para alguns, não acha?

Lott fez que sim, satisfeito pelo caminhar da conversa.

— As agências de contraespionagem, infelizes, passaram longe da prevenção desse risco. E é por essa razão que vim convidá-lo a atuar comigo para implementarmos *discretamente* o Flame II, porque entendo que seja o melhor para os Estados Unidos no momento.

Lott não pôde conter a expressão de espanto. *Ele quer passar por cima do presidente e do Conselho?* Retesou-se na poltrona, fixando os olhos azuis do Diretor do Pentágono, tentando entender se aquele homem sentado à sua frente era Ronald Jay Campbell, em carne e osso. O velho era tido como a expressão da ética e do bom senso dentro do governo. Havia livros sobre seus feitos na época da Crise dos Mísseis de 1962 e honrarias sem igual. Quando ele quis assumir o cargo de Secretário de Defesa, do alto dos 74 anos, os americanos o aclamaram por seu resignado patriotismo. O diretor do Pentágono era um patrimônio do governo dos Estados Unidos, de modo que uma posição como essa destoava de sua imagem até agora.

Fosse loucura ou excesso de confiança, Lott, de certa maneira, ansiava por essa posição. A DARPA precisava ser mais bem vista. Havia uma grande distorção sobre a agência, a opinião geral era a de que se gastava muito para pouca repercussão. E nos últimos anos, isso se intensificara ainda mais por causa do rombo que o exército deixara no orçamento com suas intervenções.

Os americanos desinformados não entendem que os grandes feitos da DARPA dificilmente vêm a público.

— Só há um pequeno problema — declarou Lott. Receio que esta operação seja...

— Ilegal? — atravessou Campbell. — Sim, Lott, nós vamos conduzir uma

operação ilegal. Mas a pergunta é: O senhor aceita?

Lott refletiu por vários segundos, enquanto o diretor do Pentágono aguardava com seu olhar intenso, a ansiedade agora se insinuando na face. Por fim, questionou:

— Quando o senhor pretende começar?

Campbell levantou-se da cadeira e dirigiu-se à cafeteira futurística, do outro lado do escritório.

— Exatamente agora.

CAPÍTULO 76

Não se enxergava três metros à frente dos olhos na Praça Naqsh-e Jahan.

A lua minguante de repente foi envolvida por completo pelas nuvens cinzentas, de modo que era muito difícil identificar o quadrante em que ela se achava. Helena soltou um ruído de medo, sentindo o vento gerado pelo helicóptero diminuir, até que as hélices, lentamente, pararam. Em seguida, o som camuflado e abafado de seus rotores morreu.

Silêncio.

— Fique atrás de mim — a voz mansa de Arash saiu em um sussurro cauteloso. Ao se postar às costas dele, ela percebeu que o iraniano puxou a bolsa transversal para o lado do corpo e levou uma mão à região lombar, por baixo da camisa branca.

Sacou a pistola.

Uma das maiores representantes da Paz Mundial jamais poderia aventar a hipótese de que algum dia se sentiria tão bem resguardada por uma arma de fogo.

Ouviu-se o sibilar mecânico de um compartimento se abrindo. Era a porta do helicóptero. Em seguida, um estalido sugeriu que haviam fechado.

Silêncio.

— Entre na charrete — Arash sussurrou. — Devagar. — Ele a conduziu pelo braço, e os dois foram tateando a estrutura da carruagem até acharem a porta. Próximo a eles, sustentando o veículo, o cavalo rinchou, incomodado.

Helena sentou-se no banco de madeira, aguardando Arash começar a conduzir o cavalo, aliviada por saber que os equinos enxergam muito bem no escuro e, por isso, bastava ele dar ordens e o animal os levaria para fora dali. Porém, a camisa branca de Arash afastou-se da portinhola e pairou entre o cavalo e a frente da carruagem.

O que ele está fazendo?! Pensou, apavorada. Vamos sair daqui!

Ela pressionou as pálpebras para tentar acelerar sua adaptação ao negrume. Sabia que o olho humano demorava cerca de cinco minutos para se ajustar à escuridão. Com pavor, perguntou-se se seguiria com vida por esse tempo. Teve dúvidas se desejava que a lua surgisse de novo, ou se seria bom que ela permanecesse lá, oculta nas nuvens.

Então, em meio ao hiato de silêncio na praça, ela ouviu um estalido.

O gatilho da arma de Arash ressoou ameaçador pelo espaço aberto. Pela segunda vez em menos de quinze minutos, ele perguntou para o vazio:

— Quem está aí?

A resposta foi apenas o silêncio.

CAPÍTULO 77

A poucos metros dali, Pang Meng observava nitidamente Arash segurar uma Glock através de seus óculos de visão noturna *L3 Ground Panoramic Night Vision Goggle*. O nome grande fazia jus à sua envergadura tecnológica. Funcionava como um binóculo comum, porém com um adicional inovador: havia uma lente de cada lado, expandindo o campo de visão para noventa e sete graus horizontalmente. Isso significava que seria possível enxergar muito mais sem a necessidade de movimentar a cabeça, vantagem que poupava preciosos segundos em missões de alto risco. Acoplado a um capacete, Meng sentia-se como um mutante com quatro olhos. O aparelho (que era secreto e exclusivo ao uso militar), era munido de visão noturna com profundidade e visão panorâmica.

Enxergava como um inseto voador.

Carneirinhos indefesos, Meng pensou, sorrindo na mais absoluta escuridão.

Fora fácil desligar o sistema de energia da Praça Naqsh-e Jahan. Pouco antes de o helicóptero pousar, ele acionara a câmera de pulso eletromagnético na direção dos capacitores do Largo, provocando um curto circuito, o que facilitou sua ação. Não tinha a intenção de correr atrás dos alvos em uma praça daquele porte e com os ferimentos que havia sofrido.

Agora, movimentando-se como um felino na noite, seu primeiro objetivo consistia em executar Arash, que movia a cabeça de um lado a outro por trás do cavalo, como um cego desnordeado na rua. Depois, levaria Helena, que havia acabado de entrar na carruagem, e a usaria para achar o protótipo por meio de uma troca com César.

Ela possuía algo importante. Algo que interessava a Xerxes.

Meng já estava a dez metros de Arash quando teve que estacar. Bem à direita, quase no limiar de sua visão panorâmica, algo se movimentava. Viu pernas e braços escondendo-se detrás das pequenas árvores. Em seguida, a silhueta correu de um arbusto para outro, silencioso como um profissional. Meng girou o corpo para identificar com clareza.

Então um rosto o encarou nos olhos, como se tivesse superado os limites da escuridão.

CAPÍTULO 78

Doroth Morgan desceu as escadas do helicóptero e entrou na limusine preta *Equus*, à prova de balas, acompanhada de um guarda-costas da ONU. Segundo seu chefe de segurança, o hangar onde haviam parado o Learjet das Nações Unidas no aeroporto JFK teve que ser transferido em cima da hora em função do tráfego aéreo, de modo que ela teve de seguir de carro até o novo ponto de decolagem.

Cumprimentou com um meneio de cabeça os assessores que entraram em outro veículo e sentou-se no banco de couro do automóvel.

Ainda se sentia desnorteada por causa da terrível notícia que recebera de seu assessor no helicóptero. *O mundo é muito mais terrível do que eu jamais poderia imaginar.*

Sua outra inquietação se devia pelo fato de que a notícia do assassinato dos diplomatas que ela enviou ao Irã vazara para o mundo. Ela sabia que o prazo de validade de seu cargo de Secretária Geral se limitava ao encontro que teria com o líder daquele país.

Precisava agir.

O mundo teria uma nova guerra, e o estopim, no final das contas, havia sido provocado por forças muito mais obscuras do que ela imaginava. O protocolo seguinte, a Secretária já conhecia: haveria uma Assembleia Geral convocada pelo Conselho de Segurança em caráter emergencial, onde todos os países membros analisariam as evidências e proporia uma saída de intervenção, *apenas* das tropas ONU. Uma discussão vazia e inócua. Nesse meio tempo, os EUA, Rússia e China trocariam farpas e ameaças, terminando com uma intervenção por parte dos americanos e uma reação dos outros dois, aliados do Irã.

Vou evitar essa guerra. Custe o que custar, disse a si mesma.

— Bom dia, senhora Secretária — cumprimentou o motorista pelo retrovisor, com o típico sotaque nova-iorquino.

Doroth meneou a cabeça, vendo o outro segurança sentar-se a seu lado no banco de trás. Mergulhou de volta nos pensamentos, seu olhar perdendo-se na bandeirinha das Nações Unidas que passou a tremular na ponta do capô, assim que o motorista deu a partida.

Seu telefone pessoal tocou na bolsa.

Agora não, pensou, apanhando uma garrafa de água no pequeno frigobar acoplado no meio do banco.

Em seguida lembrou-se que poderia ser Campbell com notícias do *Flame II*. Com essa reviravolta, ela tinha quase certeza de que o Diretor do Pentágono

fosse programá-lo o mais rápido possível. Era a melhor saída para o momento.

Resignada, abriu a bolsa para pegar o celular.

E nesse momento sentiu uma fisgada incômoda na coxa direita.

Soltou um grunhido de dor e baixou os olhos.

Precisou de um momento para identificar o que havia acontecido. Brilhando sob a luz da manhã que atravessava tímida o vidro fumê, uma agulha havia sido enterrada logo acima do seu joelho, sua calça azul marinho como um mar escuro sob ela.

O segurança virou o rosto para a Secretária, mudo, uma sombra enevoando os olhos.

— O que você está fazendo?!

Subitamente, como se tivesse saltado nas águas do Ártico, Doroth sentiu suas pernas travarem.

Meu Deus, o que está acontecendo?

A sensação percorreu em seguida os músculos da virilha, abdômen e todo o tronco. Em cinco segundos o resto do corpo achava-se paralisado. A visão, audição, e o cheiro do estofado de couro da limusine de repente se reduziram de maneira radical. Mas ela ainda ouvia o telefone tocando. Com violência, o segurança tomou a bolsa de seu colo e sacou o aparelho, antes de posicioná-lo em seu ouvido.

Doroth tentou movimentar o braço para abrir a porta, mas o membro não respondia. Ouviu um clique e o acesso à rua foi travado. Abriu a boca para gritar, mas um bolo invisível bloqueou a faringe.

— Senhora Secretária. Disse a voz do outro lado, com um fio de escárnio.

Ela a reconheceu imediatamente.

Você?!

Uma bomba de terror caiu sobre Doroth. Desesperada, olhou para o motorista através do retrovisor. Ele retribuiu com um olhar indiferente e depois pousou-os de volta na pista. O outro continuava segurando o celular em seu ouvido.

Fui traída!

— Vou lhe contar uma coisa que certamente a senhora passou longe de perceber: o seu mundo se reduziu a uma fábula de criança desde que colocou esses pés soberbos dentro da ONU pela primeira vez. Quanta ingenuidade tentar dialogar pela paz em um momento como este. Em um lugar como esse. — Houve uma pausa. — Manutenção da paz... — A voz deu risada com desprezo. — Ninguém melhor que a senhora para saber que o que a ONU preza é exatamente a manutenção da guerra. Seus membros mais poderosos e influentes são os que mais a amam e a cultuam.

Doroth estava bloqueada pelo próprio corpo. Lívida, foi assaltada por uma claustrofobia intensa, como se estivesse sendo sepultada viva.

— Secretária, não vê que é inútil a senhora lutar contra a condição humana? — Agora a voz vestiu-se de um tom sinistro, transmitindo uma calma que chegava às raias da psicose.

— A senhora provocou forças as quais desconhece completamente. Percebe que estou no controle de tudo? Posso manejar desde a posição de seu avião no aeroporto até os seguranças que lhe rodeiam? — Ele fez uma pausa, parecendo saborear internamente o sofrimento dela. — A guerra em uma escala *High Tech* é só uma questão de tempo. Sou apenas uma erva daninha. Se eu não a provocá-la, outros vão criá-la no futuro.

Guerra High Tech?

Agora ela não sentia calor nem frio. Apenas paralisia. Seus olhos achavam-se travados, mas por um momento seu corpo agradeceu por ter sentido algo, mesmo que fosse uma sensação angustiante: como se um maçarico os estivesse queimando, os olhos começaram a arder. Porém, ela não podia sequer fechá-los para hidratá-los.

— O veneno administrado na senhora — disse a voz, com uma tranquilidade apavorante —, se chama *omobatracotoxina*, um composto químico feito à base de secreções de um anfíbio do tamanho de um dedo, cujo sintoma final é a falência múltipla dos órgãos. Não sem antes, é claro, causar a paralisia de todo o corpo e a restrição dos seus sentidos em apenas alguns minutos. É o que a senhora passa neste momento. O melhor de tudo é que, dois minutos depois de agir, o veneno se desintegra na sua circulação sanguínea, de modo que sua *causa mortis* será um típico ataque cardíaco fulminante. Ideal para a pressão que a senhora sofre em seu cargo. Ninguém irá questionar.

Doroth tentava conciliar a respiração, mas não sabia sequer se estava inspirando ou expirando, a ventilação pulmonar de repente obstruída.

— Essa próxima guerra colocará o H.A.A.R.P. na condição de um inocente estilingue. Me agradeça, Doroth. Estou lhe fazendo um grande favor. A senhora não estará aqui para assistir ao verdadeiro caos se instalar na Terra. — Ele fez uma pausa. — Faça uma boa passagem.

A ligação foi desligada, e o segurança retomou o celular.

O cérebro de Doroth Morgan agora habitava solitariamente o corpo. *Esse é o estágio vegetativo?* Doroth sentiu que gritava, mas eram gritos de sua própria mente. Alguns segundos mais tarde, já não havia mais raciocínio. A visão limitou-se a um borrão branco e os ouvidos aos poucos perderam a vida. Sem saber se já se encontrava morta ou não, emitiu um último pensamento; um sopro de palavras que reverberou pela eternidade:

Deus, tenha piedade da Terra.

CAPÍTULO 79

Arash ouvia apenas a própria respiração acelerando-se a cada segundo. Decidiu circundar a charrete para tentar identificar alguma movimentação por outro ângulo. Com uma mão alisando a estrutura do veículo e a outra empunhando a Glock, passou pela portinhola por onde Helena havia acabado de entrar e se postou na parte de trás. Estreitou os olhos na direção de onde presumiu se localizar o grande espelho d'água.

Nada.

De repente, teve a impressão de identificar folhas se mexendo do lado esquerdo. E quase no mesmo instante, um som esquisito que lembrava a estática de uma TV nasceu exatamente no lado oposto.

Mas o que é isso?!

De repente, um grunhido primal, que se estendeu por alguns segundos.

Tratava-se de um homem gemendo de dor.

Em seguida, um estrondo.

Um tiro.

Dois.

Os rastros das balas cortaram a noite, como lasers dourados, em direção a um alvo impossível de discernir.

O susto fez Arash se jogar sobre o peito no chão, escutando o grito abafado de Helena dentro da carruagem, sua bolsa tiracolo caindo sobre as costas. O cavalo relinchou longamente, assustado. Arash identificou a trajetória das balas.

Do lado esquerdo para o direito.

Duas pessoas se confrontando aqui?

Focalizando na origem do tiro, Arash percebeu um contorno de um homem estendido no chão. Percebeu que o vulto se remexeu, levantou-se e correu para a direita, gritando como um soldado que se prepara para colidir em uma batalha corpo a corpo.

Foi exatamente o que aconteceu.

No meio do caminho, ele topou com outra silhueta. Os corpos passaram a se movimentar com rapidez, como se estivessem...

Lutando? Como eles poderiam achar um ao outro nessa escuridão?

Um som metálico no chão deu a entender de que uma arma havia caído. Depois, outro estalo, como se um celular caísse e rolasse no mármore.

Um urro de dor.

Deitado com a arma apontada para o nada, Arash ponderou sobre o que fazer. Helena permanecia desprotegida dentro da charrete. Ele tinha que aproveitar o embate dos dois fantasmas e dar o fora dali. *Mantenha o foco,*

Arash, disse a si mesmo.

Precisou evocar mais força que o habitual para levantar, uma sensação amarga encorpando-se na garganta. Voltou à carruagem, percebendo as pernas levemente rebeldes.

De repente luzes amareladas nasceram lá atrás, na direção do grande bazar. Fora o suficiente para Arash ver tudo o que se passava. Eram faróis de carro.

Um homem branco, com um sobretudo preto, e um outro, menor e mais magro, lutavam à sua frente. Arash conhecia muito bem o treinamento militar de autodefesa. As habilidades dos dois homens, transitavam muito acima da normalidade, em um misto indistinto de muitas artes marciais.

Um confronto apurado e fatal.

O que mais o surpreendeu, porém, foi que ambos utilizavam óculos de visão noturna. Sendo que o mais baixo usava um modelo que Arash jamais vira. Parecia que ele tinha quatro olhos.

As luzes sobrevinham com rapidez, clareando cada vez mais o ambiente. Arash percebeu que eram viaturas. E sem seguida, sentiu o pulmão travar a respiração.

A polícia de Esfahan e o exército.

Foi então que o sujeito de sobretudo preto gritou, depois de desviar-se de um poderoso soco no rosto.

— Arash, saia daqui com Helena!

O iraniano reconheceu imediatamente a voz. Era de um sotaque inconfundível.

Tratava-se do homem que o abordara dentro de seu táxi na Times Square e que dera o norte de toda sua missão.

CAPÍTULO 80

Com a cabeça abrigada entre os joelhos e pingando de suor, Helena acabara de ouvir um homem de sotaque forte gritando para que Arash fugisse dali com ela. Ela reconheceu a voz. A mesma que havia posto um telefone em seu carro, ainda no Brasil.

“A notícia que você irá receber sobre as armas nucleares é falsa”, dissera ele.

Arash aproximou-se da charrete, ofegante.

— Venha! — ele chamou, estendendo-lhe a mão através da abertura. Ela buscou sua bolsa com o protótipo e seguiu-o, sentindo uma tontura súbita. Ao passar pelo cavalo, olhou para a esquerda e reparou, iluminados pelos faróis das viaturas, dois homens lutando ferozmente, parecendo ignorar a aproximação da polícia.

Um deles estava ali para ajudá-los.

Arash a conduziu para o lado direito, na direção oposta dos lutadores e da rota do exército, do outro lado do espelho d'água. Interromperam a corrida no local onde havia pequenas árvores podadas em formatos retangulares.

Os dois agacharam atrás de uma delas.

— Reconheço a voz de um dos homens. Foi ele quem deixou um pen drive no meu carro e me ligou para me explicar como assistir ao vídeo de César.

— E também me passou tudo o que precisava saber para encontrar você na ONU — replicou Arash, procurando outro ponto para se camuflarem. Helena respirou fundo algumas vezes. — Precisamos sair daqui agora. Vamos correr na direção do Grande Bazar. Existe uma rua que corta a praça. Ali! — Ele apontou para frente, na direção da penumbra.

Helena conseguiu identificar, bem adiante, no limite da meia-luz produzida pelos faróis, um trecho de asfalto depois do qual a praça persistia até a grande entrada do Bazar.

— Vamos parar de árvore em árvore, ok? — Arash completou.

Helena assentiu, engolindo saliva.

— Agora! — ele deu o comando.

Arash puxou-a pela mão e os dois correram até outra planta, na mesma reta. Os dois homens continuavam enlaçados, agora deslocados para a frente do espelho d'água. Em alguns segundos as três viaturas da polícia os alcançaram. Fizeram um círculo ao redor dos dois, com se formassem um grande ringue, e os policiais desceram gritando, pistolas em punho. Não eram menos que oito. Os dois jipes do exército pararam logo atrás e cinco soldados pularam e correram na direção dos outros, cada um com uma AK-47.

Helena sentiu uma pressão no braço e deixou-se levar por Arash. Corriam para o outro arbusto quando ela viu uma cena estranha: de repente, quatro dos policiais que já cercavam a dupla caíram duros no chão.

Meus Deus, o que aconteceu?

Enquanto isso o homem de sobretudo rolou sobre o corpo e, no mesmo movimento, agarrou uma arma no chão. Virou-se de barriga para cima e entre as duas pernas dobradas, alvejou os outros quatro. Em um pulo, passou por cima do capô de uma das Mercedes e se protegeu do outro lado, com o espelho d'água logo atrás de si.

Helena e Arash chegaram ao outro refúgio e novamente ajoelharam-se. Ela sentia uma constante ânsia de vômito. Viu o homem menor (que curiosamente tinha uma câmera fotográfica pendurada no peito) rolar sobre o porta-malas da Mercedes e cair do outro lado da viatura, enquanto saraivadas de AK-47 destruíam os veículos. Passados alguns segundos, o homem de sobretudo se arrastou pesadamente até a borda do espelho d'água e desabou no enorme tanque azul.

— Um deles caiu na água, Arash!

Do seu lado, Arash esticou o pescoço e observou a cena.

— Merda! É o nosso homem — disse ele com peso na voz. — Temos que sair daqui. Venha!

CAPÍTULO 81

Hercule Kroos só havia vislumbrado uma saída para fugir dali e alcançar Helena e Arash: pular no espelho d'água e nadar rente à borda até o outro lado. A parte em que se achava, por sorte, era protegida por uma viatura que estacionara paralelamente à borda da grande piscina, deixando um espaço pequeno para ele se movimentar sem ser visto. Kroos sabia que os cinco homens que atiravam em Meng não tinham chance. Todavia, o oriental seria impedido por alguns minutos, tempo suficiente para Kroos alcançar o casal. A missão dele agora era levá-los rapidamente a um local seguro e passar-lhes informações fundamentais.

Depois de outro duelo com o agente oriental e de levar mais um tiro da arma de micro-ondas com pulso eletromagnético, Kroos encontrava-se no seu limite físico. Mais um segundo e estaria morto.

Mas o objetivo de sua vida nunca esteve tão perto.

A profundidade do espelho não passava de cinquenta centímetros, mas era o suficiente para conseguir submergir e nadar. Camuflado na noite, era possível chegar ao outro lado com discrição. Desfez-se de seu sobretudo e, com muita dificuldade e lançou a *Desert Eagle* calibre 50 à outra borda, provocando apenas um estalo em meio a barafunda de tiros.

Sentindo seu crucifixo flutuar debaixo de si, nadou submerso. Chegou ao outro lado, sorvendo o ar pela boca com força.

Teve a impressão de que sangue borbulhava nos pulmões. Olhou para trás e percebeu que Meng já havia alvejado dois soldados com sua máquina. Não era necessária uma mira perfeita para atingir o alvo. A radiação micro-ondas provavelmente espalhava-se em um raio abrangente, fustigando o que estivesse perto do objetivo. Apenas cinco segundos eram suficientes para tornar a vítima um vegetal, imediatamente. Pang Meng não havia conseguido esse feito com Kroos. Por isso, ele matara os quatro homens com facilidade.

Arrastou-se sobre o estômago para subir à calçada. Os faróis das viaturas não alcançavam aquela porção da praça, do lado leste, proporcionando apenas a semiescuridão. Pegou sua pistola e correu o mais rápido que pôde na direção onde vira Helena e Arash se esconderem. *Ignore as dores*, disse a si mesmo. *Esse é o fardo que você tem que carregar.*

Quando pisou no jardim, Arash apareceu por detrás de um dos arbustos, fazendo um sinal para que o seguisse. Helena surgiu em sua esteira e parecia abalada demais para lhe cumprimentar.

O estrépito dos disparos foi enfraquecendo, sinal de que Meng finalizava os últimos soldados. Preocupado, Kroos passou à frente, enquanto o casal corria

com as costas encurvadas junto ao gramado.

— Ele não vai demorar em nos alcançar — disse Kroos, ofegante. — Vamos entrar na mesquita *Sheikh Lotf Allah*.

— Mas não há saída alguma lá! — protestou Arash, em tom de preocupação.

— Confie.

O último disparo de AK-47 ribombou no ar. Um silêncio repentino pairou sobre a praça. Sem olhar para trás, Kroos ditou uma corrida mais veloz.

Nesse instante, dois raios vermelhos passaram ao largo de sua cabeça, destruindo a coluna de um dos arcos do primeiro piso. Eram os rastros das balas da AK-47. Helena soltou um grito e Arash protegeu a cabeça dela com o braço.

Kroos olhou para trás e estreitou os olhos para ver melhor.

Pang Meng corria na direção dos três com a metralhadora na mão e a máquina fotográfica balançando nervosa no peito.

CAPÍTULO 82

Meng pendurou a AK-47 com a bandoleira no ombro e pôs-se a correr o mais rápido que conseguia, a coxa direita fisingando por causa do tiro que havia levado pela manhã do homem de sobretudo preto. E o desgraçado continuava vivo, mesmo depois ter sido vítima, várias vezes e à queima roupa, da arma de pulso eletromagnético.

Nunca havia se sentido tão terrivelmente humilhado quanto nesta missão. E sua vergonha agora era ainda maior porque deixara o casal escapar, depois de ter ficado a menos de dez metros deles. Ainda teve que perder tempo em matar todos os idiotas do exército e da polícia de Esfahan.

Mas havia uma nova chance.

Montenegro achava-se no helicóptero, algemado. Meng iria destruir o homem de sobretudo preto, que o estava bloqueando na missão, renderia o casal e torturaria César até que ele dissesse onde se achava o protótipo verdadeiro. *Chega de seguir as regras de Xerxes.* A missão se realizaria agora integralmente à sua maneira.

Seus deslizes sempre foram uma ocorrência infrequente, mas metade de suas pretensões havia falhado até agora. Vibrando de raiva, ele sabia que Xerxes não toleraria mais erros.

E eu, tampouco.

A escuridão se adensava na medida em que ele corria para o sul da praça. Sacou seus óculos de visão noturna e sorriu de excitação quando os colocou.

Três pontos vermelhos subiam ligeiramente a pequena escadaria da mesquita Sheikh Lotf Alaah.

Meng já havia mapeado a praça dois dias antes.

Só havia uma saída nela.

Exatamente a entrada.

Fim da linha, pessoal.

Uma ansiedade positiva se apoderou dele, estimulando-o a acelerar os passos ainda mais. Ao chegar a dez metros da escadaria, passou a caminhar para não alardear. Subiu os cinco degraus e entrou. Lá dentro só se via a escuridão absoluta, que se transformava em uma mancha verde em seus óculos, emoldurada pelas linhas de um arco persa, uma porta grande, por sua vez encimada por uma decoração extremamente requintada. Atento para não cair em uma armadilha, manteve a arma apontada à frente e adentrou o mundo esverdeado da mesquita.

O santuário não era muito grande, e por isso Meng logo se preparou para o contato, a visão panorâmica de seus óculos captando todos os cantos do

ambiente. Na primeira etapa, esquadrinhou todo o salão principal. Tímidos raios da lua se insinuavam através das aberturas preenchidas de arabescos no alto, insuficientes, porém, para clarear o lugar. Esforçando-se para que o eco de seus passos não lhe denunciassem, Meng viu uma abertura à direita. Tratava-se de uma porta dupla que dava acesso a um grande corredor. Apurando os ouvidos para identificar os passos deles, dobrou à esquerda no portal, pé ante pé.

Vamos lá, vamos lá...

Quando focou no fim do corredor, identificou o contorno vermelho de Arash dobrar à direita e perder-se de novo.

O que eles estão fazendo?

Meng sabia que o corredor só abria em dois sentidos: o esquerdo, que dava para outro salão menor; e o direito, que terminava abruptamente em uma parede, pintada por mosaicos e arabescos.

Eles vão se esconder nesse pequeno beco? É esse o plano?

Vinte passos separava Meng do final do corredor. Ele voltou a correr, visualizando quem seria o primeiro a cair no chão. Era o fim dos três idiotas. Ele ia recuperar as peças e completaria sua missão no helicóptero, em poucos minutos. Então dobrou à direita, puxou o gatilho e fez AK-47 urrar.

Rajadas de fogo alvejaram apenas a parede do final do beco.

Os três haviam evaporado.

CAPÍTULO 83

Dentro de um buraco escuro e molhado, Helena sentia o peito retumbar de adrenalina. Poucos segundos antes, o homem os havia conduzido através de uma portinhola de aço, parecida com uma pequena báscula, na região inferior de uma parede. Era tão escondida e camuflada que ela presumira que, se alguém já não conhecesse sua localização, seria impossível identificá-la no escuro. Erguera o corpo até que seus pés encontrassem um degrau curto e então pisara em um chão terroso. O excesso de umidade fazia coçar as narinas. O homem de sotaque arrastado passara uma trave de metal a Arash para que bloqueasse a fechadura.

No exato momento em que ele conseguira travar a pesada passagem acima das suas cabeças, uma rajada de metralhadora ribombou poucos metros acima.

O sujeito que queria matá-los havia chegado!

Agora, estáticos, esperavam a reação dele. Depois de alguns segundos, ouviram passos abafados se afastarem com rapidez em direção ao outro lado do corredor.

Helena relaxou os ombros.

O homem que os acompanhava começou a tatear a parede. Algum objeto tilintou suavemente. Um instante depois, a luminosidade mortiça de um lampião clareou seu corpo em um grande halo. Atrás dele, Helena tomou um susto. Um túnel estreito, de teto curvo, paredes rochosas e molhadas se estendia a perder de vista. Três palmos acima de sua cabeça, finas extensões elétricas serpeavam o teto de onde pendiam lâmpadas amareladas. Porém, todas inúteis, já que a luz havia acabado minutos atrás na praça.

— Que lugar é esse? — indagou Helena.

— Lembra-se da história de que existia uma passagem que ligava o Palácio *Ali Qapu* à mesquita Sheikh Lotfollah? — perguntou Arash.

Helena se recordou da história rápida que Arash contara meia hora antes, lá em cima. Sentiu-se como em um filme. A Praça Naqsh-e Jahan tinha muito mais do que um toque místico; ela transpirava mistério. Imaginou o lendário Shah Abbas com um turbante branco modelado com perfeição na cabeça, fazendo aquela trajetória todos os dias para orar na Mesquita, o ouro de sua indumentária reluzindo sob a chama de uma tocha.

— Impressionante!

— Li em um jornal local que o governo de Esfahan vai restaurar este túnel para torná-lo uma atração turística histórica — explicou o homem, a acústica do túnel engolindo sua voz.

Helena trocou olhares com Arash, antes de voltar-se para o sujeito.

— Qual é o seu nome?

— Me chamo Hercule Kroos — respondeu ele, com a voz claramente afetada. — Vamos ter tempo de falar sobre mim em breve. Agora precisamos chegar ao outro lado. — Ele apontou com o lampião para adiante, a chama alastrando-se pela escuridão.

Foi neste momento que um metal reluziu sob a luz da lamparina no peito musculoso de Kroos. Tratava-se de um cordão que exibia o mesmo símbolo que Helena havia encontrado dentro de seu carro em Brasília, na caixinha do pen drive.



Um crucifixo, no mínimo, exótico.

Hercule Kroos não devia ter mais que quarenta e cinco anos. Seu rosto achava-se estranhamente vermelho, como se tivesse experimentado uma dose mal calculada de bronzamento artificial. Só agora ela havia reparado que ele usava um monóculo de visão noturna, o que deixava a parte direita do seu rosto com uma camada de verde néon na região do olho. O branco dos olhos estava vermelho. Eram veias de sangue. Havia pontos no supercílio, o que deformava o olho direito. Helena tomou um susto quando reparou na profusão de veias que saltavam-lhe da testa e do pescoço, dando-lhe um aspecto agressivo. *O que aconteceu com ele?*

Mas seus traços escravos eram rígidos; determinados. E Helena sentia bondade do vermelho dos olhos.

— Verifiquem agora as bolsas de vocês — orientou o homem.

— Por quê? — inquiriu Helena.

— Pang Meng ter encontrado vocês na praça não foi uma coincidência. Tentem achar algum objeto diferente; que seja estranho a vocês. Rápido.

Eles obedeceram. Arash retirou sua bolsa tiracolo do ombro. Dela, pescou as vestimentas para radiação que seu amigo lhe dera, as peças do protótipo, seus documentos falsos e uma caneta. Helena fez o mesmo com sua bolsa. Vasculhou entre documentos e maquiagem. Nada.

— Com licença — disse Arash, pegando com cuidado a bolsa dela.

Ele examinou os bolsos internos e alisou o fundo. A bolsa Chanel de

Helena tinha um compartimento externo menor na parte de trás. Ele abriu o zíper e tateou-a por dentro. De repente, franziu a testa, surpreso. Com o dedo, destacou algo da parede do bolso.

Em seguida, tirou algo de lá e pôs na palma da mão. Soltou um assobio de surpresa.

Minúsculo, como um grão de feijão. Tratava-se de um rastreador.

— Mas quem... quem teria colocado isso?! — perguntou ela, perturbada.

Arash jogou no chão e com duas pisadas o destruiu.

— Você se lembra de ter deixado sua bolsa sozinha por algum momento desde que viu a mensagem de César? — perguntou o iraniano.

— É claro que não!

— Tem certeza?

Helena meditou alguns instantes.

— Espere... talvez na ONU. Não me lembro ao certo. No momento que fugíamos alguém esbarrou em mim, se lembra?

— Pelo jeito, estão seguindo vocês pelo menos desde que saíram dos Estados Unidos — disse Kroos.

— Quem são eles? — questionou Helena, pegando de volta a sua bolsa.

— Ainda não sabemos ao certo — disse ele, dando as costas. — Temos que nos adiantar — completou, marchando rapidamente, mancando da perna direita.

Arash tocou o ombro de Helena sutilmente por trás, em um sinal para que o seguisse. Superaram cerca de cinquenta metros em linha reta e passaram por um trecho molhado, os pés chapinhando em poças enlameadas. Ali, o teto chorava gotas d'água.

Estamos embaixo do espelho d'água, pensou ela, imaginando a quantidade de metros cúbicos de líquido que pairava acima de suas cabeças.

— Você disse Pang Meng. Quem é? — Arash perguntou a Kroos.

— Um ex-agente do Instituto.

— Instituto? — indagou Helena.

— O nome carinhoso para o Mossad — respondeu Arash.

Helena arrepiou-se.

O serviço secreto israelense.

— Hoje é um mercenário de sessenta anos que continua apaixonado por matar — continuou Kroos. — Faz serviços para todo tipo de escória: de bilionários russos a traficantes de drogas de Bangcoc. E continua sendo um dos mais letais assassinos que já existiu. — Ele fez uma pausa. — As duas peças estão com você, Arash? — perguntou, olhando-o por cima do ombro.

— Sim. Mas por que César as espalhou por locais variados? Por quê não as

deixou em um lugar, em um cofre de banco, por exemplo?

— Presumo que estava sendo vigiado pelo governo iraniano. Trabalhava para eles em troca de estrutura e com a exigência da exclusividade. Da *patente* da Energia Livre, por assim dizer.

— Entendo — disse Arash —, se tentasse sair do país poderia ter sido interceptado pelo governo. Se fizesse a divulgação pela internet, corria o sério risco de ser pego pela censura do Irã, já que tinha esse tal contrato de exclusividade. É presumível que fosse necessário nos atrair para cá.

— Exato. Por isso César sumiu sem conseguir nos explicar todo o plano — completou Kroos.

Nos explicar?, pensou Helena.

Acho que ele receava que algum de nós o traísse. Minha missão é conduzi-los até aqui e ajudá-los a achar o restante das peças. — Ele ofegava de cansaço e fez uma longa pausa. — Acho que o segredo está com você, Helena. De alguma forma você porta a chave final para nossa missão com César.

A chave de tudo é o conhecimento. E só você pode trazê-lo ao mundo, ela lembrou-se da última frase de César. Ela não fazia ideia do que aquilo poderia significar.

— Mas eu ainda não entendi o que César quer dizer.

— Também quero descobrir.

— César me disse que havia descoberto a chave do conhecimento e insistiu que somente Arash poderia lhe ajudar. Por isso... — o homem perdia o ar a cada frase, tamanha era sua estafa. — Por isso fui atrás de você, Arash. Ele disse também que havia um protótipo de plasma, *O protótipo*. Aquele que somente uma pessoa poderia acessar. — Ele pausou de novo. Um sibilo fino brotou de sua respiração carregada. — Somente você, Helena. As coisas agora estão tão turvas para nós como estão para vocês.

— Para quem você trabalha? César te contratou? — questionou Helena, antes de ver uma pequena balança no fim do túnel, na altura do teto.

— Faço parte de uma comunidade que há sessenta anos desenvolveu algo muito parecido com a criação de César.

— Como é?! — exclamou Arash. — É impossível que... É impossível que alguém tenha o desenvolvido.

Ao chegarem ao limite do túnel, Hercule Kroos ergueu o lampião à altura da cabeça e o pendurou em um prego fixado à parede. Puxou sua *Desert Eagle* da cintura e, com o coldre, quebrou o cadeado da portinhola.

Encarou Arash por cima do ombro de Helena e disse:

— Tudo é possível para os methernithas.

CAPÍTULO 84

— Methernithas?! — Helena e Arash perguntaram ao mesmo tempo. Jamais ela ouvira falar desse nome.

— Somos uma Aliança — explicou Hercule Kroos, içando seu corpo robusto pela abertura do túnel. — Aliança Cristã Methernitha.

Helena intrigou-se.

— Protestantes?

Já do lado de fora, ele baixou o rosto vermelho pela abertura e abriu um sorriso tolerante, estendendo a mão para auxiliá-la, um fio escuro de sangue escorreu de seu nariz.

— Não. Não temos gurus ou sacerdotes. Também não existe dízimo, nem santuário. Seguimos preceitos que acreditamos conterem os verdadeiros ensinamentos de Cristo; as religiões despedaçaram o verdadeiro conhecimento.

César se mete com cada figura, pensou.

— Há controvérsias, meu amigo — contestou Arash em tom amistoso, pegando impulso para subir, a chama do lampião iluminando sua saída por baixo. — Se não fosse o Zoroastrismo e o Islamismo, as coisas seriam complicadas para nós aqui, não acha?

— Verdade. Mas esse é um assunto para outra ocasião.

A luz da lua penetrava com mais vigor ali, no Palácio Ali Qapu, do que em relação às mesquitas, pois havia uma fileira de janelas em formas de arcos lá no alto. Helena notou que os três acabavam de desembocar no meio de um grande corredor.

— Nossa fraternidade nasceu em 1960 com um homem chamado Paul Baumann. — Kroos voltou a caminhar rapidamente e os dois o seguiram. — Ele chegou a um vilarejo no meio da Suíça, chamado Linden, cuja população total cabe dentro desse corredor, para vocês terem uma noção.

Realmente Helena nunca ouvira falar do lugar.

— Naquela época, sozinho e de maneira milagrosa, Paul Baumann criou uma máquina que deu o nome de *Testatika*. Ela usava simplesmente a natureza para gerar energia livre e infinita.

— Hum, bem interessante... — soltou Arash.

Helena impacientou-se.

— Como vocês mantêm uma tecnologia como essa guardada por tanto tempo? — questionou, trotando no meio dos dois.

— Apenas o que chamamos de grupo dos anciãos tem acesso aos *ingredientes* da Energia Livre. Sim, nesse aspecto nos igualamos a uma sociedade secreta. Paul dizia que a humanidade não estava preparada para esse

conhecimento. Seria o mesmo que derramar milhões de barris de óleo em um mundo já incendiado em quase todos os domínios da vida humana. Só alimentaria o inferno.

— De certa maneira, ele estava correto — opinou Arash. — Basta ver que *eles* são capazes de fazer por causa dessa tecnologia que César desenvolveu.

— Mas confesso que eu não concordava com ele — disse Kroos, cruzando à esquerda no corredor. O grupo encontrou a grande porta principal do Palácio. Era a saída. Helena exalou o ar por etapas, cada vez mais receosa em inspirar o oxigênio de Esfahan.

Nesse momento um som alto de hélices sobreveio como um furacão
Meng.

O assassino havia alçado voo e sobrevoou a praça como uma mosca, lançando o holofote do aparelho sobre o largo. Pouco antes do facho de luz chegar ao palácio, o trio se escondeu detrás de uma grande coluna da entrada. Um minuto se passou e o helicóptero tomou outra direção, distanciando-se da praça.

Eles se entreolharam na semiescuridão, calados. Sem perder o ritmo, no entanto, desceram as escadarias do Palácio às pressas e viraram à esquerda, em direção à avenida que cruzava Naqsh-e Jahan.

Depois de tossir longamente, Kroos continuou a história.

— Quando César apareceu, trinta anos atrás, colhendo informações, com aquele espírito exultante vibrando na voz, dizendo que gostaria de levar a *Testatika* ao mundo, senti como se encontrasse o real sentido de minha existência. — Kroos falava com uma paixão admirável, apesar da dificuldade crescente. — Paul negou ajuda a César, e disse que se ele quisesse continuar com suas pesquisas, que o fizesse fora da comunidade dos methernithas. César interagiu com nossa fraternidade por alguns anos, mas uma hora teve de seguir seu próprio caminho. Nós mantivemos contato; sempre soube de seus principais progressos — ele fez outra pausa cansada. — Até que há um ano, ele sumiu. E voltou exatamente há uma semana, quando me pediu que o ajudasse a encontrá-los e passar tudo o que vocês já sabem.

— Ele jamais comentou comigo sobre você ou sobre os methernithas — disse Arash.

— Nem comigo — concordou Helena.

— César tinha suas razões. Com certeza queria proteger as suas vidas das mesmas forças que nos perseguem agora.

Arash igualou-se a ele nas passadas e disse, em tom sério.

— Você deve saber que fui militar.

— O quê?! — arguiu Helena. Mas você não...

— Servi na equipe de elite do exército iraniano por cinco anos — interrompeu ele, voltando-se para Helena.

Agora está tudo explicado, pensou ela.

— Depois disso, desisti e voltei à ciência. Kroos, sei que não se adquire habilidades como as suas no Google ou em filmes de ação. Como você...

— *A necessidade faz o sapo pular*, Arash — brincou ele. — Quando descobri que o que gostaria de fato resumia-se em expandir a verdade e que César, brilhante como era, uma hora iria encontrá-la, eu sabia que enfrentaria as forças mais terríveis que se podia imaginar. Preparei-me por vinte anos. Vinte anos de treinamento militar intensivo. Fui pra Rússia e aprendi as técnicas das forças especiais, adquiri habilidades na China e Japão e virei mestre de mais de cinco artes marciais. Testei minha capacidade inúmeras vezes sobrevivendo em locais hostis e servi no exército da Suíça. Voltei à Suíça e passei tudo o que aprendi para um pequeno pelotão de methernithas. Enfim, foram vinte anos. Vinte anos só para este momento, aqui e agora.

Helena estava perplexa. Uma vida dedicada e depositada nela. Sentiu um peso nos ombros, um peso físico que ela sabia fazer parte de um desgaste emocional imensurável. Conjecturou quantas vezes César encontrara com Kroos na época em que anunciava, para sua tristeza: *É só mais uma viagem à Europa, querida. Já, já, estou de volta para lhe azucrinar de novo...*

O estado de espírito de Kroos realmente era estimulante, mesmo com as escoriações e a terrível situação de sua pele. Falava como César, discursando sobre assuntos que um dia ela achou serem puro devaneio, mas que agora emergiam tão claros e necessários para a paz mundial. Concluiu que, embora usassem métodos diferentes, César, Arash e Kroos tinham algo incomum, algo que os ligava naturalmente. Ela escolhera mudar o mundo através de um instrumento oficial, a ONU. Já os três, através da Física, superavam o que se encaixava no comum, no previsível, na zona de conforto. Perguntou-se de novo: por que não ir além? Por que não sobrepujar os dogmas e as regras das instituições e do próprio conhecimento estabelecido? Por que não revolucionar?

Uma torrente de entusiasmo recaiu sobre ela. Reflexiva, foi atraída por um farol que virou uma esquina à sua esquerda, antes de um leve cantar de pneus. Por um momento, encolheu-se instintivamente e esperou por alguma sirene ou uma AK-47 cuspidando fogo para todos os lados. O carro se deslocou no meio da avenida que cruzava a praça. Subitamente, acompanhando-o com os olhos, Helena passou do medo para a expectativa. Percebeu que poderia ser uma oportunidade de fugir para bem longe dali.

Sem medir as consequências, meteu-se no meio do asfalto e balançou os braços no ar, cruzando-os de modo urgente. Não houve tempo para Arash e

Kroos censurarem a ação. O carro breiou forte, os pneus gritando no chão, e só parou a poucos centímetros das pernas dela, quase roçando na sua calça jeans. Um homem arregalou os olhos através do para-brisas. Ela deu a volta até a porta do carona e postou-se ali, curvando as costas para o motorista.

— O que você está fazendo?! Está maluca?! — berrou em inglês um iraniano de óculos, pondo a cabeça para fora da janela. De repente, emendou e disse:

— Você está sem nada na cabeça!

Eu mereço, a essa altura do campeonato, a censura de um fundamentalista islâmico?

— Temo não haverem delegacias abertas nesse momento em Esfahan, não acha? — ironizou Helena.

Hercule Kroos aproximou-se da janela do motorista com a *Desert Eagle* apontada para ele.

— Quem é você e o que faz aqui?

O homem o olhou apavorado, parecendo assustar-se com a aparência de Kroos. Levantou os braços, rendendo-se.

— Navid Kiahshed. Apenas um geólogo! APENAS UM GEÓLOGO!

CAPÍTULO 85

— Coloque as duas mãos no volante — ordenou o methernitha.

Quando Kroos pressionou a arma com força na têmpora esquerda do motorista, Helena reparou que havia três ou quatro alavancas despontando detrás do volante, como embreagens antigas. Por instinto, curvou as costas e reparou nas pernas do homem. Por baixo de uma calça social bege, elas pareciam excessivamente finas e sem vida. *Um carro adaptado para cadeirantes*, concluiu ela.

— Espere! Ele é cadeirante. Não pode ser uma ameaça!

O rosto vermelho e contornado de veias de Kroos não mostrou-se comovido.

— Qual o seu interesse aqui, no meio desse caos?

— Eu, eu... — gaguejou o aleijado. Por trás dos óculos de grau, ele olhava assombrado para o cano da pistola. Finalmente conseguiu dizer:

— Sou geólogo da Universidade de Teerã. Achei alguns dados muito intrigantes na ionosfera, que podem se relacionar ao terremoto. Então eu... eu vim averiguar se é verdade. Olhe, olhe... Olhe aí atrás. Eu tenho um equipamento que verifica a ionosfera terrestre e...

Helena mal prestava atenção. Seu cérebro programava-se implacavelmente para o modo “*não posso adicionar nenhuma informação extra*”.

— Que tipo de dados da ionosfera? — quis saber o methernitha.

— Ocorreu uma anomalia nela antes de o terremoto eclodir, e eu registrei o mesmo padrão em várias regiões do mundo. Decidi vir aqui na praça para fazer os testes e detectar mesmo se há... se há uma...

— Se há o que? — interrogou o methernitha, impaciente.

Navid respirou fundo e disparou a falar em seguida:

— Eu tinha que verificar se existia uma correlação com o H.A.A.R.P. Em seguida emendou. — Eram vocês que fugiam da polícia?

— O que é o H.A.A.R.P. ? — Arash arguiu, aproximando-se da janela do motorista, curioso.

Navid baixou o tom e disse com um fio de raiva perdido na voz:

— Suspeito que seja uma arma que os americanos detêm para provocar terremotos.

O queixo de Helena caiu. O enjoo, que já a perseguia há algumas horas, pairou no estômago mais uma vez.

Como uma das mais influentes personalidades da política mundial, ela recebia diariamente e-mails e cartas de cidadãos preocupados, que denunciavam toda a sorte de teorias conspiratórias: rastros químicos no céu com compostos

venenosos para destruir o sistema límbico da população, vacinas produzidas para disseminar infertilidade, alimentos modificados para provocar tumores, e tudo o mais que provinha dos paranoicos da conspiração. A grande maioria das evidências, no entanto, dificilmente transformava-se em provas definitivas, de modo que nenhuma vez na carreira Helena vira a necessidade de abrir uma investigação oficial. Porém, nunca ouvira nada sobre uma arma que provocaria terremotos.

Se fosse há dois dias, a afirmação evocaria gargalhadas. Todavia, no meio da tensão em que se achava e de todos os fatos das últimas 48 horas, ela não podia descartar uma informação como aquela.

Antes que ela pudesse se pronunciar, Kroos se adiantou:

— Sei do que ele está falando.

Helena surpreendeu-se. O methernitha tinha uma expressão de assombro.

— Entrem no carro. Temos que sair daqui.

— Mas, mas... Não posso levá-los! — o aleijado transparecia confusão.

— Você já ouviu falar desse H.A.A.R.P.? — Arash perguntou a Kroos.

Helena acomodou-se ao seu lado, no banco de trás.

Por trás do sotaque intenso, Kroos tinha a voz temerosa quando falou:

— Sim. E se for o que estou pensando, ele pode causar muito mais do que um simples terremoto.

CAPÍTULO 86

A passos lentos através de um luxuoso corredor, Xerxes olhou para trás e viu que a sala de reuniões continuava vazia. Um intervalo de meia hora havia sido dado para que fossem tomadas medidas em relação ao vazamento das informações sobre a morte dos comissários da ONU. Versões oficiais à assessoria de imprensa, checagem das fontes, talvez até uma entrevista oficial. Toda a distração que ele desejava para que pudesse cuidar de outros assuntos.

Era a hora de contatar Meng. Apesar do fracasso momentâneo do oriental na Praça Naqsh-e Jahan, Xerxes ainda tinha o controle das imagens via satélite. Sabia para onde o grupo ia. Além disso, celebrava sua última conquista, exultando por dentro: Doroth estava morta. Por um triz, ela não aniquilou seus planos. Um imprevisto quase incontornável, não fosse a vasta rede de influências que ele detinha. Podia movimentar peças, pagar por qualquer informação, contratar assassinos, infiltrar-se nos círculos mais fechados a qualquer hora.

Seu poder, unido às potencialidades de seu contratante, não conhecia limites.

Havia acabado de falar com Doroth Morgan que havia morrido, exatamente como o planejado, durante a ligação. A ausência dela ainda lhe deu um presente, sem que Xerxes, a princípio, sequer o desejasse: se não houvesse guerra em virtude das supostas armas nucleares, o estopim seria o assassinato dos emissários da ONU. E se mesmo assim, mesmo se um milagre impedisse o conflito, o mundo não aceitaria a morte da Secretária Geral da ONU em pleno território iraniano.

Haveria guerra. E Xerxes lucraria muito.

Quando as evidências das armas nucleares foram plantadas por gente dele, Hercule Kroos conseguira provar aos comissários de Doroth que havia um plano para incriminar o Irã e gerar uma guerra. Enviara fotos da fraude em Esfahan.

A força dos methernithas também é impressionante.

No entanto, Xerxes havia conseguido cortar o mal pela raiz, encomendando a morte de toda a equipe dela. Agora, porém, não era mais necessário provar nada. O extermínio dos comissários e o de Doroth já era o suficiente para colocar tudo em um bolo só e cuspir para o mundo uma grande mentira muito bem produzida.

Há um desejo ávido pelo conflito no inconsciente de todos; esse desejo é um vírus que só necessita de um razão para emergir. Eu ofereci ao mundo várias razões. Eles vão alimentar o vírus.

Mesmo sem jamais imaginar a identidade de Xerxes, se o methernitha investigasse as origens da fraude, em algum momento ele seria descoberto. A

fraternidade possuía habilidosos agentes, homens treinados para defender exatamente o que ele ambicionava: o protótipo de Energia Livre. E o mais habilidoso deles havia sido enviado a campo, impedindo-o momentaneamente de lograr êxito na parte mais crucial de seu plano.

Pelo celular, vendo a gravação das imagens via satélite captadas da Praça Naqsh-e Jahan, Xerxes verificou que Hercule Kroos não havia morrido, como o idiota do Meng dissera. O methernitha havia localizado o casal e despistado seu agente.

Caminhou até uma varanda aberta e sacou seu celular criptografado. Aparentava um aparelho comum, embora fosse integralmente seguro. Um som de estática se fez do outro lado. Segundos depois, a voz rouca de Meng se pronunciou:

— Estou aqui.

Xerxes ouvia o som de hélices ao fundo.

— O Iped está com você?

— Sim, mas não funciona mais.

— Mas eu acabei de ver as imagens deles entrando pela Mesquita Shah — disse Xerxes, quase sussurrando.

— Essas foram as últimas imagens — retrucou Meng. — Acho que o methernitha identificou o rastreador. Porém tenho boas notícias. Sei para onde estão indo.

— César contou?

— Exato.

O que Helena tem de tão fundamental em mãos? — pensou Xerxes.

Meng revelou o que havia subtraído do professor e Xerxes ficou abismado com a genialidade de César Montenegro. O brasileiro havia pensado em tudo.

Varrendo o ambiente ao seu entorno com o olhar, virou-se de frente para a janela, seu reflexo escurecido na vidraça fumê. Ele se lembrou da fama de Meng quando utilizava seus métodos. As temidas artes russas, por exemplo, não chegavam aos seus pés no quesito tortura. Sentiu um arrepio só de imaginar.

— Ele sobreviveu?

— Não quis matá-lo. Intuí que pode haver mais segredos.

Seguiu-se um longo momento de silêncio. Meng não estava errado. Depois desse imprevisto, eles poderiam ser surpreendidos de novo. Agora a ordem de importância dos personagens se invertia diametralmente. Helena era a indispensável na missão. Seria viável ordenar que Meng a chantageasse, oferecendo César em troca dela e do protótipo?

Não, claro que não. Ele precisava executar a todos, deixando somente ela e o artefato intacto. Não havia tempo.

Xerxes fechou os olhos e ajustou-se mentalmente aos novos passos. Qualquer erro comprometeria fatalmente seu plano. Respirou fundo e disse:

— Muito bem. Você tem as melhores imagens via satélite a seu dispor, seu helicóptero é provido de munição o suficiente para destruir um batalhão, e você também tem as armas mais poderosas. Use-os com propriedade. Não aceito mais erros. A única pessoa que precisa sobreviver é até o final é Helena.

— Correto.

— Só mais um ponto. A guerra será declarada. Antes disso, será utilizada uma arma que cortará as comunicações no Irã por tempo indeterminado. Talvez este seja nosso último contato, pelo menos por enquanto. Haverá um jato esperando por você em Tabriz a partir de amanhã.

— Entendido.

Xerxes desligou. Através da janela, observou o céu absolutamente desprovido de nuvens que a bela cidade do nordeste dos Estados Unidos apresentava naquela tarde. Não demonstrou alteração emocional quando retornou à reunião, impassível, como se não fosse ele o responsável por todos os temores de quem o aguardava naquela sala.

CAPÍTULO 87

Thomas Wilker voltou à sala de reuniões do Pentágono seguido dos outros três membros do Conselho de Segurança Nacional depois de um inesperado intervalo. Aaron Jones sentou-se à mesa e transmitiu para o viva-voz da sala a ligação do presidente.

— Senhores, boa tarde. Serei breve — disse a voz. Diante dos últimos acontecimentos, ninguém mais pode negar o óbvio: o Irã representa uma ameaça direta aos Estados Unidos e ao mundo. Não levarei essa decisão ao Congresso, portanto, quero saber agora se há alguma obstrução para a operação imediata.

Todos os homens se manifestaram a favor da intervenção. Para Huxley e os outros, a morte dos Comissários da ONU e agora de Doroth Morgan eram mais do que suficiente.

— Muito bem — disse a voz do presidente. Wilker, o senhor já sabe como são as coisas daqui para frente. Agora é só tomar os procedimentos necessários — Ele fez uma pequena pausa e voltou com uma voz solene:

— Onde está Campbell?

Depois de um breve silêncio, Jones se manifestou.

— Alegou cansaço, senhor. O senhor sabe, o velho Campbell não aguenta mais tanta pressão.

O presidente foi enfático.

— Certo, tirem-no da cama. Ele precisa assinar a ata desta reunião do Pentágono com os seguintes dizeres: os Estados Unidos da América declararam guerra ao Irã.

CAPÍTULO 88

Sentado no cockpit do helicóptero, Meng buscou o Iped na mochila e tentou estabelecer a transmissão ao vivo de Helena. O tablet emitiu uma luz neon em seu rosto, mas não havia imagem. De alguma forma, o rastreador na bolsa da brasileira fora destruído, de modo que todo o controle que Meng exercia sobre o casal havia sido extinto. Meditou sobre a possibilidade de ter sido o homem de sobretudo preto. O methernitha era dos bons. Devia ter questionado o fato de Meng ter aparecido do nada, assim que o casal chegara à Praça e provavelmente achou e destruiu o transmissor.

Virou-se para César, que se achava amarrado no assento do helicóptero. Agora estava entre um estado de transe e um desmaio, por conta das dores que sentia, os olhos entreabertos e delirantes vermelhos de sangue.

Meng lembrou-se das duas formas de tortura que havia acabado de lhe aplicar. Havia usado quatro vezes as ondas de baixa frequência da câmera. Em todas elas, acionara o pulso eletromagnético em uma dose não letal. Ainda assim, o brasileiro insistia em não lhe revelar o destino do trio. Só obtivera algum resultado quando fizera uso de uma poção mágica a duras penas.

— Para aonde eles estão indo?! — perguntara Meng, após ter aplicado três vezes a arma.

César subitamente fechou a boca e sua cabeça desabou para trás, no encosto do banco do helicóptero Mi-8M. *Desmaiado*.

Meng havia dado dois tapas em sua face, o que o fizera despertar.

Delirando, César cuspiu no rosto dele. Meng rosnou, irritado. Limpou-se com o dorso da mão e desferiu um soco diretamente na ponte do nariz dele. Em seguida o sangue brotou e misturou-se à boca.

César abriu a boca para falar algo. Ele esperou.

— Eu... eu... eu — então ele comprimiu a boca e cuspiu sangue na cara de Meng.

Habitado a toda sorte de provocações, o oriental tentou se manter frio. César já era um cadáver, principalmente depois de ter sido vítima da câmera de Meng.

Como para definir o modo filmagem ou fotografia, Meng aumentara a potência das ondas e depois acionara de novo a arma. O som de estática era como uma sinfonia de Beethoven para seus ouvidos. Contou mentalmente até quatro e meio. Meio segundo mais e o brasileiro morreria. A cabeça de César balançou em um misto de espasmos e movimentos lentos, o som que emitia ao buscar ar fazia Meng relaxar de prazer.

Ele próprio havia se surpreendido com o rosto distorcido do brasileiro, os

cabelos brancos enlameados de sangue, as franjas coladas na testa e as veias nascendo como nervos na face.

Havia exagerado na dose.

— Acorde! — dissera ele, em meio a tapas na cara. — Acorde!

César recobrava a respiração, com um arquejo barulhento.

Pelo jeito, o velho daria a vida mas não confessaria.

Meng respirara fundo, ponderando sobre o que fazer. Já havia descontado boa parte de sua fúria em César. E também já havia errado uma vez, deixando o trio escapar. Não admitiria mais falhas.

Acalme-se, pensara.

Agora a ideia seria mais requintada.

O Pentotal Sódico. O famoso Soro da Verdade. Um artifício empregado largamente por Stálin, ainda na década de 1930, pela CIA nos anos 60 e aprimorado pelo Mossad nos anos 2000. Tratava-se de um *Êxtase* ou *LSD* aprimorado, no sentido de que desinibia o indivíduo, destruindo qualquer barreira moral ou ética, deixando-o indefeso para responder qualquer pergunta sem nenhuma restrição.

Meng conhecia bem o perfil de indivíduos que jamais confessavam sob tortura. Os valores que César havia depositado naquele projeto e a forma como havia encarado o cativo desde o princípio deixavam claro que morrer não representava sacrifício algum para ele.

Em uma bolsa de couro, Meng buscara duas ampolas. A primeira induziria César imediatamente a uma espécie de estado de transe. A segunda ia fazê-lo confessar como uma criança que revela onde escondeu um brinquedo.

Depois de dar dois petelecos na seringa para misturar a substância, afundou a agulha no antebraço do brasileiro. A reação foi imediata. O ritmo de sua respiração baixou consideravelmente e César piscou duas vezes, bem devagar. Em poucos segundos sua pupila se achava completamente dilatada.

Hora da historinha...

Agora que a vítima estava em transe, Meng ia fazer de conta que viviam em uma metáfora, algo que agia com uma força incrível no inconsciente. A mesma estratégia usada por hipnólogos e por especialistas em Programação Neurolinguística para quebrar traumas e crenças limitantes mais profundas em seus pacientes. O tipo de método que poderia mudar de maneira drástica até mesmo a personalidade do sujeito.

— *Dorud*, César. Olá, César. Que honra ter sido convidado por você e Helena para esse jantar à luz de velas aqui na Praça Naqsh-e Jahan. — Meng tirou seu isqueiro do bolso e com o polegar levantou a tampa de cima, acendendo sua chama, para simbolizar a vela. Os olhos semicerrados de César

foram atraídos pela luz, a cabeça se movimentando debilmente. Meng pegou a outra seringa e a aplicou no mesmo antebraço.

— Sei que ela está um pouco atrasada, já que está encarregada de trazer a outra vela. — Ele baixou um tom para um sussurro, como aquele que se usa para contar histórias a crianças. — Se você quiser, podemos buscar Helena, até porque, pelo que te conheço, você já deve estar morrendo de fome, não é verdade?

César balançou a cabeça em sinal positivo, passando a língua sobre os lábios.

Agora sim o dominei.

— Pois então. Mas ainda falta uma vela aqui na mesa, aquela bem forte; aquela que vai iluminar essa praça linda onde estamos. — Ele fez uma pausa longa. — Aquela vela que nunca se apaga!

César havia esticado uma comissura da boca, esboçando um sorriso de satisfação.

— Você sabe onde Helena pode ter ido para buscar essa vela, meu amigo?

O rosto de César se fechou de maneira repentina.

Vamos, seu idiota...

Mesmo com o efeito do Pentotal Sódico em seu auge, Meng percebia que havia uma chama real, lá no fundo, que ajudava a manter os valores de César acesos. Ele parecia dominar seu sistema nervoso como Meng jamais havia visto.

Esse cara é forte demais...

Depois de um longo momento de silêncio, ele finalmente articulou:

— Us... Us...

— O quê? — quis saber Meng. — Onde Helena foi buscar a vela?

— Usiiinaa...

Meng sentira os músculos do abdômen se contraírem. É claro que a usina era o último lugar em que ele desejaria transitar. Mas também era um destino logicamente possível, uma vez que Meng havia roubado o protótipo falso exatamente lá. Perderia tempo se fosse procurar Helena e Arash em uma metrópole como Esfahan. A usina tinha um vasto campo aberto na entrada, o que facilitaria as coisas para Meng.

Lá será o calvário de todos.

Levantara-se, decidindo matar César da forma mais brutal possível. Buscou sua Glock e quando voltou, ouviu o engenheiro gemer uma palavra. Meng parou diante dele, seu abdômen à altura da cabeça do brasileiro.

— Somente... somente... — César gemia com agonia.

— O quê?

— Somente... somente Helena pode trazer. Somente Helena tem o que é

necessário para trazer a vela.

— O que ela possui? O material de fabricação da vela? — indagou Meng, se referindo às partes do protótipo.

César parecia estar mais consciente agora.

— Não... vo.. você... jamais vai saber.

A vontade de executar César ali era quase insuportável. O efeito da droga já estava passando. Com o cabo da Glock, Meng desferira uma pancada na cabeça do engenheiro, apenas o suficiente para desacordá-lo. Havia sido vítima de vários fatos inesperados até aqui. Não queria passar por mais um, por isso optou por mantê-lo vivo até adquirir o protótipo original e, um segundo depois, matar a todos.

Agora, prestes a decolar e poucos minutos depois de ter falado com o Xerxes pela última vez ao telefone, Meng buscou sua vestimenta antirradiação em uma bolsa. Vestiu-se com rapidez e estudou mentalmente a etapa definitiva da missão.

Sentou-se, esticando o corpo dentro da roupa, antes de fazer o helicóptero vibrar e alçar voo.

Achava-se com o pensamento tão focado na usina que nem percebeu três vultos saírem pela porta de entrada do Palácio Ali Qapu, vinte metros abaixo dos seus pés.

CAPÍTULO 89

Dirigindo com os faróis apagados em uma avenida mal iluminada e vazia, Navid movimentava os dedos com uma habilidade apurada, revezando-se entre as alavancas adaptadas no painel, o volante e os gestos que fazia no ar para exemplificar o que dizia.

— Uma arma que pode provocar terremotos? — Helena questionou, atônita.

— Repito, ela pode gerar mais do que terremotos — corrigiu o methernitha. — H.A.A.R.P. significa *Programa de Investigação de Aurora Ativa de Alta Frequência*. Quando passei pela inteligência do exército suíço, ouvi dizer que a Marinha, a Força Aérea e algumas instituições acadêmicas dos Estados Unidos desenvolveram um projeto a partir de 1992 e cuja construção terminou em 2007. — Kroos parou e tossiu pesadamente, urrando um som que quase não era humano, o que gerou um olhar assustado de Navid. — É uma arma do exército americano.

Helena sentia a garganta se contraindo em uma sensação ruim, mas lutava para abstrair-se da tensão.

— Os militares, é claro — continuou Kroos, afirmaram que o sistema era usado apenas para estudar as propriedades físicas e o comportamento da ionosfera para fins civis e de defesa. Mas a história generalizada se resumia em um conjunto de antenas que produzia uma quantidade enorme de energia, atingindo a atmosfera e provocando mudanças climáticas, não somente terremotos, mas também furacões, secas, tempestades, tsunamis, etc.

Helena trocou olhares com Arash e sentiu um ar intrigado. Pensativo, parecia buscar entender como aquilo seria possível.

— Foi exatamente o que eu descobri! — corroborou Navid. — Ontem, enquanto estava em um dos turnos no departamento de climatologia da Universidade, eu percebi uma aberração nos dados. Vocês sabem que todos os dias acontecem milhares de terremotos no mundo, não sabem?

— Porém, de magnitude muito pequena — colocou Helena. — As placas estão sempre se movimentando.

— Exato. A média mundial é de magnitude de 2.5 graus na Escala Richter. O problema é que a profundidade dos sismos, isto é, sua origem, varia muito. Por se tratar de movimentos aleatórios das placas, é evidente que um terremoto se produz em profundidades também aleatórias. Alguns a dez quilômetros, outros a oito, varia muito.

— A primeira constatação que me deixou de orelha em pé foi que mais de noventa por cento dos sismos ocorridos nos últimos quatro dias tinham a mesma

profundidade, cerca de 6,2 milhas.

10 quilômetros, pensou Helena, agora imersa inteiramente na explicação.

No final de uma avenida repleta de lojas, bazares e vitrines com objetos de cor azul turquesa, Navid encontrou uma marquise, parecida com uma tenda árabe, que se originava de uma loja e estendia-se até o final da calçada. Subiu o meio fio e estacionou o Peugeot embaixo da tenda de proteção. Explicou a todos a Teoria do Dr. Dimitar Ouzounov de nome “Acoplamento Litosfera-Atmosfera-Ionosfera”, cuja ideia central postulava que antes dos terremotos, a atmosfera superior poderia se aquecer. Em seguida, explicou sobre as radiações infravermelhas que apareciam acumuladas apenas sobre o território de Esfahan, o que representava outra anormalidade; por fim, falou-lhes sobre o aumento rápido delas nos dias anteriores ao terremoto.

— Então, algo estarrecedor aconteceu no laboratório. Todos os computadores foram destruídos na minha frente.

Helena se empertigou no banco de trás, pasma.

— O quê?! Quem fez...

— Em Natanz, em 2010, os Estados Unidos e Israel direcionaram uma operação na qual todas as centrífugas da usina nuclear foram destruídas por um vírus de computador. Ele foi inserido em um laptop de um dos cientistas da usina e causou o mesmo estrago que ocorreu no meu equipamento de computadores.

— E como você pode afirmar que o que aconteceu foi exatamente igual?

— Eu estava em Natanz. Trabalhei na usina e vi com meus próprios olhos os computadores sendo destruídos do nada e, depois, as centrífugas. — Navid tinha uma linha tênue de ódio insinuando-se por trás da expressão.

Estarrecida, Helena meditou sobre o grande jogo que se travava atrás das cortinas. *As guerras secretas*. Pensou em como a ONU era totalmente alheia a esses conflitos, e como ela jamais teve acesso a qualquer tipo de informação sobre a inteligência militar de qualquer país. A espionagem industrial ou a guerra eletrônica pairava muito acima de sua área de atuação. Com os pensamentos em conflito, duvidou das reais capacidades das Nações Unidas dentro daquele jogo sombrio.

A realidade é que não temos poder sobre nada, concluiu.

— Isso me levou a procurar um amigo — disse ele. — Gogin Abin Sader. Foi a vez de Arash se manifestar.

— Você é amigo do Dr. Sader! Ele é uma das mentes mais brilhantes da engenharia espacial no mundo.

— Exatamente. Fizemos alguns trabalhos juntos na Guarda Revolucionária.

Helena sentiu a boca secar só de ouvir nesse nome. Exército e Guarda

Revolucionária fundiam-se em um só. Aqueles que os perseguiram no momento não hesitaram em matá-los depois do massacre que Meng produziu na Praça Naqsh-e Jahan.

— Tive que ir a fundo para conseguir documentos sobre o H.A.A.R.P. Na Deep Web, encontrei atas assinadas pelos EUA e Israel — acrescentou Navid. — Achei um documento oficial da CIA e do Mossad de compartilhamento de um programa. Nele constava que o H.A.A.R.P. é capaz de gerar mais de 3,6 bilhões de watts, 72 mil vezes mais poderoso que a maior estação de rádio comercial dos Estados Unidos.

— Porém, as transmissões do H.A.A.R.P. não se destinam aos ouvidos humanos — explicou Kroos. — Ele injeta essas ondas em um único “ponto” localizado na região superior da atmosfera e promove a excitação da ionosfera.

Helena se esforçava para compreender. Mesmo não se sentindo tão segura com as explicações, elas lhe pareciam-lhe bem plausíveis. Mas gostaria de entender melhor como o H.A.A.R.P. funcionava. Se por um milagre sua vida voltasse ao normal, ela gostaria de investigar tudo aquilo até as últimas consequências.

— Isso é uma informação que, se levada a uma corte internacional como a ONU, pode destruir governos — disse ela, indignada. — Me explique melhor sobre o H.A.A.R.P., por favor.

Aquela observação com um ar político pareceu ter despertado a memória fotográfica no cérebro de Navid. Ele ajustou os óculos na ponte do nariz e percorreu o rosto dela com os olhos. Lentamente parecia reconhecê-la.

— Seu... seu... Seu rosto não me é estranho.

Ok, vamos lá... — Ela esticou a mão entre as poltronas para cumprimentá-lo e adiantar a revelação.

— Helena Gouveia, ex-presidente do Conselho de Segurança da ONU e atual fugitiva internacional — disse ela, em um tom irônico.

Navid agora era a máscara da perplexidade.

— Mas... mas... o que a senhora está fazendo aqui?!

— É claro que essa é uma longa e inacreditável história. Garanto que lhe explicarei. Por enquanto, só peço sigilo e objetividade. Achamos que o que nos está contando agora está relacionado com uma missão muito importante que estamos desenvolvendo aqui e tem a ver com a saúde do mundo.

— Vi a senhora na televisão na semana passada quando...

— Quando discurssei sobre o desarmamento no Conselho de Segurança.

— Sim! E olhe... permita-me dizer que também concordo que desarmar o povo é entregar o poder aos bandidos que adquirem as armas clandestinamente e... — ele próprio interrompeu o discurso e emendou. — Mas que missão

importante é essa?

— A senhora Gouveia lhe deu a palavra que lhe contará em breve — disse Kroos, rígido. — Vamos, continue.

Depois de estudar Helena com os olhos por um longo tempo, Navid disse:

— Longa e extraordinária história é o que vou lhe contar agora, senhora.

CAPÍTULO 90

— O que realmente me intrigou — continuou Navid —, foi que um cinegrafista amador captou um fenômeno no céu impossível de ocorrer aqui no Oriente Médio. Pouco antes do sismo principal de Esfahan, foi captada uma Aurora Polar, ou Boreal. E de dia! — Navid, fez uma pausa, provavelmente para que os três absorvessem a informação, o silêncio da cidade penetrando quente pelas janelas do Peugeot.

Aquela era, de fato, a viagem das surpresas infindáveis. Helena conhecia os tipos de Aurora Boreal, que ocorriam no hemisfério norte e a Austral, no hemisfério sul, mas é evidente que jamais imaginaria que pudesse acontecer nada do tipo no Oriente Médio. Arash perguntou:

— Mas qual é a explicação física para uma Aurora Polar aqui no Irã?

— Creio que seja algum tipo de efeito eletromagnético. Algum efeito causado pelas ondas ELF, Extremely Low Frequency (Frequência Extremamente Baixa). Essa seria a base das antenas do Projeto H.A.A.R.P.

— Ok, esperem um pouco — interferiu Helena, querendo compreender melhor. — Essa seria a frequência em que se gera um terremoto, é isso?

— Sim.

— Pode me resumir isso em um minuto?

— Certo. O H.A.A.R.P. seria um emissor de ondas ELF, ondas de baixa frequência. Para visualizar melhor, imagine um show de rock. As ondas ELF são semelhantes àquela vibração que sai das caixas de som que você sente no seu próprio corpo quando toca a música. São correntes elétricas de baixa frequência, que podem ser descartadas de cabos de energia elétrica em nossa casa ou nos próprios aparelhos elétricos em nossos carros, por exemplo. É como o subwoofer de uma caixa de som. Porém, essas ondas são emitidas normalmente em níveis tão baixos que não nos prejudicam.

Arash concordava com a cabeça, parecendo excitado com a explicação. Como físico nuclear, obviamente conhecia o princípio. Até o momento, Helena também havia pegado noventa por cento da explicação.

— Então essas antenas, com a potência de 3,6 bilhões de watts, emitem essas ondas ELF — comentou Arash, estudando as próprias palavras —, o que pode gerar um terremoto. Mas, fisicamente, como elas podem ser direcionadas a um ponto específico? Como você planeja destruir um lugar por um terremoto e direciona as ondas para esse lugar? Tem que haver um canal que transporte essas ondas, pois senão elas se perdem no ar.

Hercule Kroos tossiu e disse com a voz embargada.

— Acho que o canal é a Ionosfera, não é? — indagou olhando para Navid.

— Exato. Na verdade, a Ionosfera, que fica mais ou menos a mil quilômetros de altitude, funciona como um espelho. Vocês sabem que as ondas de rádio são transmitidas através dela, não sabem?

— Claro que não — respondeu Helena.

— Isso é possível porque ela é composta de íons, ou plasma ionosférico, podendo assim refletir as ondas de rádio em até 30 mega-hertz. Ela é o maior condutor elétrico do globo e pode transportar determinados comprimentos de onda sem perda alguma. Um espelho. Por isso lá acontece um fenômeno que chamamos de reflexão ionosférica. Então se você tem um conjunto de 180 antenas de 24 metros de altura como o Projeto H.A.A.R.P., apontando exatamente para a ionosfera, as ondas ELF ricocheteiam na ionosfera e são capazes de contornar a terra ao longo do horizonte, fazendo com que qualquer ponto no globo esteja ao seu alcance.

— E como se direciona para um ponto depois que as ondas ELF batem na Ionosfera ? — questionou Helena.

— Através do aquecimento da ionosfera — respondeu Arash. Em seguida tentou explicar:

— O que Navid está contando é totalmente possível. — Ele se virou para Helena e passou a gesticular com as mãos. — Se você pega as cordas de um violão e as afina corretamente, a outra corda também vibra, porque está na mesma frequência natural da primeira corda. Da mesma maneira, os componentes de matéria que temos na crosta, bem conhecidos, podem ser estimulados por esse tipo de onda extremamente baixa e entrar em ressonância. Pense em uma rocha basáltica. Se você sabe qual é o ponto de ressonância da rocha, dessa frequência natural, você pode fazer com que elas comecem a vibrar de uma forma extrema e causar um tipo de rompimento, como quando um pelotão de soldados marcha sobre uma ponte, causando aquela vibração uníssona. Por isso a ressonância ocorre pela sobreposição das ondas.

— Correto — aprovou Navid. — Você é físico, não é?

— Nuclear.

— Que encontro inusitado — brincou Navid. — A presidente do Conselho de Segurança da ONU e um físico nuclear perseguidos pelo exército iraniano. — Ele estudou Kroos. — E você, o que é? Um agente secreto? — indagou Navid, rindo.

— Exatamente.

Navid tornou a ficar sério com o susto. Helena sentiu que a sinceridade de Kroos causou um ceticismo na mente de Navid, que continuou sua explicação:

— Senhora — disse ele —, vou lhe explicar rapidamente sobre o conceito de correntes de jato. Ele é o pulo do gato. O jato é uma corrente de ar

concentrada de alta velocidade que movimenta bilhões de litros de água ao redor da terra, como um rio gigante. Porém, um rio a quinze mil metros de altitude. Ele move toda a água em nosso mundo para as chuvas e tempestades. É o sangue vital do planeta Terra.

O queixo de Helena caiu com a explicação.

— O H.A.A.R.P. cria ondas de calor, alterando a estrutura molecular da ionosfera, empurrando-a para cima, em direção ao espaço. É quando surge uma espécie de calombo na estrutura; uma coluna de espaço. E quanto mais baixa a atmosfera, mais se preenche esse espaço. E quando isso acontece, o fluxo das correntes de jato na região e os sistemas de pressão são alterados. O que significa é que a ionosfera aquecida atua como uma barragem gigante, redistribuindo o caminho das correntes de jato. Essa corrente flui entre dez a quinze quilômetros acima da superfície da terra e atinge velocidades de até quinhentos quilômetros por hora. É como desviar o curso de um rio com uma barreira de concreto e direcioná-lo para onde você quiser.

Os três prestavam atenção, compenetrados.

— Porém, por mais que eu esteja confessando minha indignação aqui com vocês, eu já conhecia esse tipo de tecnologia. Nos anos 2000, fui contratado por uma empresa de energia para fazer o que chamamos tomografia da terra. Procurávamos petróleo e gás em Bam, uma cidade histórica ao sul daqui. Aquela área já tem historicamente uma grande propensão para terremotos. No instante em que energizamos o local com as ondas ELF, houve um terremoto entre 4 a 4,5 graus na escala Richter.

Helena notou, abismada, como teoricamente era muito fácil gerar um terremoto, e sentiu um arrepio quente por todo o corpo.

— Faz total sentido — disse Arash —, o princípio que você usou na rocha deve ser o mesmo com o H.A.A.R.P. Você esquentar e libera uma energia potencial na rocha, ou numa placa tectônica, causando um abalo. Essas condições já existem no solo, só é preciso que a energia de ativação que provoque uma liberação. As ondas ELF me parecem transmitir essa energia.

— Exato — disse Navid. — E aí nós chegamos ao motivo de minha visita a Esfahan. Para que não ocorresse de novo aquele tipo de acidente, nós criamos na época um equipamento que media a quantidade de hertz que as ondas ELF poderiam emitir para o solo, o que nos dava um norte mais preciso da potência a ser usada em uma rocha em um possível experimento. O que quero dizer é que eu posso saber se há uma influência direta das ondas de baixas frequências aqui e *agora*.

Helena ficou boquiaberta. Navid queria provar que havia uma influência artificial e direcionada para o terremoto? Seria correto sustentar que as ondas de

frequências extremamente baixas permaneciam ali, pairando sobre Esfahan, misturando-se à radiação que a usina nuclear cuspia, mesmo dois dias após o tremor principal? Como por intuição, pensou se aquele terremoto tinha algo a ver com a descoberta de César.

Quem estaria detrás de tudo isso? Com que objetivo? Seriam os Estados Unidos? Israel? Ou uma tecnologia como aquela já havia sido adotada por mais países? Instintivamente, seu corpo se aproximou ainda mais de Arash, como se ele a fosse proteger daqueles pensamentos aterradores, seu antebraço tocando de leve as costelas dele. As possibilidades aos poucos se apagaram da mente, dando lugar a uma pergunta central. Esforçou-se para ser objetiva:

— Então seu equipamento vai verificar se ainda existem essas ondas aqui, não é?

— Correto.

— E como tem certeza de que vai conseguir captá-las mesmo depois do terremoto?

Os lábios de Navid se esticaram pela primeira vez em um sorriso confiante.

— Porque no passado um cara muito louco fez precisamente isso. Aliás, ele também disse um dia que se você pudesse jogar as ondas ELF na atmosfera, era possível mudar o clima. Ele se chamava Nikola Tesla.

CAPÍTULO 91

Fazia dois meses que o Diretor do Pentágono descobrira que um câncer devastava o fígado de sua esposa Jane. Obviamente, a notícia pegara os dois de surpresa. Uma mulher que sempre tivera saúde plena. Aos setenta anos, a verdadeira fortaleza de todas as batalhas de Campbell, bruscamente sucumbia. De mãos dadas, os dois ouviram a notícia do frio doutor Hans Bjork sentenciando a morte dela.

— A metástase continua se espalhando e já tomou todo o órgão. — Ele parou de falar por um longo tempo e fitou com condescendência o casal, antes de dizer: — Não é possível dizer que vá passar de três meses.

E isso fora há dois meses.

Campbell sentira-se como um tanque de guerra fatalmente alvejado, suas engrenagens de repente cedendo no centro do campo de batalha. Sempre tivera a mais absoluta certeza de que seria o primeiro a partir. É claro que todos tinham sua hora, mas ele simplesmente não se sentia preparado para a perda repentina dela. Se um dia pensasse em sua própria morte, só havia uma última cena que o permitira fechar os olhos em paz: o rosto de Jane emoldurado pela bandeira dos Estados Unidos ao fundo.

Gastara boa parte de sua fortuna com os tratamentos mais caros, os médicos mais renomados.

Tudo em vão.

Até que, poucos dias atrás chegara à sua mesa, por meio de um contato da CIA, a história de um brasileiro que trabalhava em segredo junto ao governo do Irã. Ele desenvolvia uma tecnologia capaz de acabar com o problema de energia do mundo, a verdadeira fonte de toda a desigualdade mundial.

O mais interessante, porém, não era isto. E sim o fato de que Campbell assistira a vídeos gravados pelo brasileiro com alguns pacientes experimentais em fase terminal de câncer.

Através do magnetismo, César desenvolvera uma técnica capaz de *reconfigurar* a estrutura atômica das células cancerígenas e rearranjar o organismo, levando à cura total. O brasileiro comprovava mais de vinte curas do câncer em dois meses de tratamento.

É isso. A saída.

Todavia, Campbell se vira diante de um grande dilema. Um fator moral e ético que o colocaria entre a cruz e a espada. Como ele poderia ter acesso a uma pesquisa secreta em um país inimigo? Como ele poderia contatar a César Montenegro e convencê-lo de realizar sessões em sua amada Jane? O homem que detinha os mais poderosos meios de influência, de mãos atadas ante a

brutalidade de Deus.

Frustrado, havia chegado à conclusão de que só poderia intervir por meios não muito garantidos. Tentaria proporcionar as condições para que o brasileiro apresentasse a tecnologia ao mundo e acudisse sua esposa. Não se importava se o multitrilionário mundo do petróleo ia cair como um bêbado fracassado como consequência. Campbell só queria ter mais uns anos ao lado de Jane.

Mas todas as suas expectativas foram destruídas dois dias atrás. O brasileiro havia desaparecido em um trágico terremoto e sua *parente* mais próxima, Helena Gouveia, se tornara uma fugitiva internacional. Onde estaria o legado de César Montenegro? Teria tudo sido arrasado junto com a usina? Havia forças que tinham o interesse de destruir ou se apossar da tecnologia e a brasileira era a única esperança de Campbell.

Por isso o uso do Flame. E por isso desde o princípio fora contra a invasão do Irã. Intimamente, Campbell já estava cansado de guerras, embora não fizesse tanto esforço para não as deixar eclodir se não houvesse uma razão muito forte.

Um país que é feito de palco de guerra é um país perdido.

Através dos registros de imagens via satélite, a pequena equipe de homens confiáveis de Campbell lhe havia dado notícias de que Helena permanecia viva e se encontrava na cidade de Esfahan. Ele gostaria de ir pessoalmente ao Irã e ajudá-la. Deixaria de lado todo o patriotismo por Jane. O uso do Flame II garantiria que o Irã fosse apagado e evitasse uma guerra. Porém, Aaron Jones acabara de lhe ligar e o auge da crise havia chegado da maneira que ele mais temia: avassaladoramente. O presidente havia ordenado a invasão imediata e ninguém conseguiria demovê-lo dessa ideia. Uma vez que Campbell não tinha apoio de nenhum membro do Conselho, encontrava-se sozinho. A morte dos comissários da ONU e, agora, a de Doroth foram fatores decisivos.

Mesmo assim, ainda havia tempo de aplicar o Flame II sem uma ordem presidencial. O diretor do Pentágono concluía que os Estados Unidos não tinham nada a perder. *Ele* não tinha nada a perder. Aos 77 anos, o máximo que lhe aconteceria era uma prisão por traição. Mas até ser julgado, sua Jane já o teria abandonado. E depois da morte dela, Campbell poderia se permitir ir também.

O projeto não traria problemas, só benefícios, em última análise.

Campbell voltou ao momento presente quando se deu conta que girava com o polegar sua aliança desgastada no dedo enrugado. Ansioso, esperava os técnicos da DARPA iniciarem seu trabalho na mesa diante de si.

Sentado diante da mesa de Lott, que também havia retornado à sala junto com uma equipe de seis técnicos, ele assistiria agora a aplicação do procedimento de inserção do vírus.

— Ele se propaga pelo ar — havia dito o diretor da DARPA, para a

surpresa de Campbell. — Através das redes *wifi*, ele se instala nos maiores servidores do país contaminado. Sistemas de radares, telecomunicações e internet. Tudo.

A história está repleta de heróis que mudaram o rumo do mundo através de ações individuais. Pessoas que determinavam drasticamente os caminhos de uma nação por uma só decisão. Seu maior ídolo, e antigo amigo, John Kennedy, agira assim por todo seu mandato. E agora chegava a sua vez. Campbell tentou evitar ao máximo que a crise emergisse a público, e que os Estados Unidos a vencessem sem que nenhuma notícia fosse repercutida. A morte de Doroth havia ampliado ainda mais sua vontade de aplicar o Flame II. E aquele era um nome emblemático para mostrar que havia uma chama de esperança para a humanidade. Doroth havia pagado caro por essa chama.

De pé, digitando com rapidez as teclas de um computador, Lott voltou os olhos para Campbell, depois de gritar ordens técnicas para seus assistentes e repassar verbalmente todo o procedimento à equipe.

— Está tudo pronto, senhor diretor. — Era possível ver a cruz que oscilava por baixo da gola da camisa dele, um ar receoso estampado na voz.

Campbell girou mais algumas vezes a aliança no dedo anelar antes de formalizar:

— O senhor está autorizado a apagar o Irã.

CAPÍTULO 92

Impressionada, Helena esperava Navid explicar a relação de Nikola Tesla com o conceito do H.A.A.R.P. Um encontro fortuito no meio da rua redundava em uma das explicações-chave do que poderia estar acontecendo em Esfahan. Navid e Kroos os ajudavam a ligar pontos que aparentemente não tinham conexão alguma.

Puxando com as pernas mortas por trás do joelhos, o paraplégico se ajeitou no banco e mirou-os por trás dos óculos.

— Nas minhas pesquisas, descobri que Tesla é o pai fundador do que chamam de Armas de Energia Dirigida — disse ele. — A base dessa tecnologia são as ondas ELF.

— O mesmo tipo de arma que Pang Meng utilizou para me atingir — disse Kroos.

Fez-se um silêncio tenso, quebrado por Kroos em seguida.

— Ele me surpreendeu quando apareceu com uma câmera fotográfica que emitia uma onda de choque terrível no corpo. Fui atingido duas vezes por ela. Essa é a razão dessas... — Ele fez um gesto com a mão mostrando as pavorosas veias que cobriam o rosto avermelhado.

Meu Deus, pensou Helena. Navid e Arash lançaram olhares de pena para ele.

— Sinto vontade de vomitar o tempo inteiro e tenho espasmos musculares por todo o corpo. Essa arma atingiu o sistema nervoso central, estou certo disso.

A situação de Kroos era lastimável. Já devia estar acamado em um hospital há muito tempo, concluía Helena. Sentiu um peso na consciência em não poder auxiliá-lo no momento. Quem na realidade ajudava, era ele. O methernitha estava ali por *elas*, para salvar as *suas* vidas.

— Deve haver algum medicamento que lhe ajude, Hercule — disse ela, genuinamente preocupada, mas sabendo que a busca por remédio jamais aconteceria até que ele cumprisse sua missão.

Kroos assentiu, mais para agradecer a gentileza do que para confirmar algo e voltou os olhos cor de cinza, mesclados de sangue, para Navid. Este, por sua vez, o estudava com temor, provavelmente sem saber o que um homem de traços eslavos e com aquela aparência fazia ali.

— Você esteve perto da usina? — ele perguntou. — Ouvi dizer que o vazamento lá está crítico.

Kroos tossiu e balançou a cabeça negativamente. — A nuvem de radiação já chegou até aqui, mas ainda não é intensa.

Helena tremeu de medo. Lembrou-se dos enjoos crônicos que sentia e

perguntou-se se havia alguma relação. Arash mordia o lábio inferior, condescendente com a situação do methernitha e, ao mesmo tempo, pensativo. Sua atenção focou-se em Navid de novo:

— Agora que você comentou sobre essas armas de Energia Dirigida, me lembrei de uma patente de Tesla para lá de polêmica. Chamava-se *Tesla's electro-mechanical oscillator*. Ele patenteou essa máquina, pasmem vocês, em 1893! *E ficou conhecida como máquina de Terremotos*.

Navid assentiu, dizendo:

— Há um documento que conta uma história maluca de Tesla. Ele causou um tremor de alguns segundos no prédio em que morava, um hotel em Nova York. Este fato foi registrado pelo gerente do estabelecimento. Isso é que é um hóspede perigoso!

Todos soltaram risos entretidos, uma rara janela de descontração em meio ao inferno.

— Sem querer — disse Arash —, Tesla estabeleceu as bases para todo tipo de modificações e estratégia de guerra climática. Foi o primeiro a dizer que se podia mudar o clima através da ionosfera e realizou os primeiros experimentos do tipo.

— Além de ser o homem que sonhou com um mundo igual através do acesso a energia livre, limpa e gratuita — completou Kroos.

Foi aí que Helena recobrou o pensamento sobre o protótipo de César.

— Temos que saber qual é nosso próximo passo — disse Arash, parecendo ler seus pensamentos.

Depois de quase expelir a glote com uma tosse prolongada, Kroos virou a cabeça para trás, uma linha de sangue descendo pelo nariz.

— Helena, você se lembra das indicações de César no vídeo?

— Sim, mas não sei o que fazer. Nós pensamos que iríamos encontrar o protótipo inteiro na Praça, porque seguimos as dicas dele à risca, e elas finalizavam lá.

Navid olhava para Kroos, aparentemente confuso.

— Navid — disse Helena —, creio que você tem interesse em denunciar esses crimes dessa suposta arma climática, caso consiga provar que existe a atuação do H.A.A.R.P. aqui, não é?

Navid soltou o ar dos pulmões e confirmou:

— É exatamente o desígnio dado a mim por Alá, senhora.

— Imagino — disse ela, respeitosa. Neste momento ela sentiu uma sobriedade que se opunha a seu estado físico. — Então novamente reitero meu pedido de confiança. No caminho — seja lá para aonde temos que ir —, vamos lhe explicar nosso objetivo aqui.

Os olhos expressivos de Arash crivaram-lhe de confiança.

— Dou-lhe minha palavra de que terá espaço na ONU quando tudo for resolvido. Esses senhores e eu temos muito interesse no que tem para nos contar sobre o H.A.A.R.P. Então vamos fazer uma troca: nos dê uma carona e lhe darei meu apoio quando for a hora.

Helena sentiu que os olhos de Navid brilhavam. Seguiu-se um momento de pausa.

— Sim, está certo — respondeu ele, afinal.

Sorrindo, Helena disse a Kroos:

— Ótimo. A frase de César era: *no templo da Chama Eterna, siga todos os Elementos. Os arabescos no espelho da alma explicam o Tórus. Esfahan é a terra da Geometria Sagrada. Ciro, o Grande, e Ferdowsi indicam sua maior representação... O primeiro passo é em Teerã.*

— E nós já deparamos com cada indicação dessas — completou Arash. — Porém só o que temos são duas peças do que acredito ser o protótipo.

Pressionando as têmporas, ela sentiu o cansaço lutando ferozmente contra o raciocínio. Pensou se César tinha ideia do que ela passara nos últimos dois dias. *Tentaram me matar, César! Tentaram matar a todos nós!* Era o que gostaria de dizer a ele.

Esforçou para repassar mentalmente toda a trajetória daquele dia, desde a chegada ao Templo Adrian: o cheiro horrível de carne queimada do homem que se suicidou, os gritos de terror ecoando no pátio, o fogo que o devorava parecendo ser alimentado pelo sol tórrido do verão. Sua mente concentrou-se na chama sagrada e milenar que teve que apagar para achar a primeira peça e nos arabescos no espelho d'água que representavam o padrão mais perfeito e harmônico do universo.

Não haviam deixado nada para trás. A seu lado, Arash mordida o lábio inferior com a cabeça baixa, pensativo.

Interpretação sempre literal, lembrou a si mesma, *sempre literal*.

Como em um jogo de cartas em que não se sabe a próxima jogada, mudou de posição as palavras de César.

Siga todos os elementos, no Templo da Chama eterna. Explicam o Tórus, os arabescos no espelho d'água... Todos os Elementos. Fogo, água...

— Todos os Elementos! — exclamou ela, empolgada.

Kroos virou-se para trás e Helena disse:

— No Templo da Chama eterna. Nós seguimos apenas *dois* elementos até agora. Fogo e água. Lá no Templo Adrian. O Templo da Chama Eterna não se refere apenas a esse templo. É uma das indicações aos santuários sagrados do zoroastrismo!

— Então você diria que, se nos faltam dois elementos, temos que buscar algum santuário relacionado ao Ar e outro a Terr... — O rosto de Arash foi tomado pela surpresa. Kroos virou-se para ele, seus olhos piscando cada vez mais lentamente.

— O Templo do Fogo! — disse ele. — O templo *Ātashgāh-e Esfahān*. É perto daqui!

Helena deu de ombros.

— Mas o que há nesse templo que possa representar os outros dois Elementos da Natureza?

Arash molhou os lábios e respondeu:

— O Templo *Ātashgāh-e Esfahān* é uma ruína zoroastra secular que foi construída com argila, cascalho e lama. E fica no alto de uma colina pedregosa a uns oito quilômetros a oeste daqui. Quer algo mais *Terra* do que isso?!

Helena sorriu com satisfação e soltou, com prazer:

— César, seu gênio!

CAPÍTULO 93

Erguendo os olhos para a colina que se elevava a 210 metros além da planície da cidade, Helena bateu a porta do Peugeot, acompanhada de Arash e Kroos. Pequenos holofotes davam luz à composição inteiramente rochosa do morro. Nenhuma vegetação brotava de suas paredes, à exceção de alguns poucos canteiros de árvores e plantas situadas ainda na entrada do sítio arqueológico.

O Templo do Fogo, construído com terra, disse ela, consigo.

— Bom, ainda não sou bom em subir morros plantando bananeira — brincou Navid, sorrindo. — Vou esperá-los aqui, é claro.

Os três concordaram, conscientes da dificuldade que seria para qualquer um empurrá-lo morro acima. Navid não iria embora. Nos quinze minutos de viagem até a colina, Helena contara parcialmente seu objetivo no Irã e o motivo real de sua perseguição. Embora parecesse um pouco instável, Navid pareceu concordar em ajudá-los. Concluiu que todos os problemas de Arash e Helena residiam nas ações dos “*imperialistas americanos*” e faria tudo para denunciá-los. Ela, que já não tinha paciência para discutir fundamentalismo político havia muito tempo, dera de ombros, limitando-se a agradecer pela ajuda.

Um portão de ferro construído sobre pedras dava as boas vindas, com um escrito em persa e a tradução em inglês logo abaixo:

ATASHGAH MONUMENT (MARBIN FORTRESS)

Do pé ao cume, as luzes artificiais embaralhavam-se à cor de areia e emprestavam um ar de paisagem bíblica ao morro: árido e desolado. Lá no alto, Helena reparou na silhueta de uma estrutura. Provavelmente as ruínas do Templo *Ātashgāh-e Esfahān*, suas formas delineando-se contra o céu escuro.

Arash a acompanhava logo atrás e pareceu ter sentido seu cansaço.

— Prometo que depois dessa te levo para comer o *Chelow Kebab* mais gostoso de Teerã, viu?

Ela virou-se e lhe devolveu um sorriso cansado, com pena ao ver a mancha vermelha espalhada pela atadura no antebraço dele, produto do tiro de raspão que ele havia tomado na estrada.

— Faço questão de provar com você — disse ela, só agora se dando conta de que sua última refeição fora no avião para o Irã, quase 24 horas atrás. O enjoo também poderia ser por conta disso. *Não pode ser efeito da radiação*, tentou convencer-se.

Sentia-se cada vez mais à vontade ao lado de Arash. Mesmo ali, subindo a exaustiva colina pedregosa, ele tinha a propriedade de lhe arrefecer os temores.

De repente ficou rubra de vergonha ao constatar que a sensação terna que experimentava quando se achava junto do iraniano era, na realidade, uma forte atração física. Ele mostrava-se como um excelente termostato para Helena. Quando nervosa, a acalmava. Quando fora de foco, lutava para lhe estimular. Uma sensação apazível massageou seu peito. Algo que, Helena analisou, não vivenciava há um bom tempo. Esses pensamentos lhe proporcionaram um breve momento de paz interior.

Porém, a fala pesada de Kroos a sugou bruscamente de volta à realidade.

— Não pude entrar em detalhes na frente de Navid — disse ele, iniciando a subida à frente do grupo. — Mas preciso contar algumas coisas para vocês.

— Somos *todos* ouvidos — disse Arash.

— Eu entrei em contato com a equipe de investigadores que a Secretária Geral enviou ao Irã e provei a eles que as evidências que encontraram eram pura enganação. Foram cuidadosamente produzidas.

— Como você descobriu? — questionou Helena.

— Minha fraternidade possui métodos muito eficazes — respondeu ele, enigmático.

Ela lembrou-se da ligação que o próprio Kroos lhe fizera dois dias antes: *esta notícia é um false flag*. Uma falsa bandeira. Uma mentira para provocar uma guerra.

Imaginou novamente a fascinante comunidade dos methernithas. Não havia como não associar a uma sociedade secreta, daquelas cujo misticismo extrapolava as paredes de um templo milenar.

— Acho que vocês não souberam, pois estavam em curso para cá quando aconteceu. Mas os três comissários de Doroth foram encontrados mortos, duas horas depois que nós os contatamos.

Os joelhos de Helena quase cederam, forçando-a a interromper a penosa subida rochosa. Tentou mensurar o impacto geopolítico de um fato como aquele. Era o estopim de uma guerra. Uma guerra que por pouco não havia sido evitada pelos methernithas.

Aqueles que tinham interesses no petróleo e outras riquezas naturais do Irã, agora se achavam servidos de todas as razões para devorá-lo como um predador insaciável. *Meu Deus, o Conselho de Segurança deve estar em polvorosa a esta altura*. Então, com outro susto, associou a morte dos comissários ao fim da carreira de Doroth Morgan. *Ela está perdida*, pensou, esquecendo-se de sua própria situação por um momento. *Onde será que ela está agora?*

O poder daqueles que planejavam tudo isso parecia ser imensurável. Lembrou-se dos rostos de cada um dos comissários; imaginou suas famílias

recebendo a versão falsa de sua morte, através de uma fonte falsa, que tinha objetivos falsos.

Um calor incendiou seu corpo. Na realidade, seu interior fora tomado por mais uma dose de motivação. Tinha que salvar César. Tinha que mostrar o potencial do protótipo ao mundo. Percebeu o quanto Hercule Kroos havia lhe ajudado a fechar alguns nós, de modo que o efeito da notícia em meio aquela furacão de informações, tragédias e mortes, desenvolveu um efeito contrário em sua mente.

Só você mesma pode trazê-lo ao mundo, Helena.

— Precisamos terminar logo tudo isso — disse aos dois.

Arash se deteve ao seu lado, também parecendo transtornado. O trio havia parado na metade da subida, de maneira que se podia ver a cidade de Esfahan sendo interrompida ao norte por uma cadeia gigantesca de montanhas, um retalho tortuoso contra as estrelas. As luzes dos postes emanavam um brilho inocente; brando. Alheios ao que certamente iria acontecer com o solo em que se sustentavam.

— Esse é o tipo de poder que enfrentamos, Helena — disse Kroos, parando a poucos passos deles. — E eu juro que vou descobrir exatamente quem está por trás dele.

Helena aquiesceu firmemente, mirando a cidade ao longe. Então, como se seus pensamentos fossem proféticos, o brilho de Esfahan foi morrendo. Suas luzes passaram a apagar, sistematicamente, invadidas por uma onda negra, até chegar aos pés da colina, que em seguida, se apagou completamente.

Toda a cidade havia sido apagada.

Houve um momento de silêncio absoluto.

Antes do pior.

Um raio de fogo cruzou o céu e perfurou o solo sobre um ponto da cidade, cerca de cinco quilômetros dali. No mesmo instante, um clarão branco, seguido de um vermelho escuro, ofuscou os contornos das construções ao redor. O susto a fez dar um pulo para trás e quase cair sobre Arash. Passaram alguns segundos até que o som de uma brutal explosão colidiu contra os tímpanos de Helena, rerepresentando a ela seus mais terríveis medos.

Ela já havia visto essa cena antes.

Tratava-se de um cenário de guerra.

Esfahan encontrava-se sob ataque.

CAPÍTULO 94

— Está feito — sentenciou Lott, ainda com uma linha de insegurança na voz. — Dentro de meia hora, quem ousar permanecer no século XXI no Irã ficará frustrado. — O diretor da DARPA cruzou os braços, olhando para o telão que transmitia em tempo real as linhas de energia do Irã. — Se existirem de fato ogivas em estado operacional, seus dispositivos de funcionamento sofrerão um apagão. Todos os radares e transmissões via satélite foram inviabilizados. E podemos, ainda, interferir no software de qualquer sistema de orientação por computador.

Era a primeira vez em três dias que Campbell sentia-se aliviado com alguma notícia. Apertou as pálpebras enrugadas. Sentia pequenas contrações involuntárias nelas. A equipe foi dispensada da sala, deixando-os novamente a sós.

— Você terá o meu respaldo, caso precise, Christopher. O presidente e o Conselho de Segurança Nacional já liberaram a primeira ofensiva a duas instalações militares em Esfahan. Em algumas horas todo o desenho da guerra estará completo. Você sabe... vão jogar os dados e decidir quem vai ficar do nosso lado, quem será aliado do Irã, quem fica neutro. Por isso, por enquanto estamos sozinhos nessa. Mas estou certo de que o Flame II induzirá o cessar fogo.

A chama da paz.

Lott aquiesceu, com a expressão absorvida.

Campbell olhou para a projeção na TV de plasma, para o mapa que indicava todos os sistemas do Irã, que rasgavam o país em linhas iluminadas. Aos poucos virou um buraco negro e o Irã ficou imerso numa nuvem de trevas.

Com certeza o mais danoso blecaute da história.

— Receio que não seria uma boa hora para isso, mas aproveito a presença do senhor para dizer que esse feito concederá à DARPA um pouco mais de credibilidade, a julgar pelas críticas e cortes no orçamento que recebemos este ano.

— Esta é a tendência — concordou Campbell. — Temos interesses nobres em relação ao que estamos executando, Lott. Ao contrário daqueles que querem a guerra. O diretor do Pentágono pensava agora na engenhosidade espetacular que fora a construção do Flame II. A DARPA merecia todos os méritos do mundo.

O malware se propagava pelo ar através de duas formas diferentes, e de maneira assombrosamente rápida: pelas redes wifi ou por caixas de som e microfones (nesse caso, sem precisar de acesso à internet). A dinâmica de

propagação pelo som era simples: ele usava os microfones dos computadores. A máquina infectada emitiria um sinal pelo sistema de som que seria captado pelo microfone do próximo sistema a ser infectado. Campbell sabia que isso era possível a distâncias curtas, de vinte a trinta metros, por exemplo; o próprio Pentágono já usara na guerra do Iraque. Porém, nunca havia pensado que poderia difundir-se para um país inteiro. Tudo a partir de sinais com frequências que são inaudíveis aos ouvidos humanos. Uma espécie de sonar, originalmente projetado para comunicações, como os submarinos utilizavam.

Em resumo, nos casos em que o Flame II não entrasse pela rede wifi, entraria por esse tipo modificado de sonar.

Assombroso e, ao mesmo tempo, belíssimo.

Um ataque sem baixas. Limpo e pacífico.

— Permita-me lhe oferecer mais um café, diretor. Lott contornou sua mesa e foi ao outro lado da sala.

— Somente creme?

— Sim, por favor.

— O senhor professa algum tipo especial de cristianismo? — questionou Campbell.

Lott parecia não esperar pela pergunta.

— Perdão?

— Seu cordão — disse ele, girando na cadeira em que estava sentado. — É bem peculiar.

— Ah, sim! Isto — disse Lott, pondo o crucifixo à mostra por fora da camisa. — Isto é uma lembrança do meu falecido pai. Meu pai sim que professava um tipo bem diferente de cristianismo. Eu diria que alguma coisa entre o liberal e o místico.

O diretor do Pentágono franziu a testa, intrigado.

— O senhor deve saber, na Europa surgiram muitos tipos deles depois da Reforma Protestante, e por aí foi... — o diretor da DARPA parecia se sentir pouco à vontade para falar. Ocultou de novo o cordão por baixo da camisa polo e bebeu o café, fitando-o por trás dos óculos. Depois de um tempo pensativo, ele disse:

— Ele fundou uma comunidade de nome Methernitha.

Ronald Jay Campbell jamais havia escutado. Como presbiteriano, conhecia as várias correntes do protestantismo que se espalharam pela Europa, ainda no século XVI. Algumas delas, menores e praticamente desconhecidas, até mesmo alegavam praticar o cristianismo de verdade, já que defendiam que a bíblia católica e a protestante detinham apenas trinta por cento da Verdade. Excluía, por exemplo, todo o evangelho de Paulo, que para muitos, era um grande

enganador. Será que os methernithas aderiam a esse tipo de vertente? O diretor do Pentágono gostaria de saber, mas não agora. Tinha muito que resolver. O presidente o esperava em Washington junto à sua assessoria e o Conselho de Segurança Nacional. A guerra seria inteiramente orientada de lá e era necessário impedi-la.

Há quase três dias completos sem dormir, Campbell avaliou que se seu corpo resistisse mais uma hora sequer, com certeza poderia viver até os cento e cinquenta anos. Esgotado, deu-se por satisfeito.

— Muito bem, senhor diretor. Tenho certeza de que teremos tempo o suficiente para discutir a teologia dos methernithas em breve.

— Seria uma honra — disse ele, com sinceridade no olhar. — Se me permite, senhor diretor — nitidamente Lott tinha consciência do cansaço dele —, eu teria interesse em tratar de mais um assunto antes do senhor ir.

Campbell levantou-se, com esforço.

— Tenho certeza de que qualquer outro assunto que não seja o Flame II pode ser abordado depois que esta crise for resolvida.

Lott levantou-se cordialmente e olhou dentro de seus olhos.

— Mesmo se esse assunto for a senhora Jane Campbell?

CAPÍTULO 95

O terceiro raio desceu com uma cólera terrivelmente maior, fazendo com o que os anteriores parecessem modestos fogos de artifício. Um clarão vermelho se assomou ao céu e caiu no mesmo ponto, devolvendo vida à cidade por um breve instante. Travados de pavor, os olhos de Helena fixaram-se na assombrosa explosão que se produziu cerca de cinco quilômetros dali. Ouvia Arash lhe chamar, mas parecia longe. Depois de um momento longo, a mão quente dele envolveu a sua e puxou-a monte acima. Ele ajeitou sua bolsa tiracolo no tronco e a fez voltar para a realidade:

— Vamos! Precisamos acabar com isso logo!

Deixou-se levar pelo iraniano, que por sua vez seguia Hercule Kroos. Pouco mais acima, o methernitha ora era escurecido pela noite, ora era clareado pelas explosões que ofuscavam a cidade.

Em relativa escuridão, superaram a subida terrosa e íngreme por cerca de oitenta metros, antes de encontrarem um solo relativamente plano. Helena sentiu como se a subida fosse uma corrida de quatrocentos metros com barreiras. Depois de um minuto tropeçando nas pedras em direção ao centro da colina, pôde discernir uma estrutura circular, que parecia ser a principal. Parecido com um grande cilindro feito de tijolos encravado no chão de terra, provavelmente feito de argila seca ao sol, ela tinha sete janelas em formato de arcos, com não menos que dois metros de altura cada uma. Ao chegar bem perto da ruína, Helena calculou que sua circunferência não devia ter mais que cinco metros de diâmetro.

— Deve ser aqui. — Esbaforido, Hercule Kroos penetrou a ruína. Outro míssil dilacerou as nuvens acima de suas cabeças e emitiu um rugido amedrontador antes de explodir na cidade.

Arash soltou a mão dela e passou à frente. Lá dentro, Helena imaginou o quão espetacular devia ser a vista dali de cima, durante o dia.

A cidade estava vestida de chumbo. Literalmente.

A zona urbana seguia até os pés da cadeia de montanhas ao norte. Naquele momento era possível ver as silhuetas de edifícios aparecendo apenas dentro do halo das explosões. De repente, um incêndio nasceu do grande aglomerado de árvores e parques, clareando parcialmente um ponto de Esfahan. Helena limpou uma gota de suor que descia pela têmpora, sentindo dez batidas por segundo no peito. O vento que trombava mais forte no cume a levava a cogitar de novo a quantidade de radiação que ele carregava.

As vestimentas estavam com Arash. *Não seria melhor colocá-las logo?*

— Procurem por uma referência — disse Kroos —, alguma coisa que

possa nos remeter ao protótipo.

Ele e o iraniano começaram a trabalhar, mirando primeiro o chão. Em seguida, as paredes de argila. Seus olhos cautelosos varriam cada canto possível. Helena fez o mesmo, tateando a superfície irregular da parede arredondada.

As nuvens pareceram ter sentido o medo do bombardeio e começaram a se dissipar timidamente, alongando-se no céu e deixando a lua minguante atuar com mais vida na colina. Helena agradeceu em silêncio e continuou a tarefa, até que passou a mão por algo bem peculiar. Apertou os olhos, que ardiam como pimenta, e identificou um desenho inconfundível, cravado na parede.

Simetricamente perfeito.

Havia sido entalhado na coluna, como se feito por um galho bem afiado, o símbolo que Arash tanto falara, e que estava desenhado no primeiro cilindro de César. Do tamanho de sua mão.



O desenho era muito parecido com o que viu inúmeras vezes nas cúpulas arredondadas das mesquitas de Naqsh-e Jahan.

— O Tórus — exclamou ela. — Aqui!

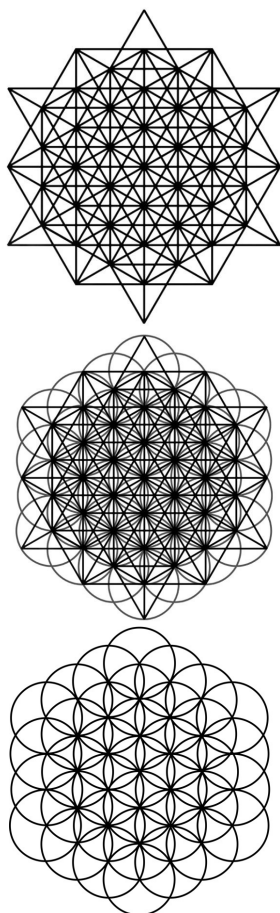
Os dois aproximaram-se, a respiração penosa de Kroos aquecendo seu ombro. Arash esticou o braço e apalpou o desenho, a lua oferecendo mais visibilidade à inscrição.

— César profanou um templo secular — disse ele, parecendo impressionado com a atitude de desespero do antigo amigo. — Ele desenhcou isso aqui.

Ao seguir a mão de Arash na parede, Helena identificou outro desenho, posicionado exatamente ao lado do primeiro. Esse tinha uma figura geométrica desenhadas dentro do Tórus.



Então, como se brotasse da parede à meia luz, outras três figuras ficaram à mostra. Haviã sido entalhadas abaixo das outras duas, uma abaixo da outra.



Kroos e Arash também estreitaram o olhar pra ver.

— Acho que César está demonstrando a nós a perfeição absoluta do Equilíbrio de Vetor unida ao Tórus, que resulta no desenho da Flor da Vida, parte da Geometria Sagrada — explicou Arash.

— Como é que é? — embora tenha maturado uma grande curiosidade sobre o assunto, já estava frustrada por não encontrar o protótipo completo ali, paradinho no chão, reluzindo à luz da lua.

— Mas porque é necessário saber disso para compreender o protótipo que ele fez? — quis saber ela.

— Eu não sei. César parece tentar explicar a teoria de tudo ao invés de nos dar o produto final.

Hercule Kroos tossiu antes de se manifestar:

— Talvez ele pretenda que a essência esteja clara em sua mente, Arash. Para o caso de... — Uma explosão ao fundo clareou o corpo do methernitha. — Bem, para o caso de ele não sair com vida dessa situação.

Helena sentiu como se uma pancada atingisse seu peito. Tentou se situar. César não profanaria uma ruína sagrada e esculpiria aquelas representações complexas ali, à toa.

— Então para que esses desenhos?

Kroos agachou-se, procurou algo no chão e trouxe uma pedrinha redonda.

— Imagine o Tórus — disse ele, esforçando-se para ficar ereto. — Esse primeiro desenho do primeiro protótipo. Uma rosquinha, com o fluxo e refluxo. Ele significa a respiração do Universo, certo? Tudo o que é criado no Universo tem esse padrão.

Helena anuiu com a cabeça, observando a primeira figura.



— É a forma que todo fluxo de energia adquire em todas as escalas — completou ele. — Desde o átomo, passando por uma hemácia, até o padrão das galáxias. Mas também existe uma estrutura que está oculta, subjacente e implícita, onde esse padrão, esse fluxo, se encaixa, *grosso modo*, como se fosse um esqueleto no Tórus. — O esforço para se expressar fazia a respiração de Kroos ficar mais pesada, as narinas latejando.

— É o chamado Equilíbrio de Vetor — completou Arash, vendo sua dificuldade. — É essa primeira figura geométrica aí dentro do Tórus, o segundo desenho. Esse termo foi criado por Buckminster Fuller, um dos gênios esquecidos pela história. — Ele parou e apalpou a parede.

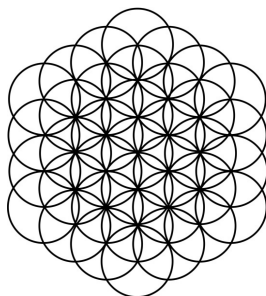
Helena estudou o segundo desenho.



— Esses dois padrões são fundamentais para a criação de tudo — retomou Kroos. — Fuller chegou à conclusão de que o Equilíbrio de Vetor e o Tórus são padrões primários. É como se desenha o Universo. Em todas as escalas de

criação, os dois aparecem, perfeitamente. Uma forma de pão que Deus usa para sua criação.

— Esse desenho aqui — Arash pôs o dedo na figura que Helena achou primeiro —, é a forma bidimensional desses dois padrões primários. Olhe.



— O equilíbrio de vetor foi codificado tridimensionalmente aqui. — Ele mostrou o desenho abaixo. — Ou seja, esse primeiro é a representação bidimensional de uma estrutura tridimensional. Que na verdade é esta. — Kroos apontou para o desenho do Tórus o Vetor dentro.



O Vetor é a codificação em três dimensões do Tórus, dessa maçãzinha, raciocinou Helena.

— Mas para quê precisamos saber essa codificação? — questionou ela.

— Nosso mundo é tridimensional. Imagine um cubo, com altura, largura e profundidade. Esse desenho aqui — disse Arash, apontando para a figura que Helena encontrou primeiro — tem duas dimensões. É muito mais lógico que os códigos que contém as informações sobre o nosso mundo não estejam limitados a desenhos planos. Por isso, César fez essa representação. Fuller chamou a isso de Equilíbrio de Vetor porque é a única forma geométrica onde todas as forças são iguais e equilibradas. Elas são iguais em força e representam a energia de atração e repulsão, como em um ímã.

— Certamente essa teoria não pode ser observada *in loco* — concluiu ela —, apenas no plano das ideias, não é?

— Exato. É claro que não é possível observar o Equilíbrio de Vetor no mundo material, porque ele é a geometria do Equilíbrio Absoluto. O que

experimentamos na Terra está sempre se expandindo e se contraindo para longe do equilíbrio absoluto. Como uma onda que vem à superfície e é resultante de um mar tranquilo. O Equilíbrio de Vetor é a mãe de todas as formas e simetrias que vemos no mundo.

— É impressionante como ele se encaixa perfeitamente dentro no Tórus!
— repetiu ele.

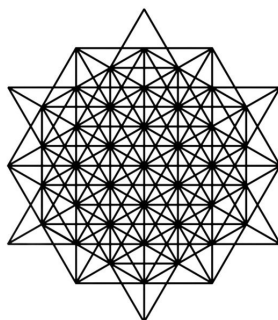
— Veja, esse desenho — disse Arash, pondo a mão na segunda imagem.



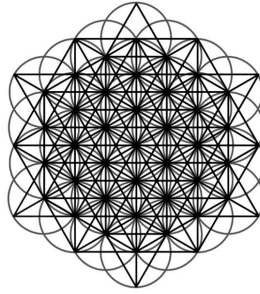
— Ele começa com o Equilíbrio de Vetor. Ele é um campo de força completamente equilibrado, com doze linhas de energia iguais que irradiam. Elas estabilizam o seu centro, como, por exemplo, doze lados de uma roda. O padrão de fluxo de energia dessa estrutura é o Tórus, certo?

Helena concordou.

— Se você expande o Equilíbrio de Vetor para a próxima escala, você tem um total de 64 pirâmides, chamadas de tetraedros. É o que você vê nesse desenho aqui. — Arash apontou para o outro.

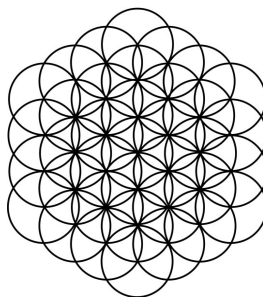


— Então agora vamos imaginar que, se você coloca um campo de energia toroidal ao redor de cada pequena pirâmide, você tem isso — disse ele, passando os dedos sobre os círculos do novo desenho.



Helena tentou visualizar os círculos como pequenos Tórus ao redor de cada triângulo. O desenho parecia um pouco complicado de visualizar em duas dimensões, mas estava claro que, à medida que se colocava mais linhas e círculos, mais o desenho se assemelhava com as figuras da Geometria Sagrada.

— Então — prosseguiu Arash —, se você tira os *triângulozinhos*, olha só o que acontece. — Ele passou a mão sobre o último desenho. — Tchan tchan tchan tchan... Você chega a isto: uma matriz que, surpreendentemente é a cópia exata do ícone de Osíris, em Abydos no Egito e de uma porção de outras referências no mundo. Um modelo tridimensional do mesmo padrão que foi registrado nas paredes de Osíris há três milênios e está codificado em TODAS as culturas antigas do mundo.



— Está vendo a semelhança?

Helena comparou o penúltimo símbolo com o último e ficou pasma.

Kroos disse:

— Helena, César usou, provavelmente, a dinâmica do Tórus e do Equilíbrio de Vetor para criar um dispositivo que gera energia sem combustão. Como minha fraternidade também o fez.

— Só isso em si já é revolucionário — disse ela, admirada. — Seria um dos maiores progressos da história, diante da miséria e sofrimento do mundo.

— César criou algo que está além da Energia Livre — disse o methernitha, tossindo. — Algum princípio que pode servir para outras áreas do bem-estar humano também. É por isso que está além de meu conhecimento.

Um míssil ribombou no horizonte, fazendo voar um som terrível de concreto se despedaçando. A cidade vazia parecia alvo de jogadores de

Playstation. Os incêndios se multiplicavam.

Pousando os olhos na paisagem de destruição à frente, Helena tentava resumir para si mesma tudo o que aprendera até agora. O Equilíbrio de Vetor e o Tórus eram a fôrma de pão do universo; o fundamento de tudo o que já nasceu e nascerá nele. A Geometria Sagrada, a chama eterna, do Zoroastrismo, os elementos da natureza e até os mosaicos e formas geométricas do Islã estavam diretamente relacionados a eles. Por alguns segundos, admirou mentalmente a inteligência de César. E, sobretudo, admirou sua mente aberta, desprovida de preconceitos acadêmicos ou dogmas religiosos que, aparentemente, poderiam limitar sua pesquisa. Ele parecia querer que eles o ajudassem a descortinar um dos conhecimentos mais profundos e reveladores a que o homem poderia ter acesso no Universo. Helena imaginou crianças de cinco ou seis anos tendo aulas sobre aquilo, como se fosse uma simples aula de Gramática. O mundo seria diferente, mais rico em todos os sentidos. E analisou pela décima vez no dia que tipo de força gostaria que esses conhecimentos permanecessem ocultos. Seriam grupos religiosos? Ou os banqueiros internacionais, donos do petróleo do mundo? Algum sheik árabe disposto a substituir o petróleo?

Outra explosão fustigou seus tímpanos e dessa vez pareceu muito mais perto, iluminando as ruínas de vermelho. Helena gritou de susto e se retesou para perto de Arash. Gostaria de entrar em um avião com ele e sair daquele país logo. Respirou fundo e indagou:

— Mas onde está o protótipo, meu Deus?! Por que César profanaria um templo sagrado de mais de quinhentos anos em vão? Ele tem de estar aqui!

Os dois homens permaneceram pensativos, definitivamente desgastados.

Sem esperar pela reação deles, Helena passou a tatear rapidamente a área ao redor dos símbolos, a fim de achar alguma saliência ou buraco que pudesse indicar algo. Em seguida, a dupla fez o mesmo nos outros cantos da ruína.

Focando a atenção na aderência de suas mãos, Helena chegou ao final da coluna que se abria em mais um arco. Já ia passar para a outra abertura quando a palma de sua mão direita deslizou por um ponto vazio, e em seguida encontrou a argila de novo.

Um buraco na parede!

Confiante, investigou a pequena abertura com os dedos. Então tocou algo metálico.

Sentindo um alívio frio, trouxe a peça e a levantou, para que a luz o clareasse.

— Achei algo aqui. Olhem!

Porém o objeto era completamente diferente dos outros dois.

Arash e Kroos aproximaram-se e depois se entreolharam.

— Você sabe o que é isso, Hercule? — Arash perguntou.
— Não faço a mínima ideia.

CAPÍTULO 96

CAPÍTULO 96

Christopher Lott viu o diretor do Pentágono bambejar, tendo que apoiar uma mão na cadeira. O sangue havia se esvaído do rosto do velho homem. Lott entendia, é claro. Até porque, em qual mundo o diretor da DARPA poderia saber sobre uma intimidade tão profunda quanto a doença de Jane Campbell?

— Perdão. O quê o senhor disse? — indagou Campbell, com a voz travada e o choque revelado no olhar.

Agora é a hora da ajuda, pensou Lott.

— Sua esposa, diretor. Perdoe-me, eu sei que ela está doente.

O rosto de Campbell se fechou em uma expressão de assombro.

— Você está maluco?!

Lott tentou se manter respeitoso à linha de comando.

— Diretor, eu não entraria nesses detalhes se não fosse absolutamente necessário. — Lott tomou o último gole de café, em um movimento mais prolongado, e colocou a xícara sobre sua mesa. — O senhor sabe, a DARPA criou os satélites mais avançados do que aqueles a que o Pentágono tem acesso. Daqui de minha mesa também podemos acessar os registros deles. Na semana passada, foi apontado que o senhor pediu um posicionamento exclusivo do satélite militar para a usina de Esfahan e depois para a residência de César Montenegro em Teerã, não pediu?

— Mas... que diabos... como você sabe?!

— Porque eu também estava monitorando César. Conheço o professor pessoalmente.

Campbell parecia estar mais impactado por Lott ter evocado o nome de sua esposa do que pela revelação que acabara de ouvir sobre César. Devia estar pensando agora como obteve a informação de que Jane estava enferma, enquanto parecia tentar manter a austeridade.

O diretor do Pentágono foi firme:

— O seu cargo não lhe permite ter acesso a determinadas ações do Pentágono. E de onde conhece César?

— Vamos por partes, senhor diretor. Primeiramente, gostaria de lhe contar de onde vim. Depois falaremos de suas motivações pessoais.

— Christopher, tome cuidado com suas próximas palavras. O senhor está pisando em brasa ardente. Muito ardente.

— Compreendo sua reação, senhor. — Lott baixou levemente a cabeça em sinal de subserviência. — Mas se o senhor me der mais cinco minutos, posso lhe esclarecer tudo.

Campbell olhou para os lados, assustado. Nitidamente se preocupava se

alguém ouvia aquela conversa.

— Fique tranquilo. Dou minha palavra de que as paredes de meu gabinete são surdas.

— Conte-me tudo, se não quiser exonerado, senhor Lott.

— Me desculpe, senhor, mas quem acaba de ordenar uma operação ilegal e sigilosa não fui eu. Aliás, foi a partir de sua atitude que tomei coragem de lhe contar tudo. De confiar minhas informações mais secretas ao senhor.

Lott pôs a mão respeitosamente no ombro de Campbell, que era pelo menos dez centímetros mais alto.

— Quando vi que o senhor tinha interesse em César — disse ele —, tomei a liberdade de investigar suas razões pessoais. E não foi difícil chegar ao caso lastimável de sua esposa.

— Como você ousa passar por cima de minha autoridade e me investigar sem...

— Por favor escute, senhor — interpôs Lott. — Minha comunidade quer salvar os achados de César. Ele pode socorrer bilhões de pessoas. Nós queremos passar essa informação gratuitamente ao mundo. Está na hora de todos saberem sobre a Energia Livre e o que ela pode trazer para o bem estar dos seres humanos.

Lott percebeu que tinha muito a falar, especialmente sobre os methernithas. Iniciou com a história de seu pai, Paul Baumann, o idealizador da *Testatika*, um dispositivo de Energia Livre que tirava a energia a partir do vácuo, infinitamente, e sem custo algum. Isso ainda na década de 1960. Contou que os methernithas mantiveram a tecnologia oculta, uma vez que julgavam que o mundo não se achava preparado para tê-la com responsabilidade. Não, até agora. Sete bilhões de habitantes e a pobreza só aumentava. Não haveria pobreza com aquela tecnologia.

Mas Lott sabia que o mais importante para os ouvidos de Campbell era: como um artifício desses serviria para tratamento de câncer em estado terminal, e não só para isso, como também poderia tratar qualquer tipo de doença, rapidamente, sem injeções ou procedimentos invasivos, sem efeitos secundários. E fora exatamente o que César havia criado.

Desde Nikola Tesla, passando por Eugene Mallove até o Dr. Steven Greer, todas as tecnologias de Energia Livre foram duramente suprimidas. Suas patentes canceladas, seus criadores mortos misteriosamente. No entanto, agora chegara o momento que os methernithas mais temeram. E no fundo, mais ansiavam. Afinal, qual o impacto real se o mundo inteiro aplicasse a Energia Livre? Qual seria sua repercussão na economia mundial? Seria possível mensurar o valor desta tecnologia, já que se poderia extraí-la infinitamente do

universo?

Após ouvir tudo aquilo, Campbell apresentava-se visivelmente abismado. E Lott, confiante.

Ele vai me ajudar nessa missão.

Campbell passou um tempo refletindo profundamente com os olhos fixos no chão. Depois voltou o rosto cansado e enrugado para Lott e quis saber:

— O que quer de mim? — Agora sentia um semblante complacente emanar dele. Lott compreendia a situação delicada que o diretor do Pentágono se encontrava, mas sabia que tudo ia mudar quando ele visse sua mulher regenerada, plena e viva através de uma tecnologia única.

— E sei que o senhor não me ouviria se não tivesse um interesse pessoal nessa história. Sua decisão é muito nobre e válida, diretor, mas ainda assim, pessoal.

Campbell o estudou por um longo tempo. Seus olhos azuis nitidamente pensavam nas variantes de toda aquela conversa.

— *Do que você precisa, Lott?*

— Nós precisamos, senhor diretor. Nós, precisamos garantir que Helena Gouveia saia viva do Irã, que traga a Energia Livre, e que prove ao mundo que não é uma terrorista.

CAPÍTULO 97

Arash pegou com cautela o objeto da mão de Helena e o ergueu ainda mais, para que a lua minguante o revelasse com clareza. Um vinco de seriedade riscou o espaço entre suas sobrancelhas. Helena observou o artefato.

Era uma flor de metal.

Porém, as pétalas eram redondas como bolas de gude. E todas elas prateadas e reluzentes. Mais especificamente, a flor consistia em uma bola no centro, circundada por outras sete.

Linda.

— Isso é a outra peça do protótipo? — questionou ela, coçando a cabeça.

Os dois homens deram de ombros.

— Não faço a mínima ideia de como poderia ser usado nele — disse Arash.

Quando a investigou de perto, Helena ficou ainda mais admirada. Todas as bolas que compunham essa flor de metal tinham um desenho complexo e intrincado, como a primeira figura que ela vira na parede, a mandala; a Flor da Vida. Riscava a sua superfície de cada círculo, perfeitamente, como se um artesão tivesse gastado meses para fazer cada uma das linhas.

Enquanto Arash analisava a peça, Kroos se arrastou pelos cantos da ruína, tateando-a e procurando por mais alguma referência nas paredes e no chão.

— Talvez tenhamos mais segurança no carro — sugeriu ela, com medo do bombardeio que se avolumava sobre a cidade.

Arash encontrava-se reflexivo.

— Se César não escondeu o resto do protótipo aqui em Atashgah, é possível que esta peça indique onde está. — Ele fechou o objeto nas mãos e virou-se para ela. A força que ele aplicou ao fechá-lo na própria palma, movimentou as esferas. Helena havia concluído isso porque ouviu um som tímido de metal se arrastando com metal.

— São ímãs! — constatou Arash.

Kroos se aproximou.

— Como? — perguntou o methernitha.

— Não é um objeto só. São vários ímãs que foram dispostos dessa maneira propositalmente. Talvez para exemplificar o que acabamos de analisar sobre aquelas figuras. — Ele movimentou de novo as esferas. — Olhe!

Helena frustrou-se. Como alguns ímãs poderiam lhes indicar onde estava o resto do protótipo de Energia Livre?

Outra bomba explodiu, desta vez, mais próximo à colina e fez os três se ajoelharem em reação. Helena pôs as duas mãos na cabeça e escondeu-a entre os

joelhos, como rezava a cartilha que ensinava às crianças palestinas a se prevenir dos ataques aéreos de Israel. Sentiu espasmos musculares nos braços e nas pernas, que incomodavam com repuxões e reparou que já experimentava isso há algumas horas. Era seu corpo reagindo ao estresse como uma consciência independente. Dessa vez, o míssil causou um incêndio imediato a menos de duzentos metros da colina. A luz tremulante e amarelada da explosão escalou o morro, deixando agora o ambiente bem claro.

Arash ajudou-a a ficar de pé. Com um gesto de carinho, ajeitou as pontas castanhas de seu cabelo que voaram para o rosto no movimento brusco.

— Pronto — disse, ele, colocando a franja dela por trás da orelha. — Assim fica melhor. Como uma diplomata de verdade.

Helena encarou-o nos olhos. A chama da explosão flamejava nas íris negras dele. Até em meio ao inferno, ele tinha senso de humor e a tratava com zelo. Naquele exato instante, Helena sentiu uma vontade avassaladora de beijá-lo, com o calor da respiração segura dele junto à sua. Enrubescida de vergonha, tomou o objeto da mão do iraniano e fingiu analisar a flor de ímãs, a luz que pairava na colina facilitando a visão. Remexeu-os. Quando movimentava uma esfera, as outras se ajustavam à nova posição, e a flor continuava com o mesmo formato. Quando girou a bola do centro em seu próprio eixo, reparou em algo que estava escrito em sua superfície, antes oculta pelo contato com as outras.

Plant...

Virou-a um pouco mais e conseguiu ler.

Apavorada, quase deixou o objeto cair no chão terroso e reprimiu um gemido de susto com a mão na boca. A mensagem era clara. Objetiva. E latejou na sua cabeça como uma pancada forte:

Go to the Plant. Vá para a Usina.

Era o lugar que Helena mais temia desde que soube que tinha que seguir para Esfahan. A usina em que César trabalhava e que agora deveria padecer de um dos piores vazamentos já registrados na história da indústria. Por que ele a mandaria diretamente para a morte?

— O que foi?! — perguntaram ao mesmo tempo Arash e Kroos.

— Está escrito que temos que ir para a usina!

Girando a cabeça, ela tentou adivinhar a localização da instalação nuclear em Esfahan. Seria naquele ponto ao norte, completamente envolto pelas chamas? Ou naquele ao sul que acabava de receber um relâmpago em forma de míssil?

Lidar diretamente com a possibilidade da morte era algo que ela já havia experimentado várias vezes naquele dia. No entanto, não de maneira tão cruel. Perguntou-se se era a mesma sensação que tinham os judeus quando eram enviados em fila para as câmaras de gás.

Sacudiu a cabeça antes de buscar apoio no olhar de Arash. Ele também parecia alarmado. Kroos estava a seu lado, um farrapo humano, sustentando-se sobre as duas pernas apenas pela força de sua perseverança. O methernitha beijou o crucifixo no peito e a olhou com admirável resignação. É claro que os dois iriam até o final de tudo com ela.

E eu não vou decepcioná-los.

— Para que lado fica a usina? — ela indagou.

Kroos ficou o mais ereto possível e virou-se para a região que situava a leste da cadeia de montanhas. Seu dedo indicador foi contornado por uma chama em forma de cogumelo que subiu aos céus, cerca de oito quilômetros dali, como se ouvisse a pergunta de Helena e a respondesse de maneira aterradora:

— Lá, no olho do furacão — respondeu Kroos.

CAPÍTULO 98

Campbell finalizou a ligação, guardou o celular no bolso interno de seu terno Henry Poole e buscou sua maleta na mesa de Christopher Lott. Tinha que ir a Washington. A Casa Branca o aguardava. Tinha que acabar com a guerra.

— Acabo de enviar um destacamento do *Grupo de Aplicações e Combate* a Esfahan — informou ele a Lott. — Chegará a partir de... — ele olhou o relógio — uma hora. Essa operação é absolutamente sigilosa.

— Perfeito — disse Lott, provavelmente aliviado pelo diretor do Pentágono convocar o que havia de mais sofisticado nas forças armadas americanas para salvar Helena Gouveia e o protótipo. Tratava-se da Força Delta, a principal equipe de operações especiais dos Estados Unidos. Jamais haviam fracassado. Suas ações eram cumpridas com êxito total sempre.

O Diretor do Pentágono continuava impactado com as revelações de Lott. É claro que o dirigente da DARPA poderia ter acesso fácil ao posicionamento dos satélites, à angulação de suas lentes e até às imagens gravadas. Campbell vigiava César Montenegro havia meses, e armava uma oportunidade de contatá-lo e trazê-lo ao Irã. Foi assim até que todos aqueles desastres aconteceram. Terremoto, vazamento de material radioativo, indício de armas nucleares, sumiço de Helena Gouveia. Lott jamais poderia ter ligado César à doença de Jane se não fizesse parte da comunidade Methernitha.

— Tenho que ir a Washington agora — disse Campbell, passando a mão nos cabelos brancos cortados em estilo militar. — Preciso pressionar aquele bando de malucos a pararem esse ataque.

— O senhor está certo. Dentro de mais alguns minutos o Flame II terminará de eliminar todas as comunicações do Irã. Vai ser difícil atuar no país. A Casa Branca já deve estar intrigada com o que está acontecendo lá.

Pessoalmente, o diretor do Pentágono até concordava que a tecnologia de César Montenegro fosse difundida. Era a favor de todas as inovações que pudessem auxiliar ao desenvolvimento humano. E por conhecer como poucos as peças do jogo de poder no mundo, sabia que isso afetaria principalmente a indústria do petróleo. Junto com o gás e carvão, arrecadava mais de 200 trilhões de dólares anuais. A crise contribuiria para solapar o sistema financeiro, uma vez que os banqueiros internacionais eram os donos das maiores corporações petrolíferas. Nos Estados Unidos, por exemplo, o Federal Reserve, o Banco Central do país, não era controlado pelo presidente ou por algum representante eleito, e sim diretamente por quatro grandes corporações: Os quatro cavaleiros, ou famílias de banqueiros: *Bank of America*, *JP Morgan Chase*, *Citigroup* e *Wells Fargo*, possuíam os chamados Quatro Cavaleiros do Petróleo: *Exxon*

Mobil, Royal Dutch / Shell, BP e Chevron Texaco.

Mas o monopólio dessas famílias sobre a economia não terminava na borda da mancha de óleo. Havia, é claro, uma indústria que precisava desse esquema mais do que qualquer outra: o complexo militar-industrial.

O mercado da guerra do século XX era astronômico. Envolvia, sem exceção, todas as nações. Um cenário estarrecedor do qual Campbell fazia parte havia décadas. De 1945 a 1998, por exemplo, foram explodidas 2053 bombas nucleares no planeta. E só os Estados Unidos haviam detonado mais da metade delas. Alguns especialistas estimavam que os gastos militares na Guerra Fria dependeram assombrosos oitocentos trilhões de dólares, reunindo tudo o que Estados Unidos e União Soviética gastaram. Jatos, bombas, mísseis, torpedos, submarinos. Marinha, Aeronáutica e Exército. Tudo isso dependia do Petróleo. Tudo isso dependia do sistema financeiro internacional.

Campbell pensou naqueles que poderiam ter interesse por uma guerra no Irã e, mais do que isso, que gostariam de impedir que a tecnologia de Energia Livre fosse divulgada. Varreu a mente pelos círculos de influência de renome: a Comissão Trilateral, o Conselho de Relações Exteriores, o europeu Clube Bildeberg, o clube de Roma e outros grupos que reuniam os homens mais poderosos da Europa e dos Estados Unidos da política, do aparelho militar, do petróleo, da energia e do *lobby* da mídia. Os interesses em eliminar César variavam de agentes imobiliários e advogados, passando por dirigentes sindicalistas, economistas, até políticos, empresários, banqueiros, editores, os presidentes de fundações e editorialistas.

Havia pelo menos duzentos deles que jamais gostariam de ver o fim da economia com base no petróleo.

Duzentos suspeitos do crime.

Há uma inclinação da condição humana em acumular grande parte do poder para um grupo reduzidos de pessoas.

Ponderou sobre os interesses dos indivíduos com quem mais teve contato nos últimos dias.

Thomas Wilker, chefe da Junta dos militares tinha tudo para querer a guerra. O exército vinha mal das expedições ao Afeganistão e Iraque. Precisava retomar o moral. Além dele, o Secretário de Estado, Aaron Jones, que era ligado aos banqueiros de Wall Street e poderia lucrar muito com a guerra. Os diretores da CIA e da NSA, ou tinham ligações, ou vinham de famílias que tinham total interesse em eliminar as pesquisas de César.

Decerto os homens por trás dessa conspiração possuíam uma rede de controle infundável. Campbell precisava ir atrás da origem de tudo aquilo.

Mas não agora.

Era necessário curar Jane, antes.

Refletindo sob uma nuvem de paranoia e tensão, Campbell se deu conta de que havia caminhado até a janela de Lott e observava os carros desfilarem lá em baixo, na pacata *Randolph Street*. Sentiu-se ligeiramente aliviado. Se salvasse Helena Gouveia e o protótipo, teria dois desejos realizados: a saúde plena de Jane e a dos Estados Unidos, pois a guerra poderia ser evitada.

Pensou em como até a própria natureza havia sido cruel com o Irã. O país sofria, pelo menos, um terremoto avassalador todos os anos, por ser uma região de grande instabilidade. Então, no momento mais crítico de sua história recente, um tremor quase destrói uma das cidades mais importantes e, logo, na mesma proporção, mais suspeitas recaem sobre o país.

De repente, todos os fatos desfilaram à frente dos olhos de Campbell, como a resposta de uma charada indecifrável.

Ficou atemorizado. Absolutamente boquiaberto.

Como se assistisse depois de muitos anos a um filme pela segunda vez, ele vislumbrou outra versão. Sob uma ótica completamente diferente. Acabava de cogitar o que poderia ser um grande absurdo e, até mesmo, uma loucura das mais fantasiosas. Virou-se para o diretor da DARPA, que tomava outra xícara daquele maravilhoso café, como um vício interminável.

— Diga-me, Christopher. Se você soubesse que existe uma tecnologia capaz de fazer seu mundo se desintegrar com um sopro, como um fragmento de poeira no ar, e visse a chance de acabar com ela e quem a criou. Quem você seria?

Lott parecia confuso. Campbell continuou:

— E se você com isso ainda fizesse explodir uma guerra de proporções mundiais, cujas armas você mesmo venderia para os dois lados, garantindo não só o domínio do país invadido, como também suas riquezas naturais, como por exemplo, o petróleo...

— Então eu seria um Rockefeller da vida... ou um Rothschild — respondeu ele, em referência a duas das famílias mais poderosas do mundo, e agora parecendo entrar no raciocínio.

— E se essa tecnologia fosse inteiramente desenvolvida nos túneis de uma usina, suspeita de desenvolver armas nucleares para um país potencialmente perigoso e se você pudesse sepultá-la lá dentro, enjaulando-a como uma besta do apocalipse que está prestes a destruir seu mundo para sempre? E se essa tecnologia fosse inquebrantável e capaz de combater de frente todas as doenças e a fome do mundo. E se você pudesse aproveitar as tendências geológicas desse país para causar um colapso na *psique* daquela sociedade, impingindo o medo e direcionando as atenções de um país para outro foco, enquanto se prepara uma

guerra... Que tipo de arma você usaria?

Lott pareceu ter visto os cornos do demônio diante de si. Seus olhos se assombraram por trás dos óculos de armação redonda e o rosto se contorceu em uma careta de pavor.

De repente, a constatação.

— Oh, Meu Deus... — disse ele, tremulante. — Usaram o H.A.A.R.P. no Irã!

CAPÍTULO 99

O trio desceu às pressas a colina até verem o carro de Navid parado debaixo de uma árvore, do outro lado da rua. Helena tinha duvidado por um momento que ele os esperasse depois do bombardeio inesperado à cidade. Pelo jeito, o geólogo era mesmo confiável.

Caminharam até o Peugeot e ela entrou atrás, junto com Arash. O rádio do carro estava ligado com uma oscilação constante no sinal, uma voz em persa entremeada de estática. Mesmo em outra língua, Helena sentiu ansiedade e preocupação no discurso.

— Os desgraçados dos Estados Unidos estão nos bombardeando — disse Navid. — Acabaram de dizer na rádio que declararam guerra ao Irã e nem passaram pela votação do Congresso. Ditadores, autoritários... desgraçados!

— Declararam que era um caso de segurança mundial — completou Arash a seu lado.

O aleijado acendeu a luz interna do carro e deu a partida. Seu rosto estava alarmado, os olhos lacrimejavam com uma pitada de ódio. Ele praguejou uma longa frase em persa no momento que Hercule Kroos disse:

— Por isso precisamos sair daqui logo, meu amigo. Precisamos de uma rápida carona até a usina.

Navid virou o rosto para ele assustado. O carro deu um pinote para frente como consequência do susto.

— Você ficou maluco?! A usina provavelmente é um dos alvos principais de bombardeio. Além de estar tomada pela radiação!

— Ei, ei — interpôs Arash —, ouça o rádio!

— Por que vocês têm que ir a...

— Ouça o rádio, Navid!

Depois de alguns segundos de interferência, ouviu-se uma voz feminina em inglês e uma tradução quase simultânea em persa em seguida. Era um discurso conhecido. Uma voz conhecida.

— É Doroth Morgan — disse Helena, sentindo alívio por ouvir alguém familiar. — O que eles estão falando dela?

A rádio reproduzia um trecho do pronunciamento de posse que a colega fez quando assumiu o cargo de Secretária Geral da ONU: sobre os esforços que a ONU faria para combater o tráfico internacional de armas; os conflitos civis da África e Oriente Médio, a luta contra a AIDS.

— Oh, meu Deus — falou Arash.

— Deus tenha piedade — Navid orou em voz alta.

— O que estão dizendo?! — perguntou Helena, pressentindo algo terrível.

Arash respirou profundamente e voltou-se para Helena, com um pesar carregado nos olhos.

— Eles... Eles estão dizendo que a Secretária Geral teve um infarto fulminante dentro do carro, quando ia embarcar para cá.

Para Helena, foi como uma ferroada venenosa diretamente no cérebro, um torpor repentino se espalhando pelo corpo.

Infarto?!

Já perdera as contas dos desastres que haviam lhe acometido desde que entrara em seu carro e encontrara o pen drive com a mensagem de César.

— Arash, isso não pode ser...

— É isso mesmo, senhora — atalhou Navid. — Arash está correto.

— Não pode ser verdade! Meu Deus! — ela quase gritou.

Ficou olhando para Arash por alguns segundos, inerte, talvez buscando uma explicação para tudo aquilo. De alguma forma, a expressão rígida dele a ajudou a racionalizar a notícia. Doroth teve um infarto pouco antes de voar para Teerã? O que ela ia fazer lá no auge da crise? Será que soube de toda a verdade e foi atrás de Helena? Não era possível.

Pensou nas razões diplomáticas que estimulariam Doroth a dialogar com Teerã no auge de uma crise política. Pelo que conhecia Secretária Geral, cogitou que ela teria feito um último esforço para conter a guerra, conversando com os líderes do país para averiguar se existiam, de fato, armas nucleares. Sua coragem a levaria a público no possível cenário da guerra para pedir ao mundo que repensasse, em prol da paz. Mas porque chegar a esse ponto? Para que se arriscar tanto? Ela provavelmente teria que se deparar com evidências muito fortes que a estimulassem a cancelar uma guerra entre superpotências, porque é claro que se tratava de um conflito que envolveria Rússia e China.

Afinal, com quem Doroth estaria conversando?

Seu olhar se perdeu no borrão escuro de árvores que desfilava na avenida. Embora a neozelandesa tivesse duvidado de sua palavra, Helena sempre tivera uma relação de respeito com ela. Abalada, imaginou que a morte de Doroth também poderia ter sido forjada para estimular a intervenção dos Estados Unidos. Jamais aventaria essa teoria poucas horas atrás. Mas por tudo o que havia experimentado até agora, Helena achava a ideia muito plausível. Não acreditou que Doroth havia tido um ataque cardíaco fulminante. Era muita *coincidência*.

Esforçou-se em reunir todos os desastres emocionais dos últimos dias em ingredientes para produzir uma fórmula mágica de estímulo. Ainda era possível reagir. Ficou ouvindo os comentários dos três homens no carro, perplexos, a notícia chiando ao fundo.

De um segundo para o outro, a tela amarela do rádio se apagou completamente e a voz do locutor morreu, andrógena, como a de um robô que é desativado. Navid tentou ligá-lo de novo. A tela acendeu repentinamente para em seguida se apagar de vez.

Helena nem imaginava, mas aquele era um dos últimos facho de luz artificial a serem vistos em todo o Irã naquela noite.

CAPÍTULO 100

— Tripulação, preparar para o pouso — disse uma voz cáustica da cabine do helicóptero.

César abriu apenas um olho, o único que podia movimentar. Sua vista embaçada de sangue discerniu suas próprias pernas vestidas por uma calça social suja e rasgada. Estavam trêmulas, drasticamente doloridas. O vento forte queria arrancá-lo do banco onde estava sentado e o corpo latejava de dor com suas rajadas. Vibrando como um tanque de guerra alado, o helicóptero se inclinou bruscamente diante da esplêndida cadeia de montanhas que limitava Esfahan ao norte. Por alguns segundos, César viu o cume rochoso e distante da colina Atashgah, isolada do outro lado da cidade, aonde se achava a penúltima peça de seu protótipo. Rezou para que Helena e Arash tivessem recebido ajuda de Hercule Kroos.

Me perdoem, disse a si mesmo, não consegui superar a tortura de Meng.

O aparelho perdeu altura e começou a descer. César ainda mantinha esperanças em Helena. Quando Ramin o denunciou à Guarda Revolucionária e ele foi preso no Templo Adrian, já havia feito, sozinho, toda a trajetória que indicara a ela. Estava sempre vigiado e por isso não podia sair do país para tentar divulgar sua descoberta. Então, havia espalhado as peças, que só poderiam ser encaixadas em apenas *um* protótipo, como se fosse uma chave codificada, impossível de ser copiada.

As indicações deveriam ser escondidas dos supostos perseguidores. Então por que não transmitir todo aquele conhecimento de maneira romântica? Fazendo-os aprender em apenas um ou dois dias o que ele estudara por quarenta anos? *O ser humano compreende melhor através de metáforas.*

Os símbolos da Geometria Sagrada, do Zoroastrismo, os mosaicos do Islã, a Flor da Vida, tudo tinha a ver com a Energia Livre. E tudo aquilo era muito romântico. Todavia, César não se perdoava por arriscar a vida das três pessoas que mais estimava nesse drama. Sentiu-se egocêntrico, individualista, mas não havia outra saída. Não havia ninguém em quem confiar. E os três reuniam todas as habilidades, conhecimentos e motivações necessárias para a missão.

Seu último contato havia sido com Kroos, ainda em sua casa, em Linden, na Suíça, antes de ir para o Irã.

— Para aonde vai agora? — indagara Hercule, depois de abraçá-lo longamente.

— Preciso me distanciar de vocês. Preciso me afastar dos methernithas. Não quero que sofram as consequências do que recairá sobre mim. Vocês necessitam sobreviver, caso eu... Caso eu não consiga.

Os olhos cinzentos de Hercule se marejaram de lágrimas. Havia posto as duas mãos nos ombros dele, apertando com afeto.

— Me escute, Hercule, me escute bem. Por sua escolha, você se dedicou arduamente para o que vai acontecer agora. Por favor, não envolva mais ninguém da comunidade. Ninguém. Entrarei em contato dentro de um ano.

Dito isso, César virou-se com sua mochila nas costas e caminhou até a saída.

— Pai? — chamou Hercule Kroos.

César parou com a mão na fechadura, esforçando-se para não deixar as lágrimas correrem. Não podia demonstrar fraqueza a Hercule naquele momento. Virou apenas o rosto de perfil, vendo-o de soslaio.

— Eu te amo.

— Eu também, meu filho. Cuide-se.

Hercule era fruto de uma relação de quinze anos com Deborah Kroos, uma deusa de olhos verdes e voz que tinha o tom de um canto élfico. Ela lhe apresentara duas dádivas que mudaria a vida de César: os methernithas e o amor. Aquele amor que o estimulava a mudar o mundo por ela. Foi assim que César aperfeiçoou a tecnologia dos methernithas e a expandiu para outras áreas do bem estar humano. A cura de doenças, a tecnologia espacial e uma série de outras aplicações que ele esperava pôr em prática se continuasse vivo. Se não fosse possível, torcia para que Arash, Kroos e Helena o fizessem.

E como Meng não conseguiu capturá-los, César presumiu que achavam-se no caminho certo. Sabia que agora o assassino pretendia usá-lo como trunfo para chantagear Helena e achar a última parte do protótipo.

Os tiros de uma metralhadora desfizeram sua reflexão em um susto doloroso. César sentiu que seu peso estava apenas sobre um braço. Com as mãos atadas no descanso do banco, experimentou uma dor avassaladora irradiar por todo o corpo. Ela permaneceu ali, ora se acentuando, ora cedendo. Deu-se conta de que já haviam pousado no pátio da usina, e que o oriental havia acabado de atirar em alguém.

Alguns instantes depois, o assassino apareceu na porta do helicóptero. Vestia uma roupa antirradiação de última geração, cinza, colada ao corpo que deixava entrever oito gomos de seu abdômen seco. Pendurou a AK-47 no ombro e endireitou César no assento, como um saco de batatas estragado. Puxou de uma sacola uma máscara e a inseriu em sua cabeça, depois de tirar o capacete de comunicação de passageiros. César passou a ouvir o peso da própria respiração, amplificada pela máscara de oxigênio.

— Para quê me vestir com isso se... se já sou um homem morto? — gemeu ele.

Meng não respondeu. Desatou sua algema, talvez já sabendo que César não teria forças para sequer movimentar os braços. Inseriu uma roupa antirradiação branca através das suas pernas. Calçou um par de botas e luvas de borracha. Pelo que conhecia desses trajes, teriam o mesmo efeito de uma blusa de lã em uma tempestade. Dependendo dos níveis de radiação, estaria nu.

Não se importava mais.

O oriental o arrastou para fora do helicóptero e o sustentou pelo ombro. Ao sair, César teve uma visão terrível. Seis corpos jaziam torcidos no chão, com manchas vermelhas que se destacavam em suas vestimentas brancas. Apenas um cadáver destoava dos outros. Este, vestia uma roupa comum.

Então César entendeu.

Estava usando a roupa de um morto.

— Presumo que é para lá que devemos ir, não é? — O oriental apontou para uma porta dupla de aço cravada no pé de um morro.

César abriu a boca para falar, mas não conseguiu. Toda sua energia era concentrada nos seus passos trepidantes. Apenas ouvia o ar se intensificar dentro da máscara, quente e arquejante. Inspirou tudo que pôde e soltou:

— Sim. É lá dentro que nós dois vamos morrer.

CAPÍTULO 101

Com as mãos apoiadas na pia de mármore, Thomas Wilker observou a água deslizar pelo rosto através do espelho do banheiro do Pentágono. *A guerra é a única saída. Não há paz sem ela.* O Irã era uma ameaça real aos Estados Unidos. E mesmo que as provas não tenham sido expostas, todos sabiam que eles detinham armas nucleares. O desenvolvimento delas era só uma questão de tempo para um regime cujo maior expoente era um líder fundamentalista religioso.

Encheu as mãos de água e banhou a careca. Pensou na morte dos comissários e, no outro dia, da Secretária Geral da ONU. Se Wilker já era a favor da guerra, esses fatos tornaram impossível usar *apenas* diplomacia com o Teerã.

Não há como evitar.

A porta do banheiro se abriu com um baque forte. Um homem conhecido entrou a mil por hora. *Mas que merda é essa?*

— Agente Cole? O que está fazendo aqui?

— Perdoe-me, general — cortou ele, ofegante —, como o senhor sabe, estamos investigando o caso desde o início. Tenho algo para te mostrar.

— Para vir até o banheiro me importunar, espero que seja a declaração do presidente do Irã sobre essas malditas armas nucleares.

— É muito mais grave, general.

Wilker se retesou, receoso.

— Nós do serviço secreto estávamos achando tudo muito estranho, apesar das evidências contra a brasileira. — Cole retirou um Iphone do bolso do paletó cinza e lhe ofereceu.

Wilker percebeu que era um vídeo. Deu play e assistiu a imagens oscilantes, provavelmente feitas por um cinegrafista amador. No canto inferior direito, havia um emblema da TV mais assistida do Irã, a PRESSTV. Crianças brincavam em um parque, presumivelmente iraniano. De repente, a imagem começou a tremer ainda mais nas mãos do cinegrafista e uma histeria se fez no áudio.

Eram imagens ao vivo do terremoto.

Involuntariamente, o ângulo da câmera subiu até a cúpula de uma mesquita que se partiu ao meio.

Lá no alto, desenhada sublimemente no céu azul, pairava uma nuvem colorida em vários tons de verde. Wilker olhou assustado para o assessor, que apenas balançou a cabeça em afirmação.

Tratava-se de uma Aurora Boreal. Belíssima.

Wilker sentiu todo o corpo arrepiar.

Ele consideraria um simples defeito de filmagem se não soubesse a relação direta da Aurora Boreal com algo extremamente aterrador. Como oficial militar de maior patente nas Forças Armadas e Presidente do Estado Maior, é claro que conhecia os projetos mais controversos, os segredos mais profundos do militarismo americano. Só os Estados Unidos possuíam aquela tecnologia. Fora criada pela Força Aérea e a Marinha em conjunto com cientistas da Universidade do Alasca. Suas intenções não eram secretas, a princípio. Até que suas verdadeiras potencialidades foram aos poucos descobertas. O H.A.A.R.P. interrompe as linhas de comunicação radiofônicas e desativa os equipamentos instalados em satélites, naves e foguetes espaciais. Provoca graves acidentes em redes de transmissão de eletricidade e sérios danos em oleodutos ou gasodutos. Além de ocasionar um impacto negativo sobre a saúde mental das populações de regiões inteiras.

Aquela polêmica saiu em jornais, virou discussão em debates universitários, mas com o tempo, ninguém mais colocava lenha naquele devaneio de teóricos da conspiração.

Wilker sabia que o Projeto H.A.A.R.P. havia sido quase extinto dez anos atrás. E hoje em dia, ninguém mais comentava sobre ele. O orçamento era volumoso demais para uma arma absurdamente fatal. Além, é claro, de ser imoral em todos os aspectos. Jamais havia sido colocado em prática em outro país, a não ser em campos de testes dentro dos Estados Unidos. Wilker chegara a ver um desses testes. Foi quando tomou ciência das anomalias que caracterizam a utilização H.A.A.R.P.: Aurora Polar, esquentamento da ionosfera, etc, etc.

Quem teria autorizado sua utilização?

Dez anos atrás, houve boatos de que a CIA o havia empregado em parceria com a NSA no Afeganistão e na América do Sul, o que alterou de modo radical o clima nas duas regiões. Mas Wilker jamais tivera acesso a essa informação. Era apenas almirante na ocasião, e ele sabia que as informações mais sigilosas só chegavam a ele à medida que se incluía nos menores círculos de poder. Um decreto presidencial havia cedido, tempos depois, a administração do Projeto H.A.A.R.P. à CIA, que agiria em conjunto com o NRO e a NSA, as outras duas agências de inteligência. Porém, as três estavam proibidas de utilizá-lo.

De repente, ele pensou em uma possibilidade.

Gareth Tabe, diretor da CIA. David Johnson, da NSA. Aaron Jones. Será que eles estão envolvidos? Que interesse eles teriam em um terremoto no Irã? Wilker necessitava saber quem havia dado aquela ordem. Se a contraespionagem da Rússia e China descobrisse que o H.A.A.R.P. havia sido usado no Irã, as coisas poderiam piorar ainda mais. A credibilidade das forças armadas e de Wilker estariam em risco.

— Uma Aurora Polar seguida de um terremoto, senhor — resumiu Cole.
— Acho que agora está explicado porque os senhores quase não obtinham informações no começo dessa crise.

— Porque alguém daqui as estava ocultando intencionalmente. Alguém usou o H.A.A.R.P. no Irã.

— É bem possível.

— Preciso saber quem está coordenando esse Projeto atualmente, qual é a agência.

— Eu já averigui, senhor.

Wilker confiava em Cole. A função principal de sua agência era simplesmente a proteção do presidente dos Estados Unidos. Seu pessoal era treinado para apurar, aventar hipóteses, apurar de novo e relatar rigorosamente tudo à presidência. Mas como a investigação principal e tudo relativo àquela crise acontecia ali dentro do Pentágono, o agente Cole devia se reportar diretamente ao homem de maior patente.

— E então? — questionou Wilker.

Cole lhe contou

Wilker sentiu o sangue esvair do rosto quando deduziu quem estava por trás de tudo.

— Desgraçado, traidor — gritou Wilker. — Traidor!

CAPÍTULO 102

— Vou levá-los à usina com uma condição — disse Navid Kiahshed, com rigidez.

Embora ele fosse demasiadamente agitado e bem ortodoxo em suas convicções, Helena sentia uma percepção segura dos fatos na sua voz. Sua explicação sobre o H.A.A.R.P. havia sido um exemplo disso. E para Arash e Kroos terem entrado em seu carro, era porque de fato era confiável.

— Estamos ouvindo — respondeu Helena.

— Se vocês saírem vivos desta, especialmente a senhora, prometa novamente que a ONU vai me ajudar a provar que o H.A.A.R.P. é uma arma letal e foi usada contra nós. Estou colhendo as evidências, mas me falta a prova final. E sei que a senhora poderá ter acesso a essa informação quando voltar.

— Eu já lhe prometi isso, meu amigo. Mantenho minha palavra. Em tempos atuais, em que acordos com base na palavra quase nada significavam, ela surpreendeu-se com o que acabava de afirmar. Além do mais, o que Helena tinha a oferecer àquele homem senão sua própria palavra? Ele arriscaria a própria vida indo à usina, e só isso já valia uma grande recompensa.

— Sei que aqui no Irã a palavra é sagrada, Navid. Vou honrar a minha. Até porque o que mais desejo agora é descobrir quem está por trás de toda essa desgraça.

Navid balbuciou algum agradecimento em persa e ela reparou que um sorriso tímido de satisfação se esticou em seus lábios através do retrovisor.

— Só tem um problema — disse ele, enquanto o estrondo de um míssil retumbava à distância. — Vocês precisarão de uma roupa antirradiação. Eu tenho apenas duas. Uma que usarei, e outra sobressalente.

— Nós também temos duas — retrucou Arash, mexendo na sua bolsa tiracolo. — Conseguimos com um amigo.

— Então a que está sobrando é minha — disse Kroos, depois de tossir.

— Certo. Chegou a hora de colocá-las.

Navid parou em acostamento em uma via absolutamente vazia e escura, os faróis do Peugeot como dois cones de luz na noite. Todos saíram, com exceção de Navid, que ia se trocar no carro. Distribuíram as roupas. Helena procurou um local mais camuflado, atrás de uma árvore de tronco largo. Despiu-se e colocou a vestimenta com grande dificuldade. A roupa cinza parecia um traje de mergulho feito de neoprene, porém mais colada ao corpo, como os dos nadadores. Segundo Arash, seu material equivalia a uma placa de aço de quinze centímetros, o que protegia seguramente da radiação gama, a mais letal. Era como usar uma roupa de concreto de cem gramas. Uma espécie de capuz pendia

das costas da blusa, com uma abertura para colocar a máscara no rosto.

Uma roupa de mergulho futurística.

Calçou os sapatos. Assemelhavam-se a um coturno, porém eram leves e surpreendente confortáveis. As luvas também eram cinza e do mesmo material da camisa e da calça.

Retornou ao carro. A essa altura, todos haviam colocado suas vestimentas, com exceção das máscaras. Kroos usava uma roupa convencional, semelhante à de Navid, feita de polietileno e polímeros à base de PVC, e botas e luvas de borracha. Arash, é claro, usava a mesma que a sua e parecia um visitante do espaço. Quando se deu conta, Helena havia desviado o olhar para os músculos da perna dele. E percebeu que nenhum deles pôde evitar um olhar de surpresa quando a viram dentro daquele traje que marcava suas formas impecáveis, torneadas pelos exigentes treinamentos de *Crossfit*. Navid e Kroos mantiveram-se discretos. Somente Arash a fitou por mais tempo, o que lhe provocou uma estranha satisfação.

Sentiu que a vestimenta se adaptou instantaneamente ao corpo e curvou-se para entrar no carro, antes de Navid acelerar.

A cidade, que até agora havia se mostrado apenas levemente avariada, dava lugar a uma paisagem calamitosa. Várias vezes, o carro teve que se desviar e passar por cima dos restos de prédios e de árvores. Fendas rasgavam parte do asfalto e foi difícil a locomoção até se avizinham à região da usina, onde o caminho achava-se livre. Ali, a paisagem era aberta, plana e terrosa, o asfalto surpreendentemente intocável.

Como se fosse uma reprimenda dos céus, dois riscos dourados recaíram em algum lugar poucos quilômetros à frente, como estrelas cadentes mortais. Sem perceber, Helena tomou a mão de Arash e a apertou com força, antes de ler uma placa iluminada pelos faróis do carro:

URANIUM CONVERSION PLANT, 2 Km.

Como aqueles cientistas suicidas que caçam tornados, eles seguiam implacavelmente a mesma rota dos mísseis. Por que atacavam uma usina que já se encontrava destruída? Já não era suficiente a cidade padecer de um vazamento nuclear sem precedentes na história? Perguntou-se se algum dia Esfahan voltaria a rescender aquele delicioso aroma de rosas com mel que sentira na Praça Naqsh-e Jahan.

— Todos ponham as máscaras — alertou Kroos.

Com um movimento habilidoso, Helena amarrou os cabelos lisos em um

coque natural e encaixou a máscara no rosto. Aliviou-se quando o cobriu. Somente quando ouviu sua respiração se amplificar dentro dela, percebeu o quanto ofegava.

Alguns minutos depois, o carro ingressou na área da usina. Os portões de ferro amarelo jaziam destruídos, a torre principal, cerca de trezentos metros à frente, incendiada. Não saberia dizer se o estrago fora provocado pelo terremoto ou pelos mísseis. Lembrou-se que em 2011, quando Israel ameaçara atacar a instalação, estudantes das Universidades de Esfahan fizeram um cinturão humano ao redor daquela entrada, prontos para sacrificar as vidas para que a usina não fosse destruída. Após a realização de uma sessão de oração do meio-dia na frente do portão principal, passaram a gritar "Morte a Israel!" e "Morte à América!", e prometeram resistir em caso de um ataque.

Uma enxurrada de pensamentos obsedou a mente de Helena, áspera e violentamente: *Doroth morta. Guerra contra o Irã. Vazamento de material radioativo. Terremoto provocado pelo H.A.A.R.P. Energia Livre. Fugitiva internacional.*

CÉSAR, onde você está?!

Investigando a área com os olhos, Helena se perguntou onde seria o local aonde precisavam ir. O complexo principal estava completamente destruído e incendiado. Não era possível ver nada além das nuvens de fogo.

— Para onde? — ela indagou, sua voz abafada pela máscara chegava aos ouvidos em um tom diferente.

Kroos virou o rosto mascarado para ela, a parte dos olhos totalmente espelhada refletindo a fúria das chamas que flamejavam ao longe. Ele apontou com a mão enluvada na direção das labaredas, seu sotaque ainda mais arrastado, emprestando-lhe um tom sinistro sob a máscara:

— Teremos que atravessar o inferno.

CAPÍTULO 103

O Peugeot de Navid atravessava a área rente aos portões que cercavam o complexo nuclear deixando duas linhas marcadas pelos pneus na terra. Kroos orientou que ele contornasse a área central, que se encontrava incendiada e destruída a centenas de metros à frente. Então Helena percebeu que se dirigiam para a porção atrás das chamas, a um espaço impossível de ser visto da entrada, aonde havia uma floresta de fogo impedindo a visão. O carro se manteve a uma distância relativamente segura do forte incêndio. Helena teve a certeza de que sentiria a pele arder naquele momento, não fosse o traje antirradiação.

A cada metro, mais imersa na radiação.

Tudo estava deserto. Onde estavam as autoridades para conter tudo aquilo?

— Aquele deve ser o prédio de conversão de urânio — concluiu ela, como se falar aquilo fosse deixá-la menos apavorada.

— Sim — respondeu Kroos, sua voz grave vibrando como a de um cyborg. — Existem três pequenos reatores de pesquisa aqui. Foram completamente destruídos. É de lá que provavelmente vem o vazamento.

Ela lembrou-se de algumas horas antes, durante o caminho, ainda na estrada para Esfahan, quando Arash comentou que a taxa de radiação em Fukushima equivalia a submeter-se a seis radiografias do tórax por hora. Em um ano, significaria quase duas mil vezes a dose natural e mais de duzentos e sessenta vezes a dose máxima estipulada para quem trabalha em uma usina nuclear. Uma exposição a dez mil *MiliSieverts* — o equivalente a cem mil radiografias ao peito — provocaria a morte de uma pessoa em menos de um mês. Havia, no entanto, uma diferença marcante: o desastre de Esfahan fora absurdamente maior do que o da cidade japonesa, o que levava a um pensamento massacrante: como seria possível um país ter ciência de que há um vazamento nuclear em um lugar e ainda assim bombardeá-lo?! *Eles não têm nenhum senso de humanidade?*

Por baixo da máscara, sentiu-se subitamente nauseada e claustrofóbica. Precisou inspirar forte várias vezes antes de se situar e procurar afugentar esses pensamentos. Ouviu Kroos guiar Navid até a silhueta de um morro, cerca de quinhentos metros atrás da estrutura principal. À medida que se aproximavam, o calor intenso do incêndio ia diminuindo.

— César trabalhava no subterrâneo — declarou Kroos, com a cabeça voltada para o paredão rochoso que surgiu à direita do carro.

— Como é? Mas por que ele...

— Projetos secretos — o methernitha adiantou, sua voz parecendo presa em uma caixa acústica. — Provavelmente o governo do Irã comprou suas ideias e o pagou para produzir a tecnologia. Em troca, provavelmente exigiram a

patente.

— Pelo que o conheço — completou Arash —, ele quis usar a estrutura que o governo ofereceu até o momento certo, quando fugiria com a invenção e a divulgaria para o mundo, o verdadeiro dono dessa patente.

É bem possível, concordou Helena, apenas em pensamento.

— As imagens via satélite indicavam uma entrada mais ou menos por aqui... — disse Kroos. O carro margeou por mais algum tempo o morro, então ele afirmou: — Achei! Pode parar, Navid.

O geólogo breiou na frente de uma fenda rochosa que parecia ter sido aberta por alguma máquina. Com formato côncavo, mergulhada em relativa escuridão, via-se uma porta de aço no fundo da abertura.

Era como um sarcófago da antiguidade. Helena sentiu o abdômen tremer de tensão.

Ela, Kroos e Arash saíram. Navid permaneceu no carro. Não seria sensato pedir que os acompanhasse, visto sua deficiência física. De todo modo, o trio já havia tido a maior sorte do mundo ao encontrá-lo.

Arash pendurou a bolsa tiracolo no ombro e disse:

— É melhor você ir, Navid. — E meneou a cabeça em um sinal respeitoso.

— Buscarei ajuda.

— Não — interpôs Kroos. — Nenhuma autoridade é confiável para garantir a segurança do que faremos aqui. Não chame ninguém.

A máscara de Navid permaneceu estática, olhando para Kroos. Devia estar se perguntando que diabos a ex-presidente do Conselho de Segurança da ONU fazia ali, no lugar mais letal do mundo no momento.

— Então eu os esperarei aqui em cima.

— Negativo — dessa vez Kroos aproximou-se do carro. — O senhor já nos ajudou demais. Agradecemos profundamente.

— Mas como vocês vão voltar?!

Não passara pela cabeça de Helena, até agora, como fariam o trajeto de volta. Deviam se encontrar a, pelo menos, dez quilômetros da cidade. César costumava dizer: *“Concentre-se apenas no próximo passo, Helena. E não nas dificuldades do momento.”*

— Vamos — chamou Kroos, ignorando a pergunta de Navid, dando as costas.

Helena virou-se para ele e disse:

— Me procure na ONU se tudo der certo.

Navid meneou a cabeça.

— Pode ter certeza que sim, minha senhora. — Em seguida, deu meia volta com o carro, traçando uma linha em formato de ferradura no chão de terra.

Em poucos segundos, se perdeu por baixo de uma nuvem de poeira e desapareceu pela entrada. Kroos tomou a dianteira e caminhou até a penumbra onde ficava a porta de aço.

— Ele poderia nos esperar aqui em cima, Kroos. — Sua voz saiu mais baixo do que gostaria, por causa da máscara.

— Não sabemos o que há lá embaixo — objetou o methernitha. — Não precisamos envolver mais gente nessa história. Talvez eu tenha salvado a vida dele. Além disso, nossa missão exige velocidade de locomoção. — Ele estudou a porta antes de virar-se para os dois. — Está entreaberta.

Com grande esforço, empurrou-a, até revelar uma antessala na penumbra.

À direita, havia uma mesa com uma planta artificial de enfeite e duas cadeiras metálicas. Curiosamente, como em um prédio comercial, dois elevadores destacavam-se ao fundo, com as portas abertas.

— Temos que descer pelas escadas. Não há energia — sugeriu Helena, ao ler uma placa fotoluminescente que indicava em inglês a escadaria.

— Só será necessário na subida — Arash objetou, estudando de perto os elevadores. — Esse tipo de elevador utiliza tecnologia oleodinâmica e dispõe de tubos pneumáticos, com uma cápsula hermética, que vai de um andar a outro usando apenas a diferença de pressão. Para cima, pouca energia, e para baixo, ele usa apenas a gravidade.

Dito isso, ele entrou no elevador. Helena e Kroos o seguiram. Só havia dois botões, *descer ou subir*. Abaixo dele, havia uma pequena alavanca e uma placa informativa que deixaria qualquer claustrofóbico em desespero:

DESCIDA DE 100 METROS.

Como descer um prédio de trinta andares, pensou Helena.

Arash puxou a alavanca, o que fez a porta se fechar.

Escuridão completa.

Um sistema de refrigeração foi acionado no que Helena interpretou como *radiação em forma de vento*. Um suave solavanco para baixo indicou que o elevador pôs-se a descer. Helena sentiu um embrulho na garganta, sua respiração ficando cada vez mais abrasadora dentro da máscara. Ela achou a mão de Arash no escuro e a entrelaçou com a sua. Queria não ter luvas para poder sentir o calor brando que ela emanava.

A dúvida do que os esperava a fazia cogitar as piores paranoias. Para aonde fora o assassino que estava atrás deles? Ele havia matado César? Machucado seu protetor de alguma forma? Teria chegado primeiro? No entanto, ela confiava na habilidade de Arash e Kroos, e essa certeza lhe amainava levemente os nervos.

O protótipo estava muito perto. Logo, logo ela o encontraria, provaria sua

inocência ao mundo e, quem sabe, salvaria César. Só de pensar na dor que lhe inspirava a perda dele, sentia-se tão sem chão como estava agora, pairando no ar em direção ao núcleo da Terra.

Depois de dois minutos de tensão, um revés leve sugeriu a chegada. A porta se abriu lentamente e uma luz invadiu o elevador. Os três soltaram um arquejo de espanto.

Tudo lá embaixo estava perfeitamente iluminado e refrigerado.

Mas o quê... Geradores?! Estavam diante de um salão redondo. Grande e repleto de computadores de última geração. Dezenas. A curiosidade maior, no entanto, não era essa.

Como aquele complexo estava intacto depois do terremoto? Helena reparou que as paredes eram poderosamente reforçadas por concreto armado de várias camadas, suficientes para resistir a ataques de mísseis.

Todavia, não teve tempo de analisar toda a estrutura reforçada do espaço porque, de repente, foi atraída por uma movimentação a seu lado.

Eram passos. Vinham em sua direção. Leves, como se um inseto estivesse tocando o chão.

Percebeu o rosto se esquentar.

— Bem vindos, senhores — saudou uma voz rouca e abafada. — Estávamos ansiosos pela visita.

CAPÍTULO 104

De pé na sala de reuniões, Xerxes ignorava o teor da conversa que se desenrolava ali e projetava sua mente em Esfahan. Pensou em como seu plano estava a um passo à frente de todos.

O projeto H.A.A.R.P. não havia sido acionado simplesmente para gerar um terremoto em Esfahan, causar um temor na psique daquela população e produzir um vazamento nuclear. Tratava-se de algo imensuravelmente maior, que se anexava a outra armadilha: o Flame II.

O Flame é um Cavalo de Tróia, pensava ele.

O céu de Washington não poderia estar mais cinza no dia em que Xerxes encontrara pela primeira vez aqueles que representavam seu contratante, há exatamente um ano.

Um carro preto e luxuoso o havia recebido às margens do Rio Potomac, em Georgetown. Um homem branco de traços largos o aguardava dentro, ao lado de um motorista impecavelmente uniformizado.

— O motivo de nosso encontro — começou o homem — é que temos interesse em uma arma bem peculiar. — Ele abriu a janela do carona, deixando as gotas da chuva caírem na manga de seu próprio terno. — Sabemos que sua posição na hierarquia governamental lhe permite facilmente ter acesso a ela.

— O nível de dificuldade depende do valor a ser pago — respondera Xerxes, sabendo que, fosse qual fosse a arma requisitada, ele não teria problemas em acessá-la.

— Vamos adiantar trezentos milhões de dólares agora. — Seu sotaque era forte. Parecia russo. — E depois do trabalho, mais trezentos.

Xerxes impressionou-se. Seriam eles os intocáveis homens que com suas canetas causavam os estopins das guerras, os lendários financiadores delas? Na realidade, ele não se importara. Seus interesses não eram os mesmos.

— Para executar a missão, você deverá usar um vírus que nós criamos: o Flame II.

O homem lhe explicou a essência do Flame II e como poderia ser usado junto com o Projeto H.A.A.R.P. De maneira genial, o Flame II seria camuflado dentro dos computadores que operavam a máquina de produzir terremotos. A proteção de um sistema como o H.A.A.R.P. tinha que ser mais poderosa, por isso era necessário o antivírus mais poderoso jamais criado. Aquele que se espalhava com um sopro de vento.

O Flame podia manipular os computadores do H.A.A.R.P. Com isso, podia-se acessá-lo de qualquer parte do mundo, sem que ninguém soubesse que fora invadido, como uma simples atuação de um hacker. Ou seja, das montanhas

do Afeganistão podia-se acessar os computadores que controlavam o H.A.A.R.P. no Alasca e direcionar as antenas para qualquer ponto do planeta.

— Por que vocês simplesmente não constroem um equipamento igual? — questionara Xerxes.

O contratante deu uma risada, como a de um pai que constata a imaturidade pueril de um filho.

— Nós já o temos. A tecnologia do H.A.A.R.P. existe desde a Guerra Fria. É obsoleta. O que nós queremos, agora, é culpar os Estados Unidos pelo ato. No jogo da guerra, é a vez dos americanos perderem. Deflagraremos uma guerra no futuro mostrando que eles são os grandes criminosos. E provaremos que o sistema foi criado e usado por eles, para que a comunidade internacional os puna com uma guerra e destrua o país.

Xerxes ficara assombrado com o plano.

— Chegou a hora desse império de mais de duzentos anos ruir. Foi assim com Babilônia, Alexandre o Grande, Roma... Nós sempre estivemos em todas as partes, desde o princípio dos tempos.

O H.A.A.R.P. fora projetado para que suas experiências pudessem ser conduzidas por controle remoto. Isso queria dizer que as pessoas que realizavam tais experimentos poderiam se encontrar em qualquer parte do mundo, usando a internet ou esquemas semelhantes para controlar o que acontecia lá na base do Projeto, no Alasca. Com o Flame II, podia-se ter acesso a qualquer momento e fazer o que quisesse com ele.

Era uma operação compartimentalizada. Utilizava-se de uma artimanha militar muito antiga. Seus cientistas só sabiam a tarefa à qual eram designados dentro de determinada operação. Enquanto os civis que trabalham na manutenção dos equipamentos só estavam lá para ligá-lo, verificar os mostradores e observar as setas dos painéis de válvulas a fim de garantir que tudo estivesse funcionando adequadamente, as instruções reais viriam de uma origem muito diferente da que pensavam, sem que eles imaginassem o que estava acontecendo de fato.

— A Era dos Estados Unidos acabou — sentenciara o homem, com o sotaque se acentuando por trás do tom frio.

Xerxes não podia negar a perversidade daquele projeto.

— Correto — dissera ele, esforçando-se para não se mostrar abalado. — Mais alguma orientação?

— Na verdade, esse é o menor dos pedidos. — Ele enfiara a mão no bolso interno de seu terno e lhe entregara a foto de um homem com cabelos desgrenhados e um olhar sadio, vigoroso, que Xerxes conhecia bem.

César Montenegro.

Ao lado de uma mulher linda.

— Nosso interesse maior é adquirir algo que o senhor e sua comunidade já possuem há anos, senhor Lott.

Christopher Baumann Lott. Filho do esquecido Paul Baumann. A foto de César era com uma mulher, por cujos olhos verdes ele sempre fora apaixonado.

Não, muito mais do que isso, obcecado.

Lott era tão fissurado por Deborah Kroos que quando quis ter relações sexuais com ela debaixo de um carvalho no vilarejo da comunidade e ela negara, ele teve que obrigá-la. E quando ela aparecera grávida de um menino, já ao lado de César Montenegro, ele negou a paternidade. Ele podia fazê-lo, era filho do criador da comunidade methernitha. César, além de assumir a paternidade de Hercule Kroos, ainda trabalhava na ocasião em uma tecnologia que o pai de Lott, Paul Baumann, criador do *Testatika*, dizia com orgulho que superaria a sua criação.

Quando havia cansado de passar todos os dias vendo a barriga dela crescer na mesma proporção que o amor dos dois, Lott deixara a Suíça, ainda com 25 anos. Mudara de vida. E nada melhor do que mudar de vida no país das oportunidades. Fora nos Estados Unidos que ele aprofundara os conhecimentos de Física, estudando no MIT e prometendo, dia após dia, superar a César.

A primeira forma de superação seria eliminando-o. Provocando um acidente de carro que infelizmente, matara a todos, menos quem ele mais desejava. Débora Kroos morrera no acidente, junto com os pais de Helena Gouveia. Era claro que César era o grande culpado pela morte de sua amada. E, mais do que nunca, merecia algo pior do que a própria morte. Depois do atentado que Lott promovera, o brasileiro sumira do mapa, para então retornar em forma de fotografia nas suas mãos.

As inovações de César Montenegro agora interessavam a seu contratante.

Foram três décadas de estudo dentro da comunidade dos methernithas. Lott sempre sentia a necessidade de revelar ao mundo a máquina de seu pai, desde que a patente fosse sua. Queria ter a glória de ser o cientista que, além de ter salvado o mundo da fúria instável do petróleo, também abria caminho para a cura das doenças mais letais. Um novo sistema de propulsão para levar o homem aos confins do Universo. A cura do câncer, a Energia Livre.

Lott faria um bem para a humanidade.

O que seu contratante ambicionava agora era deter a tecnologia de César Montenegro. Ele não ignorava, é claro, que a Energia Livre era neutra como uma faca: Poderia ser usada para cortar um pão e lhe alimentar, mas também poderia matar alguém.

Matar milhões de pessoas.

Era isso que seu contratante desejava: desenvolver uma tecnologia capaz de projetar armas *High Tech*. E fazer com que a próxima guerra abolisse o uso de balas e fuzis. Logo, aquilo representava o fim da era militar-industrial vigente. Em troca, eles lhe dariam muito dinheiro. Fama. Glória e, principalmente, a ruína de César.

Uma troca maravilhosamente perfeita. E eu ainda terei a glória de ter criado o Flame II.

— Portanto — dissera o contratante —, apresente o Flame II assim que tiver uma oportunidade. Criaremos as condições para que o senhor possa utilizá-lo. E de quebra, geraremos uma guerra.

— Certo.

— Entraremos em contato em breve.

Agora, com Ronald Jay Campbell à sua frente, Lott sentia-se intimidado. Aquele velho moribundo poderia acabar com seus planos, caso Helena saísse viva. Só eram necessários alguns minutos para que o oriental estivesse com o protótipo nas mãos. Então ele concederia a César a morte mais terrível que poderia provocar.

O toque do telefone celular do diretor do Pentágono dilacerou os pensamentos de Lott. O velho atendeu, baixando o olhar para a mesa de mogno. De repente Campbell o encarou por breve instante com os olhos arregalados, claramente tentando conter o susto.

Foi o suficiente para saber o que havia acontecido.

Não sabia bem ao certo, mas agora estava claro que alguém o descobrira. Será que teriam flagrado a Aurora Boreal que fora filmada nos céus de Esfahan e, com isso, ligaram todos os pontos?

Lott tinha que impedir aquilo.

Encarando Ronald Jay Campbell nos olhos, abriu a gaveta de sua mesa de mogno e manteve a mão direita pousada sobre sua pistola com um silenciador, enquanto esperava a reação do outro homem.

CAPÍTULO 105

A dez passos de distância, Helena observou o homem que usava uma roupa muito semelhante à dela: colada ao corpo e cinza. No lugar dos olhos havia dois círculos do tamanho de uma maçã grande que ocupavam quase toda a máscara, com as lentes também espelhadas. Um filtro de oxigênio redondo pendia de onde deveria estar a boca, caindo até a altura da clavícula, como se fosse a língua de uma mosca.

O homem tinha o aspecto de um inseto repugnante.

Antes que Arash e Kroos pudessem reagir à presença dele, ele suspendeu de um banco o que Helena julgou ser um cadáver enfiado em um traje antirradiação, que o selava da cabeça aos pés. O assassino posicionou o moribundo diante de si.

A constatação fez Helena tontear.

— César!

— A espera valeu à pena — disse o assassino, em uma rouquidão rascante. — O senhor Montenegro estava ansioso. — Ele pressionou uma pistola contra a cabeça do brasileiro, que pendeu de lado e ficou caída, feito a de um boneco de pano. — Não é mesmo, senhor Montenegro?

Helena ouviu um grunhido de agonia através da máscara de César, o corpo debruçado sobre Meng. Seu mentor parecia mais magro e ela imaginou há quantos dias ele não comia dignamente.

O coração doeu.

— Ah, eu me esqueci. Ele só pode nos ouvir, não pode falar agora. Está, digamos, navegando em um universo paralelo. Nada como uma dose mínima de *curare* para deixar o corpo um pouquinho anestesiado — ironizou.

Pela primeira vez, Helena percebeu que era capaz de enforcar alguém com as próprias mãos. A seu lado, Kroos cerrou os punhos com força, retendo a raiva.

— Tenho um antídoto aqui no meu bolso. Vejam. — Ele sacou uma ampola de cor verde escura e exibiu para eles. — Pena que, como vocês demoraram mais do que eu previa, só resta a César mais dez minutos até que o veneno o mate por asfixia. — Ele endireitou o corpo do engenheiro, que insistia em tombar sobre si.

— Solte-o! — gritou Arash.

— Por que eu o faria? — retrucou o assassino, gesticulando com a pistola no ar. — Estou tratando-o tão bem que até o preveni desta funesta radiação para esperar vocês chegarem. Aliás, acho que ele se sente até melhor dentro dessa roupa, considerando o que passou nas últimas horas.

— Você está sem saída, Meng — disse Kroos. — É minoria, não percebe?

— Ah, você! — disse Meng. Helena notou um misto de raiva e desprezo na voz. — Meu algoz mais notável! Vejo que ainda não pereceu dos efeitos de minha arma eletromagnética. Homem forte. Quantas vezes você já vomitou hoje? Sabia que seu sistema nervoso está sendo dilacerado aos poucos? Nesse exato momento as células de sua medula óssea estão implacavelmente se autodestruindo, comendo-se umas às outras. O que lhe dá, mais ou menos, umas três horas de vida a mais que César.

— Tempo suficiente para te assassinar! — rebateu o methernitha, antes de tossir dolorosamente. Em seguida, tentou levar a mão atrás da cintura.

Meng sorriu sonoramente, diante da demonstração de fraqueza de Kroos.

— Não, não, não... — Meng balançou a cabeça. — Jogue sua arma para cá. Agora.

Depois de um longo momento de hesitação, Kroos pegou a *Desert Eagle* e a fez deslizar no chão de mármore branco, até aproximar-se dos pés do assassino. Ele a chutou para debaixo das mesas de computadores e a arma se perdeu no meio dos fios, que ficavam do lado direito de Helena.

— Imagino que você seja Arash — disse Meng, olhando para a esquerda de Helena. — Jogue a sua bolsa e a sua arma.

— Não tenho nenhuma arma.

— Não me desafie, moleque! — bradou Meng, pela primeira vez. — Ande!

— Entregue, Arash — disse Kroos.

Relutante, Arash se desfez da bolsa tiracolo e lançou-a aos pés do assassino. *Lá se foram as peças do protótipo*, Helena disse para si.

— A arma está aí dentro — disse Arash.

Meng pegou a bolsa com agilidade e abriu-a, enquanto mantinha César feito um zumbi protegendo-o pela frente. Verificou o conteúdo e a pendurou no ombro.

— Muito bem, o jogo aqui é bem simples, senhores — rosnou Meng. — Será como um clichê de filme barato. Vou precisar de Helena para uma missão. Depois que ela a cumprir, vou libertar César e cada um volta para sua insignificante vidinha.

O quê?!

— Do que está falando?! — indagou Helena, confusa.

— Soube que só você pode acessar o protótipo.

Os três se entreolharam. Helena fazia ideia, mas não imaginava como acessaria sozinha o protótipo.

Só você pode trazê-lo ao mundo, Helena, lembrou-se da frase de César.

Pousou os olhos em César, talvez para buscar uma explicação. Imaginou

seu olhar intenso fixado diretamente nela, através das lentes espelhadas da máscara. Conjecturou o quanto ele havia sofrido nos últimos dias. Nos últimos anos.

Sozinho. E agora envenenado.

Passou a contar os segundos mentalmente. Pelo menos um minuto já havia sido consumido. Mesmo sem ter a menor ideia de como *acessaria o protótipo*, era óbvio que deveria fazer o que Meng determinava. Diante das circunstâncias, não achava sensato jogar agora. E a cada segundo, César definhava de maneira trágica. Com muito esforço, seu protetor pareceu querer levantar a cabeça mascarada para ela, como se clamasse em silêncio pela própria vida.

As pistas de César acabaram! Como farei o que ele manda?!

Era a hora da decisão.

— O que me garante que depois disso você não vai nos matar? — ela indagou, afinal.

— Absolutamente nada garante — sibilou Meng.

Um vendaval de emoções fluiu na mente dela, tantos que era impossível determinar. Porém, nenhum era mais forte que a vontade de abraçar César outra vez, sã e salvo.

— Ok. O que preciso fazer?

— Por enquanto, somente me acompanhar, por gentileza.

CAPÍTULO 106

— Vocês vão na frente — ordenou Meng, mostrando um corredor adjacente ao salão principal que se estendia atrás dele. — Vamos fazer uma breve caminhada.

Sob a mira da pistola, os três andaram na direção indicada pelo assassino, Kroos à frente, e Arash e Helena atrás. Meng se protegia atrás de César. Ela quase não se conteve quando passou ao lado de seu mentor. Queria pular nos braços dele, pentear com a ponta dos dedos aqueles cabelos brancos que viviam desgrenhados e que agora se escondiam debaixo do capuz, e pousar a cabeça no seu peito, ouvindo-o dizer que aquilo não passava de um grande pesadelo.

César, no entanto, parecia um vegetal de pé. Grunhia baixo, em um tom diferente, como se quisesse falar, mas não conseguisse.

Helena focou na contagem mental dos minutos. Na sua cabeça, os segundos voavam.

Menos de dez minutos para vê-lo morrer na minha frente.

Então vieram os tiros.

De repente, os tímpanos de Helena quase explodiram. Assim que os três adentraram o corredor, ela ouviu três tiros ensurdecedores que, naquele espaço fechado, tinha um efeito de três bombas. A sensação do coração indo à boca a fez gritar de pavor. Agarrou-se a Arash, com a respiração travada.

Em seguida, ouviu um som pesado de algo caindo do chão.

— Oh, MEU DEUS!

Logo à sua frente, Kroos caiu de cara no piso, inerte, com três furos nas costas, mais ou menos na altura do coração.

O som do impacto de seu rosto no chão sugeriu que as lentes da máscara haviam se estilhaçado. Por impulso, Helena correu ao seu encontro, agachando-se ao lado dele.

— Seu filho da puta! — bradou Arash.

Meng virou a cara de inseto para ele.

— É só um acerto de contas, garoto — disse, com escárnio, passando praticamente por cima do cadáver de Kroos com César dependurado no ombro. Ele fez um gesto curto com a arma. — Levante-se, senhorita Gouveia. Continue andando.

Helena não conseguia se mover. Seus nervos se achavam em frangalhos. Lívida, quase cometeu o erro fatal de tirar a máscara para limpar as lágrimas que escorriam, margeando o nariz. Culpou-se pela morte de Kroos. Ele havia dado a vida por eles. Por aquela causa. Sem conter os soluços de choro, tentou encadear os pensamentos para fazer uma breve prece.

— Eu disse, ande! — exclamou Meng, pressionando o cano da pistola na cabeça dela.

Arash levantou-a sutilmente pelo braço. Helena tentou movimentar-se, com o emocional destruído. Logo entraram em um corredor em cujas paredes serpeavam tubos grossos, parecidos com grandes tubulações de esgoto, que seguiam na horizontal até o final, quando o caminho terminava abruptamente e seguia para a direita e esquerda. Em meio à lamúria, Helena mal tinha atinado que se achava dentro do que, até agora, era apenas uma especulação da Agência Internacional de Energia Atômica. Existiam *mesmo* instalações nucleares secretas e subterrâneas no Irã! Ela já ouvira falar que as paredes de concreto dos abrigos antinucleares possuíam mais de três metros de espessura. Entre o concreto armado e o tijolo, placas de chumbo e de tungstênio para barrar a radiação gama, a mais letal de todas. Aquela instalação, particularmente, parecia uma área de pesquisas altamente secreta, e deveria ser ainda mais reforçada. Em uma situação menos calamitosa, não haveria a necessidade de usar trajes antirradiação ali dentro. No entanto, como a usina fora abandonada e os canais de ventilação não foram vedados, a radiação devia ser tão forte quanto lá em cima.

O andar arrastado de César atrás dela cortava seu coração. Seus grunhidos de delírio eram cada vez menos parecidos com o de um humano. *Ele tem menos de dez minutos!*

Meng se mantinha com ele cinco passos atrás. Ao final do corredor, ele orientou:

— À direita.

Ao curvar, grupo se deparou com uma porta vermelha, que interrompia a passagem. Acima dela, uma placa branca indicava:

PESQUISAS DE ALTA CONFIDENCIALIDADE

Curiosamente, a entrada daquela sessão achava-se entreaberta. Um pequeno monitor de leitura ótica jazia quebrado aonde deveria ficar a fechadura. Meng devia tê-lo acessado antes.

Arash fez uma pequena pressão nas suas costas e Helena atravessou a soleira, vendo outro corredor, mais curto e mais estreito. Ela apertou o passo ao observar César cada vez mais frouxo no ombro de Meng. Vinte metros adiante, outra placa. Desta vez, definitiva:

DESENVOLVIMENTO DE NOVA ENERGIA

ENGENHEIRO RESPONSÁVEL: CÉSAR MONTENEGRO

Já vai acabar, César. Agente firme.

À medida que avançavam, ela começou a perceber um ruído constante, parecido com alguma máquina industrial. Surgia exatamente da porta do

laboratório de César.

— O que é isso?! — ela perguntou a Arash.

— Não faço a mínima ideia.

Quando chegaram próximo do laboratório, viram que a porta também se encontrava entreaberta e tinha um vidro redondo através do qual se podia ver lá dentro.

Uma sala com três computadores, um frigobar e uma TV LED pendurada em um suporte no teto.

— Entrem — ordenou Meng.

Arash escancarou a porta e o som se ampliou pelo corredor.

A sala era menor do que Helena imaginava. No fundo, mais uma porta de aço. Era imponente e ocupava o centro de uma parede de cor cinza. Curiosamente, o som parecia vir de alguma máquina lá dentro.

Da soleira da porta de entrada, Meng jogou César sentado no chão e disse, apontando a arma para cabeça do brasileiro:

— Vamos lá, senhorita Gouveia. Abra.

CAPÍTULO 107

— Não sei como abrir isso! — exclamou Helena.

Meng apontava a arma para a cabeça de César, seus olhos de vespa gigante voltados para o brasileiro.

— César está morrendo, minha senhora — informou Meng, a voz soando impassível por baixo da máscara. — Eu posso abreviar o sofrimento dele se vocês não forem rápidos. E depois é a vez de vocês.

Helena não conseguia concatenar as ideias mentalmente. A seu lado, Arash parecia tentar buscar algum instrumento para abrir a porta à força. Ela reparou que haviam cinco celulares distribuídos em uma mesa no canto da sala. Estudando-os mais de perto, percebeu que eram exatamente iguais ao modelo que achara em seu carro e com o qual falara com Kroos. César devia ter desenvolvido o aparelho para que o methernitha a contatasse com segurança. Lembrou-se da acusação que agentes do serviço secreto americano fizeram a ela, lá na sede da ONU. Através de imagens via satélite de última geração, eles conseguiram identificar que o celular provinha de tecnologia do serviço secreto iraniano, razão pela qual Helena virara suspeita. Uma procurada internacional.

Estudou a porta de aço diante de si. Ela tinha uma pequena tela que estava apagada, no lugar onde deveria ficar a fechadura. Um botão verde se destacava logo abaixo e, na mesma posição, havia uma entrada para voz.

Só você pode abrir, dissera Meng.

— Eu tenho que falar nessa caixinha?! — Helena perguntou a Arash.

— Sim. Creio que seja um captador. O sistema de reconhecimento deve traduzir as vibrações sonoras emitidas pela fala, transformando ondas analógicas em dados digitais, que podem ser interpretados por processadores programados para essa tarefa. Um sistema de segurança praticamente *infalível*. Talvez ela o tenha codificado para que nem ele mesmo pudesse abri-lo.

Helena compreendeu. Sabia que existiam carros de luxo que empregavam a voz do motorista para travar portas e ativar funções no painel, além de sistemas de comando de voz para computadores de bordo e GPS. Mas o que deveria falar?

— Aperte o botão verde e em seguida diga seu nome completo — sugeriu Arash.

Ela aproximou-se da porta e o pressionou, depois de posicionar a boca à frente do identificador.

— Helena Gouveia.

A tela imediatamente se acendeu. O aparelho identificava a voz e a representava através de uma onda bem peculiar: desenhos em círculos, diferentes

dos tradicionais, que eram parecidos com os monitores cardíacos digitais dos hospitais. Era muito parecido com uma mandala, um Tórus.

Bem sugestivo, pensou.

César ainda havia pensado em personalizar e adaptar o captador de som ao tema central de toda aquela aventura.

Nessa primeira tentativa, o círculo tremeluziu em formato distorcido e, depois, se apagou, o que sugeria que ela Helena havia errado. A mensagem que apareceu em seguida na parte superior da tela, confirmou sua análise:

TRÊS TENTATIVAS RESTANTES

— Merda!

— É um Yantra — disse Arash.

— O quê?! — indagou Helena, farta do excesso de informação.

— Sim, isso vem do sânscrito. Do hinduísmo. O som tem também uma representação geométrica que, veja só que coincidência, tem uma forma perfeita. O som perfeito tem um padrão fractal único de beleza e harmonia. Ele aparece na forma bidimensional, mas, na realidade, representa a forma que vimos lá na colina, tridimensional. A forma de uma mandala, ou de um Tórus também perfeito. De novo César mesclou o conhecimento de uma religião, o hinduísmo, para explicar a perfeição que existe no Tórus.

Helena balançou a cabeça, como se tentasse estimular o cérebro para absorver o que ele dizia.

— Cada elemento geométrico tem um significado. O quadrado é representado pela Terra. O triângulo voltado para cima representa o elemento Fogo, que é a energia. E o triângulo voltado para baixo representa a Água. Que para o hinduísmo é o conhecimento. E a linha na diagonal — disse Arash, passando o dedo por cima da representação distorcida que se formou na telinha, representa o Ar.

César começou a engasgar na entrada da saleta. Um ruído agonizante que parecia tudo, menos a voz dele, se misturava ao som constante de algum aparelho ligado do outro lado da porta.

— Acalme-se — disse Arash. — Vamos pensar. Você viu que o círculo lembrava um Tórus? Porém, como você não usou a frase correta, ele ficou distorcido. César deve tê-lo projetado especialmente para esse momento. Ele quer passar algo.

Helena olhou para César, agonizante no chão, seu corpo magro enrugando a vestimenta antirradiação, a cabeça recostada na parede.

O que eu preciso falar, César?!

A tensão queimava sua pele. Ela repassou na mente as possibilidades: Seu nome, o nome dos dois juntos, datas de nascimento, eventos marcantes... alguma

frase que os dois utilizavam com frequência, que só os dois sabiam...

Não se lembrava de nada.

Vamos, pense...

Lembrou-se da fala de César na mente: *“Helena, no templo da Chama Eterna, siga os Elementos. Os arabescos no espelho d’água explicam o Tórus. Esfahan é a terra da Geometria Sagrada. Ciro, o Grande, e Ferdowsi indicam sua maior representação... O primeiro passo é em Teerã. E sob nenhuma circunstância, revele estas informações a alguém.”*

— Será que devo falar toda a frase que ele me disse por mensagem? — ela indagou a Arash.

Ele silenciou por alguns instantes. Enfim, respondeu:

— Acho plausível. Tente!

Helena apertou o botão verde, esperou um instante e repetiu.

Quando finalizou, o desenho do Yantra que se formou em um círculo muito parecido com o mosaico, porém imperfeito. Um intrincado de formas foi formado dentro do desenho. E então ele se fragmentou de repente, como um quebra-cabeças bagunçado, e a tela se resumiu em uma mensagem:

DUAS TENTATIVAS RESTANTES

— Droga! — Helena se desesperou.

Novamente, ela observou seu protetor. César achava-se claramente pior. Seu peito se enrijecia penosamente sorvendo todo o ar possível por debaixo da máscara. O assassino com cara de inseto permanecia estático a seu lado, com a arma em punho, os músculos definidos do abdômen sobressaindo-se através da roupa.

— Tem certeza de que César não disse mais nada a você? — Arash questionou.

Helena balançou a cabeça

— Droga, César! — Arash pensou alto. — Não seria melhor que tivesse uma chave junto com as peças que achamos?

Helena voltou o rosto mascarado para ele, absolutamente em choque. A fala de Arash caiu como uma luz na sua cabeça.

— Espere!

— O quê?!

A fumaça de dúvida que pairava na mente se dissipou instantaneamente. Agora ela havia entendido porque *apenas* ela poderia acessar o protótipo! A frase que César sempre lhe mandava nos cartões postais e que acompanhavam os souvenirs que ele enviava de fora do Brasil. Ele também repetira essa máxima na despedida do vídeo da Deep Web.

Tratava-se da solução para todos os conflitos e dúvidas humanas. Era

também, o primeiro Princípio do Caibalion, de Hermes Trismegisto que dizia que todo o conhecimento flui e reflui de nossa mente, já que estamos ligados a uma mente divina que contém todo o conhecimento. Via-se no Zoroastrismo, a chama eterna que representa o conhecimento. “Conhecereis a Verdade e ela vos libertará”. Thomas Hobbes afirmava que o “Conhecimento é poder”. Einstein disse que “uma mente que se abre a uma nova ideia jamais retorna ao estado original”.

Na realidade, o conhecimento fora o elemento principal que guiara todo o sentido da aventura de Helena e Arash.

Só pode ser isso. É a base de toda a tecnologia. É a base de tudo o que seguimos, passo a passo, até aqui.

Virou-se para Arash.

— César usava sempre uma frase no final de cada cartão postal. E também foi uma das frases que disse no vídeo da Deep Web. — Ela respirou fundo e falou: — “A chave de tudo é o conhecimento. Só você poderá trazê-lo ao mundo. Lembre-se disso até o final”.

E nós chegamos ao final.

Arash ponderou por alguns instantes.

— Só pode ser isso!

Helena prendeu o ar e apertou o botão verde. Nada melhor lhe passava pela cabeça. Repetiu a frase, com cuidado para não vacilar a voz.

— A chave de tudo é o conhecimento.

As ondas formaram um Yantra com um desenho perfeito; um Tórus tridimensional, como o que viram desenhado no Templo zoroastra na colina.

Helena sentiu uma onda de entusiasmo se apoderar dela. *Está quase...*

Ao final, o dispositivo emitiu outra expressão aterrorizante.

UMA TENTATIVA RESTANTE

— Mas, não é possível! — Helena bradou, socando a porta, enquanto mirava César que se achava cada vez mais arquejante. — Não há mais possibilidades!

Meng levantou o corpo de César diante de si.

— Temos certeza de que você tem alguma outra chave que abra isso. Tic tac, tic tac... — ironizou.

— Helena — disse Arash —, tente lembrar de algo que César tenha dito no

vídeo. Qualquer detalhe pode ser precioso agora.

Ela mal o ouvia. Sentindo as lágrimas descerem quentes por dentro da máscara, ela ficou estática, vendo César definhar aos poucos a poucos metros de si. Como um mecanismo de defesa de sua mente, seus pensamentos passaram a diminuir, pouco a pouco, para que o organismo mantivesse a sanidade intacta. Os joelhos foram cedendo e ela apoiou as costas na porta, deslizando por meio dela até sentar-se, o olhar fixo em César.

— Helena! — gritava Arash, em vão. Parecia que o peso de tudo o que havia passado até agora havia potencializado dez vezes e recaído sobre seu ombro com um baque doloroso.

— Helena!

Silêncio.

Ela só podia pensar em como a vida estava sendo injusta agora. Havia dedicado toda sua vida para a paz mundial, e aquele que havia dado todo o norte de sua missão agora morria ali, a seus pés. Kroos já havia morrido por ela e, agora, seu mentor.

— Helena! — continuava a gritar Arash.

Perto do choque, ela se lembrou de outra terrível perda que havia tido, muitos anos atrás.

— Acho que vamos nos dar muito bem — dizia a voz triste de César, depois dos dois saírem do hospital após o acidente que destruía as pessoas que mais amavam. Ele pegou na sua mãozinha. — Já te conheço muito bem, até mesmo antes de você nascer. Sabia que fui eu que ajudei a escolher seu nome?

A pequena Helena de 9 anos fitou César e, mesmo entre as lágrimas de profundo luto, disse:

— Escolheu muito bem, porque adoro meu nome. Vem de Helena de Tróia.

— *Helena!* — a voz de Arash agora ressoava longe, no fundo de sua cabeça.

— Na verdade, vem de uma coisa muito mais bonita — dizia César.

— Hêlê, vem do grego e quer dizer raio de sol.

— Esse eu gostei! — disse ela, com um sorriso tímido.

— Mas seu nome completo, tem um significado mais antigo, que vem da variante *Heláne* e quer dizer simplesmente *A Tocha*. Guarde esse significado. Um dia você vai iluminar o mundo.

— *Helena, Helena!* — a voz de Arash agora estava mais presente.

Então, como se uma cascata gélida lhe caía sobre a cabeça, ela despertou definitivamente.

A chave de tudo é o conhecimento. Só você pode trazê-lo ao mundo,

Helena.

Àquela que veio para iluminar. A reluzente. A resplandecente. A Tocha.

Só você pode trazê-lo ao mundo, A Tocha.

A tocha, a chama, o conhecimento, representado pelo fogo do Zoroastrismo, que por sua vez representa o conhecimento. Helena havia sido escolhida até mesmo por seu nome para aquela missão.

Uma fonte de entusiasmo nasceu de seu interior, fazendo-a concatenar de novo os pensamentos.

Mas não poderia simplesmente dizer: tocha. Haveria de existir um significado além disso. Algo referindo-se ao conhecimento, que fora a senha da penúltima etapa. Dezenas de pensamentos entraram em ressonância em busca de um norte.

O Conhecimento é representado pelo quê? Pelo fogo.

Só você pode trazê-lo ao mundo, Helena.

O que a Tocha, que sou eu, traz?

O que ela carrega?

Eu sou a Tocha, que trago comigo o conhecimento. Levarei o conhecimento para a humanidade...a outra expressão usada no zoroastrismo para se referir à Tocha é...

Então, levantando-se com um pulo, ela aproximou-se do mecanismo e quase gritou quando proferiu:

— CHAMA ETERNA!

O mecanismo de reconhecimento de voz emitiu um silvo agudo e no mesmo instante a porta se abriu sozinha.

— É isso! — desabafou Arash, cerrando os punhos em comemoração.

Helena se achava focada demais para comemorar.

O som ininterrupto que vinha de dentro foi parando devagar até se extinguir totalmente, assim que ela adentrou. A luz no interior da saleta não parecia artificial. Era bruxuleante e amarelada, timidamente revolta.

Nesse momento ela viu que a sala se encontrava iluminada por algo parecido como uma vela.

— Mas de onde vem...

Ela atravessou a soleira, seguida de Arash e Meng. O espaço era pequeno como o anterior. Ela acompanhou a origem da chama. No canto mais afastado da sala, dentro de uma pequena pira metálica, a chama fulgurava em uma tocha, deixando a saleta em relativa claridade. Devia ter sido alimentada há dois dias,

porque estava quase se apagando.

Atrás do fogo, pregado à parede, havia um quadro em preto e branco com o desenho do símbolo maior do Zoroastrismo. Um homem barbado, de túnica, de cuja cintura se estendia uma grande asa. O chamado Disco Alado.

Faravahar.

César havia feito um pequeno templo zoroastra da Chama Eterna para si mesmo, ali em um dos confins da Terra.

Arash caminhou para a direita, onde havia uma mesa e, de repente, exclamou:

— Ali está! — Apontou para um suporte acima do qual achava-se o mesmo objeto que César mostrou a Helena no vídeo. Um pequeno reator de Energia Livre, redondo e metálico. O suporte que o segurava girava devagar, como se alguém o estivesse deixado ligado diretamente à energia do complexo de túneis. Deveria haver um gerador que alimentasse a energia ali dentro.

— Helena — disse Arash, — além de você ter aberto a porta, efetivou uma coisa muito importante. Lembra-se da frase “No Templo da Chama Eterna, siga os Elementos”?

— Sim.

— Faltava o Ar. E as frequências das ondas sonoras viajam através do ar!

— O zoroastrismo prega que, onde houver uma pira metálica queimando eternamente junto com o símbolo maior da religião, esse local pode ser considerado um Templo da Chama Eterna. Você usou o quarto elemento do zoroastrismo para chegar à peça definitiva, que é o próprio reator!

Ele se adiantou para pegá-lo em cima da única mesa da sala. — Porém, sugiro que falemos da genialidade de César mais tarde. Venha, vamos sair daqui.

Helena ajudou a destravar o suporte para retirá-lo e os dois giraram nos calcanhares. Viram Meng na porta, a bolsa tiracolo de Arash pendurada no ombro, com César no chão atrás dele.

— Dê-me — ele exigiu, apontando a arma.

Arash segurava o protótipo com as duas mãos. Era redondo, do tamanho de uma bola de futsal. Nas extremidades, havia duas entradas. Pelo formato, Helena presumiu serem os encaixes das duas peças que acharam primeiro. Questionou-se apenas sobre a peça que acharam na colina. Vários ímãs redondos que formavam uma flor de metal.

Sem opção, Arash entregou o reator a Meng. O assassino segurou-o com uma mão e baixou os olhos de mosca para a peça principal.

— Toda essa merda para isso! — desprezou. Deu alguns passos para trás e equiparou-se a César, que gemia no chão. — Nada pessoal, César — ele disse. — Mas isso é só pelo trabalho que você me deu.

Então o maior medo de Helena se materializou diante de si.
Pang Meng executou César com dois tiros na cabeça.

CAPÍTULO 108

A apenas três passos da mesa de Lott, Campbell desligou a ligação que acabara de receber do chefe da Junta dos Militares, sentindo o rosto latejar. O diretor da DARPA havia autorizado o uso do Projeto H.A.A.R.P. no Irã.

Lott acionou uma arma proibida. Lott provocou essa guerra.

Wilker havia contado sobre Aurora Boreal que foi produzida nos céus de Esfahan, trinta minutos antes do primeiro grande tremor. E depois disse que imediatamente mandou investigar os registros de acesso e utilização do Projeto H.A.A.R.P. As evidências se transformaram em provas claras: o comando virtual de acionamento das antenas havia saído do escritório do diretor da DARPA. No entanto, seu assombro foi ainda maior pelo fato de Campbell ter confiado a Lott, ingenuamente, seu segredo mais bem guardado.

A doença de Jane.

— Está tudo bem, diretor? — indagou Lott, que o olhava com a cabeça levemente erguida, de cima para baixo, como uma ave de rapina a estudar o alvo. — Parece que o senhor viu um fantasma.

Wilker havia mandado homens do exército para prender o diretor da DARPA. Campbell só precisava sair dali. O nível de insanidade que Lott demonstrou ao fazer o que fez dava a entender que era capaz de tudo.

— Preciso ir. — Campbell tentou manter-se impassível, mas não conseguia. — O presidente me espera em Washington.

A resposta de Lott foi sentar-se na cadeira e dizer:

— Aguarde um minuto, por favor. — Em seguida, abriu a gaveta ao lado e retirou um Smartphone com uma espécie de pequena antena parabólica anexada através de um fio nele.

O que ele está fazendo?

Lott digitou algo no aparelho, antes de colá-lo ao ouvido. Os segundos seguintes foram um silêncio congelado. Lott fechou longamente os olhos e, quando os abriu, Campbell pensou em ter visto um monstro psicótico emergido de sua face através de um assombroso poder interno.

— *Scientia est potentia* — disse Lott, pousando o celular na mesa. — Conhecimento é poder. O senhor conhece como ninguém o lema da DARPA. E ele nunca foi tão seguido à risca como na minha direção. — Ele estalou o pescoço com um som pegajoso e fixou o olhar nele. Era a transformação final de um novo Ser. — Tenho ciência de tudo o que acontece no meu departamento, diretor. Exatamente tudo. A começar pelo meu próprio gabinete. — Lott apontou para o equipamento acima da mesa. — Grampeamento via *wifi*. O senhor mesmo já o utilizou nas ações do Iraque, lembra? Tudo o que se fala aqui nesta sala está

constantemente registrado. E o que acabo de ouvir de sua última ligação, não me agrada nem um pouco.

Que desgraçado!, pensou Campbell. *Ele usou o grampeador especial do exército para ouvir minha conversa com Wilker!*

Diante do confronto iminente, o espanto do diretor do Pentágono desapareceu, cedendo lugar à coragem.

— Dentro de sua mente psicopata — ele deu um passo à frente —, você imaginou que iria sair impune, seu terrorista?!

Lott ignorou a pergunta. Seguiu-se mais uma vez um silêncio perturbador. Ele entrelaçou as mãos sobre a cabeça, em uma postura descontraída, encarando-o friamente. Campbell estudou seus olhos por trás dos óculos de armação redonda, imaginando o gelo se formando no sangue do diretor da DARPA aos poucos. Até seus movimentos corporais estavam diferentes.

— Os senhores estão atrasados, senhor diretor. Ainda ontem, um geólogo do Irã já havia identificado uma anomalia na ionosfera. Pena que ele não continuou a investigação. Eu acionei o Flame II exclusivamente nos seus computadores para destruir os registros.

Campbell impacientou-se.

— Você ouviu a minha ligação. Dentro de dez minutos, três oficiais do exército vão passar por aquela porta ali e te levar algemado! Torça para ser julgado por uma corte internacional, porque aqui nos Estados Unidos vou me esforçar para te colocar na cadeira elétrica.

Lott soltou uma gargalhada presunçosa.

— Você não passa de um velho ingênuo, Campbell. O poder de meus aliados orbita muito acima de sua posição, dos Estados Unidos e até da própria ONU. Ninguém me manterá preso por muito tempo.

Campbell poderia até concordar. Para fazer o que ele fez, deixando todos os serviços de inteligência americanos cegos por três dias, deveria possuir os contatos mais influentes do planeta.

Lott pegou algo na gaveta de sua mesa. Em seguida, pôs para fora da blusa social o crucifixo e o beijou longamente com os olhos fechados.

Além de tudo é um lunático religioso, pensou Campbell.

Levantando-se, circulou a própria mesa e se aproximou de Campbell, com o caminhar lento. Demorou um pequeno instante para que o diretor do Pentágono percebesse o que ele trazia na mão.

Uma Colt com um silenciador.

Parou a quatro palmos de Campbell, a arma em punho para baixo, o cordão dos methernithas agora do lado de fora da camisa. O diretor do Pentágono tinha tudo para se encolher, porém, endireitou o corpo para sobressair seus dez

centímetros a mais que Lott. O terrorista parecia saborear o momento.

— Ok, deixe-me ver se compreendi bem — disse Campbell. — O senhor pretende fazer o Secretário de Defesa dos Estados Unidos de refém e pedir um avião que vai te levar para aonde? Para a lua? Sim, porque creio que este seja o único lugar onde, talvez, eu não possa lhe achar.

— Atenção ao seu redor. Seus olhos velhos devem estar tomados pela catarata e podem lhe enganar. — Lott fez uma pausa, varrendo com os olhos a sala. — Acha mesmo que eu não estava prevenido para uma situação como essa?

— Acho que você é um psicopata traidor da pátria e será punido com as leis mais rígidas possíveis. Pensando bem — Campbell agora torcia o cenho e olhava profundamente para Lott. —, farei o possível para que tenha um infarto fulminante na cela enquanto espera pelo julgamento.

— Vou lhe mostrar outra genialidade minha. — Ele virou a cabeça de perfil e disse para o ar: — Porta alternativa. Como nos filmes de James Bond, de repente uma fenda se abriu na parede branca atrás da mesa dele e revelou uma escada encimada por uma lamparina que se acendeu automaticamente.

Uma saída discreta.

No próprio Pentágono havia algumas.

Campbell tentou ignorar a surpresa para ganhar tempo.

— Fico imaginando o que te levou a produzir um terremoto em um país inimigo, provocar uma calamidade nuclear com isso, e ainda inventar um boato de armas nucleares para desencadear uma guerra. Depois, cair na loucura de mandar matar três representantes da ONU e, não satisfeito, a própria Secretária Geral. — Campbell parou, tentando manter a postura elegante que, lhe era natural. — Não há dinheiro no mundo que compre essa loucura. Quanto maior o poder que lhe é conferido, mais perigoso é o abuso, não é mesmo?

Lott mostrou os dentes em um sorriso soberbo.

— Ora, você sabe muito bem que o poder real só é adquirido através do cano de uma arma. O poder de matar é a forma mais simples e substancial do poder. — Ele encurtou os ombros, como quem diz que não tinha opção. — E é exatamente esse poder que exerço sobre o senhor agora. — Lott mostrou a arma, porém sem apontá-la diretamente.

Campbell esforçou-se para não transparecer nenhuma gota de medo, sem piscar os olhos com rapidez, fixando diretamente o espaço entre os olhos de Lott.

— Você está correto. O poder de fato é, em essência, o de matar. Pode-se colocar uma nação de joelhos com duzentos soldados. Mas, me diga: o senhor acredita que pode coagir um homem que já viu de tudo nessa vida e que não tem muito o que perder nela com essa Glock?

— Coagi-lo, não. Mas posso simplesmente matá-lo. Por Deus, Campbell! A única coisa que desejo é vender a patente de César Montenegro e tornar a tecnologia uma arma para que possamos vendê-la para os dois lados dessa guerra que acabou de começar. Não é justo? Se eu não o fizer, outro o fará. O senhor sabe que sou uma erva daninha.

Era a hora de Campbell pesar suas opções. Seria atacado, inevitavelmente. Portanto, tinha que atacar antes. Lott tinha a arma, a vantagem da fuga e da idade. Porém, como sempre foi um político ligado ao militarismo, Campbell tinha uma carga extensa de treinamento de defesa pessoal. Embora houvesse muito tempo que não praticava, preservava uma forma invejável para seus 77 anos.

Tinha que distraí-lo, tomar a arma e rendê-lo. Isso lhe custaria, provavelmente, um desgaste físico comprometedor, visto que já se encontrava completamente esgotado pelos dias em claro. Pesando as opções, decidiu pela estratégia mais improvável possível. Justamente aquela que, de tão ridícula, surpreenderia. Aquela que só um velho poderia fazer uso.

Não é covardia, disse a si mesmo, é apenas um ganho de tempo.

Começou a tossir. Incontrolavelmente.

Reparou que o cenho de Lott se torceu, confuso. Sentindo a pressão no rosto aumentar e as veias do pescoço se estufarem, envergou o corpo para baixo e fechou a mão contra a boca para reprimir a tosse, o som gutural se intensificando. Sua idade e consequentemente a debilidade física seriam sua vantagem. Queria induzi-lo a pensar que o velho Campbell não conseguia segurar à pressão, o que o levava a uma crise ali, agora, quando se achava no limiar do stress.

É possível.

Tossindo pesadamente, pescou um lenço do bolso da frente do paletó e cobriu a boca, os olhos semicerrados, observando os movimentos de Lott. Então ouviu o outro dizer:

— Que bom, parece-me que está adiantando meu traba...

Agora!

Campbell jogou o lenço na direção do rosto dele, com o máximo de agilidade que pôde concentrar no braço. Sentiu os ossos doerem com a explosão dos músculos. O pano apenas beijou de leve a cara do psicopata, mas já foi suficiente para lhe emprestar milésimos de segundos valiosos.

Distração, uma arte da guerra.

Os olhos psicóticos de Lott se arregalaram e quando ele levantou o braço para atirar, Campbell já chutava sua mão, o que fez a Glock cair no chão e deslizar para alguns metros ao lado. Antes que Lott pudesse virar-se para pegá-

la, ele fechou o punho e socou o pomo do diretor da DARPA com toda a força que lhe restava.

Lott soltou um grunhido primal, sem ar, levando uma mão ao pescoço como reflexo, cambaleando alguns passos para trás. Campbell percebeu a pulsação acelerar drasticamente, o coração pulsando no céu da boca.

Porém o golpe havia saído mais fraco do que planejava.

Campbell já ia se virando para sair correndo da sala, quando Lott agarrou-o pelas costas e o girou para sua frente, para desferir o que o diretor do Pentágono julgou ser o maior impacto físico que já experimentara na vida. A dor irradiou por toda a cabeça e pareceu arrancá-la do pescoço. Não sofreria tanto, porém, não fosse o cansaço e a idade. Lott não era um homem forte. Concentrou toda a corrente de força nas pernas para que elas não cedessem. No chão, não teria chances de sair vivo.

Não conseguiu. No corpo a corpo, bateu o quadril na madeira de uma cômoda sobre a qual havia alguns porta-retratos. Desequilíbrio-se e caiu no chão, batendo a nuca no piso. A dor o deixou tonto e soltou um grito sofrível, quase sem ar.

Viu Lott agachar-se perto dali e voltar com o cano da Glock apontado para sua cabeça.

Campbell não via mais opções.

Jane..., foi só o que conseguiu pensar naquele momento, me perdoe por não ter conseguido.

CAPÍTULO 109

Com os olhos paralisados, Helena via uma sucessão de movimentos que seu cérebro se recusava a acreditar: César tombando de lado, torto, as mãos enluvadas se movimentando pela última vez, em espasmos de choque, antes do último movimento da vida. Um halo vermelho se formando ao redor da cabeça coberta pela máscara, as células de seu brilhante cérebro sendo as primeiras a morrer. Arash dando um passo à frente, ao mesmo tempo em que Meng o punia com a mira da arma.

Ela não tinha mais nervos para ponderar coisa alguma, sua mente encontrava-se presa em uma caixa emocional que sustentava apenas um sentimento: ódio.

Helena ia matar Meng com as próprias mãos.

— Como eu disse — ela ouviu o assassino falar —, absolutamente nada garantiria que eu não ia eliminá-lo. — Ele deu dois passos para trás e se igualou à soleira da porta. — Vocês dois terão minha misericórdia. Não me deram razões diretas para matá-los até aqui, então vão perecer aqui mesmo. Vendo este cadáver se decompor aos seus olhos.

Arash lançou-se para cima do assassino, mas antes que desse o primeiro passo, Meng já havia saído da sala, um segundo antes de fechar a porta e destruir o sistema de abertura com um tiro. Helena voou em direção à saída e bateu com os punhos fechados no aço.

— Eu vou te matar, seu desgraçado! — ela urrou, sentindo as lágrimas encharcaram o rosto. Através do vidro blindado, Meng fez uma saudação militar zombeteira e virou-se com a bolsa de Arash pendurada no tórax e o protótipo de Energia Livre na mão.

Estamos presos.

Ela gritava com uma fúria que jamais imaginou que pudesse nutrir, enquanto tentava acompanhar o assassino que desaparecia através da janela.

— Helena! — gritou Arash.

Ela não queria ouvi-lo. Concentrava-se somente em destravar a porta e correr atrás do primeiro ser humano que ia matar na vida.

— HELENA!

Ela virou-se mecanicamente. Arash estava agachado ao lado do corpo. Havia retirado a máscara de César.

Depois de piscar várias vezes e sacudir a cabeça para garantir que não era enganada pelos olhos, Helena caiu de joelhos no chão, as emoções chocando-se umas com as outras em uma luta desumana dentro do peito.

O homem que havia morrido não era César.

— Mas como... — Helena só conseguiu balbuciar uma frase incompleta. Achava-se bem acima da fronteira do choque.

— Não é César! — exclamou Arash, emocionado, mas visivelmente contendo uma comemoração em respeito ao morto.

Helena tentou coletar os restos de razão que jaziam em frangalhos na mente. O homem de meia idade caído no chão se encontrava com o supercílio perfurado pela bala e os olhos abertos. Seu rosto era bem iraniano. Arash cerrou os olhos dele e ajeitou o corpo de barriga para cima, em respeito.

— Mas se não é César, onde ele está? Será que... — uma reflexão aterradora lhe assaltou. — Será que ele já está morto?! — perguntou ela.

Arash levantou-se do chão e tentou acalmá-la.

— Talvez Meng tenha-o deixado vivo para garantir que o protótipo funcione.

Helena julgou essa possibilidade bem possível.

— Então ainda temos tempo de pegá-lo — disse ela, procurando algo na sala que pudesse servir de instrumento para desemperrar a porta.

Nesse momento, ouviu-se um estrondo forte do outro lado. Era poderoso, como um soco. Ou melhor, um chute.

O quê?! Meng voltou?!

Virou o rosto para Arash, confusa. Em seguida, ouviu-se um urro de dor do outro lado, além de outra voz.

Dois homens lutando?!

De repente, o som do alarme central irrompeu pela saleta. Uma voz robótica em persa passou a falar mecanicamente uma frase longa e repetida. Era a gravação automática de emergência.

Arash paralisou. Lá fora, as luzes brancas foram dominadas por sirenes, que deram ao corredor um tom vermelho sangue.

— O que está acontecend...

— Oh, Meu Deus! — O tom de Arash era aterrador. Ele traduziu a frase que soava repetidamente dos alto-falantes: — O nitrogênio usado para reduzir os níveis de oxigênio na água de resfriamento está vazando em larga escala. As portas de segurança irão se fechar. Evacuação imediata!

Era óbvio que Helena não se preocupou em entender tecnicamente a explicação. Nem sabia que nitrogênio poderia ser tóxico. Só sabia que tinha que sair dali o mais rápido possível. Ela colou o rosto na janela do meio da porta. Não via ninguém, mas os baques intermitentes lá fora continuavam, em meio a

grunhidos de dor. Então, súbito, as vozes cessaram. Somente o som da sirene devastava o ambiente. Durante cinco segundos agoniantes, não se ouviu ninguém.

De repente um tiro, seguido de um som agudo, como se um bujão de gás estivesse vazando. Nesse momento, um rosto apareceu na janela da porta. Helena quase caiu para trás quando encarou os olhos cinzentos mais aguerridos que já vira na vida.

Hercule Kroos estava sem máscara, sem a roupa antirradiação, apenas com a calça jeans e camisa pólo que vestia antes de colocar a roupa de proteção. O rosto vermelho e cortado de veias tinha um corte na testa. Não saberia dizer se a cor vermelha era pelos ferimentos ou pelo efeito da luz.

— KROOS!!! — os dois berraram ao mesmo tempo.

Como ele sobreviveu, Meu Deus?!

O methernitha deu um chute na porta e o som metálico reverberou na sala. Logo depois, ele desapareceu do campo de visão de Helena.

Ouviu-se mais agitação de luta; golpes poderosos, gemidos de dor.

Então o methernitha retornou, com a boca escancarada, cheia de sangue; ofegante. Ele pareceu pegar distância na parede oposta.

— Para trás! — Arash a puxou pelo braço.

Um golpe muito mais poderoso fez a porta se escancarar e bater na parede lateral. Hercule Kroos só conseguiu dizer uma frase.

— Saiam daqui. Agora!

Nesse exato instante, Meng apareceu da direita do corredor, desafiando de maneira sobrenatural a gravidade. Como um gato, suspendeu o corpo no ar a uma altura surpreendente, deu dois passos na parede e esticou a perna para um chute no rosto de Kroos. Porém, seu pé adejou o ar, produzindo o som de bambu cortando o vento. Kroos esquivou-se de modo magistral, como um lutador de arte marcial apurado, deixando a camisa leve por baixo do peito e revelando algo que jamais Helena poderia pensar...

Um colete à prova de balas salvara a vida dele.

— O protótipo e a bolsa estão lá na frente. SAIAM!!! — ele gritou por sobre o som estridente do alarme.

Arash puxou Helena e começou a correr.

— Precisamos ajudá-lo!

— Temos que salvar o protótipo, Helena — disse Arash, arrastando-a com força pelo braço e se afastando da luta. — Foque!

Ao se virar, Helena percebeu que uma parte da tubulação que perpassava na horizontal o corredor soltava uma fumaça em forma de jato de ar, logo atrás de onde saíram. Abaixo dela, a arma de Meng jazia no chão. *Alguém atirara*

acidentalmente na tubulação. A fumaça se misturava com a cor vermelha das luzes de alerta.

Será o nitrogênio?

A voz eletrônica se calou, e em seguida, a sirene. O som agora vinha apenas dos passos acelerados do casal e da luta de Kroos e Meng, que ficava cada vez mais distante. Helena viu o protótipo e a bolsa de Arash no chão, dez metros à frente. Estavam quase passando pela porta que separava este corredor do principal, quando um apito contínuo retiniu pelo ambiente.

Helena olhou para trás e constatou que o apito era uma alerta para um fato terrível.

Rasgando a neblina vermelha que se formava em quase todo seu campo de visão, um portão robusto fechou-se entre o casal e os dois lutadores. O eco do selamento da barreira tinha o som enferrujado de uma clausura medieval.

Tratava-se dos portões de segurança, programados para isolar a área contaminada do que ainda podia ser salvo na instalação, para evitar que uma eventual contaminação se espalhasse.

— Kroos ficou preso! — gritou ela, desvencilhando-se de Arash e voltando para tentar ajudar o methernitha.

— Não! Helena! — Arash buscou o protótipo e sua bolsa no chão e correu atrás dela, que já voltava na direção do portão de segurança. Diante dele, ela reparou que também havia uma abertura envidraçada, redonda no meio. Estreitou os olhos para procurar Kroos do outro lado, enquanto Arash equiparou-se a seu lado. A fumaça havia tomado tudo, as luzes de alerta do teto davam um tom de sangue ao corredor. Piscavam de modo constante, como relâmpagos furiosos entre nuvens vermelhas.

De repente, dois fantasmas se materializaram a cinco metros da porta, vestidos de uma neblina rubra, abraçados em uma luta brutal, seus braços e pernas como um borrão trocando golpes. Meng estava sem máscara, e foi a primeira vez que ela reparava que o assassino tinha cabelos grisalhos. E mais, devia ser idoso. Sua cara agora era de puro desespero, parecia querer desvencilhar-se de Kroos e vir em direção ao portão para sair dali.

Mas o methernitha parecia não deixar. Puxou-o pelo ombro e lhe desferiu um soco na cara.

— Venha, Kroos! Por favor! — ela gritou.

Em uma mistura letal de várias artes marciais, o methernitha o levou ao chão com um chute no peito. Meng caiu de costas e Kroos voou para cima dele, já encaixando um mata leão.

Kroos parecia estar quase o finalizando, quando Meng conseguiu se desvencilhar com o movimento de um lagarto escorregadio nas mãos de um

caçador. O oriental reverteu completamente o jogo e pôs-se de pé com uma agilidade incrível. Por cima, reteve a bota de estilo militar na garganta do methernitha. Helena desesperou-se. Kroos tentou em vão bater contra a perna de Meng, mas os socos saíam tão fortes quanto os que Helena daria.

— Oh, Meu Deus! — exclamou Arash, procurando alguma abertura na porta.

Meng pressionou com mais intensidade a jugular dele. No movimento, o rosto de Kroos voltou-se para a porta, mais ferido e inchado do que nunca. Os olhos cinzas pareciam se despedir de Helena e Arash através de piscadas cada vez mais demoradas.

Ela baixou a cabeça. Não queria ver aquilo.

Depois de um instante, Arash a chamou:

— Olhe!

Helena se deu conta de que estava absolutamente errada. Kroos continuava olhando para eles, como se buscasse forças, sustentando seu olhar. Então, com uma flexibilidade incrível, suspendeu uma perna no ar e chutou as costas de Meng, o que fez o oriental perder o equilíbrio. Foi o tempo de ele se livrar dos pés do assassino, rolar sobre o estômago e derrubá-lo com um chute na parte de trás dos joelhos. Meng caiu de costas, atrás do methernitha.

Agachado, Kroos parecia calcular metodicamente o próximo golpe.

Envolveu o pescoço do oriental com um mata leão preciso, suficiente para dominá-lo na posição. Num movimento rápido, colocou a mão direita abaixo do queixo dele enquanto a outra segurou o topo da cabeça. Com o olhar de pavor, Meng socou desesperado o corpo de Kroos. Em vão, suas pernas debatiam-se no chão. Com uma força avassaladora e precisamente rápida, Kroos girou a cabeça do assassino. No auge da torsão, sua cabeça ultrapassou os ombros. Helena conseguiu imaginar o som da vértebra se quebrando em meio à sirene que retinia no corredor. O corpo de Meng caiu inerte sobre Kroos, que mal conseguiu tirá-lo de cima de si. O methernitha puxou o ar contaminado de nitrogênio com tanta força que parecia ser a primeira respiração da vida.

Helena procurou desesperadamente a alavanca para abrir o portão.

— Onde está?! Temos que salvá-lo!

— Essa porta foi feita para jamais se abrir depois de fechada — disse Arash, com segurança na voz embargada.

Com muita dificuldade, Hercule Kroos, apoiou uma mão no joelho e se ergueu no inferno vermelho do outro lado. Com a face retorcida de dor, andou até a abertura redonda. Helena fez um gesto com mão para que ele esperasse.

— Vou te tirar daí!

Para a surpresa dela, Kroos respondeu apenas com um sorriso, a

serenidade se alastrando pelo rosto.

De repente, ouviu-se um estalo agudo dos dois lados do portão. De cada lado, duas placas grossas de aço começaram a se mover ao encontro da outra, devagar e ruidosamente.

— A porta sobressalente — disse Arash, agora chorando, desesperado. — Ela vai se fechar!

Kroos igualou o rosto do outro lado do vidro. A expressão deformada pela batalha agora era surpreendentemente calma, conformada. Ele fez um sinal com o polegar, um OK, como se quisesse indicar que estava tudo bem. Abriu a boca e falou devagar algo que Helena leu em seus lábios como:

“Vocês dois tem que viver para fazer a diferença.”

Ela sentiu uma dor pungente no coração.

— Não! — ela gritou, chorando, sentindo a mão de Arash no seu ombro, conformando-a. — Nós vamos te tirar daí!

Em seguida, o methernitha levantou a cabeça para o teto, ainda sorrindo. Uma paz absoluta exalava de seu rosto, como se estivesse orando em um templo sagrado, conectado diretamente com o Divino. Ele fechou a mão em torno do crucifixo manchado de sangue e gesticulou, enquanto uma lágrima rolava vermelha pelo rosto deformado.

Your wish's my command — *Seu desejo é meu comando*, foi o que Helena conseguiu ler em seus lábios, antes do túmulo do methernitha se fechar.

CAPÍTULO 110

Adeus, Kroos.

Arash viu os joelhos de Helena cederem e ela desabou no chão, em prantos. Os dois ainda ficaram um longo tempo encarando o portão sobressalente que havia acabado de se fechar, na esperança de que abrisse só pela força de seus pensamentos. Ao redor, não havia alavanca, instrumento, botão... nenhum sistema que sugerisse que ela pudesse ser aberta pelo lado onde se encontravam. O homem que havia salvado as suas vidas e o protótipo ia definhar aos poucos lá dentro, envolto por uma neblina de nitrogênio que o carregaria, devagar, para a morte.

Depois de guardar o protótipo na bolsa, Arash ergueu Helena com cuidado. Sua voz presa na máscara soou mais fraca do que gostaria.

— Helena, precisamos ir. Já estamos quase lá. — Arash esforçou-se para segurar com firmeza a mão dela. O gesto parece tê-la acordado um pouco.

Ele tentou enxergar os olhos de Helena através da máscara, enquanto ela se erguia. Depois da morte de sua família e dos anos que passou morando nas ruas de Nova York, Arash jamais havia aberto o coração para pensar em outra mulher. Desejou sobreviver a tudo aquilo especialmente para conhecer melhor Helena. Queria ter a oportunidade de acariciar o pescoço dela, sentir aqueles cabelos castanhos envolverem delicadamente a sua mão.

O som do alarme persistia e as paredes daquela parte do corredor reluziam ao vermelho das luzes de alerta.

— A voz automática está dizendo que o vazamento na área B2 foi contido. — informou ele, depois de ouvir a gravação robótica. — Mas a sirene continua tocando para a evacuação. Não sabemos o que pode acontecer...

Arash ouviu um estouro exatamente a seu lado. Helena saltou para trás, sobressaltada.

O mesmo vazamento ocorria agora do lado do corredor aonde se achavam.

Outros três estampidos vazaram pela tubulação perto deles e então, em uma reação em cadeia, os jatos do gás começaram a brotar violentamente nas interseções da tubulação, como canos de água que se rompem com a pressão.

Arash se sentiu dentro de uma barragem prestes a ceder.

A voz eletrônica imediatamente mudou seu alerta

— O que está acontecendo, Arash? — quis saber Helena.

— Os componentes de proteção da tubulação estão cedendo — ele comunicou, já a puxando pela mão. — Temos que correr!

Arash e Helena dispararam. Na esquina, curvaram à esquerda e retornaram para o corredor central. Um caminho tingido de vermelho pelas luzes de alerta se

estendeu diante deles. Cerca de trinta metros os separavam do saguão. Lá no final, havia também luzes brancas, de modo que era possível discernir com um pouco mais de clareza as placas de indicação dos elevadores de onde vieram. No entanto a distância parecia de trinta quilômetros. Demorou um tempo para Helena pegar o tranco e começar a correr na esteira de Arash, que sentia agora o enjoo mais forte do que nunca.

Achavam-se no meio do corredor quando a gravação registrou algo que fez Arash apertar a mão dela com força e acelerar ainda mais a corrida.

— Outro portão de segurança vai bloquear nossa passagem ali na frente!
— Arash disse.

Fixando os olhos nas luzes do final do túnel, Arash deu tudo de si, lembrando-se do esforço sobre-humano que Kroos fizera por eles. “*Vocês dois têm que viver para fazer a diferença.*” Mentalizou o rosto de César e de tudo o que ele arriscou na vida para construir o que eles possuíam agora. Visualizou todos os terrores que havia passado com Helena nos últimos dois dias. Remeteu-se à notícia da morte de Doroth. E do que ainda podia fazer para mudar o mundo.

A respiração ficou ainda mais quente dentro da máscara. Concentrou a mente nas pernas e nos pulmões, que insistiam em queimar o peito.

Encontravam-se a quinze metros do salão principal quando, em meio à coluna de fumaça, foi possível ver o portão começando a descer, em uma velocidade que, para Arash, era estonteante. No limite físico, imaginou-se rolando por debaixo do portão antes que ele lacrasse definitivamente. Apertou com força a mão de Helena.

O nitrogênio usado especificamente para controlar os níveis de pressão dos tanques, se continuasse vazando, iria sobrepor o oxigênio necessário para a respiração. E então...

Morte por asfixia.

— Não vamos conseguir! — gritou Helena, desencorajada a seu lado.

Arash havia acabado de chegar a essa conclusão. Na melhor das hipóteses, poderiam até achar seus corpos ali, algum dia, depois que a guerra acabasse e os ataques a Esfahan cessassem. Quando isso seria? Impossível de prever. Na pior, uma ou outra bomba que caía sobre a cidade os sepultaria de vez ali, junto com Kroos, e ao lado de uma das maiores esperanças de um mundo melhor: a criação de César. Por essa razão, decidiu fazer algo antes que fosse tarde demais.

César, me desculpe!, pensou, imaginando se seu antigo parceiro continuava vivo em algum lugar lá em cima.

Arash tirou a bolsa do ombro e seu braço descreveu um arco no ar, pegando impulso e lançando-a por debaixo da porta, antes que ela se fechasse

completamente. O pequeno protótipo dentro da bolsa deslizou pela abertura e sua alça foi a última parte a desaparecer do ambiente em que estavam.

Dois segundos depois, eles se igualaram à barreira, absolutamente estafados. Sem forças sequer para lastimarem, os dois ofegavam com as mãos nos joelhos, olhando para o outro através da neblina de nitrogênio que se adensava no corredor.

Acabavam de ser sepultados vivos, como Kroos.

De repente, o escuro total.

A sirene, as luzes vermelhas de alerta e a voz eletrônica desligaram-se automaticamente. O som agora vinha somente do vazamento da tubulação, que enchia de nitrogênio o corredor. Arash presumiu que os geradores que davam vida àquela instalação foram destruídos pela pressão e por isso nenhum componente eletrônico funcionaria mais.

— Arash — chamou Helena, pegando em sua mão na escuridão completa —, vamos procurar uma saída.

Arash não sabia o que responder. Abraçou-a com toda a força que restava. Queria sentir aquele corpo junto ao seu nos últimos momentos. O equipamento que usavam prolongaria suas vidas alguns minutos a mais, talvez. Porém, em breve o nitrogênio substituiria totalmente oxigênio do ambiente. As hemoglobinas do sangue lutariam desesperadas para achá-lo e transportá-lo aos alvéolos pulmonares e, deles, para os tecidos. Não encontrando oxigênio suficiente, promoveriam reações físicas, iniciando por uma ardência no peito e no rosto. Depois de alguns segundos, suas mentes seriam tomadas por alucinações, a respiração seria reduzida aos poucos, sugando o resto do oxigênio do cérebro. Tontura, seguida de desmaio; inconsciência... e, no final, todos os centros nervosos vinculados ao coração e à respiração se desligariam totalmente.

— Não vamos conseguir sair, não é? — indagou Helena, chorando.

Arash apertou o rosto mascarado contra o dela. Queria poder lhe dar esperanças. Queria poder ver aqueles olhos castanhos brilharem outra vez, lhe pedir perdão por não ter conduzido o caminho dela com mais rapidez. Queria muito beijá-la, sem se importar com os últimos minutos de vida.

— Gostaria de ter te conhecido em outro tempo — foi só o que conseguiu murmurar na escuridão.

CAPÍTULO 111

Caído de costas no chão acarpetado, Campbell observava Lott se aproximar com a pistola na mão. Sentia uma dor lancinante na bacia, que acabara de bater contra a cômoda. O escritório girava como um carrossel, os sentidos embaralhados, um sem conexão com o outro. Fixou o olhar no adversário e esforçou-se para pensar nas possibilidades de reação.

Não havia nenhuma.

Estava fisicamente destruído. Mas precisava reagir. Por Jane.

— Infelizmente — disse Lott, ao apontar a pistola para sua cabeça —, nossos segredos morrerão aqui, junto com você. Vou selar essa sala e só vão entrar aqui explodindo-a. E quando isso acontecer, você já terá apodrecido aqui dentro, enquanto eu estarei em alguma praia de Bora Bora.

Campbell desceu as mãos ao lado do corpo. O que podia fazer? Tentar se levantar? Falar algo para ganhar tempo?

— Nós só queremos deter a propriedade da Energia Livre de César Montenegro, Ron. Tudo neste mundo *precisa* ter um dono. — Os olhos de Lott se estreitaram por trás das lentes redondas. — As pessoas anseiam por uma ordem, por uma regra. Alguém que detenha os meios. E nós daremos a ela uma Nova Ordem. A mente humana ainda é demasiadamente pueril para ter a plena consciência das reais capacidades da Energia Livre. — Lott gesticulava brandindo a arma no ar. — Ela ainda não está pronta para utilizá-la. Nós ensinaremos o passo a passo. Nossa missão é muito, muito, mas muito nobre do que você pensa, Ron.

Para quem esse filho da puta está trabalhando?!

— Nosso trabalho é mostrar para as pessoas o caminho que elas precisam traçar para deter a energia perpétua, a saúde plena e milhares de outros benefícios. E porque não cobrar por isso? Porque não monopolizar tudo? Porque não produzir novas armas com esses princípios para proteger sua própria nação? Porque não fornecer a cura de todas as doenças e porque não lucrar com essa dádiva divina? A prosperidade é uma virtude! Ora, Ron, nós dois sabemos que uma invenção como aquela destruiria o sistema econômico, que está aí! Você quer ver uma Crise de 29 multiplicada por cem em seu país? Já imaginou quantas pessoas perderiam seus empregos? Como esse novo sistema destruiria o seu modo de viver? — Lott respirou fundo, neste momento com o rosto transtornado. — Não — disse ele. O mundo não pode mudar tão drasticamente. Daremos a ele, sim, uma mudança, mas não tão radical, como alguns querem. E quando a transição estiver pronta, nós deteremos a posse completa. Como sempre detivemos. E como sempre será.

Campbell mal se concentrava nas palavras de Lott. Buscava uma maneira de inverter o jogo. Foi então que sentiu que havia algo perto de sua palma direita. Uma espécie de peso para papel que havia caído quando ele esbarrara na cômoda. Era uma esfera de alguma espécie de cerâmica, redonda, quase do tamanho da palma da sua mão. Devia pesar uns dois quilos.

Agradecendo pela sorte, envolveu o objeto na mão e esperou Lott se aproximar em um ponto seguro para o arremesso.

— Levante-se — ordenou Lott, fazendo o gesto com a arma. — Não quero que uma simples cômoda tire minha glória de ter matar como um homem. Levante-se!

Campbell sentou-se com muita dificuldade e, sentindo dores terríveis por todo o corpo, apoiou-se primeiro com a mão esquerda no joelho esquerdo, antes de ficar totalmente ereto. A essa altura Lott estava a um braço de distância, a pistola ao lado do corpo, pronto para apontar para sua cabeça de novo.

Nova oportunidade!

Concentrou toda a energia na mão direita e o golpe saiu antes que Lott pudesse levantar o braço para mirar nele. A envergadura de Campbell o favoreceu. O impacto do peso para papel gerou um som oco na maçã do rosto de Lott, o que arrancou seus óculos de armação redonda. Sua cabeça foi projetada de lado e o corpo já se achava envergado quando o diretor da DARPA disparou dois tiros a esmo, antes de cair de costas sobre sua mesa. Campbell ouviu o som fino do silenciador, que antecedeu uma dor excruciante. O primeiro tiro queimou sua orelha esquerda e atravessou o teto da sala. Campbell sentiu uma dor tão aguda que quase não teve forças para gritar. O segundo explodiu a janela de vidro espelhado do escritório, três passos atrás de Campbell, abrindo em seguida um buraco enorme, a luz do sol feito um holofote entrando no escritório.

A bala havia arrancado um naco de cartilagem da sua orelha. Deu dois passos e se jogou contra Lott na mesa, indo com as duas mãos no punho que segurava a arma, os objetos de escritório espalhando-se pelo chão.

Campbell tentou tomar a arma da mão do oponente. Abaixo do olho direito, o osso zigomático de Lott estava afundado, o que lhe emprestava um aspecto bizarro, o cordão de ouro dos methernithas caído de lado no peito.

Porém, depois de poucos segundos de confronto direto, Lott conseguiu deslocar o corpo de Campbell até que os dois ficassem de pé de novo. Enquanto tentava livrar sua mão armada das duas mãos de Campbell, Lott o empurrou para frente. O diretor do Pentágono deu quatro passos para trás, até que suas costas colidiram contra a janela, cuja vidraça estava quebrada.

De soslaio, pôde perceber que havia um caco afiado em forma de triângulo na base da janela. Não pensou duas vezes antes de puxar o pulso de Lott para

baixo com o máximo de força que conseguiu reunir. O caco atravessou o antebraço dele, a ponta vermelha de sangue despontando pela carne do outro lado. A mão de Lott se abriu de imediato e a arma pulou da janela para fora do prédio. O grito que o diretor da DARPA soltou poderia ser ouvido a dez quarteirões dali. Campbell torceu para que tivessem ouvido. Lott puxou o braço, que por um momento ficou travado, antes de conseguir se soltar dolorosamente do objeto perfurante, como um prego que é retirado da parede.

Foi nesse momento que Campbell vislumbrou uma alternativa totalmente possível. Afugentando as múltiplas dores no corpo e o ferimento na orelha, ele agarrou o cordão dos methernithas com as duas mãos e se postou às costas de Lott. O corpo de Lott se envergou para trás, e ele levou as mãos ao pescoço, grunhindo. Para tentar diminuir a pressão, o diretor da DARPA jogou seu corpo para trás, levando Campbell a andar de ré, antes de bater com a cintura na cômoda que estava rente à parede. O velho se desequilibrou e desabou no chão, com Lott potencializando a dor da queda por cima e fazendo os porta-retratos desabarem sobre a sua barriga. Campbell sorveu o ar com força para aguentar o peso sobre o peito e apoiou os dois pés na parede envidraçada. Torceu ainda mais os bíceps para enforçar Lott. O cordão de ouro era resistente e grosso o suficiente para ajudá-lo a bloquear com eficiência o ar que passava pela laringe.

Campbell nunca havia matado antes. Jamais poderia esperar que o faria com quase oitenta anos de idade. Não acreditava que teria o sangue frio de executar alguém, mas aquele homem era, na melhor das hipóteses, um traidor da pátria. Se conseguisse fugir, teria condições de provocar um colapso ainda maior. Lott estava criando um novo tipo de terrorismo: o climático. Dependendo das alianças que fizera, poderia sair incólume de um julgamento. Não poderia permitir isso.

Deus vai te julgar agora.

Agora o peito de Campbell estava dormente de dor. Sentia que ia apagar a qualquer instante. O peculiar crucifixo dos methernithas sobressaía de sua mão que, de tanta força, parecia sangrar nas bordas douradas. Ele observou a cruz de ouro e rogou pelo perdão daquela alma.

Depois rogou pelo perdão da sua.

Lott tentou afrouxar o cordão no pescoço com as mãos. Depois de alguns instantes, provavelmente percebeu que não era possível, então levou as mãos ao rosto de Campbell e ensaiou socos que, depois de um breve instante, viraram tapas e, em dado momento, suas mãos apenas acariciavam a pele enrugada do diretor do Pentágono, até pararem de se esforçar pela vida. Campbell percebeu que havia um porta-retratos pousado sobre a barriga de Lott, com a foto da linda mulher que havia visto quando entrara no gabinete, uma hora atrás.

Por alguns instantes, teve a impressão de que ele chamava por alguém por baixo do som agonizante que soltava.

— Déé-bbo-r...

Mesmo quando sentiu que seu inimigo não oferecia mais resistência, Campbell ainda permaneceu pressionando o cordão dos methernithas contra a carne de Lott, com medo de que, quando soltasse, toda a adrenalina fosse derramada no chão e se diluísse em uma dor insuportável.

Reunindo coragem, Campbell largou o cordão. E mal teve consciência para ver os homens fardados que entraram na sala, pouco antes de apagar.

CAPÍTULO 112

Na escuridão total, Helena encontrava-se sentada, recostada na parede, a cabeça caída sobre o ombro de Arash. Sua mão entrelaçava-se com a dele, mas não podia sentir seu toque. Amplificado pela máscara, um chiado fino no meio de cada inspiração bloqueava o som constante do vazamento de hidrogênio que vinha de vários pontos do corredor, feito mangueiras a jato. Isso deixava sua ventilação pulmonar ainda mais penosa. A sensação de anestesia na cabeça lhe arrancava qualquer tipo de pensamento que pudesse desenvolver. Sua mente passou a navegar em uma inesperada calma no momento presente.

Havia perdido o discernimento para calcular quanto tempo estava ali, esperando a morte vir buscá-la naquela batalha perdida. Aos poucos, a respiração penosa foi ficando curta e superficial, até que seus sentidos se desmancharam por completo, como um castelo de cartas.

Silêncio sepulcral.

Percebeu o corpo flutuar lentamente até o chão. O impacto de sua cabeça no piso não causou dor. Já havia passado por esta fase em algum momento lá atrás. Na realidade, se houvesse algum pensamento que pudesse encadear, agradeceria pela anestesia completa no corpo que, agora, era muito bem vinda.

No que poderiam ser os últimos segundos de consciência, seus ouvidos voltaram a identificar algo: um estrondo vindo do alto. Longe. Tratava-se de uma explosão forte. Um segundo estouro, mais perto, fez com que um único pensamento, perdido em algum lugar, percorresse a espiral de silêncio mental na qual se encontrava, e chegasse inteiro no hemisfério do cérebro responsável pelo raciocínio.

Continuam bombardeando a usina, ela conseguiu pensar.

Ela ouviu mais meia dúzia de vezes o mesmo padrão de estrondo, quilômetros acima. Sem saber se seus olhos estavam fechados ou abertos no negrume, percebeu uma fenda prateada cortar a escuridão que limitava seu universo. Ela ampliou-se devagar, junto com um som de trovão que rugia agora perto de si, como se o céu tivesse declinado drasticamente.

Uma silhueta grande apareceu na fenda prateada, o rosto escondido por baixo de um véu negro.

A morte?

Ágil, ela caminhou em sua direção. Era claro que Helena não tinha como reagir, seu corpo não lhe pertencia mais. Estava desconectado da consciência. O vulto se agachou e a pegou no colo com vigor, depois de aparentemente ter inserido algo na sua boca que tirara levemente a sensação de dormência, substituindo-a pelo apagão total.

Vou encontrar com meus pais, foi o que sua consciência lhe permitiu pensar pela última vez no meio daquele sonho cruel.

CAPÍTULO 113

Todo o corpo de Helena vibrava. Era como o galope ensandecido de um cavalo indomável. *Estou novamente em uma carruagem?*

Sentiu uma mão tímida no seu rosto e se perguntou se tratava do vulto que lhe arrancara do subterrâneo para a morte. Algo envolvia o nariz e a boca, o que tornava a sensação de dormência cada vez menor.

Podia até...

Estou respirando!

Em uma ação reflexa, os pulmões se encheram até o peito doer. Isso a despertou por completo. Todos os sentidos retornaram juntos, em uma avalanche: sons, imagens, sensações entrando em foco.

Helena viu-se deitada, sorvendo o ar dentro de uma máscara de oxigênio de hospital. Vários segundos se passaram até que ela percebeu que a vibração do corpo era porque se encontrava dentro de um avião de carga, a estrutura interna de fios, tubos e componentes eletrônicos percorrendo o teto. Percebeu que havia sido colocada em uma maca. Um gosto ruim impregnou a língua até os lábios, enquanto uma aguda dor de cabeça a fez levar a mão à testa. Foi quando reparou no fio intravenoso colocado no braço direito.

Estava sem a roupa antirradiação, e ficou surpresa quando viu que usava uma camisa camuflada e uma calça de mesmo aspecto.

Alguém me despiu!

No entanto não tinha cabeça para sequer se sentir envergonhada.

— A senhora tem um fôlego de atleta — disse uma voz feminina com sotaque americano atrás da maca onde estava. Tinha um tom descontraído. Helena tentou virar a cabeça para trás, mas uma pontada de dor atravessou seu cérebro.

— Fique tranquila, a dor de cabeça já vai passar. Seu corpo ainda está se recuperando da perda de oxigênio. — O tom dela era profissional, de médica. Quando a mulher andou até a maca, Helena ficou espantada com o que ela vestia: um casaco camuflado e um símbolo brasonado na altura do peito, com uma faca que cortava um triângulo ao meio.

Ela leu ao redor do desenho:

DELTA FORCE — UNITED STATES ARMY

Tinha sido resgatada pelo exército americano?

— Você deve estar sentindo um gosto amargo na boca. É consequência da interação com o nitrogênio. Já vai passar.

— Arash! — ela falou alto, sua voz abafada na máscara, quase inaudível por baixo do som das turbinas do avião. — Onde ele está?

A médica sorriu, olhando para trás. Helena sentiu uma agitação a seu redor.
— Serve esse?

Também vestido com um casaco do exército, Arash apareceu com um sorriso, a vitalidade nos olhos havia retornado como nunca nas suas íris negras.

— Helena — disse ele, com os olhos marejados de emoção —, nós conseguimos! Nós conseguimos!

As lágrimas de Helena correram sem aviso. Ela abriu um sorriso que superou os limites da máscara. Arash curvou-se até seu rosto e lhe deixou um beijo demorado na testa.

— Nós conseguimos! — ele repetiu, acariciando seus cabelos.

— Isso mesmo — disse a médica em tom espirituoso. — Mas não se afobem. Ela ainda precisa respirar bastante dentro dessa máscara.

No entanto, Helena não conseguia processar o sentimento de missão cumprida em sua completude. Faltava um capítulo naquela história.

— E César? — ela quis saber.

O iraniano fechou o rosto e respirou profundamente. Em seguida, destravou algum mecanismo no pé da maca e virou-a com muito cuidado.

— Você pode perguntar a ele pessoalmente — respondeu.

Helena viu outra maca anexada a um suporte na parede do outro lado do avião. César estava recostado em uma maca, os tufo brancos da cabeleira bagunçados como uma auréola acima da cabeça.

Helena quase pulou da maca.

— CÉSAR!!!

Devagar, ele virou o rosto de lado, e ela percebeu que estava bem ferido. Arash empurrou sua maca pelo grande espaço do avião. Teve a impressão de que não ia segurar o misto de sentimentos que se apossou dela: alegria, alívio, gratidão; amor. Tudo isso se replicava em todos os poros do corpo em um arrepio quente e pujante. Ela surpreendeu-se quando viu na outra parede do avião seis homens de uniformes pretos, acomodados em assentos, na direção da cauda do avião. Todos assistiam à cena, impassíveis.

— Helena — César disse com esforço, esticando a mão para ela enquanto se aproximava.

Helena agarrou seu braço, o que fez sua maca ficar mais perto da dele. Tirou a máscara. Percebeu, de soslaio, a reprovação da médica, mas não foi impedida. Então, puxou-o no abraço mais longo e apertado que jamais dera na vida.

A voz cansada de seu protetor colada à sua orelha era como uma sinfonia de Mozart.

— Helena, perdoe-me... — disse ele.

— Psssss... Não diga nada. Só me abrace.

Essa foi a constante nos sessenta segundos seguintes. Só quando sentiu os músculos do braço doerem pelo esforço, desgarrou-se e lhe deu um beijo no rosto.

— Tente não causar uma guerra mundial antes de divulgar sua próxima invenção, viu? — ela disse, sorrindo.

César deu uma risadinha.

— Prometo que será só uma briguinha de rua.

— Senhora embaixadora? — chamou uma voz grave do fundo do avião. Um dos homens ergueu-se e veio a seu encontro na maca.

Era a figura de sua alucinação.

Tinha um capuz preto pendendo nas costas, um tecido antirradiação sofisticado. O cabelo ruivo e grande, era preso em um coque atrás da cabeça e juntava-se a uma volumosa barba de mesma cor, cujos pelos cobriam inteiramente a boca, como um guerreiro bárbaro. Jamais o identificaria como soldado da tropa de elite americana, não fosse a farda preta e a metralhadora que segurava.

Ele nos salvou.

— Senhora — mal se via sua boca se movimentar por baixo da barba —, sou o capitão Bend, comandante da Divisão da Força Delta no Oriente Médio. Vocês são fruto de um milagre divino. Mais alguns segundos e estariam mortos.

Helena ficou confusa. O que a Tropa de Elite internacional dos Estados Unidos fazia ali? Eles o resgataram com o objetivo de prendê-los ou de salvá-los?

— Quem mandou vocês?

— O secretário de defesa Ronald Jay Campbell.

— O quê?!

É claro que Helena já ouvira falar do diretor do Pentágono, mas jamais o havia conhecido pessoalmente. *O que está ocorrendo em Washington? Será que ainda sou considerada uma fugitiva?*

— Qual foi o objetivo desse resgate? — ela indagou, desconfiada. — Vocês vieram nos prender?

O homem soltou um riso contido, respeitoso.

— Não, senhora. Viemos resgatá-los, somente. A suspeita que recaiu sobre a senhora sobre o seu envolvimento com o governo do Irã foi retirada pelo Governo dos Estados Unidos.

Helena sentiu profundo alívio.

— E... Como vocês descobriram nossa localização na usina?

— Por que eu dei. — Da cauda escura do avião, um homem veio

deslizando em uma cadeira de rodas.

— Oh, mas que diabos... Navid!

— E olhe que tive que superar meus maiores paradigmas para dar apoio aos americanos! — ele confessou, arrancando risadas de todos os presentes, até dos soldados. — Esses caras me acharam na estrada que dava para a usina. Admito que... bem.. Na verdade, não poderia ter encontrado melhor ajuda, não acham?

— Um carro no meio da noite em uma cidade evacuada e perto da usina... No mínimo suspeito... Foi assim que o achamos. Não foi difícil — disse o capitão da Força Delta.

Helena foi tomada de gratidão.

— Navid... — murmurou Helena —, nem sei como te agradecer.

Ele se aproximou da maca e pôs a mão no seu ombro.

— Ah, a senhora sabe, sim! — Ele abriu um sorriso e falou baixinho: —

H.A.A.R.P.

Ela assentiu para ele, piscando um olho. Teriam todo o tempo do mundo para investigar esse abominável crime contra a humanidade.

Helena esticou o pescoço e vasculhou o avião com os olhos. Faltava mais alguém.

— Kroos? — indagou ela, ao comandante.

O homem baixou os olhos.

— Infelizmente, não chegamos a tempo.

O coração foi amassado no peito. César apertou sua mão e ela viu seus olhos se marejarem de tristeza. Imaginava como estava sendo duro para seu protetor, que enviara o methernitha exclusivamente para protegê-los. Todos deviam grande parte do sucesso daquela missão a Hercule Kroos.

Pousada na maca de César, Helena visualizou a bolsa de Arash dentro da qual estava o protótipo e as peças. A equipe da Força Delta se deparou com a bolsa antes de chegarem a Helena. Arash a lançara por baixo do portão, sua alça ficara presa parcialmente para o lado onde ficaram presos, de modo que era presumível que a busca deveria começar pelo outro lado.

— Senhora — Bend a tirou da reflexão —, sei que neste momento precisa de repouso. Mas, se me permite, preciso lhe esclarecer algumas coisas.

Helena voltou sua atenção para o homem barbado.

— As informações que o senhor Campbell deu ao presidente dos Estados Unidos foram essenciais para o cessar-fogo no Irã.

Helena sentiu-se tonta.

— O que ele contou?

— Minha posição na hierarquia não me dá acesso a isso, na verdade —

respondeu ele. — Mas o senhor Campbell conseguiu o cessar-fogo. De alguma forma, os senhores tiveram papel preponderante nisso.

Helena olhou pela janela do avião. Lá fora a noite morria, calma. Filetes dourados indicavam o amanhecer na linha do horizonte, à direita. *Estamos indo para o norte. Estamos voltando para os Estados Unidos.*

Seja lá o que o diretor do Pentágono havia descoberto, salvara suas vidas e, talvez a do Irã. Questionou-se se Campbell teria entrado em contato com Doroth e, juntos, descobriram o problema. Será que ele teria descoberto a fraude das armas nucleares? Ou identificado o mandante do Projeto H.A.A.R.P.?

Sempre ouvira falar do respeitado diretor do Pentágono. Diferentemente da maioria daqueles que estavam em sua posição no mundo, ele pensava muito antes de agir. Provavelmente sua experiência com um sem número de conflitos e intrigas internacionais lhe deu a sabedoria necessária para averiguar exatamente o que se desenrolava por trás das cortinas.

Ele descobriu a conspiração por trás disso tudo. E Helena não via a hora de saber quem orquestrara o maior conflito geopolítico desde a crise dos mísseis de 62.

— Coloque-me em contato com o diretor do Pentágono agora, por favor.

— Receio ser impossível no momento, senhora. E era exatamente isso que gostaria de lhe passar. Ele está no hospital.

— Como?!

— Foi ferido durante um embate com o diretor do DARPA. Está bem. Não sei nada sobre isso, mas presume-se que Christopher Lott é o homem por trás dessa intriga toda.

— Mas que... que... loucura... — Ela trocou olhares com César e depois com Arash, que estava de pé a seu lado. Balançou a cabeça, confusa.

— Vamos falar disso depois, senhor Bend — sugeriu Arash. — Por favor.

Helena sorriu para ele. Com os dois a salvo, ali do seu lado, esperaria tranquilamente mais algumas horas para esclarecer tudo. Gostaria de estar mais apresentável para o Arash naquele momento. Agora, relaxada, sentiu-se um pouco envergonhada de não ter maquiagem, perfume e um penteado digno.

— Agora preciso de um tempo para mim — disse ela.

O capitão assentiu, compreensivo. Uma fenda se abriu no meio da barba. Era um sorriso.

— De terrorista internacional à heroína. Já pode começar a escrever o best-seller que será sua biografia, senhora.

CAPÍTULO 114

Uma semana depois

Sobre o imponente palanque da Assembleia Geral da ONU, Helena esperava os aplausos calorosos cessarem para iniciar seu discurso. Todos os representantes dos 193 países membros a recebiam de pé. Ela sabia, entretanto, que não estava se apresentando apenas diante daquela pequena multidão. O mundo inteiro encontrava-se ligado no discurso que iria fazer. Seria transmitido ao vivo pelas principais emissoras do mundo. Mesmo porque, as questões que ia levantar reuniam vários elementos de interesse público: ciência, política, história, saúde, e um sem número de implicações em outras áreas da vida.

Uma virada de mesa da história humana.

Obviamente, em um ano comum, uma reunião como aquela não atrairia a atenção que evocava um discurso do presidente dos Estados Unidos, por exemplo. No entanto, todos sabiam que aquela se tratava de uma ocasião muito peculiar. A morte dos comissários da ONU e da própria Secretária Geral, o suposto envolvimento da atual presidente do Conselho de Segurança com o Irã e todas as questões que envolviam a Energia Livre.

O mundo ansiava pela verdade oculta por trás do evento que a mídia passou a denominar de A Guerra das Três Horas. *Três horas de bombardeio* sobre o Irã. Por tudo o que havia passado nos últimos dois dias, Helena protagonizava os assuntos principais de tudo o que se relacionava à mídia. *De terrorista à salvadora da guerra*, diziam alguns jornais. *Diplomata brasileira evita uma possível Terceira Guerra*, estampavam outros.

Embora a ONU e os governos dos países envolvidos exigissem um debate, Helena não estava ali para isso.

Iria fazer uma revelação.

Esperando todos se assentarem, observou os aparelhos de tradução que pendiam da orelha de dezenas dos homens e mulheres que ali se encontravam. Todas as cores e nacionalidades a aplaudiam. Um verdadeiro espetáculo de diplomacia. De trajes típicos da África, passando por hijabs e niqab's do Oriente Médio aos conservadores ternos europeus. Sua mensagem se expandiria aos quinhões mais inexpressivos do mundo.

Sentia-se absolutamente realizada.

Ajeitou os dois finos microfones à sua altura e começou o discurso, cumprindo o protocolo inicial em inglês, a língua universal da diplomacia.

— Senhor presidente da septuagésima sessão. Senhor George Aduoa, Secretário Geral. — Virou-se para a bancada atrás de si, onde o novo secretário

se encontrava, o paredão dourado no meio do qual havia o símbolo da ONU atrás dele. — Excelentíssimos senhores chefes de Estado e de Governo. Senhoras e senhores, amigos de todo o planeta.

A essa altura todos a encaravam com uma mistura de atenção incondicional e admiração, sua voz ecoando no grande hall. Flashes de fotografias explodiam na bancada de mármore verde atrás de si. Dezenas de câmeras se espalhavam por todos os pontos do salão. Ela soltou o ar dos pulmões antes de continuar.

— Tenho a honra e o privilégio de abrir este que promete ser, sem exageros, o debate mais importante da história desta casa. — Ela fez uma pausa, percorrendo sua audiência com os olhos. — Com todo respeito a meus compatriotas, não estou aqui para representar o Brasil. Venho, na realidade, espelhar a necessidade de todos os cidadãos do mundo.

— E confesso que, de tudo o que aconteceu comigo nesses últimos dias, o que mais me impactou foi o fato de, hoje, provocar mais interesse no mundo nesse palco do que a Angelina Jolie.

O auditório se torceu em gargalhadas e sorrisos abertos. Helena percebeu os músculos da face relaxarem. Agora se sentia mais em casa.

— O que vamos lhes apresentar a partir de agora está intimamente relacionado com o futuro da humanidade; com o legado que deixaremos para as próximas gerações. Vamos passar por uma grande fase de transição, de um modo inimaginável que não se vê desde quando o Tratado das Nações Unidas foi assinado.

O público parecia cada vez mais imerso no tom solene de sua voz.

— Desde a época das cavernas usamos o fogo, depois o manipulamos de maneira industrial. Usamos o fogo para fazer o aço, logo usamos o carvão. Nos últimos duzentos anos passamos a produzir o petróleo e, depois, os físicos nucleares chegaram à tecnologia de fusão. Os exemplos dos últimos tempos nos mostraram que, embora a raça humana tenha atingido o estágio de manipular muitos dos padrões naturais da vida, falta-nos ainda compreendê-los de forma harmônica e integrada, para conduzir essas mudanças com a devida responsabilidade.

Fez uma pequena pausa para respirar.

— A palavra energia sempre foi sinônima de poder. Os sacerdotes das civilizações antigas, por exemplo, obtinham autoridade pela crença de seu povo no seu controle sobre a fonte mais visível de energia e vida: o Sol. Da forma mais essencial de energia, o fogo, o homem custou para encontrar uma forma de se sustentar energeticamente. Depois de séculos, a inteligência humana superou todos os desafios que envolvem as várias formas de obtenção de energia. —

Helena olhou para a cadeira a seu lado. César a fitava com orgulho nos olhos, um corte no rosto vedado por um curativo discreto.

— E isso só foi possível por um sentimento que sempre esteve presente em nossos corações, na nossa alma: a curiosidade. Foi com ela, que o homem passou a buscar o conhecimento necessário para transpor as barreiras de nossas maiores inquietações. Foi com ela, que este brasileiro aqui a meu lado criou uma oportunidade permanente e perfeita de autossustentação através de energia limpa, livre e, o mais impressionante, infinita. Ela deixou um sorriso com César, antes de se voltar para a audiência de novo.

— As implicações dessa descoberta, porém, vão muito além da energia em si. — Ela olhou Ronald Jay Campbell, na primeira fila dos ouvintes. A seu lado, Salim, o amigo de Arash os ajudara na fuga da sede da ONU e tinha apenas dois meses de vida.

— Poderemos realizar milagres. — Ela olhou para Navid na cadeira de rodas ao lado da fileira. — Teremos modificações decisivas no campo da medicina. Poderemos curar cancerígenos, paraplégicos, e tratar todas as doenças já registradas e ainda por serem registradas. Exploraremos os confins do Universo.

O público trocou olhares questionadores e um murmurinho se espalhou pelo salão. Helena abriu de novo um sorriso, fazendo um sinal de calma com as mãos.

— Fiquem tranquilos, tudo o que estou dizendo agora será demonstrado claramente daqui a pouco. Como é natural, necessitamos de tempo para que o mundo adote essa tecnologia como a sua realidade. Como sempre aconteceu na história, demorou um tempo para que se aderisse à energia elétrica em lugar dos lampiões, o carro em lugar da carruagem, e até o mp3, mp4 e outros m's em lugar do vinil.

O publicou riu sonoramente. Helena sorriu com eles.

— Porém, da mesma maneira que o Petróleo, que produz maravilhas para nosso bem estar e, ao mesmo tempo, armas, a Energia Livre também tem dois lados da moeda. No conflito da energia, sempre houve dois lados. Compostos por aqueles que quiseram impulsionar seu desenvolvimento até limites inimagináveis e aqueles que viram nisso um negócio. — Somos adeptos de maneira irreversível da primeira opção, pois, a fábrica da qual essa tecnologia é extraída chama-se Universo. Isso quer dizer que seu potencial é infinito e não se pode medi-lo. E se você não pode medi-lo quer dizer que a Energia Livre representa uma ameaça direta para as maiores indústrias do mundo. Acima de tudo será necessário compreensão por parte dos grupos que hoje dominam o setor dos combustíveis fósseis, da indústria farmacêutica, da indústria de

propulsão espacial. Agências espaciais de todo o mundo poderão compartilhar esse conhecimento para que a humanidade suba mais um degrau na escada evolutiva.

O murmurinho descaiu sobre o salão de novo. Ela esperou pacientemente a atenção total.

— Posso lhes afirmar, senhoras e senhores, que essa tecnologia eliminará a necessidade de todas as guerras, porque não haverá mais escassez de acesso à saúde, energia e conhecimento, riqueza. Cada cidadão do mundo aprenderá a extrair a energia livre em sua própria casa, a custos mínimos, sem necessitar de instituições ou empresas que sejam intermediários no processo. E posso lhes garantir que iremos prosperar cada dia mais, mesmo que não se possa quantificar o valor dessa energia. Posso lhes afirmar também que o que temos em mãos representa o necessário para construir uma civilização inteiramente nova, justa e igualitária. Talvez isso desperte a fúria de alguns, mas com certeza não passará de uma simples dor de cabeça, porque todos poderão se adaptar a essa nova realidade, se houver sabedoria. Então, aí sim, pela primeira vez, será possível fazer valer de modo integral os princípios de paz e justiça a todos, princípios que esta casa sempre defendeu, desde sua criação.

Helena olhou para César e depois para Arash, a seu lado, sentindo o corpo vibrar de excitação. Questionou-se se era a sensação que se tinha no auge da carreira.

— Os detalhes mais essenciais desse novo saber serão fornecidos agora por esses dois homens ao meu lado. Mas falando em conhecimento, gostaria de finalizar minha parte lendo rapidamente para vocês um depoimento de um dos brasileiros mais brilhantes que já conheci.

Helena pegou uma folha de papel e leu a única anotação que fizera para o discurso.

— *O dado mais importante que separa o ser humano de todos os seus irmãos e primos da escala filogenética é o conhecimento; só o conhecimento liberta o homem, só através do conhecimento o homem é livre e, em sendo livre, ele pode aspirar a uma condição melhor de vida para ele e todos os seus semelhantes.*

Ela fez uma pequena pausa, permitindo que o público ingerisse aquelas palavras em sua inteireza.

— *Eu só consigo entender uma sociedade na qual o conhecimento seja a razão de ser precípua que o governo dá para a formação do cidadão. Minha mensagem é positiva, é a de que o homem tem de saber; conhecer e, em conhecendo, ele é livre.*

— Essas palavras foram ditas pelo doutor Enéas Ferreira Carneiro, um

político brasileiro que faleceu em 2006.

Helena olhou fixamente para uma das câmeras à direita. Queria falar diretamente ao público.

— Senhoras e senhores, posso lhes garantir que o mundo está sendo reinventado a partir de hoje. Essa reinvenção representará o caminho mais preciso para a liberdade que sempre sonhamos. E esse conhecimento é só o primeiro passo para a verdadeira prosperidade mundial. — Ela soltou o ar dos pulmões, com a sensação de dever cumprido.

— Apresento-lhes o homem cuja visão e esforços inabaláveis são responsáveis por este momento. É com enorme prazer que lhes apresento o brasileiro César Montenegro.

Os aplausos irromperam intensamente o salão por quase meio minuto. Ela acenou com a cabeça para Ron Jay Campbell, sem cuja perspicácia jamais seria possível o êxito da missão. Ele lhe devolveu uma piscada de olho.

— Obrigada. — Ela gesticulou para ele, enquanto dava lugar a César no púlpito. Seu protetor pousou as duas mãos nos ombros dela, seus olhos brilhando de lágrimas, e lhe abraçou com força.

— Muito obrigado — disse ele, dando-lhe um beijo no rosto em seguida. — Muito obrigado.

Ela lhe exibiu um sorriso emocionado e lhe abraçou. Até quis dizer algo, mas as palavras travaram na garganta em forma de um choro de criança.

CAPÍTULO 115

Com os olhos banhados pela emoção, Helena sentou-se na cadeira de convidados, poucos metros ao lado do púlpito, assistindo César ajeitar o microfone à sua altura. No alto, dois telões de trezentas polegadas o ladeavam, transmitindo a sua imagem. Os aplausos repercutiam na forma de uma melodia divina. Aquele era o momento mais aguardado, desde, pelo menos, o anúncio da ida do homem à lua. E aquele que lhe ensinou, com incondicional amor, todo o senso de moral que norteava sua vida era o protagonista.

— Senhoras e senhores presentes e amigos de todo o mundo — saudou a voz ainda cansada de César, enquanto os aplausos se calavam. — Em primeiro lugar, peço-lhes desculpas pela minha aparência. — Ele fez uma pausa longa, o semblante sério.

Silêncio total.

— É que tive que tomar umas boas porradas para conseguir chegar até aqui — completou ele. — Literalmente.

O salão foi coberto por risadas. Helena esticou um sorriso de um lado da boca. Reparou no rosto de César. Um curativo discreto preenchia parte de sua bochecha direita e o tom de sua pele ainda se achava um pouco vermelho, consequência da tortura que Meng lhe infligira com a arma de efeito eletromagnético. Se não tivesse utilizado sua própria tecnologia quando voltou do Irã e curado o efeito letal que ela causou em seu sistema nervoso central, o destino de César poderia ter sido o mesmo de Kroos.

— Senhoras e senhores, terei a honra de lhes apresentar aquilo que vai certamente mudar todo o quadro geopolítico do mundo.

Helena observou as expressões desconfiadas dos diplomatas presentes.

— Mas posso lhes garantir que essa mudança é há muito tempo esperada pelas mais de três bilhões de pessoas que vivem com menos do que dois dólares por dia. Pelo percentual da humanidade que busca dignidade. Por aquela parcela que jamais conseguiu fazer mais de uma refeição por dia. Que nunca sentiu o gosto de uma pasta de dente e que nunca conseguiria superar o um por cento dos habitantes deste mesmo mundo que, juntos, detém metade de nossas riquezas. — A voz de César fraquejou por um instante, retomando em seguida.

Os dados eram factuais e indiscutíveis, o que deixava o público ainda mais imerso na explicação.

— Mas eu sei que os senhores já conhecem de cor essas estatísticas, afinal, é aqui que elas são feitas. Bem, é claro que eu não poderia contar toda uma trajetória de quarenta anos de pesquisa neste sucinto discurso. — Ele apontou para os dois telões acima da cabeça. — Por essa razão preparei para vocês uma

pequena apresentação que será transmitida ali.

Imagens falam muito mais que mil palavras, pensou Helena, admirando a ideia genial de César para tornar tudo mais didático aos leigos.

Imediatamente a filmagem dele se desfez e deu lugar a foto em preto e branco de um homem de rosto encovado e olhar penetrante, sentado em uma cadeira elegante e adornada, uma das mãos apoiadas no queixo.

Nikola Tesla.

César explicou como iniciou seus estudos, ainda na adolescência, com a curiosidade pelos estudos de Tesla. E depois contou que todo o sofrimento que ele próprio havia sofrido na vida não representava nem um por cento do que Tesla sofreu.

— Tesla disse certa vez que todas as pessoas, em todos os lugares, deveriam ter fontes de energia gratuitas, pois a energia elétrica está presente em todo o lugar, em quantidades ilimitadas, e poderia abastecer todas as máquinas do mundo, sem a necessidade de petróleo, carvão e gás. É por isso que chegamos à conclusão de que não se pode patentear nada que venha da natureza. Oxigênio, fogo, ou qualquer outra coisa que a Terra produz.

Então ele trocou de slide. Outra imagem apareceu. Helena também a conhecia. O Tórus. César explicou como todo o padrão de criação do Universo, do núcleo do átomo, passando pelas células do corpo humano, à galáxia, e o campo magnético da Terra, o Tórus era a origem de tudo. E que era a partir dessa respiração que se criava energia livre, limpa e infinita.

— A grande indagação, senhoras e senhores, é: Como se faz isso?

Era exatamente o que Helena se perguntava desde que aquela jornada começou.

— Bem, utilizando a manipulação do Tórus. — César tirou do bolso um pequeno objeto. Quando as câmeras se aproximaram da sua mão, Helena pôde ver na palma a flor de ímãs que ela mesma havia achado na colina Atashgah. Em cada bolinha, César entalhara, de modo perfeito, figuras geométricas, como as cúpulas das mesquitas e os desenhos da geometria sagrada.

Ele moveu uma esfera.

— Os senhores podem ver que quando se mexe em um ímã, os outros ao redor se readaptam à nova posição, porque ao redor deles, existe um campo com determinada força e tamanho. Quando você tem o norte e o sul, as duas partes se atraem. A isso chamamos de gravitação. E quando você tem norte e norte, eles se repelem mutuamente, e isso é o campo magnético; a força de repulsão. Resumindo, o campo gravitacional é aquilo que atrai os dois ímãs. E o processo magnético é o processo que o separa. Essas duas ações acontecem juntas. Um átomo ou um aglomerado de átomos se baseia exatamente nesse princípio.

Helena quase não acreditava que um conceito tão simples poderia compor um dos maiores inventos da história humana.

— Aqui para frente, sempre vamos trabalhar com a repulsão e a atração, ok? Esses sistemas estão sempre juntos. Elas se ajustam para que a forma primária, que neste caso é uma linda flor de esferas, se mantenha equilibrada.

César ainda mexia nos ímãs esféricos, para exemplificar.

— Em nosso reator de plasma, quando aproximamos os campos magnéticos das partículas, eles entram em rotação. — Ele olhou de lado a lado a plateia, segurando os ímãs com as duas mãos. Rotação perpétua! — disse ele, antes de guardar o objeto de volta no bolso do paletó.

— Agora imagine, os senhores, a nossa Terra. Qual é o combustível que o planeta possui para viajar pelo Universo e girar ao redor de si mesma a mil e seiscentos quilômetros por hora?

Ele mostrou uma caricatura do planeta com as asas brancas de anjo ao redor.

— Alguém já ouviu falar dessas asas ao redor da Terra?

Ouviu-se risadas contidas. As cabeças balançaram em negativa. O próximo slide mostrou a imagem do planeta com um grande círculo ao redor, representando o campo magnético.

— Porque ela não tem asas? Vamos analisar seu campo magnético, a sua magnetosfera. Que forma ela tem? O formato toroidal — ele mesmo respondeu. — Não existem turbinas que movimentem a Terra e nenhum outro corpo celeste.

Acontece a mesma coisa com o sol, os planetas do sistema solar, e tudo que existe... eles usam o Tórus na sua dinâmica. Então, o que sustenta a Terra em relação aos outros corpos? A interação dos campos entre ela e os outros corpos. E isso tudo nasceu com civilizações antigas, acreditam nisso? O conhecimento que se perdeu ao largo da história é imenso...

A interação dos campos magnéticos e gravitacionais geram energia livre, Helena sintetizou para si mesma.

— Meus amigos, cada pessoa pode, em casa, criar um dispositivo que imite o campo magnético da terra. Como um dínamo.

A terra gira no espaço como um ímã, pensou Helena, entusiasmada com a explicação. *E as linhas de fluxo desse ímã passam por debaixo e através de um caminho que tem o formato toroidal. Tudo tem um fluxo e refluxo.*

— Com esse mesmo princípio, podemos despoluir uma área radioativa, por exemplo. Manipularemos os campos de um componente radioativo e o redefiniremos. É isso que vamos fazer, a partir de amanhã, na área afetada pela radiação em Esfahan, Fukushima e a primeira delas, Chernobyl, em parceria com as Nações Unidas.

Todos aplaudiram efusivamente. César esperava a homenagem cessar enquanto Helena ouvia comentários de surpresa dos presentes. Rostos abismados com cada palavra dita.

Ele passou para a imagem de um corpo humano, pulsando com uma espécie de energia interna.

— As células humanas são uma combinação de campos magnéticos que formam a estrutura do átomo, de hidrogênio, oxigênio e carbono que são os construtores dos aminoácidos do corpo humano.

O corpo humano nada mais é como uma galáxia. É um aglomerado de átomos. Você pode tratá-lo como tal. Consequentemente, se você manipula os campos magnéticos dos átomos de um tumor de câncer, por exemplo, você pode, eu não digo *curar*, mas realinhar, reagrupar os átomos e desfazer a doença, simplesmente redefinindo-o.

— Hoje já podemos medir — dizia César — a frequência de um órgão saudável. Por exemplo, um fígado, um coração, têm uma frequência específica que se pode medir e que representa seu estado de equilíbrio. Ajustando um reator que começa a vibrar na frequência de determinado órgão, como determinado campo magnético e gravitacional, é totalmente possível voltar ao estágio saudável em que estava antes da doença. Não quero usar a palavra cura, porque, na verdade, o que se pode fazer é estimular o corpo a voltar ao estado normal.

Helena pensou na mulher de Campbell, no amigo de Arash e até mesmo em Navid e sua deficiência. Todos eles já estavam recebendo o tratamento de César.

Agora a imagem de uma lanterna com um foco de luz apareceu.

— Para finalizar, porque já sei que não é possível prestar atenção a mais de cinco minutos seguidos a uma aula de Física. — Helena ouviu risos espalhados pela plateia. — Gostaria de lhe explicar o conceito de como é gerada a luz. Acho que os senhores mesmos podem me responder. *Grosso modo*, ela acontece como sempre aconteceu: com o atrito. A luz nada mais é do que o atrito entre dois campos magnéticos e gravitacionais. Em uma comparação rudimentar, o atrito da madeira com madeira e uma folha seca que gera o fogo... sempre é o atrito! — César inspirou profundamente e baixou o tom de voz.

— Senhoras e senhores, o que a Energia Livre vai proporcionar não é a igualdade de todos em uma escala mínima de sobrevivência, como aventam muitas ideologias e regimes por aí. Ela vai elevar essa igualdade para o nível de prosperidade mundial. Toda a população da terra será rica e terá acesso a tudo. Não há mais razão para mentalidade de escassez. Existem sim, felicidade e riqueza para todos. E nossa mente deve estar agora se perguntando: é possível que todos sejam ricos? Os recursos não acabarão? Claro que não. Cada ser

humano é peculiarmente especial. Tem suas necessidades únicas, seus desejos e objetivos únicos. Nem todos querem uma Ferrari. Nem todos querem comer caviar em Paris. Todos na verdade, no fundo, só querem ser amados. O planeta Terra e o Universo são abundantes por definição, e proporcionarão, com toda a certeza, a riqueza necessária para nossos descendentes. Isso vai ser mais do que qualquer outra transformação que a humanidade já passou. E minha expectativa é que isso se dê em menos de uma geração.

César buscou o rosto de Helena no meio da multidão. Sustentou seu olhar e disse:

— Os detalhes desta criação serão espalhados aos quatro ventos no Youtube e em todas as mídias sociais. A tecnologia é sua, é da humanidade. E os senhores nem imaginam o quanto eu esperei, por minha vida inteira, para falar exatamente isso.

A voz dele novamente titubeou de emoção.

— Para terminar, gostaria de agradecer a cinco pessoas especiais. Sem as quais esse momento estaria limitado à prisão de um eterno sonho. — Ele soltou o ar dos pulmões e abriu outro sorriso. — Obrigado ao senhor Navid Kiahshed, que com sua resignação ajudou a salvar Helena e Arash de uma enrascada daquelas...

Navid, que estava na primeira fila, meneou a cabeça em um gesto cordial. César olhou para Campbell que se achava sentado ao lado dele.

— Ao senhor diretor do Pentágono, Ronald Jay Campbell, pela determinação e confiança no momento em que ninguém mais acreditou. A meu amigo cientista Arash Zarak, por tudo o que fez por minha filha de coração, Helena Gouveia, e por tê-la trazido de volta inteira.

O telão deu um close nos olhos de César que estavam marejados. Ele respirou fundo e disse, olhando para o longínquo teto a dez metros de sua cabeça.

— Obrigado, meu querido Hercule Kroos, que deu a vida pela salvação da humanidade.

Helena não pôde conter as lágrimas. Viu que Arash e Campbell, sentados na outra fileira, também se renderam à emoção.

— Muito obrigado a esta casa porque acaba de fazer com que o sonho mais impensável se tornasse realidade. — Então César finalizou, puxando ele mesmo os aplausos junto com todos que se levantaram no salão da Assembleia Geral. César permaneceu no púlpito, com os olhos travados em Helena.

— Por favor, equipe de filmagem. Foquem a presidente do Conselho de Segurança da ONU.

As câmeras se voltaram para Helena e o telão passou a emitir sua imagem.

Ela sorriu, emocionada.

— Não há expressão que resuma meu sentimento de gratidão por essa mulher que estou mirando agora.

— Minha filha, obrigado por ter lembrado dessa frase até o final. — César fitou o grande público e, então, Helena repetiu com ele a frase que marcou o novo caminho para a humanidade:

— A chave de tudo é o conhecimento.

CAPÍTULO 116

Sozinha no gigantesco salão da Assembleia Geral, Helena deslizou os dedos pela placa que representava o Brasil. Sentia-se em Estado de Graça, com a alma exultante. Apenas as lâmpadas do lado oeste achavam-se acesas, deixando o resto do ambiente à meia-luz. Ela lembrou-se dos discursos que fizeram e da empolgação da plateia duas horas atrás. Questionou-se se o mundo do petróleo aceitaria a inovação. *Será uma ruptura brusca, mas necessária.*

Depois de conceder uma longa entrevista coletiva à imprensa internacional, ela decidiu passar os minutos que tinha de folga longe de toda a agitação, enquanto esperava Arash e César e as intermináveis entrevistas às emissoras de TV, na sala de imprensa.

Estava refletindo sobre as implicações de tudo aquilo em sua carreira dali para frente, quando ouviu a porta central se abrir lá atrás. A sombra de um homem apareceu na claridade do corredor. Depois a luz se desfez atrás dele e o vulto ficou submerso em relativa escuridão. Helena estreitou os olhos.

— Quem é?

— Alguém que esperou ansiosamente por esse momento — respondeu uma voz mansa que caminhava em sua direção. — Alguém foi atraído pelo campo gravitacional que você gerou.

Helena sentiu o coração bater com vigor. Ao se aproximar na contra luz, o terno cinza feito sob medida para Arash lhe emprestava uma postura absurdamente elegante e atraente, a barba por fazer aparada de modo perfeito, com linhas retas abaixo do queixo.

Irresistível.

— Sabe — disse ele, alisando a mesa que representava o Irã, antes de chegar diante dela. — Nós não... — Ele pegou as duas mãos dela. — Eu não tive tempo de dizer o quanto senti falta do Irã nesses anos que vivi nos Estados Unidos.

— Nós não tivemos tempo para muita coisa — disse ela, com um riso contido.

Arash abriu um sorriso tímido e a conduziu pelo corredor. Caminharam pelos países que começavam respectivamente com as letras P, Q, R e S.

— Mas quem sabe eu não lhe mostre os outros pontos turísticos de meu país em breve. — disse ele. — Falando nisso, sempre ouvi dizer que as praias do Taiti são maravilhosas. — Ele tocou na plaquinha. — Que tal um momento de relaxamento por aqui? — disse, sentando-se na cadeira antes de dar dois tapinhas no assento a seu lado para que ela o acompanhasse.

Helena bateu o dedo indicador na boca e ergueu os olhos, como se

estivesse refletindo.

Hum... Acho que... — então ela suspendeu uma perna por cima do colo dele. Por um momento sua saia ficou aberta sobre as coxas de Arash, como para provocá-lo. Mas em seguida, passou a outra perna para o outro lado, e foi à bancada seguinte. — Acho que prefiro as praias da Tailândia — disse ela, alisando a placa do país e sentando-se em seguida. — Dizem que os frutos do mar colhidos na sua costa são bem afrodisíacos.

— Interessante... Oh, Meu Deus! — Ele fez uma cara de assustado. — Há um campo gravitacional me atraindo diretamente para a Tailândia! Se me permite, vou aproveitar o fluxo magnético e dar um pulinho aí para confirmar a veracidade desses afrodisíacos. — Então ele avançou uma cadeira e sentou-se ao lado dela, passando o braço no encosto e abraçando-a.

Helena sentiu um arrepio quente subir pela coluna e formigar todo o rosto até as orelhas. Ele expirou, claramente se contendo, e aproximou-se do rosto dela.

— É... — sussurrou ele, encostando a boca no seu ouvido com a voz mais irresistível que ela já ouviu na vida. — Se esses frutos do mar afrodisíacos provocarem a reação que meu corpo acabou de ter ao chegar aqui na Tailândia, então não quero voltar ao Irã tão cedo. Pelo menos não nos próximos cinquenta anos.

Ela ia abrir um sorriso quando ele virou o rosto e beijou-a com intensidade, apertando seu corpo junto ao dela. Como fragmentos de poeira lançados ao vento, todo e qualquer tipo de pensamento paralelo se dissolveu dentro da cabeça de Helena. Deu-se conta de que faltava exatamente isso para que tivesse a sensação plena de paz, depois de tudo o que havia passado.

Depois de um tempo que não foi capaz de calcular, ela descolou a boca devagar e murmurou:

— Você já pensou em fazer amor em vários países ao mesmo tempo?

Arash a fitou, meio sem graça.

— E como seria isso?

Ela passou os olhos pelas centenas de cadeiras dos países ao redor.

— Ah...talvez...rolar pelas fronteiras das nações, despreocupado com a fiscalização, com alguém que você tem a nítida sensação de que a chama do mistério jamais vai se apagar.

Ele ajeitou a franja dela atrás da orelha com delicadeza e respondeu, o sorriso arrebatador:

— Hum... confesso que... depende do campo de atração de quem propõe essa excêntrica viagem.

Ela suspirou e lhe beijou de novo.

— Então, meus parabéns — disse, afrouxando a gravata dele, devagar. — Porque você está sendo atraído implacavelmente pelo campo gravitacional mais intenso que já viu.

EPÍLOGO

O homem de semblante riscado por rugas depositou a guimba do charuto no cinzeiro de ouro e levantou os olhos para a TV.

— *Tudo indica que o diretor da DARPA usou uma arma secreta dos Estados Unidos para provocar o terremoto do Irã* — dizia o analista político da FOX News. — *Além disso, Christopher Lott teria forjado o estopim da guerra, para se apossar da tecnologia de César Montenegro e usá-la como uma espécie de arma high tech. A intenção seria criar um novo Mercado da Morte no mundo.*

— Exatamente isso — confirmou o homem, antes de sorver o grosso charuto com força. — Se não fosse a incompetência de Lott, esse seria o resultado final. Mas... a guerra ainda não acabou.

O analista continuava:

— *A grande pergunta que fica é: a serviço de quem Christopher Lott produziu todo esse caos? Nesse momento, é claro que se levanta todo tipo de hipótese. Seria algum bilionário do Petróleo que decidiu criar um mercado de Energia Livre e monopolizá-lo? Ou alguma organização terrorista? Existiria algum ditador interessado no invento?* — O analista virou-se para outra câmera. — *O fato é que seis meses depois da Guerra das Três Horas e do terremoto do Irã, nem a ONU e nem qualquer país chegou perto do rastro das mentes por trás de Lott. Os órgãos investigadores começam a defender a hipótese de que as ações do ex-diretor da DARPA foram induzidas, simplesmente, por sua própria mente doentia.*

Com o fumo preso entre os dentes, o homem sorriu com desprezo.

A velha e permanente ingenuidade humana, pensou.

O quadro passou para outro analista político.

— *Não sei...* — disse este, em tom de discordância. — *Não sou adepto das teorias da conspiração. Mas acho que há uma indicação de John Kennedy que pode sugerir a dimensão das forças das quais estamos falando. Peço licença aos telespectadores para ler:*

O velho ergueu-se da cadeira e caminhou até uma ampla janela com o charuto entre os dedos. Lá fora, Moscou estava mergulhada em uma noite escura e fria. Sabia de cor o trecho que o comentarista ia ler. Ele próprio assistira ao vivo em 1962.

— *Kennedy fizera um discurso à imprensa* — dizia o jornalista — *poucos meses antes de morrer e afirmou isto:*

“Existe uma conspiração monolítica e impiedosa ao redor do mundo à qual nos opomos, que conta com meios secretos de converter-nos à sua causa, para assim aumentar sua esfera de influência. Como a infiltração ao invés da

invasão, como a subversão ao invés das eleições, como a intimidação ao invés da livre escolha, como as guerrilhas à noite ao invés de exércitos ao dia. É um sistema que conseguiu recrutar uma vasta fonte de recursos humanos e materiais dentro de uma máquina de alta eficiência, que combina operações militares e diplomáticas, de serviços de inteligência, econômicos, científicos e políticos. Seus planos e sua execução não vêm a público, os seus erros são enterrados e não aparecem na primeira página. Seus dissidentes são silenciados e não prestigiados. Nenhum gasto é questionado, nenhum rumor é inspecionado e nenhum segredo é revelado...”

Através da janela, o homem admirou a portentosa Praça do Kremlin que se estendia a seus pés, com um sorriso de satisfação.

— Sim — ele confirmou, sentindo a fumaça densa do charuto acariciar seu rosto senil. — É *exatamente* isso que somos.

Sobre o autor

GIBRAAN HANNA é brasileiro, historiador, terapeuta e conferencista internacional. É fundador da “Escuela La Transmutación”, de desenvolvimento pessoal, na Espanha, onde vive atualmente. Suas áreas de pesquisa abrangem desde História até Física Quântica e Metafísica, temas que compartilha na sua escola e nos seus cursos. *O Preço da Chama Eterna* é seu primeiro romance.